CAMINHOS CRUZADOS, TRAJETÓRIAS ENTRELAÇADAS

VIDA SOCIAL DE JOVENS ENTRE O CAMPO E A CIDADE NO SERTÃO DE PERNAMBUCO

MAURICIO ANTUNES TAVARES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

CURSO DE DOUTORADO

CAMINHOS CRUZADOS, TRAJETÓRIAS ENTRELAÇADAS

Vida social de jovens entre o campo e a cidade no Sertão de Pernambuco

MAURICIO ANTUNES TAVARES

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito final para obter o grau de Doutor em Sociologia.
Orientadora: Prof. Dra. Maria de Nazareth Baudel Wanderley

Recife, abril de 2009

Tavares, Maurício Antunes

Caminhos cruzados, trajetórias entrelaçadas : vida social de jovens entre o campo e a cidade do Sertão de Pernambuco / Maurício Antunes Tavares. -- Recife: O Autor, 2009.

350 folhas : il., fig., mapa.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Sociologia, 2009.

Inclui: bibliografia.

1. Sociologia. 2. Mudança social. 3. Grupos sociais. 4. Juventude rural. 5. Comportamento. I. Título.

316	**CDU (2. ed.)**	**UFPE**
301	**CDD (22. ed.)**	**BCFCH2009/38**

Ata da Sessão de Defesa de Tese de **MAURÍCIO ANTUNES TAVARES,** do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco.

Aos vinte e dois dias do mês de maio de 2009, reuniram-se na Sala de Seminários do 12º andar do prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, os membros da comissão designada para o Exame da Tese de Doutorado de **MAURÍCIO ANTUNES TAVARES** sob o título ***CAMINHOS CRUZADOS, TRAJETÓRIAS ENTRELAÇADAS:*** **Vida social de jovens entre o campo e a cidade no sertão de Pernambuco.** A comissão foi composta pelos professores: **Profª. Drª. Maria de Nazareth Baudel Wanderley - Presidente/Orientadora; Prof. Dr. Russel Parry Scott – Titular Interno (PPGS/UFPE), Prof. Dr. Remo Mutzemberg – Titular Interno (PPGS/UFPE), Profª. Drª. Regina Célia Reyes Novaes – Titular Externa (PPGS/UFRJ), Prof. Dr. Ademir Gebara – Titular Externo (PPGEd/UFPE).** Dando início aos trabalhos, a **Profª. Drª. Maria de Nazareth Baudel Wanderley** explicou aos presentes o objetivo da reunião, dando-lhes ciência da regulamentação pertinente. Em seguida, passou a palavra ao autor da Tese para que apresentasse o seu trabalho. Após essa apresentação, cada membro da Comissão fez sua argüição, seguindo-se a defesa do candidato. Ao final da defesa, a Comissão Examinadora retirou-se, para em secreto deliberar sobre o trabalho apresentado. Ao retornarem a **Profª. Drª. Maria de Nazareth Baudel Wanderley,** presidente da mesa e orientadora do candidato, solicitou que fosse feita a leitura da presente Ata, com a decisão da Comissão Examinadora **aprovando a Tese por unanimidade.** A banca também sugere a publicação da tese. E nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos membros da Comissão Examinadora e pelo candidato. Recife, 22 de maio de 2009.

Vinícius Douglas da Silva Nascimento – Secretário

Profª. Drª. Maria de Nazareth Baudel Wanderley

Prof. Dr. Russel Parry Scott

Prof. Dr. Remo Mutzemberg

Profª. Drª. Regina Célia Reyes Novaes

Prof. Dr. Ademir Gebara

Maurício Antunes Tavares

Agradecimentos

A pesquisa é movimento, e a escrita, pouso. Nos momentos de movimentação, no trabalho de campo, as inquietações são acalmadas pelas viagens, pelas descobertas, pelo conhecimento do novo e de pessoas com as quais aprendemos outras formas de pensar e de agir. Na escrita, as inquietações parecem queimar a gente por dentro, exigindo concentração e calma na procura dos caminhos, exigindo parada, pouso, às vezes até o afastar-se, sem perder de vista o objetivo. Nessa dialética entre o movimento e o pouso, foram muitas as pessoas que contribuíram para a realização desta tese: amigos de Recife e de Ibimirim, minha família, pessoas que passaram e ajudaram em determinado momento, pessoas que acompanharam todo o processo que envolve fazer uma pesquisa de doutorado, e pessoas com as quais estive somente por algumas horas. Esta tese não teria sido possível se não fossem essas muitas pessoas que deram um pouco de si.

Agradeço a minha orientadora, professora Nazareth, pela escuta sábia, que permitiu meus vôos pelas teorias e experimentações, às vezes vôos cegos de um pesquisador à procura de uma tese, e que não se esquivou de orientar os rumos possíveis, os portos onde eu poderia chegar, ajudando-me a encontrar caminhos.

Agradeço aos professores do PPGS que ajudaram a construir esse caminho, nas aulas e nos seminários, como Cynthia, Scott, Lilia, Salete, Silke, e, em especial, ao professor Remo, que foi um interlocutor atencioso em vários momentos desse percurso

Aos amigos que compartilharam momentos de dúvidas, angústias e desânimos, e também de efervescência, euforia e de alegrias, momentos que extrapolam o meio acadêmico e amizades que permanecem para a vida. Amigos que estão em Recife, em São Paulo, em Ibimirim, ou que se foram para outros lugares, que mereceriam muito mais do que o reconhecimento desta página impressa. Alex, Rui, Ivan, Vilma, Graça, Chico, Janaina, Iri, Paulo, Valmir (Nego), Seu Né, Josenildo, Genildo, Ivone, André, Cristina, Denise, Eliane, Tereza, Marlova, Nena, todas essas pessoas, de um modo ou de outro, deixaram suas digitais nesta tese. Agradeço também a Luiz Santos, amigo, fotógrafo, que conhece o Sertão e sabe captar a diversidade dos seus modos de vida, pelas conversas e pelas fotografias que aguçaram minha sensibilidade à leitura de imagens e pela imagem que ilustra a epígrafe da tese (deculpe fazer em marca-d'água!)

Os apoios institucionais também foram importantes. Agradeço a toda equipe do SERTA em Ibimirim, que abriu as portas de suas instalações no Poço da Cruz, oferecendo repouso, alimentação, carona, computador, telefone, sala para reunião e o que não se pode medir, tamanha é a importância para esta tese, muitos contatos, ocasiões para conversas, entrevistas e observação. Agradeço ao DNOCS e a Univale, em Ibimirim, que deram acesso a dados importantes para a pesquisa, como também ao Pólo Sindical dos Trabalhadores do Submédio São Francisco, em Petrolândia.

Na fase inicial da tese, contei com uma bolsa de estudos do CNPq, mas depois ingressei na FUNDAJ, onde encontrei condições favoráveis e o apoio imprescindível para a conclusão da pesquisa de campo e da escrita da tese. Vale dizer que esse apoio se viabilizou pelo empenho de pessoas como Joanildo Burity e José Batista, ex-diretor e ex-coordenador, respectivamente, Morvan Moreira, atual dirigente da Diretoria de Pesquisas Sociais, e especialmente Rosangela Tenório, atual coordenadora da área de estudos educacionais, onde mantenho vínculo, que sempre acreditou no meu trabalho. Agradeço também aos meus colegas pesquisadores, que foram pacientes com meus atrasos, minhas demoras no cumprimento das agendas de trabalho e por cobrirem minhas ausências.

Agradeço muitíssimo aos jovens de Ibimirim, aos adultos também, familiares, professores, pessoas que se interessaram pelo fazer desta pesquisa, que abriram seus "arquivos" pessoais, e compartilharam informações e sentimentos.

Agradeço aos meus pais, meu irmão, minha irmã, sobrinhos e sobrinhas, todos esses foram grandes incentivadores em toda a difícil caminhada que é a pós-graduação.

E agradeço muitíssimo, mesmo, a Joana, minha esposa – que não me deixou desistir naquele momento de maior crise minha com o curso –, a Francisco e João, meus filhos, que há muito esperam que eu tenha mais tempo livre para curtir o que eles aprontam juntos, e a Ligia, a caçula que nasceu no início do doutorado, e que nos seus 3 anos de idade me pergunta porque eu fico tanto tempo no computador. Estas quatro pessoas especiais na minha vida foram muito pacientes comigo.

Obrigado a todos!

RESUMO

Este é um estudo sobre a vida de jovens que moram em Ibimirim, um pequeno município do Sertão de Pernambuco, e versa sobre as relações entre as trajetórias individuais no caminho para a vida adulta, e os campos de possibilidades existentes em cada configuração social, considerando as formas como as mudanças sociais deslocam a relação cidade-campo. Os jovens que moram em pequenos municípios estariam na interseção de dois códigos de relações sociais, daí ocupam uma posição privilegiada para o estudo das mudanças sociais no mundo rural. Por um lado, experimentam uma sociabilidade ainda marcada pelas relações sociais de interconhecimento e proximidade com a natureza, que caracterizam o modo de vida rural. Por outro lado, como cada geração vivencia experiências singulares, esses jovens experimentam mais fortemente a mobilidade entre o campo e a cidade, devido à escolarização, que, associada às tecnologias de comunicação, propiciam experiências de trocas subjetivas que extrapolam as relações sociais locais, levando ao reconhecimento de outros modos de pensamento e de comportamento social. Como a difusão cultural dos gostos, estilos e comportamentos não se limita aos espaços sociais onde elas se originam, idéias e práticas relacionadas aos modos de vida urbanos se difundem entre jovens rurais que, no entanto, as reelaboram de acordo com as suas experiências, expectativas e possibilidades.

Desta forma, nos estudo da vida social dos jovens, os processos de mudança social foram considerados para além das estruturas sócio-econômicas, sendo observados a partir dos elementos relacionados à "visão de mundo", e aos aspectos relativos aos deslocamentos nas relações de poder, que envolvem, entre outros fatores, as tensões e equilíbrios de tensões entre as gerações. As questões geracionais foram tratadas não apenas na dimensão privada das relações pais-filhos, mas também na dimensão pública das relações entre gerações de adultos "estabelecidos" e gerações de novatos (outsiders), representados pelas novas gerações. É no plano societário que se evidencia o bloqueio das oportunidades para o jovem alcançar uma vida mais autônoma, produzindo o efeito de prolongamento da "juventude". Entretanto, como na sociedade contemporânea a vida adulta também é cada vez mais marcada por instabilidades de toda ordem, material e emocional, a vida adulta, neste sentido, perde a referência de modelo estável e ideal de vida. Isto é marcante, no caso estudado, devido às experiências de fracasso na agricultura familiar, gravada na memória coletiva daquele grupo social.

A variação das trajetórias individuais estudadas indica que o "campo de possibilidades" dos indivíduos e grupos sociais existe não sob a forma de condições dadas que condicionam os indivíduos, mas enquanto relações sociais dinâmicas, com limites que vão sendo esgarçados, em certas circunstâncias e condições específicas, por sujeitos que buscam novos modos de viver, atitude que é mais freqüente entre jovens, pela necessidade de se diferenciarem dos mais velhos.

Palavras-chave: **1. Juventude; 2. Jovem rural; 3. Trajetórias; 4. Mudança social; 5. Geração/conflito de geração**

ABSTRACT

This is a study about youngsters' lives who live in Ibimirin, a small village in the countryside of Pernambuco and focus on the relations between their individual tracks to the adult life and the existing field of possibilities in each social configuration, taking into account the ways the social changes dislocate the relation city-countryside. The youngsters who live in small villages would be in the intersection between two codes of social relationship, reason why they occupy a privileged position for the study of social change in the rural world. On the one hand, they experience a sociability still distinguished for the social relations of interknowledge and proximity with nature, which characterize the rural way of life. On the other hand, as each generation goes through singular experiences, these youngsters of nowadays experience more strongly the mobility between the countryside and the city, trough the college's experiences and through the communication technologies, specially the internet, they go through subjective interchanges that go far beyond the local social relations, which make them recognize different ways of thinking and social behavior. As the cultural diffusion of tastes, styles and behavior do not restrict to the social spaces where they come from, ideas and practices typical of a urban way of life diffuse among rural youngsters who, nevertheless, re-elaborate them according with their experiences, expectations and possibilities.

Thus, in the study of youngsters' social life, the social change processes were considered beyond the socio-economic structures, being observed since those elements related to a "world vision", and to those aspects related to the relation power dislocations, which take up, among others factors, the tensions and tension balance between generations. The generational issues were treated not only in a private dimension of the parents-children relations, but also in the public dimension of the relations among generations of "set up" adults and generations of outsiders, represented by the new generations. It is in the societal plane that it is shown up the opportunity blockage so that youngsters could reach a more autonomous life, creating the effect of prolonging the "youth". However, as in the contemporary society the adult life is also known for its instability of all types, material and emotional, the adult life, in this sense, looses the reference of a stable model and ideal of life. It is remarkable, in the case studied, because of the failure in the familiar agriculture, present in the collective memory of that social group.

The variation in the individual trajectories studied indicates that the "field of possibilities" of individuals and social groups exist not in a way that given conditions that condition the individuals, but as dynamic social relations, with limits of which are being torn up, in specific circumstances and conditions, by subjects who look for new wais of life, attitude that is more frequent among youngsters, because of their necessity of differencing themselves from the older people.

Key-words: **1. Youth; 2. Rural youngster; 3. Trajectory; 4. Social change; 5. Generation / generation conflict**

RESUME

C'est une étude sur la vie de jeunes qui habitent à Ibimirim, une petite commune du Sertão du Pernambouc, qui traite des relations entre les trajectoires individuelles sur le chemin de la vie adulte, et les champs de possibilités existant dans chaque configuration sociale, en tenant compte des manières dont les changements sociaux déplacent les rapports ville-campagne. Les jeunes qui vivent dans de petites communes seraient à l'intersection de deux codes de relations sociales, et, par cela, occupent une position privilégiée pour l'étude des changements sociaux dans le monde rural. D'une part, ils font l'expérience d'une sociabilité encore marquée par les relations sociales d'inter-connaissance et la proximité avec la nature, qui caractérisent le mode de vie rural. D'autre part, comme chaque génération vit des expériences singulières, ces jeunes d'aujourd'hui font fortement l'expérience de la mobilité entre la campagne et la ville, et au travers de la scolarité, associée aux technologies de communication, tout spécialement Internet, ils vivent des expériences d'échanges subjectifs qui extrapolent les relations sociales locales, menant à la reconnaissance d'autres modes de pensée et de comportement social. Puisque la diffusion culturelle des goûts, styles et comportements ne se limite pas aux espaces d'où ils sont issus, des idées et des pratiques plus en rapport avec les modes de vie urbains se diffusent parmi les jeunes ruraux qui, cependant, les réélaborent en accord avec leurs expériences, attentes et possibilités.

Ainsi, dans les études de la vie sociale des jeunes, les processus de changement social ont été considérés au-delà des structures socio-économiques, en étant observés à partir des éléments en rapport avec "la vision du monde", et aux aspects relatifs au déplacement des relations de pouvoir qui impliquent, entre autres facteurs, les tensions et équilibres de tension entre les générations. Les questions de génération ont été traitées non seulement dans la dimension privée de la relation pères-enfants, mais aussi dans la dimension publique des rapports entre générations d'adultes "établis" et générations de nouveaux (outsiders), représentés par les nouvelles générations. C'est au niveau de la société qu'on met en évidence le blocage des opportunités pour que le jeune atteigne une vie plus autonome, en produisant l'effet de prolongement de la "jeunesse". Néanmoins, comme dans la société contemporaine la vie adulte est chaque jour plus marquée par des instabilités de tous ordres, matérielle et émotionnelles, la vie adulte, en ce sens, perd la référence de modèle stable et d'idéal de vie. C'est frappant, dans le cas étudié, en raison des expériences d'échec dans l'agriculture familiale, gravées dans la mémoire collective de ce groupe social.

La variation des trajectoires individuelles étudiées indique que le "champ des possibilités" des individus et groupes sociaux n'existe pas sous la forme de conditions données qui conditionnent les individus, mais en tant que relations sociales dynamiques, avec des limites qui se relâchent, dans certaines circonstances et conditions spécifiques, par des sujets à la recherche de nouveaux modes de vie, attitude qui est plus fréquente chez les jeunes, par la nécessité de se différencier des plus vieux.

Mots-clés: **1. Jeunesse; 2. Jeune rural; 3. Trajectoires; 4. Changement social; 5. Génération/conflit de génération**.

SIGLAS

ASA – Articulação para o Semi-Árido

CODEVASF – Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco

DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas

GEIDA – Grupo Executivo de Irrigação para o Desenvolvimento Agrícola

GRET – Grupo de Recerca Educación i Trevall / Universidade Autônoma de Barcelona

GTDN – Grupo de Trabalho sobre o Desenvolvimento do Nordeste

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFOCS – Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas

IOCS – Inspetoria de Obras Contra as Secas

IPEA – Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas

PIMOX – Perímetro Irrigado do Moxotó

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar

PRONAF – Programa Nacional de Agricultura Familiar

PRORURAL – Programa de Apoio ao Desenvolvimento Rural

SERTA – Serviço de Tecnologia Alternativa

SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

IMAGENS, MAPAS E QUADROS

	Pág.
Mapa 1 – Localização de Ibimirim	10
Quadro 1 – Perfil dos jovens entrevistados	75
Quadro 2 – Número de óbitos registrados de jovens de 15 a 29 anos, total e por homicídio, por categoria profissional, no período 1998-2007	259
Ilustração 1– "O embarque para a Ilha de Cítera" (1719), Antoine Watteau	92
Imagem 1 – Foto da construção do açude Poço da Cruz. Déc. 1950. Acervo DNOCS.	126
Imagens 1.1 e 1.2 – Detalhe da Imagem 1: Mulheres	129
Imagens 1.3, 1.4 e 1.5 – Detalhe: Crianças e Adolescentes na obra	129
Imagem 1.6 – Detalhe da Imagem 1: não operários	129
Imagens 1.7, 1.8, 1.9 – Detalhe da Imagem 1: homens de quepe	130
Imagem 2 – Homens e máquinas na construção do açude	131
Imagem 3 – Vista aérea das oficinas e vilas no Poço da Cruz. 1955. Acervo DNOCS.	132
Imagem 4 – Construção das vilas no Poço da Cruz. Dez./1955. Acervo DNOCS.	133
Imagem 5 – Trabalhadores braçais e suas ferramentas. 1955. Acervo DNOCS.	134
Imagem 6 – "Mecânicos" na construção do açude: operadores de máquina, motoristas e mecânicos. Dez./1955. Acervo DNOCS.	135
Imagem 7 – Operário ao lado do primeiro torno das oficinas DNOCS. Acervo particular.	137
Imagem 8 – Mulher no torno. Acervo particular.	138
Imagem 9 – Mulher trabalhando como pintora no Hospital do Poço da Cruz. Década de 1950. Acervo DNOCS.	138
Imagem 10 – Enfermeiras. Acervo particular. Década de 1950.	139
Imagem 11 – Mulher fotografada em estúdio. 1935. Acervo particular.	140
Imagem 12 – Professoras. Década de 1950. Acervo particular.	140
Imagem 13 – Professoras. Década de 1960. Acervo particular.	140
Imagem 14 – Passeio na hidroelétrica. Década 1960. Acervo particular.	140
Imagem 15 – Mulheres de mini-saia. Década de 1970. Acervo particular.	141
Imagem 16 – Mini-saia. Acervo particular.	141
Imagem 17 – Mulher no açude. Década de 1960. Acervo particular.	144
Imagem 18 – Viúva e filhas no açude. Início da década de 1960. Acervo partic.	144
Imagem 19 – Visita ao açude. 1962. Acervo particular.	144
Imagem 20 – Mulher e lancha no açude. Década de 1970. Acervo partic.	144
Imagem 21 – Banhistas no açude. Década de 1970. Acervo particular.	144
Imagem 22 – Família no açude. Década de 1980. Acervo particular.	145

SUMÁRIO

Introdução	1
1. CAMINHOS DO PESQUISADOR NAS TRILHAS DA PESQUISA: Sobre o objeto de estudo, as escolhas teórico-metodológicas e a pesquisa de campo	8
1.1. O começo da jornada	8
1.2. Tomando o caminho das pesquisas biográficas	16
1.3. Rumo às trajetórias de vida	34
1.4. No cruzamento entre trajetórias de jovens e trajetórias de desenvolvimento no mundo rural	45
1.5. Os caminhos da pesquisa pelas trilhas de Ibimirim	69
1.6. O trabalho interpretativo	79
1.7. Dos itinerários e itinerâncias na trajetória do pesquisador	81
2. SERTÃO, SERTÕES: variedades e similaridades nas histórias de ocupação dos lugares do Sertão	83
2.1. Considerações sobre métodos de interpretação de imagens e documentos	88
2.2. Contribuição para uma sociogênese do Sertão	97
2.2.1. O sertanejo fundido a ferro e fogo: conflitos sociais e a adaptação ao semi-árido no processo colonizador	101
2.2.2. Relações entre campo e cidade no sertão	111
2.2.3. A irrigação para "salvar" o Sertão!?	117
2.3. Processos de modernização nacional e mudança social no Sertão: o caso de Ibimirim	123
2.3.1. A construção do açude e a implantação do Perímetro Irrigado	124
2.3.2. Mudanças nos padrões de comportamento social	138
2.4. Ibimirim pela lente da sociologia das configurações	148
3. UM OLHAR PELO MICROSCÓPIO: narrativas de trajetórias individuais	154
3.1. Uma sociologia dos indivíduos para compreender a sociedade?	154
3.2. Onze narrativas de um lugar	157
3.3. O velho, o novo e o híbrido	243
4. AMPLIANDO O CAMPO DE VISÃO: trajetórias e campos de possibilidades de jovens em um pequeno município	248
4.1. Algumas características do conjunto de jovens entrevistados	251
4.2. Os espaços de socialização e as formas de sociabilidade dos jovens	254
4.2.1. As comunidades rurais: lugar de conhecimento e estranhamento do "outro"	254
4.2.2. A família: lugar onde se aprende a *ser gente*	271
4.2.3. A escola: lugar de encontros e desencontros	285
4.2.4. Os projetos para jovens: lugar em que os jovens podem socializar o mundo	300
4.2.5. A cidade pequena: lugar da síntese entre o mundo urbano e o mundo rural	311
4.3. Do campo de possibilidades	324
4.3.1. As possibilidades "lá fora" e "aqui dentro" nas visões dos que voltaram e dos que não foram	324
4.3.2. "O caminho se faz caminhando": a falácia dos "projetos de futuro" e os sonhos como possibilidades para a vida adulta	332
Considerações Finais	339
Bibliografia	350

Que haverá de mais belo em um caminho? É o símbolo e a imagem de uma vida ativa e variada.

George Sand, *Consuelo*.

Cada pessoa então deveria falar de suas estradas, de seus entroncamentos, de seus bancos. Cada pessoa deveria preparar o cadastro de seus campos perdidos.

Cobrimos assim o universo de nossos desenhos vividos. Esses desenhos não precisam ser exatos. Apenas é preciso que sejam tonalizados pelo modo de ser do nosso espaço interno. Mas que livro seria necessário escrever para esclarecer todos esses problemas!

Gaston Bachelard, *A Poética do Espaço*

INTRODUÇÃO

Desde a última década do século passado que a "questão da juventude" tem animado muitos debates nos meios políticos, acadêmicos, midiáticos e nos movimentos sindicais e sociais do país, o que revela as preocupações e perplexidades geradas a partir da "onda jovem", como foi chamado o aumento na proporção de jovens no total da população brasileira, efeito que já era esperado pelos demógrafos depois do "*baby boom*" das décadas de 1970-1980.

Mas, a questão antecede ao fenômeno demográfico e remonta à década de 1960, quando jovens estudantes passaram a ocupar as ruas de grandes cidades, seja em manifestações de protesto contra as reformas educacionais – como no Brasil, e também em vários países do Ocidente –, seja em manifestações de contracultura, como os *hyppies* e outros grupos que se manifestavam através formas de pensamento e comportamentos críticos ao consumismo, às convenções sociais e aos códigos morais que impunham padrões de comportamento sexual e social questionados pelos jovens da época.

Quando se fala de juventude, ou de jovens, no Brasil, imagens diversificadas podem emergir, muitas vezes contraditórias entre si. Desde aquelas que vão associar o jovem à violência, passando pelas idealizações da "juventude rebelde e revolucionária", até chegar àquelas que vão associar a juventude ao que é belo e desejável. Essas imagens emergem de várias fontes – da mídia, dos acadêmicos e especialistas, dos movimentos sociais, dos políticos, das famílias e dos próprios jovens –, conformando conceitos, como o desemprego juvenil, a violência juvenil, a exclusão juvenil, a cultura juvenil. Essa adjetivação de fenômenos sociais, que também afetam os jovens, é capturada e distorcida pela indústria midiática brasileira, que reduz e simplifica questões complexas, ajudando a criar estereótipos sobre alguns grupos

sociais considerados como "classe perigosa" pelas elites conservadoras, como é o caso dos jovens que moram nas favelas, ou dos movimentos sociais.

Mas quando a indústria da comunicação fala em juventude, a tônica do discurso muda, usando imagens que relaciona essa à beleza, agilidade, criatividade, disposição para aceitar mudanças e enfrentar riscos, e vigor para ser um vencedor. A juventude é assim apresentada como estilo de vida, como *ideal de prazer*, e, por isto, como uma necessidade para as pessoas que vivem sob uma *moral do trabalho* sobrevalorizada, em uma sociedade em que antigas formas contratuais, do matrimônio às relações de trabalho, se tornaram menos estáveis e duradouras (COSTA, 2004).

Estes dois pólos opostos dos discursos sobre a "questão da juventude" revelam o paradoxo que contamina esse debate no Brasil: a juventude pode ser amada e desejada, enquanto que os jovens podem ser odiados e temidos. Estes últimos, fundamentalmente, são os que vivem nas favelas e periferias das grandes cidades.

Reconhecidamente, a grande maioria dos estudos sobre jovens e juventudes, no Brasil, versam sobre a parcela desses que vivem nas grandes cidades. São esses que "alimentam" muitas pesquisas, com abordagens variadas de acordo com o viés que os pesquisadores consideram como sendo o melhor ângulo de observação da "questão da juventude". Algumas focalizam a criminalidade e a delinqüência juvenil, outras, a exclusão social dos jovens em várias dimensões – educacional, cultural, do mercado de trabalho etc. –, e ainda há as que lançam olhares sobre aspectos da socialização, ou sobre as culturas juvenis, estilos de vida etc.

No caso da "juventude rural", ou dos "jovens rurais", embora a produção acadêmica não seja tão numerosa, ela não é menos significativa quanto a anterior. As aspas são usadas para marcar uma diferença de antemão: dificilmente se vê, nos estudos sobre os jovens das grandes cidades, o uso, insistente, da expressão "jovens

urbanos". Ao que parece, são os estudiosos do rural que utilizam essa referência identitária mais marcadamente, que pode vir tanto da intenção de resguardar as diferenças entre os grupos sociais, evitando homogeneizações analíticas, como pode vir também das demarcações das áreas de conhecimento, para tomar o objeto como especialidade dos domínios da pesquisa na sociologia e antropologia "rural". Neste caso, o risco a evitar é não tomar o "rural" como uma essência dos moradores. Para isto, é preciso considerar que a distinção entre a sociologia urbana e a rural, como a entende Maria Isaura Pereira de Queiroz (1979), delimita apenas os procedimentos de pesquisa e a escolha dos grupos sociais fundamentais ao estudo, se agrários ou urbanos, "predominantemente mas não exclusivamente" (op. cit., p.164).

Nos estudos que versam especificamente sobre o "jovem rural", essas associações negativas entre juventude, criminalidade e violência quase que desaparecem por completo. É como se aos jovens rurais fossem coladas imagens de uma vida rural idílica, por proporcionar maior contato com a natureza, onde a vida é mais calma, as pessoas mais simples e o ambiente menos competitivo, portanto, em contraposição às imagens sobre a vida urbana nas metrópoles.

Em contrapartida, nessas pesquisas crescem as referências à exclusão social, denunciada pela "invisibilidade" desses jovens para as políticas públicas (DURSTON, 1998b). Porém, na vida real, os "jovens rurais" também sofrem discriminações relacionadas com a sua identificação com as "classes perigosas", especialmente quando o lugar onde eles moram é conhecido como "Polígono da Maconha", como acontece com jovens de Ibimirim, onde a pesquisa foi desenvolvida[1]. Assim como os jovens das favelas, eles também podem ser discriminados, temidos, presos, ou mortos.

[1] Nomenclatura pejorativa, criada pelos agentes da segurança pública e corroborada pela mídia, para se referir ao território dos municípios onde se produz maconha, na região do Submédio São Francisco

No entanto, quando os pesquisadores falam em "juventude rural", ou "jovem rural", a quem eles estão se referindo? Se a referência utilizada for o lugar de moradia, o endereço, como faz o IBGE nas pesquisas demográficas, então "jovem rural" é aquele que vive em sítios, enquanto que o jovem que mora no perímetro urbano da cidade ou em vilas, independentemente do tamanho, é um "jovem urbano". Mas, se for para acompanhar as tendências que criticam essa forma de classificação, então, os municípios pequenos – a questão do tamanho também é controversa –, cuja dinâmica econômica estivesse vinculada à produção agrária, poderiam ser classificados como "cidades rurais" e, conseqüentemente, todos os residentes também o seriam.

Porém, há outras implicações que são consideradas pelos estudiosos, defendendo pontos de vista diferentes sobre as formas de classificar o "jovem "rural" e "o jovem urbano", que decorrem de posicionamentos teóricos sobre as transformações que vem ocorrendo no campo e na cidade. As relações entre campo e cidade, vêm atravessando transformações profundas com a intensificação das trocas materiais e simbólicas proporcionada pelo desenvolvimento tecnológico e científico, com avanços incríveis nas tecnologias de comunicação. Desta forma um estilo de vida, "pode se difundir fora da sociedade global em que se originou, desprendido dos fatores que o fizeram nascer – no caso, o processo de industrialização" (QUEIROZ, 1979: 171). Foi assim no caso brasileiro, como afirma Queiroz, onde a urbanização chegou antes da industrialização, entre meados do século XIX e o início do século passado, através das influências européias assimiladas por uma classe de rurais ricos instalados nas cidades.

Além desta questão, outras diferenças também merecem ser consideradas nos estudos sobre os jovens, como, por exemplo, as divisões de classe social, gênero, etnia

e entorno. Em virtude das estratégias do narcoplantio, de movimentar a produção para burlar as forças de repressão, os limites desse "polígono" são variáveis e, por isto, a cada momento um novo município pode ser considerado como parte desse território de conflito.

ou cor da pele, e, dependendo de como se constroem os objetos de pesquisas, até mesmo as divisões territoriais podem adquirir importância na formulação das análises.

Considerando as questões apresentadas, o que sustentaria, então, as diferenças entre "jovens rurais" e "jovens urbanos"? Esta tese pretende contribuir para o entendimento dessa questão, buscando trilhar por um caminho que revele as diferenças e similaridades nos modos de viver no campo e na cidade, a partir do olhar sobre os jovens que vivem em um pequeno município. Por isto, a pergunta se direciona aos sujeitos: para o jovem, quais as implicações de viver no "rural", ou no "urbano", em seu modo de vida e em sua visão de mundo?

A partir desta questão central, a pesquisa realizada acompanhou os caminhos percorridos pelos jovens no cotidiano da cidade e dos sítios e vilas onde moram: nos seus afazeres no trabalho, na escola, no lazer, no encontro com os amigos, nas festas, nos bares, na *lan house*, na rua, na *prainha* do açude... Enfim, a pesquisa acompanhou os jovens nesse movimento entre o meio rural e o urbano, no ritmo da vida cotidiana, e perscrutou a vida social deles em busca das práticas sociais e das trocas simbólicas que entrelaçam os jovens que moram no campo e na cidade, em um município do Sertão, que em 2007 tinha 27 mil habitantes, metade vivendo no núcleo urbano.

Nesse esforço de trilhar os caminhos junto com eles, de ouvi-los – em entrevistas, conversas informais e no andamento da "etnografia" que foi construída –, os lugares onde esses jovens viviam foram se fundindo ao objeto de pesquisa, levando esta a "assumir" as interdependências que há entre as trajetórias de vida e os campos de possibilidades de cada lugar. Este movimento possibilitou-me compreender melhor as trajetórias de cada um, visualizar melhor os limites e as possibilidades presentes nas estruturas sociais, e compreender as práticas sociais tanto na adesão às tradições passadas, quanto na dissonância, na rebeldia e na renovação destas práticas pelos

jovens. Desta forma, trilhando os caminhos do campo de pesquisa, as narrativas dos jovens sobre suas trajetórias individuais foram sendo lidas, por mim, à luz das outras narrativas que emergiram da pesquisa documental e das observações de campo.

Esta dinâmica de desconstrução e reconstrução de narrativas, que é própria do trabalho de interpretação sociológica, permitiu-me visualizar entrelaçamentos entre os aspectos relativos ao "modelo de desenvolvimento" daquela configuração social e às formas de socialização e de sociabilidade dos jovens do campo e da cidade, com as questões relacionadas à busca dos jovens por autonomia. Aspectos subjetivos da vida social dos jovens, como o impasse diante da decisão de assumir ou não a responsabilidade pela continuidade da propriedade rural familiar; as expectativas sobre a vida futura nos lugares em que vivem; todos esses elementos foram sendo interpretados à luz das relações sociais que perfaziam os campos de possibilidades de cada um deles, em cada lugar onde viviam. O resultado final deste movimento interpretativo forma um mosaico de imagens que revelam, por um lado, o alcance e o "peso" da origem social dos jovens, e por outro lado, as dissonâncias, as saídas, as variações nas formas de "manusear" as oportunidades e de forjar trajetórias distintas dentro de um mesmo grupo social, bem como para a variedade de situações do que conhecemos como rural e urbano. É como a paisagem do Sertão, que num primeiro momento pode parecer monocromática, mas depois, quando se aprende a vê-la, enxerga-se uma infinidade de tons grises.

Essas questões estão narradas nos quatro capítulos que compõem esta tese. Digo narradas porque foi esta a opção que adotei na escrita da tese, de narrar os caminhos percorridos na pesquisa, colocando o texto em primeira pessoa como forma de aproximar o processo do pesquisador, que também é de auto-reflexão, ao processo que os jovens foram submetidos ao serem entrevistados. Isto implicou, também, em

imprimir um formato à tese que respondesse melhor a esta lógica narrativa, procurando, no entanto, não se afastar da forma acadêmica.

No primeiro capítulo faço uma narrativa do percurso teórico-metodológico na construção da tese. Desde a aproximação até a construção do objeto de pesquisa, da reflexão sobre o objeto, à reflexão sobre os pressupostos que me orientaram, fazendo toda a discussão conceitual baseada na sociologia das configurações de Norbert Elias em diálogo com outros autores, como Mannheim, Pierre Bourdieu e outros.

O segundo capítulo é uma leitura sociológica do processo histórico de ocupação do Sertão, focalizando o Sertão do Moxotó, onde fica Ibimirim, examinando as transformações engendradas nas relações sociais locais, nas relações do local com o entorno das vilas e cidades próximas e com o nacional e internacional.

No terceiro capítulo apresento onze narrativas de trajetórias individuais de jovens de Ibimirim, moradores do campo e da cidade, que representam uma seleção possível de trajetórias juvenis naquele município, considerando, de um lado, a variabilidade de situações encontradas, e de outro lado, a importância da trajetória frente às questões de pesquisa. Também pesou, nesta definição, o limite de tamanho para a tese, que é determinado por norma, e evita fazer da tese uma leitura cansativa.

No último capitulo faço uma interpretação comparativa das narrativas, que revelam alguns aspectos importantes para se conhecer melhor a vida social de jovens que moram em um pequeno município. Busco, com este procedimento, iluminar os caminhos que influenciam a conformação das trajetórias individuais, a partir da identificação das forças centrífugas que levam à heterogeneidade, demonstrada através de trajetórias dissonantes em relação ao grupo social do qual o jovem faz parte, e as forças centrípetas que tendem à homogeneização na conformação de trajetórias de vida convergentes entre jovens de um mesmo grupo social.

CAPÍTULO 1

CAMINHOS DO PESQUISADOR NAS TRILHAS DA PESQUISA

Sobre o objeto de estudo, as escolhas teórico-metodológicas e a pesquisa de campo

1.1 – O começo da jornada

Foi no final de 1998 que, recém-chegado a Pernambuco, fiz minha primeira incursão pelo que eu acreditava ser o Sertão, olhando a paisagem seca e algumas ossadas de gado expostas à beira da estrada, no caminho para Cachoeirinha, município próximo a Garanhuns. Acompanhava uma caravana que levava cestas básicas, recolhidas em uma campanha de arrecadação de alimentos para as "vítimas da seca", realizada por uma ONG, em parceria com a OAB/Seção de Pernambuco. O que eu via, apesar de estar no Agreste, eram as mesmas imagens que chegavam a São Paulo, minha terra natal, exibindo a terra do Sertão nordestino rachada pelo sol, as ossadas dos animais mortos de sede e fome; só faltavam as crianças a brincar com os ossos e as turbas de sertanejos saqueando caminhões e mercados, como noticiava o Jornal Nacional.

Passaram-se mais 5 anos para que eu retornasse ao Sertão, viajando para Petrolândia, Tacaratu e Floresta, ao final do ano de 2003. Guardara aquela imagem de 1998, mas também um conjunto de imagens que foram construídas historicamente, que consolidavam a identidade do Sertão nordestino como a "*terra da seca, do cangaço, do coronel e do profeta*" (ALBUQUERQUE JR., 2001: 117). Imagens (in)formadas pelas narrativas sobre a terra, o homem e as lutas na expedição de Euclides da Cunha pel'*Os Sertões*; sobre a seca d'*O quinze*, por Rachel de Queiroz; sobre a *Infância* de Graciliano Ramos e as aventuras de viajantes que trilham as veredas do *Grande*

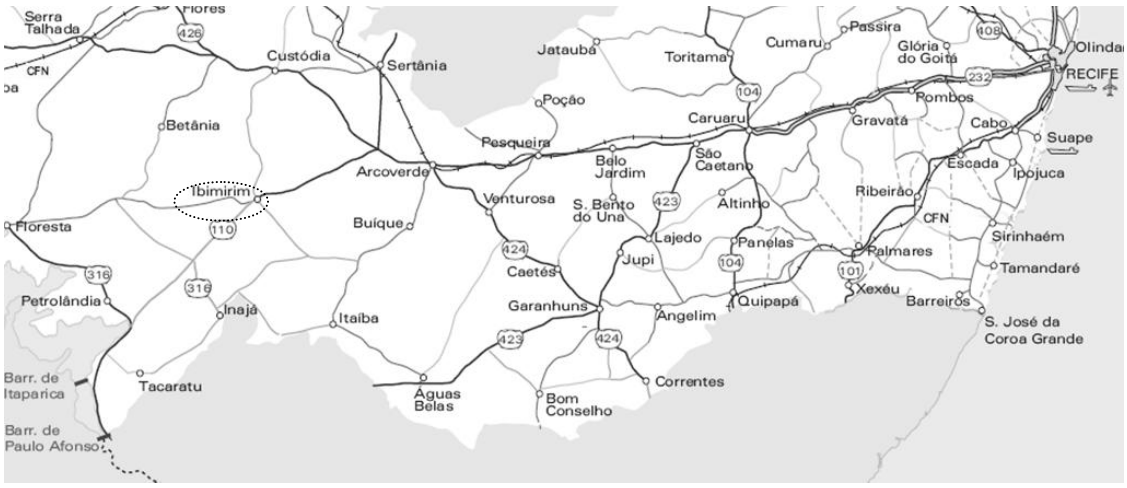
Sertão; sobre o caráter d'*O sertanejo,* narrado por José de Alencar; e sobre as exacerbações ora violentas e dolorosas, ora fantásticas e sublimes de um tipo chamado *Sargento Getúlio,* contadas por João Ubaldo Ribeiro. Era outubro e eu via a paisagem cinzenta, sem saber que aquela era a paisagem normal no verão sertanejo, dado que as últimas chuvas do inverno caem ao final de maio. A luminosidade era mais intensa e mais dura, porque real, do que a luz que Glauber Rocha retratou em *Deus e o Diabo na Terra do Sol* e, pensei, tornava a vida dos sertanejos "de carne-e-osso" bem próxima daquelas *Vidas Secas,* reveladas por Nelson Pereira dos Santos. Eram essas imagens que eu carregava como bagagem, no imaginário.

Talvez o ano não tivesse sido bom para os sertanejos, quiçá os anteriores também, pois me diziam que o lago da barragem de Itaparica estava muito abaixo do nível normal. Soube que durante a viagem, um pouco antes de chegar à beira do Velho Chico, passei próximo ao açude Poço da Cruz, embora não o tenha visto. Era "o maior de Pernambuco", como diziam orgulhosos moradores locais sabedores da importância do "maior" ou do "primeiro" na tradição pernambucana e brasileira. Porém, o açude estava praticamente seco, somente com 4% da capacidade total de armazenamento, que é de 500 mil metros cúbicos de água. Sem ter um conhecimento construído na vivência do Sertão, as impressões da paisagem que eu via naquele verão reforçavam as construções simbólicas formadas através das lentes do imaginário da literatura e do cinema nacional sobre o sertanejo e o Sertão. Naquelas circunstâncias, foi fácil eu cair no clichê: "como é que *eles* vivem aqui?".

Quando retornei ao Sertão, em março ou abril do ano seguinte, tudo estava verde, o lago estava enchendo e vi o açude vertendo. Era o Sertão verde como no filme *Baile Perfumado*, de Lívio Ferreira e Paulo Caldas. Quantas flores e quantas cores diferentes havia naquela paisagem. Naquela viagem, eu percebi que a Caatinga era

mesmo uma mata, como diziam os índios, só que era uma floresta que "hibernava" ao contrário, secava no verão para explodir de vida no inverno. Dessa época até o final de 2007 viajei cerca de cinco vezes por ano para essas muitas partes do Sertão de Pernambuco, Bahia e Paraíba, envolvido em projetos sociais e pesquisas. O que antes causava estranhamento começou a se tornar familiar com o conhecimento do lugar, ou melhor, dos lugares, dos muitos sertões diferentes que são reunidos numa só identidade regional nordestina construída no decorrer do século passado (ALBUQUERQUE Jr., 2001). A pergunta-clichê – que deriva de conhecimentos pretéritos, do espanto diante do exótico, mas também da indignação diante do descaso dos governos com os sertanejos pobres – foi substituída por outras, em busca de novos sentidos que dessem conta das outras imagens que foram se formando ao conhecer o «outro».

Interessava-me, cada vez mais, por esse outro. Ibimirim, um município situado a 327 Km de Recife, no Moxotó, início do Sertão, foi se constituindo, para mim, como o melhor ponto de observação desse outro, devido ao seu processo histórico.



Mapa 1 - Localização de Ibimirim

Havia vários pontos de intersecção entre a história daquele lugar e a história nacional. A construção do açude, conhecido como Poço da Cruz, foi iniciada no Estado Novo, em 1937, depois paralisada e novamente retomada sob o governo Vargas, em 1951, até ser concluída em 1957, quando a população esperava ver Juscelino Kubitschek na inauguração, o que não aconteceu, segundo me contaram trabalhadores aposentados que participaram dessa construção. Terminado o açude, a construção do Perímetro Irrigado do Moxotó (PIMOX) atravessaria três décadas, desde o início das obras, em meados dos anos 1970, passando pelo assentamento das primeiras 200 famílias em 1977, até finalizar o assentamento de quase 600 famílias ao final da década de 1980 e incorporar grandes empresas agrícolas ao perímetro no início da década de 1990, grafando o chão com mais de 500 km de canais de concreto. Haviam instalado até uma usina hidrelétrica que abasteceria de energia todo o município, se não tivesse sido paralisada sob a alegação de que o DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas – não teria o direito de explorar energia elétrica, monopólio exclusivo da CELPE, a companhia elétrica estadual.

Antigos moradores de Ibimirim, técnicos do DNOCS e alguns agricultores que estavam entre as primeiras famílias a serem assentadas são testemunhas de que, naquela época, ainda em plena ditadura militar, a distribuição de lotes foi feita primeiro para aqueles que haviam trabalhado nas "frentes de trabalho" do DNOCS, vindos de outras partes do sertão, como da região de Alagoas, da região do Raso da Catarina, na Bahia, do Cariri cearense e do Cariri paraibano. Naquele momento e naquela parte do sertão, ainda não havia condições políticas para o movimento sindical reivindicar o direito à terra dos inúmeros agricultores ribeirinhos que foram desterrados para a implantação do açude e do Perímetro Irrigado do Moxotó. Encontrei, em alguns números do Boletim Sindical do Pólo Sindical dos Trabalhadores

Rurais do Submédio São Francisco, referências aos "casos" das barragens do Moxotó e de Sobradinho como exemplos para que os atingidos pela barragem de Itaparica não sofressem os mesmos prejuízos impostos a esses primeiros desterrados daquela região do Moxotó, afluente do Rio São Francisco.

É de se imaginar como se sentiram aqueles agricultores sertanejos que foram contemplados com um lote no perímetro, que pela primeira vez em suas vidas poderiam fazer uma agricultura independentemente do tempo das chuvas e das cheias dos rios. Justamente esses que tinham feito parte das frentes de trabalho devido à impossibilidade de manter seus roçados nos tempos das grandes secas, esses que eram agricultores de áreas de sequeiro transformaram-se em agricultores irrigantes.

No entanto, finalizada a implantação do Perímetro Irrigado do Moxotó (PIMOX), iniciava-se um longo período de incertezas, frustrações e privações. De 1993 a 1996 teve início o racionamento de água para os colonos irrigantes. O açude diminuía drasticamente devido aos anos sucessivos em que chovera pouco. Como que para confirmar o discurso secular de que a seca era a origem das desgraças na vida dos sertanejos, nem mesmo os irrigantes escapariam dessa "maldição". Mas, desta vez sabia-se que o homem "ajudava" a natureza, desperdiçando o precioso líquido: um defeito apresentado em uma das duas comportas, desde a inauguração da hidrelétrica, nunca fora consertado, deixando vazar água ininterruptamente.

Em 1996 a irrigação foi totalmente suspensa, sendo retomada muitos anos depois, em 2004, gradativamente. As chuvas daquele inverno de 2004 haviam feito o açude sangrar – o que não acontecia desde 1986(!) –, enchendo de alegria aqueles que o viram secar lentamente. Junto com as chuvas, o novo governo federal incorporou a recuperação do perímetro irrigado à agenda do Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Isso tudo mexia com os ânimos das pessoas, agricultores ou não, deixando alguns mais otimistas, esperançosos de voltar aos "tempos da prosperidade", na expressão que muitos ainda utilizam para falar daquela época, enquanto outros, calejados pela vida, permaneciam ressabiados, receosos de que talvez tudo fosse passageiro, como chuva temporã no verão sertanejo. Nesse mesmo ano, ouviam-se comentários sobre jovens que começaram a voltar para suas casas, alguns já casados, depois do tempo de "exílio". Seja entre os que partiram em busca de trabalho e agora retornavam, seja entre os que ficaram e suportaram os anos difíceis da paralisação do projeto, entre todos esses, havia uma dúvida em comum: deveriam investir novamente na agricultura, ou seria um erro que mais tarde cobraria o preço da ousadia?

Desde 2004 eu presenciava tudo isso, percebendo, nos engajamentos e sentimentos dos que atravessaram o auge do crescimento e da decadência de Ibimirim, incertezas e esperanças sobre o futuro, e nos jovens, cuja memória pessoal não alcançava os tempos da prosperidade, uma mistura de descrença na agricultura, que eles só viram em sua versão "fracassada" e de desconfiança com o que estava por vir, já que tudo dependia do investimento do governo, essa "entidade" que nunca esteve presente em suas vidas.

Até então eu estava engajado profissionalmente em projetos sociais voltados para o problema da exploração do trabalho infantil, inclusive foi essa questão que me levou a conhecer o sertão. Preocupavam-me as condições das crianças inseridas precocemente no mercado de trabalho, entendendo que este fato comprometeria suas chances de alcançarem posições no mundo do trabalho que assegurassem os direitos sociais e trabalhistas, mesmo depois, na juventude ou na vida adulta (TAVARES, 2002a, 2002b, 2005). Mas ali, em Ibimirim, naquelas circunstâncias em que passaram praticamente uma década quase sem trabalho, eu via os jovens em situações de maior

vulnerabilidade social. Muitos partiram em busca de trabalho, sem qualificação, tendo que viver em condições muito precárias e em ambientes desconhecidos. Muitos outros ficaram, mas tampouco visualizavam alguma perspectiva de futuro ali, tinham uma visão pessimista sobre a agricultura e sobre a vida em Ibimirim; alguns deles estavam "se perdendo", como se dizia dos jovens que eram aliciados para trabalhar no narcoplantio ou como soldados do tráfico naquela região, pejorativamente batizada como "Polígono da Maconha" pelos agentes da segurança pública e pela mídia (MOTTA RIBEIRO, 2000; IULIANELLI, 2000; FRAGA, 2000).

Tudo isto me inquietava, e foi da inquietação que surgiram os primeiros problemas de pesquisa. Como era possível para o jovem morar num município predominantemente agrícola, quando o fracasso da agricultura tornara inviável a permanência de muitos outros jovens? O que pensariam eles da agricultura, uma vez que, paradoxalmente, esta atividade representava, simultaneamente, a prosperidade – na visão dos pais – e o fracasso? E se a agricultura familiar era marcada pela instabilidade, como ficou gravada na memória coletiva daquele grupo (HALKBWACHS, 2004), que alternativas haveria num município com menos de 30 mil habitantes que evitassem a partida de seus jovens? Afinal, quem eram esses jovens que "teimavam" em ficar, ou voltar a Ibimirim depois de terem partido? O que faziam naquela cidade, para se formar, para se divertir, para conseguir seu próprio dinheiro? O que pensavam em fazer da vida, ou melhor, do que iriam viver?

Não me interessava estudar as causas que levavam os jovens a partir. Como ressaltou Brumer (2007), as pesquisas que buscam os motivos pelos quais as pessoas deixam o mundo rural freqüentemente caem na mesmice de ressaltar os aspectos negativos do rural e valorizar mais os aspectos positivos da cidade, seguindo a tendência dominante na sociedade industrial assumida, inclusive, por autores que

previram o fim do rural, como H. Lefebvre (1970). Então, percebi que deveria procurar entender os processos sociais, não no sentido de estabelecer relações entre causas e efeitos – com perguntas sobre o «porquê» disto ou daquilo –, mas para estabelecer relações entre as escolhas e os sentidos das experiências vividas, individualmente e pelo grupo social a que se está ligado –, o que deslocaria a forma de perguntar, procurando saber «como», «de que forma», ao invés de «porquê», como sugere Mannheim na formulação do método documental de interpretação (MANNHEIM, 1982).

Desejava saber mais não somente sobre os filhos de agricultores, mas também sobre outros jovens da cidade: como eles interpretavam esse processo experimentado por seus pais e por eles próprios? Que perspectivas vislumbravam com referência à agricultura e aos outros campos de trabalho? Também, sobre a juventude e a vida adulta: como eram perseguidas e construídas as condições que permitissem ao jovem conquistar a tão desejada autonomia frente à sua família?

Assim, minha pretensão nesta pesquisa foi abordar a presença de jovens na sociedade, observá-los no seu viver cotidiano em um pequeno município –, considerando as diferenças entre os lugares onde moram, se na sede do município, ou nas vilas e sítios. Vê-los em suas redes de sociabilidade, ouvir as idéias que fazem de si mesmos, do «outro» e do mundo, conhecer seus projetos de vida à luz dos contextos em que vivem e de seus conceitos sobre o mundo, compreender como se entrelaçam suas trajetórias de vida com a trajetória do lugar.

Para tanto, era preciso preterir esse ponto de vista do adulto, de ver o jovem sempre como pessoa em formação, que nos induz a pensar em falta, em incompletude, que, na verdade, são típicas do humano e não apenas do jovem. Devia vê-lo como formador e formulador de idéias e ideais da sociedade, participante dos problemas de seu tempo. Vê-lo como garimpeiro de oportunidades e não como recebedor passivo.

Vê-lo, também, no lúdico, na subjetividade de desejos, de rebeldia, de raiva, de angústias e decepções geradas pelas dificuldades de diversas ordens. Enfim, tomar a juventude como processo de envelhecimento social, como disse Bourdieu (2001: 82).

As questões sociológicas implicadas na pesquisa já são conhecidas desde os primeiros passos das ciências sociais: relações indivíduo-sociedade; rural-urbano; jovem-adulto; relações entre fatores «objetivos» – desigualdades de origem social e condições econômicas, de gênero, das estruturas de oportunidades no lugar onde se vive –, e fatores «subjetivos» – as sociabilidades, as experiências e as percepções dos jovens acerca de suas próprias experiências.

> Pensei em fazer como propôs Wright Mills, uma sociologia *artesanal* para tratar de
>
> > [...] problemas de biografia, de história e de seus contatos dentro das estruturas sociais. [...] Sem o uso da história e sem o sentido histórico das questões psicológicas, o cientista social não pode, adequadamente, formular os tipos de problemas que devem ser, agora, os pontos cardeais de seus estudos (MILLS, 1969: 116).

A pesquisa histórica, a pesquisa biográfica e a observação fazem parte dos caminhos trilhados na pesquisa, como também as escolhas teóricas que se coadunam com os objetivos traçados, as quais começam a ser explicitadas desde já, mas se espraiam ao longo de toda a tese.

1.2 – Tomando o caminho das pesquisas biográficas

Segui a pista dos estudos biográficos, entendendo que essa perspectiva de pesquisa ajudaria a trazer à tona a natureza das orientações entranhadas nas vidas dos jovens numa sociedade em mudança, fazendo o entrelaçamento entre os eventos da vida dos agentes individuais com as condições do contexto em que vivem.

As fontes biográficas são exploradas na sociologia desde os primórdios da disciplina e, entre outros fins, alimentam os debates acerca das dualidades micro/macro, indivíduo/sociedade, ação individual/coletiva, autonomia/determinismo, estrutura/indivíduo. Sociólogos da Escola de Chicago privilegiavam o uso da abordagem biográfica como forma de estudar as diferenças nos modos de vida, nas formas de comportamento social e nas formas de sentir e interpretar os processos sociais. Entre 1920 e 1940 a Escola de Chicago produziu inúmeros estudos, realizados por vários autores, com base na abordagem biográfica e na observação participante, dedicando-se à pesquisa de grupos *outsiders*, como ladrões, prostitutas, viciados em drogas, minorias étnicas e imigrantes.

Mesmo durante o período pós-guerra, quando a sociologia era fortemente influenciada pela escola americana hegemonizada pelo triunvirato Lazarsfeld-Parsons-Merton, que consagrou o predomínio dos *surveys* – e da teoria estrutural-funcionalista – como método "privilegiado" na análise do social, a historia de vida continuou alimentando pesquisas e debates especialmente sobre mudança social. As vozes dissonantes das ciências sociais dos Estados Unidos no pós-guerra vinham de intelectuais já maduros na época, a exemplo de Wright Mills, Thorstein Veblen, Clarence Ayres, Charles Beard e Leslie White, como os definiu Sahlins, *"«intelectuais orgânicos» contestatários que a América rural e das pequenas cidades produziu na primeira metade do século XX"*[2].

A Escola de Chicago focalizou os seus estudos na vida urbana, impulsionada pelo crescimento vertiginoso da cidade de Chicago, considerada a primeira metrópole moderna, com a complexidade de ser o destino de milhares de imigrantes de diversas

[2] Entrevista de Marshal Sahlins publicada na *Folha de São Paulo*, Caderno MAIS, edição de 18 de novembro de 2007.

nacionalidades que lá chegaram desde meados do século XIX. Estudar a cidade, observar as comunidades como *habitat* das relações sociais, "mosaicos de pequenos mundos"; estudar a história dessas comunidades, levantar mapas de suas características culturais, conhecer suas capacidades de adaptação e entender as razões das inadaptacões individuais, ou de grupos sociais, eram os principais objetivos da sociologia e da antropologia produzidas pelos pesquisadores da Escola. Por entenderem que "Uma causa social é complexa e deve incluir ao mesmo tempo elementos objetivos e subjetivos, valores e atitudes" (THOMAS e ZNANIECKI, 1974: 38, citados por COULON, 1995: 31), os pesquisadores da Escola de Chicago buscavam materiais que explicitassem as biografias individuais, perscrutando atitudes e idéias em fontes orais e documentais produzidas no cotidiano da vida social, valorizando a abordagem biográfica e a observação participante e deixando num plano secundário os procedimentos estatísticos. Tratava-se de reconhecer a importância da subjetividade para a compreensão dos processos sociais, tomando o ponto de vista do sujeito como ponto de partida da pesquisa, o que, segundo observam Blanchet e Gotman (1992:16), foi uma perspectiva tomada de Dilthey, para quem o conhecimento do mundo humano só seria possível a partir do mundo dos significados e sentidos.

O conceito de *atitude* foi então largamente utilizado nos estudos sobre os imigrantes que viviam nos Estados Unidos. Em pauta, estavam os problemas relativos à mudança social forjada pela industrialização, que levava determinados grupos sociais a viverem processos de «desorganização social». Este processo irrompia quando os elementos de controle social se afrouxavam e os indivíduos, não encontrando mais apoio e satisfação nas instituições coletivas para a realização de seus desejos e necessidades, rompiam com hábitos tradicionais e adotavam comportamentos mais individualizantes; e perduravam até que novos comportamentos fossem adotados no

sentido de promover a «reorganização social» (COULON, 1995). Com esses conceitos – que foram aplicados por Thomas e Znanieck em *The polish peasant in Europe and America* (1918) –, os autores puderam explicar como, dentro desses grupos sociais mergulhados em processos de «desorganização social», haveriam indivíduos com processos diferenciados que escapavam à trajetória do grupo. A *atitude*, considerada como característica subjetiva individual que manifesta exteriormente os sentidos que o indivíduo ou o grupo atribui aos acontecimentos sociais, era a chave que permitia compreender essas mudanças nas trajetórias de indivíduos e grupos sociais. Segundo os autores,

> o efeito de um fenômeno social depende do ponto de vista subjetivo do indivíduo ou do grupo e só pode ser calculado se conhecermos não apenas o conteúdo objetivo de sua suposta causa, mas também o significado que tem para os seres conscientes considerados... Uma causa social é complexa e deve incluir ao mesmo tempo elementos objetivos e subjetivos, valores e atitudes (THOMAS e ZANANIECKI, 1918: 38, citado por COULON, 1995: 31).

Desta forma, o conceito de *atitude* foi a chave encontrada para livrar o agente do determinismo. O indivíduo que emerge desta interpretação não é o que vai cumprir roteiros pré-definidos pelas condições dadas pelo exterior, mas o que vai produzir sua vida na interação com os outros e com as condições reais que o circundam.

Outras gerações de pesquisadores da Escola de Chicago continuaram a desenvolver pesquisas com base nas abordagens biográficas, porém dando um tratamento conceitual e metodológico diferenciado. Everett Hughes está situado, cronologicamente, entre a geração dos pioneiros da Escola – G. H. Mead, Robert Park, W. Thomas, F. Znanieck – e a geração dos que foram conhecidos como interacionistas simbólicos[3], dos quais E. Goffman e H. Becker são figuras exponenciais.

[3] Chapoulie (1996), observa que Blumer foi quem se referiu, pela primeira vez, à produção da Escola de Chicago como compondo uma tradição sociológica particular, cunhando a expressão «interacionismo

Em um primeiro ensaio com o título de *Carrières, cycles e tournants de l'existence* (1996a), Hughes desenvolveu o conceito de carreira articulado às noções de ciclo de vida e de transição. O conceito de carreira, para este autor, estaria relacionado à totalidade do ciclo de vida, do nascimento à morte, portanto, constituída de etapas sucessivas, ordenadas temporalmente e demarcadas por ritos que assinalam a transição de uma etapa, ou estado, da infância à adolescência, da idade adulta à velhice, por exemplo, o que também equivale à mudança "de uma posição social a outra (da inatividade à vida ativa, da vida ativa à aposentadoria)" (BATISTA NETO, 2007: 8).

No entanto, Hughes já sinalizava para as mudanças sociais que hoje, mais do que antes, tornam difícil a delimitação das etapas e a identificação dos momentos de transição. Hughes questionava sobre quais seriam os marcadores sociais dessas transições, observando que uma pessoa poderia receber um diploma universitário, ou profissional, ou mesmo casar em uma cerimônia assistida por seus próprios filhos; ou que um jovem médico ainda poderia depender financeiramente dos pais por não ganhar o suficiente para o seu próprio sustento. Ou seja, já na década de 1950, Hughes percebia a falibilidade dos marcadores sociais tradicionais sobre a transição da juventude para a vida adulta.

As dificuldades que essa concepção totalizadora trazia à operacionalização do conceito de carreira talvez tenham sido a causa da redução que Hughes fez na aplicação do conceito ao mundo do trabalho, em um segundo ensaio, publicado como *Carrières* (1996b). No uso restrito do conceito, como carreira profissional, Hughes chamava a atenção para a não-linearidade da vida profissional, que como toda a vida social, era entrecortada por irregularidades e contingências.

---

simbólico». Para Hans Joas, Blumer faz "uma condensação mais ou menos simplificadora da complexa obra teórica de G. H. Mead" (Dicionário do Pensamento Social do Século XX, p. 394).

Do ponto de vista da produção de sentidos – interesse maior da escola teórica interacionista – uma das implicações do conceito de carreira proposto por Hughes, segundo observa Xavier de Brito(1991: 287), é considerar que ela também inclui "a perspectiva segundo a qual uma pessoa percebe sua vida como um conjunto e interpreta o sentido de seus numerosos atributos, ações e eventos que lhe acontece".

Esta perspectiva de narrar a vida revestida de sentido – que será o cerne da crítica de Bourdieu ao uso de histórias de vida –, permanecerá no uso que Howard Becker, posteriormente, tecerá sobre o conceito de carreira. Para Becker (1985), carreira é uma série de posições ocupadas pelo indivíduo em uma rede de instituições formais e de relações sociais. Apesar de utilizar o conceito em estudos sobre desvios, ou seja, ações de transgressão a normas dentro de um sistema particular, assumindo a variante de *carreiras desviantes*, Becker insiste na definição de carreira como seqüência ordenada, em que cada fase requer uma explicação, portanto, toma o conceito como sucessão de fases narradas a partir do ponto-de-vista do indivíduo.

Essa abordagem interacionista é objeto de críticas condizentes. Hans Joas (1999) adverte que, ao focalizarem a interação social como central na construção da realidade social e se centrarem nas interpretações que as pessoas constroem em situações de interação, os interacionistas acabam por deixar de lado aspectos de poder e dominação nas relações sociais e, ainda, desconsideram a independência dos processos sociais em relação às intenções e orientações de indivíduos e grupos sociais particulares. Peneff (1990: 57), por sua vez, considera que nos estudos interacionistas a falta de atenção ao contexto social que circunscreve as práticas dos agentes produz, como efeito, a super-exploração da percepção do outro, das representações sociais e, por conseguinte, a subexploração das experiências passadas dos indivíduos, de suas expectativas e de suas avaliações sobre as perspectivas futuras.

Diante destas críticas, com as quais concordo, entendo que a perspectiva do estudo de trajetórias proposta por Bourdieu e a perspectiva da relação entre sociogênese e psicogênese, proposta por Elias, permitem ampliar as possibilidades da abordagem biográfica, corrigindo os pontos fracos ressaltados por essas críticas.

Bourdieu retoma o problema metodológico sobre o que os interacionistas chamavam de «definição da situação», ou seja, a situação do entrevistado no momento da entrevista, e, simultaneamente, a situação face-a-face entre entrevistador e entrevistado. Os interacionistas estavam cientes de que a entrevista narrativa representava um discurso circunstanciado pelo momento na vida do entrevistado e pela interação com o pesquisador. Neste sentido, a relação entrevistado/entrevistador parecia ter mais importância para os interacionistas do que a relação com a memória dos fatos narrados, aspecto que será mais desenvolvido pela história oral[4]. Mas os interacionistas tinham razão, e Bourdieu concorda com eles na constatação de que, ao se produzirem relatos ou histórias de vida, o presente se sobrepõe ao passado e a narrativa tomada pelo pesquisador é a expressão de uma recomposição sobre os acontecimentos pretéritos, atualizada sob o ponto de vista do entrevistado (DE GAULEJAC, 1988). Portanto, o trabalho do sociólogo será sempre a produção de uma interpretação das interpretações.

[4] De forma muito sumária, poderíamos dizer que História Oral é uma técnica utilizada nas ciências humanas que decorre da elaboração de depoimentos colhidos por meio de entrevistas, que são registradas por meio de 'gravação' e, também, é o procedimento desses depoimentos de atores ou testemunhas de fenômenos sociais significativos, cujo registro se perderia pela carência ou insuficiência de fontes alternativas (CAMARGO, 1981:19). Sobre história oral, memória e história de vida, há uma vasta bibliografia, seja na área historiográfica seja nas ciências sociais. Entre os trabalhos de referência no campo da sociologia, convém citar o texto de Lucila Reis Brioschi e Maria Helena B. Trigo, *Relatos de vida em Ciências Sociais: considerações metodológicas,* no qual as autoras fazem um panorama geral da evolução das preocupações com a sociologia e as práticas sociológicas, em que os relatos de vida passam a ocupar lugar de destaque entre as técnicas de investigação e conhecimento do objeto social. E ainda o clássico ensaio de Maria Isaura Pereira de Queiroz, *Relatos Orais: do indizível ao dizível,* em que a autora faz considerações do uso do relato oral ou história oral, enquanto uma nova denominação, entre os cientistas sociais.

Mas, quanto a considerar que a história de vida de um indivíduo é dotada de um sentido – a maneira como os interacionistas consideram a carreira –, Bourdieu adverte que uma história de vida assim considerada assimila todas as distorções que estão presentes no "modelo oficial de apresentação de si – carteira de identidade, atestado de estado civil, *curriculum vitae*, biografia oficial – e da filosofia da identidade subjacente a ele" (BOURDIEU, 2004: 80). A relação entrevistador-entrevistado, quando não tomada de uma perspectiva mais crítica, tende a naturalizar essa apresentação da história de si como dotada de um sentido, influenciada até mesmo pelos modelos vigentes na mídia. Tal situação, diz Bourdieu,

> leva à construção da noção de *trajetória* como uma série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes.Tentar compreender uma vida como uma série única e, por si só, suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outra ligação que a vinculação a um sujeito cuja única constância é a do nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diversas estações (BOURDIEU, 2004: 81).

Bourdieu chama a atenção para o perigo de fazer a transposição para o trabalho científico, dos sentidos que a história de vida traz do senso comum: uma vida como uma história que se desenrola de forma cronológica, em etapas sucessivas, unidirecional, como um percurso que vai de um ponto de origem a um final, cuja trama toda explica o sentido da vida do indivíduo. O perigo vem do fato de que "O sujeito e o objeto da biografia (o entrevistador e o entrevistado) têm de certo modo o mesmo interesse em aceitar o postulado do sentido da existência contada (e, implicitamente, de qualquer existência)" (BOURDIEU, 2004:75). Para afastar-se desse perigo, diz Bourdieu, é preciso primeiramente intervir sobre as condições da pesquisa, diminuindo ao máximo a dominação simbólica na relação entrevistador/entrevistado, o que é possível alcançar atuando no nível da linguagem, na escolha adequada dos pares

entrevistador-entrevistado, no conhecimento sobre a temática, no respeito e interesse ao discurso do outro (que não se confunde com adesão), na crítica à própria atuação do pesquisador. Em segundo lugar, Bourdieu afirma que é necessário livrar-se da obsessão pela cronologia e de tudo que seja inerente à representação da vida como história (BOURDIEU, 2003: 693-708).

Afastando-se dos estudos que usam a história de vida que se apóiam fundamentalmente na produção dos sentidos atribuídos pelos narradores às suas próprias vidas, Bourdieu propõe considerar os acontecimentos biográficos como "*alocações* e como *deslocamentos* no espaço social", como jogo, em que os movimentos do jogador são decididos em função da sua posição, interesses, recursos e da avaliação da posição, interesses e recursos dos outros jogadores. Isso também exige que o pesquisador trilhe o caminho no sentido de formar um conhecimento prévio do *campus* no qual o entrevistado se move, e das condições do entrevistado nesse *campus* a partir da análise da "estrutura da distribuição dos diferentes tipos de capital que estão em jogo no campo considerado". Desta forma, Bourdieu toma uma perspectiva de trajetória como o "conjunto das relações objetivas que vincularam o agente considerado [...] ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e que se defrontam no mesmo espaço de possíveis" (BOURDIEU, 2004: 81-82). Trata, portanto, a trajetória de um indivíduo sempre como relativa às condições objetivas de existência de um grupo social do qual o indivíduo faz parte.

A pesquisa sobre trajetórias de vida assim compreendida, quando em contextos de mudança social, permite examinar a interação entre contextos objetivos e significados subjetivos, entre as escolhas e projetos individuais e o campo de possibilidades onde se situam os agentes (BORN, 2001). Assim, ainda que referida a um

indivíduo, uma trajetória individual sempre estará relacionada com a trajetória social da coletividade à qual o indivíduo está ligado.

Esta forma de pensar as trajetórias tem a ver com o que Norbert Elias definiu como a interdependência entre o indivíduo e o coletivo, nos seguintes termos:

> A imagem do homem como "personalidade fechada" é substituída aqui pela de "personalidade aberta", que possui um maior ou menor grau (mas nunca absoluto ou total) de autonomia face a de outras pessoas e que, na realidade, durante toda a vida é orientada para outras pessoas e dependente delas. A rede de interdependências entre os seres humanos é o que os liga. Elas formam o nexo do que aqui é chamado configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes. Uma vez que as pessoas são mais ou menos dependentes entre si, inicialmente por ação da natureza e mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderíamos nos arriscar a dizer, apenas como pluralidades, apenas como configurações. [...] Vista deste ponto de vista básico, desaparece a cisão na visão tradicional do homem (ELIAS, 1994a: 249)

A abordagem de Elias aponta para a interdependência entre indivíduo e sociedade[5], de tal forma que tanto a sociedade quanto o indivíduo podem ser tomados como *configuração*. O conceito de configuração é basilar na obra de Elias e serve para designar as diferentes formas que assumem as redes de interdependências entre os homens – famílias, associações, cidades, estados nacionais, sistema capitalista etc. O

[5] A construção teórica de Elias está assentada sobre a crítica à idéia do indivíduo da filosofia clássica e às conseqüências da importação dessa concepção de indivíduo no pensamento sociológico. Elias critica Weber em sua acepção do «indivíduo absoluto», pois vem daí a distinção weberiana entre o indivíduo «real» e a sociedade «irreal», como se esta fosse abstração e as estruturas, tal como o estado, a família, o exército, a igreja não tivessem "outro significado que não o de um padrão particular da ação social das pessoas individuais" (WEBER, s/ref., citado por ELIAS, 2005a: 127). Seguindo este caminho, Weber transforma as estruturas e regularidades em produtos de artifícios sociológicos, os chamados «tipos ideais». Também a crítica de Elias a Durkheim vem deste estudioso não ter ultrapassado a posição dicotômica entre indivíduo e sociedade, ao separar os fenômenos sociais das representações que os indivíduos fazem deles. Desta forma, diz Elias, Durkheim propõe uma imagem que reforça "a idéia de que a «sociedade» existe para além dos indivíduos ou que os «indivíduos» existem para além da sociedade" (ELIAS, 2005a: 130). Na leitura de Elias, essa divisão entre o que se designa como individual e o que se designa como social, como foi operada por Weber, ou entre o fato social e as representações que fazemos deles, como fez Durkheim, produz o seguinte efeito: "Somos levados a acreditar que o nosso «eu» existe de certo modo «dentro» de nós, e que há uma barreira invisível separando aquilo que está «dentro» daquilo que está «fora» – o chamado «mundo exterior»" (ELIAS, 2005a: 129). Daí, diz Elias, vem a confusão que o conceito de indivíduo estabelece ao induzir o pensamento para a imagem do adulto isolado, independente dos outros, o que é mais explicito nas idéias de «individualidade» e de «individualismo». Veicula, portanto, uma imagem de indivíduo e sociedade como duas formas com existências isoladas (ELIAS, 1994b).

conceito diz respeito às relações entre as pessoas e aos efeitos da multiplicidade de relações entrelaçadas sobre as orientações individuais e coletivas, em um processo que nem pode ser planejado nem orientado totalmente por nenhuma das partes isoladas, justamente por não poderem controlar os efeitos gerados por múltiplas relações entrelaçadas. Elias utiliza os modelos de jogos como exemplo:

> Nem o "jogo" nem os "jogadores" são abstrações. Ocorre o mesmo com a figuração que os jogadores formam ao redor da mesa. Se o termo "concreto" tem um sentido, pode-se dizer que a figuração formada por esses jogadores, e os próprios jogadores, são igualmente concretos. *O que é preciso entender por figuração é a imagem global sempre mutante que formam os jogadores; ela inclui não apenas o intelecto deles, mas toda sua pessoa, as ações e as relações recíprocas.* (ELIAS, 2005a: 142; grifo meu)

Essa dinâmica endógena das configurações, de processos gerados nas relações entre os indivíduos e dos efeitos gerados como entrelaçamentos de múltiplas relações sociais é a base para entender as relações entre indivíduo e sociedade no pensamento de Elias. Desta forma de entrelaçamento é que se pode desmanchar a idéia de um "homem individual" de existência interior autônoma da sua vida social, um ser psicológico independente do ser sociológico e biológico, cuja gênese, segundo Elias, estaria diretamente relacionada ao *individualismo* do século XIX que, nas lutas políticas antagônicas ao *socialismo*, grafou os sentidos modernos do indivíduo como opostos ao coletivo (ELIAS, 1994b: 134).

Na teoria de Elias, há uma articulação entre a «sociogênese» dos processos sociais e a «psicogênese» dos processos individuais: o mesmo aparato dinâmico que produz resultados estruturais na sociedade produz resultados comportamentais no humano, de tal forma que ambas as curvas tendem a se encontrar, gerando a adaptação de cada um à dinâmica social: "Comportamento' significa ajustamento a situações mutáveis", define Elias (2005a: 119). A este processo de adequação entre o

comportamento dos indivíduos e as estruturas sociais Elias chama «processo civilizador», conceito fundamental no conjunto de sua obra, que lhe permite explorar:

> a ligação entre os desenvolvimentos 'macro-sociológicos' na estrutura da sociedade *versus* os desenvolvimentos 'micro-sociológicos' das experiências pessoais, num nível mais fenomenológico, o nível das emoções, e o que chamamos agora de nível do 'habitus'. (MENNEL, entrevista a GEBARA, 2005: 40)

Elias fala de um lugar privilegiado desse entrelaçamento micro-macro. Ainda que seja mais conhecido por seus estudos macro-sociais e dos processos sociais mais gerais, Elias também enveredou por estudos sobre pequenas comunidades e sobre profissões e trajetórias individuais. Procurando entender mudanças em nível macro numa sociedade a partir do estudo de uma trajetória individual, ele procurou, para tanto, indivíduos que refletissem os dilemas de uma determinada época em que o novo e o velho, na sociedade na qual eles viviam, co-existiam em tensão, ou seja, em momentos determinados do processo de mudanças sociais mais profundas em que a tradição resistia à inovação. É o caso de dois pequenos textos por ele publicados: *Mozart, sociologia de um gênio* e *A peregrinação de Watteau à Ilha do Amor*.

O estudo da vida de Mozart, tal como o estudo sobre a obra do pintor Antoine Watteau, intitulada *O embarque para a Ilha de Cítera*[6], vem do interesse de Elias em perceber esses momentos de transição de uma ordem social para outra sob a ótica de "indivíduos que refletissem tanto o passado como a novidade", nesse momento mesmo da ebulição das mudanças, onde a velha forma ainda não desaparecera completamente e a nova forma ainda não se estabelecera definitivamente (KORTE, 2005: 10). Mozart, no início do século 19, ocupava então uma posição social semelhante à que Watteau

[6] Elias explica que Antoine Watteau pintou três telas sobre o mesmo tema. Além desta citada, datada de 1719, que se encontra em Berlim, há uma versão no Museu do Louvre com o título de *Peregrinação para Cítera*, de 1717 e uma terceira, de 1709, intitulada *A ilha de Cítera*. A obra foi pintada para ser submetida ao exame da Academia de Belas Artes, o que Watteau fez ao concluir a terceira tela.

ocupara no início do 18, que "ilustra nitidamente a situação de grupos burgueses *outsiders* numa economia dominada pela aristocracia de corte, num tempo em que o equilíbrio de forças ainda era muito favorável ao *establishment* cortesão, mas não a ponto de suprimir todas as expressões de protesto" (ELIAS, 2005b: 16).

Mozart não era de família burguesa – seu pai era músico da corte –, mas expressava o desejo de viver como músico autônomo, compondo e vendendo suas obras. Ou seja, tinha o desejo moldado por uma forma de vida artística que emergia na sociedade burguesa e que, para os músicos de sua geração ainda estava em gestação. Como qualquer processo de mudanças sociais não é homogêneo e simultâneo em todas as áreas, Mozart vivia um dilema semelhante ao experimentado pelo pintor Watteau, praticamente um século antes dele, quando o campo das artes plásticas passava pelo mesmo processo de transformação dos modos de fazer e temáticas, acompanhando a ascensão da burguesia.

Mas, porque Mozart não conseguiu estabelecer-se como músico autônomo tal como fez Bethoven, seu contemporâneo, embora poucos anos mais jovem e morando em Paris? Segundo Elias, não é na ação individual que se deve buscar essa resposta, mas na relação entre a pessoa e a sociedade, tomada pela ótica das oportunidades de realização – e frustração – que são criadas,

> pela estrutura específica de sua sociedade e pela natureza das funções que as pessoas exercem dentro dela, E, seja qual for a oportunidade que ela aproveite, seu ato se entremeará com os de outras pessoas; desencadeará outras seqüências de ações, cuja direção e resultado provisório não dependerão desse indivíduo, mas da distribuição do poder e da estrutura das tensões em toda *essa rede humana móvel*. (ELIAS, 1994b: 48; *grifo meu*).

Deste modo, Elias coloca a liberdade de cada pessoa dentro de uma rede móvel de interdependências: o que é possível a uma pessoa decidir ou fazer está circunscrito nas redes de dependências recíprocas e no repertório de pensamentos e atitudes

daquela sociedade específica, que estão sempre em movimento. Apesar das tentativas, Mozart não conseguia dirigir sua carreira a seu gosto, porque as mudanças, assim como as relações em sociedade, nunca podem ser totalmente controladas e direcionadas segundo a vontade por um só componente. Pois, segundo Elias, todas as relações comportam tensões e o equilíbrio das tensões é conseguido no jogo social, no qual as forças das partes são desiguais e as decisões racionais são desafiadas até mesmo pelo imprevisível, que pode desestabilizar as situações e posições de cada uma delas (ELIAS, 1995, 2001b).

Existe na teoria de Elias uma noção de *campo de possibilidades* que circunscreve as formas de ser e de agir dos indivíduos. O indivíduo não é somente o resultado do desenvolvimento psíquico singular, do processo de maturidade que o faz deixar a infância; a «psicogênese» do indivíduo, que Elias define como o processo de formação dos controles individuais, se desenvolve na interdependência com a «sociogênese» da sociedade à qual ele pertence, na relação com modelos de idéias e de comportamentos. Diz Elias que "a constituição que cada um traz consigo ao mundo, e particularmente a constituição de suas funções psíquicas, é maleável" e que dependem "sempre da natureza das relações entre ela e as outras pessoas" (ELIAS, 1994b: 27). Assim, no pensamento de Elias, o indivíduo não é um ser dividido entre um lado interior, a *psique*, e o seu exterior, a forma como ele se manifesta no social, mas é um ser relacional, que se forma enquanto toma parte nessa rede de inter-relações sociais:

> cada pessoa singular, por mais diferente que seja de todas as demais, tem uma composição específica que compartilha com outros membros de sua sociedade. Esse *habitus*, a composição social dos indivíduos como que constitui o solo de que brotam as características pessoais mediante as quais um indivíduo difere dos outros membros de sua sociedade [...] algo que poderia ser chamado de grafia individual inconfundível que brota da escrita social. (ELIAS, 1994b: 150)

Essa forma de Elias tratar a questão indivíduo-sociedade se manifesta na diferença entre o *habitus* de Bourdieu e o de Elias, uma diferença que aponta para caminhos distintos em pesquisa, como mostra o conjunto de suas vastas obras pessoais. O *habitus* bourdieusiano aponta para um processo de socialização primária marcante e tão forte que pode ser reconhecido ao longo de toda a vida adulta, às vezes até em momentos em que, aparentemente, deveriam prevalecer *habitus* produzidos na maturidade da vida adulta e profissional[7]. Em Elias, o *habitus*, ainda quando o sujeito esteja ciente de certas implicações da origem social e familiar em sua vida, apresenta-se como um conjunto de *grafias* sobrescritas umas às outras, em diversos momentos da vida, como resultado de assimilações, rejeições e adaptações dos sujeitos, ao que ele denomina processos civilizadores individuais. As marcas da infância e da juventude estão lá grafadas, são bases sobre as quais se escreveram outras grafias que, escritas sobre as primeiras, alteram-nas pela mistura, pela condensação. É verdade que Elias admite que alguma das camadas desse *habitus* social poderá ganhar proeminência, sugerindo a questão da identidade nacional (ELIAS, 1994b), mas é Bourdieu quem radicaliza essa questão da identificação do *habitus*, vinculando-o fortemente à *classe social*.

Segundo a crítica de Charlot (2000), o *habitus* que Bourdieu cunhou é um tipo de "psiquismo de posição", é a interiorização do mundo social, constituído *na* e *pela* posição social, portanto, sempre ancorado na origem do grupo social ao qual o indivíduo pertence. É neste ponto, entendo eu, que as linhas de fuga que permitem

[7] E ele demonstra isto quando aplica este modelo teórico nele mesmo, em seu livro autobiográfico, *Esboço de auto-análise*, se referindo à forma deselegante e um tanto grosseira, a seu ver, de como ele ministrou a conferência de ingresso no *Collège de France*, fazendo críticas ácidas ao pensamento sociológico que alguns de seus pares, ali presentes, representavam, sem poder contestá-lo, devido à regra do ritual. Bourdieu, em autocrítica, disse que entendia isto como uma manifestação de seu *habitus* familiar e escolar: o seu comportamento, explicou ele, era de quem sempre se sentiu discriminado por sua origem de família de *funcionário* modesto do interior da França, e que se sentia impelido, no ambiente escolar, a afirmar-se através de disputas intelectuais com os colegas.

explicar as diferenças individuais, os desvios – que podem ser do tipo apontado por Elias em Watteau e Mozart, por exemplo –, ou admitir até mesmo as variações que podem sobrevir do acaso, do imprevisível e não-planejado, tem maior alcance na elaboração formulada por Elias do que na formulada por Bourdieu. Porque, se o *habitus* "molda as estruturas mentais e impõe princípios de visão e de divisão comuns" (BOURDIEU, 2004: 105), que tipo de orientação crítica poderá ter o indivíduo diante da sociedade que o socializou para reproduzi-la? Sendo assim, como explicar as tensões e conflitos que têm por base as diferenças geracionais nesse esquema de reprodução social?

Bernard Lahire, sociólogo francês que busca a superação das teorias de Bourdieu a partir da pesquisa empírica e do diálogo critico com a sociologia bourdieusiana, fez uma analogia entre *habitus* em Bourdieu e em Elias, porém, ressaltando a distinção entre a produção teórica destes dois intelectuais:

> Bourdieu pensava que seria sobre a base de um *habitus familiar* bastante coerente *já constituído* que as experiências ulteriores adquiriam sentido. *Os esquemas de socialização são de fato muito mais heterogêneos e cada vez mais precoces.* [...] Uma outra diferença entre a abordagem eliasiana e a abordagem bourdieusiana é o fato de que Elias apresenta como centro de sua sociologia a idéia de relações de interdependência entre indivíduos que formam então configurações sociais específicas e se constroem por meio dessas relações de interdependência. Bourdieu definiu os indivíduos sobretudo pelo volume e estrutura de seu capital (essencialmente o econômico e o cultural). Ainda que aparentadas, estas são duas concepções antropológicas definitivamente diferentes. (LAHIRE, 2004b: 318-9; *grifo meu*)

Bourdieu desenvolve uma sociologia da reprodução social explorando o "peso" do passado incorporado sobre as práticas sociais ao levar a fundo o uso do conceito de *habitus* na análise sociológica. Já Elias desenvolve uma sociologia do processo onde está presente a gênese dos *habitus*, mas, em sua teoria, as relações de interdependências ocupam o centro da análise das práticas sociais. Lahire (2004: 21) observa que Elias submete o conceito de *habitus* a essa economia psíquica sob a qual

os indivíduos se formam dentro de redes de interdependências que eles mesmos ajudam a criar. Concordo com a interpretação deste autor francês ao ler, em Elias, que "a estrutura e a forma do comportamento de um indivíduo dependem da estrutura de suas relações com os outros indivíduos" (ELIAS, 1994b: 104), e, ainda, que "os diversos caminhos pelos quais opta lhe são prescritos pela constituição de seu círculo de ação e de suas relações de interdependência" (ELIAS, 1994b: 95). Desta forma, o passado tem muito mais peso sobre as praticas sociais em Bourdieu do que em Elias.

À "questão da juventude" Bourdieu (1983) responde que "juventude não é mais que uma palavra", alertando, com razão, que essa categoria social é clivada por diferenças de classe e de grupos de *status*, diferenciando as experiências de jovens segundo as filiações desses às classes trabalhadoras ou às classes médias e altas, e também alertando para as ambigüidades embutidas sob o mesmo rótulo de "problemas da juventude" (BOURDIEU, 1986). A essa mesma questão Elias responde que os jovens podem agir motivados por uma necessidade de buscar um sentido na vida, "um propósito que favoreça a plena realização pessoal e possa ser vivenciado com significativo", que traz embutido um desejo de diferenciação inerente ao processo de individualização e de busca de autonomia do jovem (ELIAS, 2007a).

O que merece destaque na comparação entre essas considerações de cada um é que as respostas apontam para caminhos diferentes na pesquisa sobre jovens e juventudes. Bourdieu relativiza a questão geracional em favor das divisões sociais mais "fundamentais" que seriam a classe, ou poderia ser a nacionalidade, nas situações dos imigrantes na Europa, opondo-se às tentativas de homogeneização de um discurso sobre *a* juventude[8]. Elias toma a questão geracional como questão social, de

[8] Neste sentido, concordo com a crítica que Charlot faz a Bourdieu, segundo a qual, apesar de negar o sujeito da filosofia clássica – livre e racional –, Bourdieu, no entanto, faz do *habitus* um tipo de

diferenciação entre as gerações, que não apagam as demais diferenças, nem submergem diante delas, e, simultaneamente, como questão individual, ligada aos anseios e necessidades, "às razões do humano", como disse de Mozart, que "morreu pela falta de significado de sua vida, por ter perdido completamente a crença que seus desejos mais profundos seriam satisfeitos" (ELIAS, 1995: 9).

Nisto, a perspectiva aberta por Elias traz a possibilidade de considerar como indivíduos jovens se diferenciam de seu grupo social de origem, e mesmo de seu grupo social atual, ocupando as margens, os interstícios dos lugares sociais, podendo apresentar trajetórias dissonantes de seu grupo social[9]. Mas, ainda assim, as trajetórias individuais interessam à sociologia porque elas podem contribuir para o estudo das mudanças sociais, trazendo à tona os efeitos variáveis das mudanças sobre os grupos sociais, tal como Elias fez no estudo das trajetórias de Mozart e de Watteau.

Bernard Lahire considera que "as entrevistas biográficas podem apresentar meios excelentes de questionar os modelos de personalidade coerente e estável,

---

"psiquismo de posição", pensado unicamente a partir da posição social do indivíduo. Se o *habitus* é "incorporação", ou seja, internalizado, é o exterior que dá inteligibilidade ao interior. Sendo assim, onde está o sujeito? Charlot admite que uma distensão desta posição foi ensaiada por Bourdieu na obra *A Miséria do Mundo*, quando ele admitiu que "as estruturas mentais não são mero reflexo das estruturas sociais". De um lado, admite a força do desejo interior: "a ilusão é determinada desde o interior a partir das pulsões que impelem a investir-se no objeto". Porém, de outro lado, enquadra esse desejo, prendendo-o a "um universo particular de objetos socialmente oferecidos ao desejo". Assim, para Bourdieu, "o desejo se manifesta somente, em cada campo [...], sob a forma específica que este campo lhe assinala num momento dado do tempo [...]"(BOURDIEU, 2003: 592-3). É por isto que Charlot diz que podemos considerar que cada entrevista individual que figura nessa obra de Bourdieu (*A miséria do mundo*), representa uma posição de um grupo social e que mesmo aí Bourdieu continua desenvolvendo uma sociologia das posições dos grupos sociais (CHARLOT, 2000: 35-9).

[9] O que Elias exemplifica com o modelo de jogos é que todos os indivíduos que formam um grupo social mantêm uma dinâmica de relações interdependentes, que é formada pelo efeito de múltiplas e variadas transações entre todos. Essas dinâmicas, ou processos sociais, então, são produzidos pelo efeito de múltiplas relações e esses efeitos exercem influências sobre os indivíduos. A contribuição de Elias às ciências sociais está em não considerar o individuo na suposta liberdade de seu ego próprio e independente, senão em sua inscrição no seio de dependências recíprocas que constituem as configurações sociais às quais ele está ligado (CHARTIER, 2001). Para Elias as chamadas propriedades pessoais nunca são simplesmente interiores. Mas as influências que emanam desses processos sociais, que vêm de múltiplas relações sociais entre pessoas de *habitus* e modos de vida distintos, ampliam as possibilidades dos indivíduos se diferenciarem entre si. (ELIAS 2005a).

associados a modelos de decisão sem incertezas" (2004: 35), para mostrar as contingências e heterogeneidades em grupos sociais que podem ser identificados como uma classe social, ou uma etnia, por exemplo.

1.3 – Rumo às trajetórias de vida

A partir de tal concepção de Elias sobre o processo de formação do indivíduo, em que a *psicogênese* do indivíduo estaria entrelaçada com a *sociogênese* de uma configuração social, pode-se afirmar que o indivíduo amadurece não pela sucessão dos ciclos de vida, da infância para a juventude, desta para a idade adulta, mas amadurece pelas coações sociais que acompanham sua trajetória e que se modificam também com o desenrolar da história (WAIZBORT, 1998).

Desta forma, é possível questionar a idéia do ciclo de vida pensado sob o signo da *transição*, pois que este conceito induz a refletir sobre o processo vital do ser humano de forma linear, a partir de enquadramentos que representam cada etapa da vida associada a características que seriam essenciais para os indivíduos que se encontram nesse momento da vida. Se as etapas da vida e as representações sobre elas são fruto de construções históricas datadas, conforme demonstrou Ariès (1981), como utilizar um conceito amplamente baseado na estabilidade de posições sociais adquiridas na vida adulta – autonomia em relação à família de origem, independência financeira, formação de novo núcleo domiciliar –, quando a vida na contemporaneidade é cheia de incertezas e instabilidades?

Pensar em transições implica estabelecer quais seriam as exigências a cumprir para passar de uma etapa da vida à outra. Portanto, exige classificar as fases a partir de características socialmente constituídas. A juventude, pensada a partir da ótica da

transição, é definida como a etapa do ciclo de vida que se inicia com o fim da adolescência, quando o indivíduo adquire, progressivamente, autonomia em diferentes domínios: civil, com a maioridade; residencial, com a saída da casa dos pais; econômica, com capacidade para sustentar-se sem depender de ajuda de outro, e familiar, tornando-se responsável por um novo núcleo (GALLAND e LAMBERT, 1993).

A própria explicitação dessa definição mostra o problema de se considerar a vida adulta a partir de indicadores que são determinados social e culturalmente e que, eventualmente, podem ocorrer em qualquer fase do ciclo da vida. A juventude, pensada nesses termos, teria um marco inicial mais ou menos claro, relacionado ao fato biológico – o fim da puberdade – e ao fato legal – a maioridade civil. No entanto, considerando que os demais marcadores desta transição – autonomia residencial, econômica e familiar –, remetem a contextos socioculturais específicos, torna-se extremamente difícil a tarefa de classificar quando exatamente o indivíduo deixa de ser jovem e passa à vida adulta, ou quem é jovem e quem é adulto (DURSTON, 1998b).

Pensar a passagem da juventude à vida adulta a partir desses elementos – a profissionalização, a aquisição da autonomia financeira através do trabalho e a formação de um novo núcleo familiar –, torna complexa a teorização sobre a diversidade das situações sociais de jovens, especialmente em sociedades como a brasileira, bastante instáveis do ponto de vista empregabilidade e das situações de moradia, que apontam para vários modos de ser jovem ou adulto (CAMARANO *et al.*, 2004; PIMENTA, 2007; PAIS, 1995). O conceito de transição pressupõe o adulto de forma idealizada, tomando-o como identidade-modelo (BOURDIEU, 1983). Considera a vida adulta como a fase das escolhas consolidadas, da estabilidade, a juventude, por oposição, seria caracterizada pela instabilidade (VIANNA, 1997).

A idealização de uma vida adulta estável joga para trás uma série de situações da vida como ela é vivida pelos "adultos reais" das sociedades contemporâneas, os quais, cada vez mais, vêem-se fragilizados do ponto de vista da autonomia econômica, residencial e familiar, muito mais ainda neste momento de crise do sistema capitalista global. Neste modelo que nasce da noção de «transição», muitas pessoas, inclusive adultos, seriam caracterizados por viver uma "transição sem fim", visto que as "condições contemporâneas da vida se inscrevem na insegurança, na turbulência e na transitoriedade" (SPOSITO, 2000: 9).

Chamboredon identificou, há mais de 20 anos atrás, nas sociedades européias, que alguns aspectos da vida social que antes designavam a maturidade passaram a ser atribuídos a indivíduos mais novos, como o exercício da sexualidade, a diminuição da idade para a maioridade civil, para a criminalização penal, para o exercício do voto etc, modificando "a estrutura e a condição dos atributos sociais da juventude, os modos de ascensão à maturidade" (1985: 18). Para Chamboredon, assim como para Bourdieu (1983), trata-se de uma luta para estabelecer as posições sociais das gerações, no presente e no futuro, que está intrinsecamente relacionada com a questão do acesso e permanência no mercado de trabalho. Portanto, trata-se de uma disputa pelo poder entre as gerações, nos seguintes termos: "Nas definições de juventude sempre há alguém empurrando alguém para ser jovem e não ter poder, ou alguém que está retirando alguém da juventude e levando-o a entrar na maturidade para trabalhar" (NOVAES, 2002: 47).

A complexidade das novas situações tem levado alguns pesquisadores a estabelecer um leque amplo de modelos de transição para a vida adulta. O IPEA desenvolveu uma pesquisa baseada em análise da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD) de 1982 e 2002, "para explorar as variadas formas de transição

para a vida adulta entre os jovens que se tornaram independentes, saindo da casa dos pais na condição de chefes e cônjuges, e entre os que nela permanecem na condição de filhos e outros parentes" (CAMARANO *et. al.*, 2004). Essa multiplicidade de situações levou a equipe da pesquisa a estabelecer 5 modelos de transição somente para classificar os jovens que continuavam na condição de filhos, nomeadas como: a) transição tradicional; b) escolarização prolongada; c) transição parcial; d) transição indefinida; e) transição precoce. Desta forma, fica ainda mais difícil definir quando efetivamente ocorre a transição para a vida adulta. Na conclusão dessa pesquisa, "a multiplicidade de situações em que a transição pode ocorrer" é assumida, como também se assume "que os processos são marcados por trajetórias não-lineares das fases da vida, podendo, por exemplo, os filhos virem antes do casamento, o casamento antes da inserção no mercado de trabalho, e assim por diante" (CAMARANO *et al.*, 2004). Logo, um processo de transição assim tão estendido acaba não se aplicando mais à situação da transição da juventude a vida adulta, por se referir a acontecimentos que atravessam a vida também do adulto e não apenas de quem está em transição.

Olivier Galland, um importante pesquisador das transições na sociedade francesa, também propôs um desdobramento a partir do modelo tradicional de transição – escolarização, trabalho e formação de nova família –, acrescentando dois períodos intermediários, um anterior e outro posterior à *juventude*. O anterior seria a "pós-adolescência", que combina a vida ativa do adulto com a total dependência familiar, diferindo da "juventude" na acepção "francesa", da pessoa que adquiriu certa independência dos pais, ainda que parcial, por ter arranjado trabalho ou deixado a casa paterna – mesmo que seja para morar em uma república de estudantes. A etapa de transição posterior à juventude seria a "pré-adulta", quando se forma um jovem casal, mas ainda sem filhos e a maternidade ou paternidade concluiria a transição para a vida

adulta (GALLAND, 1997). Embora o autor francês aponte para a «dessincronização» das etapas de transição, rompendo com o modelo tradicional linear, esse novo modelo é um desdobramento da mesma racionalidade do modelo tradicional e continua preso às noções de irreversibilidade nas transições e à análise em termos de etapas e fases.

José Machado Pais (1995) aponta para a ambigüidade do processo de transição quando confrontada com o que ele chama de «princípio da reversibilidade», que nada mais é do que a alternância das condições consideradas definidoras de uma transição efetivada. Afirma este autor que as distinções entre estudante/não-estudante, trabalhador/não-trabalhador, casado/solteiro, utilizadas como marcadores da transição para a vida adulta são, hoje, permeadas por situações intermediárias e reversíveis nas trajetórias de jovens e adultos das sociedades contemporâneas, principalmente a partir dos anos 1990, levando o autor a denominar as novas gerações como "geração io-iô". O que o autor explora é que a saída da casa dos pais poderá não ser definitiva, como também a profissão pode não ser definitiva, nem a autonomia financeira, nem a manutenção de um novo núcleo residencial independente da casa dos pais, enfim, considera que todas estas situações podem ser reversíveis.

Partindo do quadro exposto sobre as transições, pode-se pensar em situações que testariam a eficácia dessa noção: a) casar sem ter trabalho; b) casar e morar na casa dos pais; c) ter filhos sem casar; d) casar sem ter filhos; e) trabalhar sem ter adquirido alguma profissão ou ofício; f) constituir um núcleo familiar independente e continuar dependente financeiramente dos pais; g) ter autonomia financeira e morar com os pais etc. O que é preciso considerar, então, não é somente a diversidade de situações que advêm dos contextos estruturais, mas a emergência de novos estilos de vida (PAIS, 1993).

Pimenta (2007), em tese recentemente defendida, assume a perspectiva teórica de um grupo de pesquisadores da Universidade Autônoma de Barcelona, EL GRET

(Grupo de Recerca Educación i Treball), segundo o qual a juventude seria definida por critérios psicológicos e identitários, referidos em contextos estruturais, históricos e culturais específicos que,

> teria inicio a partir das mudanças fisiológicas e psíquicas da puberdade e seria concluído com a formação de um núcleo familiar independente do original [...] *ou pelo desenvolvimento de uma vida própria* separada do núcleo de origem, *solitariamente ou compartilhada por outras pessoas*.(PIMENTA, 2007: 82; grifo meu)

A novidade nessa definição, assinalada pelo grifo, é oferecer uma abertura maior aos diferentes estilos de ser jovem e de ser adulto, escapando do modelo matrimonial de moradia. A idéia de uma transição que se completa com o "desenvolvimento de uma vida própria *separada do núcleo de origem*" incorpora a idéia da tensão familiar entre pais e filhos e uma teoria de papéis que se alterariam com essa separação. Entretanto, se isto significa que há necessidade da separação física para a solução da tensão entre pais e filhos e para a total emancipação desses jovens através do reconhecimento deles como adultos, tal como a proposição parece sugerir, então como entender as inúmeras situações presentes na sociedade brasileira em que coabitam até 3 gerações da mesma família em um mesmo domicílio? Situações que ocorrem muitas vezes devido a questões financeiras ou relacionadas à saúde, que podem resultar tanto da dependência dos filhos em relação aos pais, quanto pela dependência dos pais em relação aos filhos. Ao que parece, no caso brasileiro, tal proposição ainda representa um ideal e considero duvidoso pressupor que estes que permanecem coabitando com os pais não tenham se emancipado plenamente.

A partir deste referencial teórico, Pimenta constrói sua tese baseada na noção de transição articulada à outra noção, a de trajetória, criando então uma "terceira via", que ela chama de *trajetórias de transição*. Para isto a autora também se apóia no conceito de *curso de vida*, o qual, segundo Hareven (1978), engloba três aspectos

analíticos: o *tempo* individual para cada um realizar as diversas transições durante a vida; a *interação* entre as condições históricas e as transições individuais; e a *integração* entre diferentes transições ao longo da vida. Ou, segundo Elder (1985), o *curso de vida* engloba as diferentes passagens ou caminhos percorridos durante a vida dos indivíduos, passagens que a autora toma como equivalente de trajetórias.

Todo este percurso teórico empreendido por Pimenta (essas junções entre noções e conceitos diferentes) implica a preocupação de evitar a linearidade embutida nos conceitos. A autora busca um referencial que permita evidenciar "a existência de 'rupturas' (interrupção dos estudos antes da sua conclusão, situações de desemprego, rompimento das relações afetivas etc.)", e demonstrar as possibilidades, sempre abertas, de "retomadas' (dos estudos, mudanças de atividade, ocupação e emprego, saída e retorno à casa dos pais etc.)", levando em consideração tanto as condições objetivas quanto os fatores subjetivos das ações individuais (PIMENTA, 2007: 84-5).

No entanto, a idéia de uma *trajetória de transições* não oferece uma resposta satisfatória, a meu ver, quando se considera que as transições são processos que podem atravessar toda a existência da vida na contemporaneidade, dadas as possibilidades de reversibilidade nas situações da vida. Assim, a idéia continua aprisionada pelo sentido de passagem, fortemente evocado ao se falar em transição, tanto que a autora tipifica transições em 3 níveis:

> uma mais "lenta", associada às camadas mais privilegiadas da pirâmide social, outra mais "precoce", associada aos segmentos menos favorecidos e uma terceira "errática", em que o processo de transição apresenta "reversões" de algumas etapas, como por exemplo, o abandono dos estudos, o desemprego e a volta ao lar familiar após o divórcio (PIMENTA, 2007: 16).

É visível como permanece a idéia de uma passagem que, no caso, ainda é tipificada diferencialmente segundo as classes sociais, com exceção do terceiro tipo de

transição, que é considerado incompleto ou errático, criando uma classificação à maneira da construção de "tipos ideais" weberianos. Mas por que isto? Parece-me que, detrás desta e de outras tipologias, ainda permanece a identificação das instabilidades da juventude e da vida estável da condição adulta, tomando o adulto como identidade modelo (BOURDIEU, 1983).

Entendo, como Muller (2008), que a perspectiva de pensar a juventude sob a ótica da transição esbarra no esvaziamento dos "sentidos das construções dos jovens, pois eles mesmos estariam sendo pensados como os adultos que ainda não são". Muller toma a perspectiva de considerar "todo o *curso da vida como um processo*", na forma como propõe Featherstone (1994), entendendo que em todo ciclo da vida, os grupos de idade podem ser conhecidos através de "valores, ideologias, normas de comportamento e responsabilidades diferentes, embora relacionados entre si, construídos mutuamente e em constante dinâmica" (MULLER, 2008: 258).

O estudo das *trajetórias* que proponho fazer nesta pesquisa, se dedica à tarefa de problematizar a diversidade de experiências da vida juvenil, sem tentar tipificá-las, dado o caráter desta pesquisa qualitativa, trabalhando com os entrelaçamentos entre os acontecimentos da vida do agente e os acontecimentos sociais, entre estes acontecimentos e as significações que os indivíduos constroem sobre eles. E, ainda, entre estes significados e as visões de mundo presentes na sociedade. No entanto, se diferencia do estudo de transições, pois não atém em verificar se os indivíduos aqui estudados apresentam ou não as características do adulto, mas busca encontrar nas formas de identificação dos sujeitos, quais os elementos que eles próprios definem a juventude e a vida adulta.

A juventude será aqui tratada por intermédio de jovens que se auto-identificam enquanto tal, ou que são identificados por outras pessoas, seja do seu próprio grupo

etário, seja do grupo etário adulto. Mas, ao tratar sobre jovens, a referência às faixas etárias é um recurso necessário para assinalar as diferenças entre as gerações. E, no plano teórico, o conceito de geração será um dos suportes analíticos desta tese, o que implica observar, como afirma Velho (2006: 193), as faixas e delimitações etárias como uma referência de identificação.

Alguns dos jovens entrevistados, aqueles que estavam na faixa de 20, 21 anos de idade para baixo, não sabiam se eram jovens ou adolescentes; e outros, que estavam na faixa de 25 anos para cima, não sabiam se eram jovens ou adultos. Essas incertezas também evidenciam que a passagem para a vida adulta não é um evento, mas um processo, e tampouco é exclusivamente relacionada às condições objetivas, como ter uma profissão, ou formar uma família, que são indicadores fracos da "passagem para a vida adulta", dado que hoje, existem jovens e até adolescentes que formam família e, por outro lado, adultos que moram com os pais e que podem não ter uma profissão. Assim, a distinção entre quem é jovem e quem é adulto, também articula categorias subjetivas que são avaliadas a partir do comportamento social dos indivíduos, na trama com as condições objetivas, que são relativizadas, mas não descartadas.

O estudo das trajetórias permite ver como "cada um fia o seu caminho", considerando que a passagem para a vida adulta é um processo de auto-reconhecimento e de reconhecimento social. Desta forma, articulam-se aspectos e subjetivos envolvidos nesse processo, sem mergulhar pelo viés "psicologizante" das interpretações sobre a maturidade individual, pois que toma a maturidade como processo social que vai além da sucessão dos ciclos da vida, reconhecendo, a partir das interdependências na vida social, que o indivíduo amadurece pelas coações sociais que se modificam também com o desenrolar da história. É desta forma que a teoria eliasiana articula a psicogênese à sociogênese (WAIZBORT, 1998: 68).

Esta perspectiva de tratar as trajetórias a partir das interdependências entre sociogênese e psicogênese, implica em considerar as especificidades que as relações entre jovens e adultos assumem em cada configuração social específica. Implica reconhecer as formas que assumem essa relação em pequenos municípios situados no Sertão, que é parte de uma sociedade maior, reconhecendo como os fatos sociais mais gerais incidem no local, e como o processo histórico, as tradições e as condições sociais atuais imprimem diferenças nas formas como esses processos são vividos.

A perspectiva que tomo da teoria Elias é de considerar as trajetórias dos jovens a partir do campo de possibilidades existentes no conjunto de suas relações sociais, de como esses jovens aproveitam esse campo e de como, nas relações sociais, dão novos contornos a esse campo, ampliam seus limites, inventam novas possibilidades, ou não. Considerar as possibilidades para jovens que são *outsiders*, ou melhor, novatos, que procuram tomar lugar entre os "adultos estabelecidos". Essa trama de relações que envolvem a vida social dos jovens e é tecida com tensões silenciosas e conflitos mais ou menos abertos ou dissimulados, com adesões a idéias e comportamentos estabelecidos e também com negações e novas proposições necessárias aos que buscam "significar a vida", diferenciar-se dos que já estão no mundo.

Existe, ainda, outra contribuição dessa perspectiva eliasiana no pensar as trajetórias individuais: a fortuna, ou acaso, os imprevistos sobre a vida social, retratados nas obras biográficas, como *Mozart, sociologia de um gênio* e, até mesmo, em sua autobiografia, *Norbert Elias por ele mesmo*.

De Ketele (1999) traduz isto em outras palavras: para ele, uma trajetória de vida é marcada por itinerários e itinerâncias. Os primeiros narram os acontecimentos da vida a partir de fases ou etapas cumpridas e das conquistas: a graduação, o primeiro emprego, a promoção, a especialização, enfim, as realizações individuais como devem

figurar no *currículum vitae*, ou, por outro lado, os fatos marcantes da vida particular, como o casamento, o nascimento do filho, etc. O itinerário fala de onde se partiu até onde se chegou, e fala também dos lugares por onde se passou.

No entanto, segundo De Ketele, uma trajetória também é feita de acontecimentos fortuitos, ou itinerância, como nomeia o autor referindo-se àqueles fatos que fazem parte dos bastidores, não planejados. Como por exemplo, o fato de o especialista ter iniciado sua carreira na área sem mesmo tê-la escolhido conscientemente, mas para aproveitar a oportunidade dada por alguém que o convidou para ser assistente. Ou o fato de arrumar um emprego arranjado por alguém que a pessoa conheceu numa festa. Ou de ter a oportunidade para fazer um curso, ou uma viagem, que nunca antes foram cogitados. A itinerância traz à cena a "sorte", a "fortuna", o "acaso", o "imprevisível", o "não planejado", os "erros que deram certo", todos esses elementos que explicam como se chegou ao lugar ocupado atualmente, informações que tendem a ser omitidas quando a narrativa de uma trajetória focaliza apenas o itinerário percorrido.

Se a noção de itinerário enfatiza o olhar retrospectivo para as etapas do caminho e para as conquistas de cada etapa, a noção de itinerância, como propõe De Ketele, direciona nosso olhar para ver o imponderável da vida humana, as possibilidades em aberto, as influências externas, as oportunidades aproveitadas e as não-aproveitadas, os constrangimentos, as circunstâncias alheias à vontade do agente, algumas que ele não pôde evitar, outras que soube aproveitar.

A noção de itinerância lembra Chico Science quando ele canta que "no caminho é que se vê a praia melhor pra ficar"[10]. Nas sociedades contemporâneas em que se supervaloriza a capacidade do indivíduo de adaptar-se às mudanças, de tomar

[10] Referência à música "A praieira", no disco *Da lama ao caos*, de Chico Science e Nação Zumbi.

parte nelas, de acostumar-se às instabilidades, a vida adulta, não só a do jovem, também pode ser caracterizada mais por itinerâncias, do que por itinerários planejados.

Assim, nesta pesquisa, faço uso dessa noção de trajetória de vida, revelada através de escolhas, decisões, indecisões e caminhos percorridos, em parte determinados por constrangimentos familiares, em parte pelo contexto mais amplo, em parte por influências de ordem cultural e simbólica de jovens que são movidos também por idéias e ideais sobre o mundo em que vivem – visão de mundo –, até pelo desejo de se diferenciarem dos "outros" e dos "velhos". Trajetória que conta dos caminhos percorridos, do não planejado, dos imponderáveis, de jovens em relação com um «campo de possibilidades», portanto, da relação deste jovem com este mundo do jovem rural na sociedade atual.

1.4 – No cruzamento de trajetórias de jovens e trajetórias de desenvolvimento no mundo rural

No entanto, a suposta superioridade da capacidade adulta de pensar e planejar não basta para prever os efeitos dos processos de socialização na personalidade dos jovens, efeitos por vezes não pretendidos e indesejados. Mesmo entre aqueles jovens que se mantêm dentro do "normal" socialmente estabelecido e que por isto gozam de uma situação subjetivamente mais satisfatória, a constituição psicológica ocorre de maneira igualmente não planejada:

> Do mesmo molde social emergem seres humanos mais ou menos bem-estruturados, tanto os "bem-ajustados" como os "desajustados", num espectro muito amplo de variedades. [...] Em qualquer dos casos, é a teia de relações sociais em que vive o indivíduo durante a fase mais impressionável, a infância e a juventude, que se imprime em sua personalidade em formação (ELIAS, 2003: 204).

Elias vai investigar os limites do conceito de socialização a partir do questionamento sobre a falta de previsibilidade dos efeitos dos processos de socialização nos indivíduos socializados. Ele vê criticamente as abordagens que se valem desse conceito para tratar da "ligação entre as experiências e formas de conduta das gerações mais jovens" e o "edifício de regras dos adultos". Sua crítica é de que o conceito não dá conta dos problemas e conflitos que resultam da não aceitação desse conjunto de regras pelos mais jovens e, por conseguinte, da criação de novos padrões de comportamento. Diz Elias sobre os jovens alemães da geração dos anos 70-80: "Em vez de assumirem o padrão de comportamento e sentimentos destas últimas [gerações mais velhas], como o conceito de "socialização" induz que se espere, eles começaram por estabelecer seu próprio padrão em oposição àquele" (1997a: 243).

Os limites do conceito de socialização residem na força deste conceito em induzir o olhar sociológico sobre o processo de modelagem dos novos indivíduos de uma sociedade como sendo uma via de mão única, sem contemplar as tensões criadoras de novos padrões de pensar e agir, nem contemplar o sentido inverso da influência dos novos sobre os mais velhos. É preciso aceitar o fato de que os filhos também socializam os pais, que os mais jovens criam novos comportamentos e novas idéias e semeiam o novo no mundo em que são socializados (ELIAS, 1997a: 242-3).

O aparecimento de novos padrões de sociabilidade, prossegue Elias, pode emergir primeiro como expressão da insatisfação com os antigos padrões estabelecidos e se desenvolverem menos por um esforço da razão e mais pela convivência, ou seja, como frutos das experiências de muitas pessoas que buscam novas idéias e novas formas de agir por uma «necessidade de significação da vida»: "[...]um propósito que favoreça a plena realização pessoal e possa ser vivenciado com significativo" (ELIAS,

1997a: 215). Portanto, a reinvenção das formas de sociabilidade é uma das maneiras de uma geração se diferenciar da geração passada.

No artigo "*Terrorismo na Republica Federal da Alemanha – expressão de um conflito social entre gerações"*, publicado no Brasil como capítulo do livro *Os alemães* (1997a), Elias vai buscar evidências empíricas – tomando depoimentos de ex-integrantes de grupos terroristas atuantes nas décadas de 1970 e 1980 na Alemanha ocidental –, de que os conflitos de gerações podem extrapolar o âmbito das famílias e serem vivenciados como conflitos sociais, o que, de certa forma, diminui a sua visibilidade enquanto conflito de gerações na forma pais *versus* filhos.

Para Elias, essa geração de jovens alemães oriunda das classes médias estava menos sujeita ao poder dos pais do que estes estiveram aos seus respectivos pais quando jovens, sobretudo, diz Elias, porque estavam "ganhando seu próprio sustento", agravando os conflitos entre gerações:

> O estabelecimento do *welfare state* e a relativa facilidade com que jovens podiam ganhar dinheiro por trabalho a curto prazo habilitou-os a tornarem-se mais depressa financeiramente independentes de seus pais. Mas a maior independência dos jovens, assim emancipados de seus pais, também os expôs mais cedo às coerções anônimas da burocracia do Estado e, sob certos aspectos, do mercado de trabalho" (ELIAS, 1997a: 214).

Este seria, segundo Elias, um dos fatores principais para o engajamento dos jovens de classe média na militância de grupos de esquerda que focalizavam a opressão econômica como a principal causa das desigualdades e injustiças sociais, embora as classes operárias alemãs vivessem um momento de prosperidade econômica nunca antes experimentado.

Muito embora os sentimentos de opressão fossem sentidos como originados da exploração econômica, por isto o engajamento "marxista" dos jovens da classe média, estes também estavam suscetíveis às primeiras experiências de *antiatitude*

marcadamente vividas em outros grupos de jovens da época. Esses outros grupos juvenis, necessariamente, não assumiam militâncias políticas na forma tradicional, buscando outras formas de manifestação política e de engajamento ideológico, identificando-se como pacifistas, ecologistas e, sobretudo, anti-capitalistas, críticos da sociedade de consumo e dos modos de vida a ela ajustados.

Assim, segundo Elias, os conflitos dessa época extrapolaram o âmbito das questões de mercado. Rejeitava-se o capitalismo, mas este, no contexto da Alemanha do pós-guerra, era o resultado do esforço da geração dos pais desses jovens. Às reivindicações econômicas somavam-se manifestações de solidariedade com as lutas anticoloniais, com os *vietcongs* e, em última instância, com todos os *outsiders*, ou seja, os "*grupos marginais* que, em relação a *grupos estabelecidos* específicos, são mais fracos em poder e impedidos por estes últimos de satisfazerem suas necessidades" (ELIAS, 1997a: 215).

Era uma questão de disputa pelo poder entre os estabelecidos – as gerações mais velhas –, e os *outsiders* – as mais jovens, analisa Elias. Assim, se a teoria marxista funcionou como "modelo teórico" para os jovens militantes dessa geração, as experiências de *antiatitude* que foram sendo forjadas desde a "geração 68" forneceram o "modelo vivencial" da nova geração, demonstrado através de novos arranjos familiares, novas idéias sobre a educação dos filhos, novas formas de comportamento nos espaços públicos e outras formas de diferenciação com as gerações mais velhas.

A «necessidade de significação da vida» que Elias atribui à questão das novas gerações remete, portanto, à posição do jovem no mundo, em termos objetivos e subjetivos, pois que este se vê diante de um mundo já construído no passado, mas ao mesmo tempo o seu mundo, o mundo que foi interiorizado nele, *incorporado* pelos processos de socialização. Porém, diante desse mundo ele deve posicionar-se, construir

uma visão de mundo própria, que o ajude a trilhar caminhos para se estabelecer nesse meio. E é nisto que reside, potencialmente, a renovação movida pela necessidade de significação da vida e pelo desejo de diferenciação que pode ser muito mais forte entre jovens do que entre adultos, não por essência, mas pela posição destes de *outsiders*.

É perceptível a influência do conceito de geração, tal como formulado por Mannheim, nesta questão desenvolvida por Elias sobre o conflito entre gerações como fonte de renovação das sociedades[11]. De acordo com a interpretação do conceito de Mannheim feita por Marialice Foracchi,

> O conceito sociológico de geração não se baseia exclusivamente na definição social da idade, mas encontra, no conflito, a sua categoria constitutiva. A impregnação conflitiva se consubstancia nas atitudes de oposição e de recusa do estilo predominante de existência social, redefinindo-se no plano pessoal, institucional e societário, sendo, por conseguinte, compartilhada por jovens e adultos num idêntico comportamento de ruptura. *Não sendo passível de delimitação etária, a juventude representa, histórica e socialmente, uma categoria social gerada pelas tensões inerentes à crise do sistema. Sociologicamente, ela representa um modo de realização da pessoa, um projeto de criação institucional, uma alternativa nova de existência social.* (FORACCHI, 1972: 160; grifo meu)

Segundo a autora, a geração não se define *exclusivamente* pela idade, tampouco, pelo estilo de vida contestador ou por comportamentos de ruptura, uma vez que isto pode ser compartilhado por jovens e adultos. Para ela, ambas as condições, idade e estilo, não são exclusivas da condição juvenil. Sendo assim, como a juventude pode representar "uma alternativa nova de existência social"?

A resposta a esta aparente contradição é dada por Mannheim, na forma como ele desenvolve a idéia sobre como as diferenciações são engendradas a partir das relações intergeracionais. Segundo o autor, cada geração herda da outra um repertório cultural que, no entanto, nunca será absorvido completamente em virtude da experiência de cada geração no mundo ser diferente das gerações que a antecederam.

[11] Elias foi assistente de Mannheim antes do exílio. Foi Mannheim quem primeiro publicou artigos sobre a "questão da geração".

Esse repertório é formado através das experiências das novas gerações em contato com o mundo social onde vivem. Mannheim chama isto de *contato original*.

O *contato original*, como o define Mannheim, é o processo de conhecimento que se tem diante do novo, em que os repertórios das idéias, atitudes e comportamentos das tradições culturais vigentes na sociedade são avaliados e adaptados pelos novos integrantes, possibilitando a inovação do inventário de práticas sociais. A seleção do que é mais ou menos significativo no conjunto da herança cultural, para formar um novo inventário de idéias e práticas sociais, segundo Mannheim, é realizada mais pelo inconsciente do que pelo consciente racional.

A juventude ocupa uma posição diferenciada neste processo de renovação das práticas sociais, uma vez que, na infância, a assimilação dos elementos culturais, mesmo os racionais, é feita de forma "não-problemática", enquanto que "por volta dos 17 anos de idade, às vezes um pouco mais cedo ou mais tarde [...] os problemas da vida começam a ser localizados em um 'presente' e são vividos como tais" (MANNHEIM, 1982a: 82).

Mannheim atribui às experiências comuns a possibilidade de produzir significados e afinidades entre pessoas da mesma faixa etária que vivenciam *os mesmos problemas históricos concretos*, ou seja, que fazem parte de uma mesma sociedade, com as mesmas características de estratificação social e formas de socialização e sociabilidade. É preciso ter uma base social comum para poder vivenciar as experiências da vida com certo conhecimento de que o outro também experimenta a vida da mesma forma e, além disto, ter uma base de idéias comuns para elaborar as experiências de forma a sentir afinidade com o outro, compartilhando, então, o sentimento de pertencer a uma geração. Quando os indivíduos de uma mesma geração

elaboram os sentidos dessas experiências a partir de modos de pensamento e comportamento semelhantes, então estes constituem uma «unidade de geração».

Esses modos de pensamento e comportamento específicos fazem parte do que Mannheim chamou de «visão de mundo» (MANNHEIM, 1982b: 86-87). No artigo *Contribuição para a teoria da interpretação das visões de mundo*, Mannheim define *visão de mundo* como o resultado de "uma série de vivências ou de experiências ligadas a uma mesma estrutura, que por sua vez constitui-se como base comum das experiências que perpassam a vida de múltiplos indivíduos" (MANNHEIM, 1982b: 101).

Pode-se concluir, então, que o contato original dos jovens com uma herança, quando estes compartilham experiências comuns e uma visão de mundo semelhante coloca-os numa posição diante da sociedade de, potencialmente, serem os mais aptos a renovar as idéias e práticas sociais.

É sobre esta potencialidade que alguns estudiosos, como Margulis, adjetivam a juventude como

> vanguardia portadora de transformaciones, notorias o imperceptibles, en los códigos de la cultura, que incorpora con naturalidad los cambios en las costumbres y en las significaciones que fueran objeto de luchas en la generación anterior; su sensibilidad, sistema perceptivo, visión de las cosas, actitud hacia el mundo, sentido estético, concepción del tiempo, valores, velocidades y ritmos nos indican que está habitando con comodidad un mundo que nos va dejando atrás. (MARGULIS, 1996:9)

A definição imprime um sentido positivo à juventude, que estaria relacionado à posição de vanguarda, ou seja, a parcela mais consciente e combativa, ou que tem as idéias mais avançadas. A juventude adjetivada como vanguarda, no entanto, pode levar ao engano de se identificar os jovens, automaticamente, com as idéias progressistas, como se sempre os jovens fossem aderir à renovação, e não ao conservadorismo, o que a experiência mostra que é falso, haja vista os grupos jovens neonazistas, ou que aderem a Opus Dei e a outras tendências conservadoras, ou melhor, retrógradas.

Outros olhares não foram tão "benevolentes" com a juventude. Os estudos desenvolvidos pela Escola de Chicago e por pesquisadores que seguiram essa vertente privilegiavam o estudo dos grupos marginalizados e criminalizados, sendo precursores das pesquisas que posteriormente se desenvolveram em torno do tema da "delinqüência juvenil". Alguns desses olhares acabaram por fortalecer uma visão distorcida da juventude enquanto "problema social", ao invés de tomar como objeto de estudo os problemas sociais da juventude. Já as pesquisas realizadas no Brasil sob os auspícios da UNESCO,[12], focalizaram as complexas relações entre juventude e violência, revelando os jovens como as maiores vítimas da violência no país, contribuindo, também, para "compreender tanto os aspectos culturais que fundamentam suas práticas, como a visão de mundo que se observa a partir das aceleradas transformações por que passa a sociedade" (MINAYO *et al.*, 1999: 11).

As adjetivações fazem parte das disputas para fixar significados à palavra juventude e nesse movimento, "apontam o 'jovem' como dotado de características que definem determinados indivíduos a priori" (CASTRO, 2005b: 9). Neste sentido que se pode concordar com a idéia de que "juventude" não é mais que uma palavra, ou que é uma palavra vazia (NOVAES, 2002: 47), sobre o qual se operam disputas entre significados.

Hoje, no entanto, as demandas por reconhecimento da identidade se assentam sobre a busca da visibilidade das diferenças e da diversidade, e isto está presente entre os jovens que são atuantes em suas áreas de atuação, como assinala Novaes:

> Os jovens de hoje querem ser diferentes, pessoais e visíveis. Em outras palavras, o sucesso da ação por eles proposta está relacionada com a assunção das

[12] Entre outras, convém citar as seguintes pesquisas publicadas sob os auspícios da UNESCO: WAISELFISZ, J.J. (Coord.) *Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasilia*, São Paulo, Cortez, 1998; WAISELFISZ, J.J. *Mapa da violência: os jovens do Brasil*, Rio de Janeiro, Garamond, 1998; MINAYO, M.C.S. et al., Fala Galera: *Juventude, Violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Garamond, 1999.

> diferenças sociais, com o desejo de transformar sentimentos pessoais e com a eficácia da visibilidade de sua presença. [...] Portanto, esses jovens estão dentro do espírito de seu tempo. (NOVAES, 2002: 55-56).

Entender esses jovens implica em considerar as trajetórias plurais e não lineares, por isto, entendo eu, implica em romper com a noção tradicional de transição entre fases marcadas exclusivamente por eventos objetivos, considerando a pluralidade das condições reais de vida dos jovens brasileiros na atualidade.

No decurso das últimas três décadas (1980-2000), no Brasil e no mundo, ocorreu uma forte desorganização e reorganização dos setores produtivos. Nesse contexto, a juventude foi uma das categorias sociais mais fortemente atingida, devido à condição de "aspirantes" a um mercado de trabalho diminuído em tamanho e modificado na sua composição. A vulnerabilidade da condição social dos trabalhadores aumentou significativamente com a flexibilização e precarização das formas de contrato de trabalho, e apesar dos avanços tecnológicos e dos ganhos em produtividade, a jornada de trabalho continua a mesma, contribuindo para deixar milhares de pessoas, principalmente jovens, à margem do mercado formal e, conseguintemente, à margem dos benefícios e direitos sociais (CASTEL, 2001). No caso brasileiro especificamente, mesmo os recentes avanços verificados nas políticas sociais contemplaram mais efetivamente os grupos etários da infância e adolescência, em um extremo, e dos idosos, em outro extremo, sendo muito incipiente a cobertura social para os jovens.

As mudanças estruturais em curso na sociedade brasileira, especialmente as que são derivadas das transformações produtivas atravessam a vida social de múltiplas formas e em várias áreas. Essas mudanças também atravessam as relações cidade-campo. A reorganização da divisão social do trabalho em nível mundial, nacional e regional, tem provocado deslocamentos de indústrias e agroindústrias e, conseqüentemente, de fluxos de produtos e pessoas.

O mundo rural também vem passando por mudanças que o deixam cada vez mais heterogêneo. Há um rural próximo às cidades grandes e médias e a lugares de interesse turístico pela presença de paisagens naturais. Nesses lugares, o rural vem deixando de ser o lugar da supremacia da agricultura e do agricultor, passando a abrigar grupos sociais que imprimem outras funções ao campo: como alternativa de moradia nos fins de semana, como lugar de lazer e turismo, como lugar de projetos ecológicos, como lugar de projetos de produção especializada para nichos do mercado tal como o *escargot*, a rã, o cogumelo, as flores e outros.

Há o rural das agroindústrias, presente em algumas cidades espalhadas pelo interior do país, mas que se concentram mais nas regiões Sul e Sudeste do que no Centro-Oeste e Nordeste, e que criam um "operariado" local que trabalha em serviços manuais de baixa qualificação e baixo salário, cientes de que o peso do poder pende para a indústria que se beneficia da ampla oferta de mão-de-obra nesses lugares. Há também o rural esvaziado de gente, das imensas fazendas produtoras de gado, de soja, de eucalipto, de cana-de-açúcar, o rural do chamado agronegócio. E o rural povoado por agricultores familiares e produtores com propriedades de pequeno e médio porte.

Todos esses mundos rurais podem ser encontrados, em certos casos, delimitando espaços de domínio exclusivo, mas muitas vezes se encontram justapostos no mesmo território. Daí convém falar de "mundos rurais", mais do que de um mundo rural, de processos de mudanças e não de uma mudança singular, de processos que se diferenciam por elementos, ritmos, formas e impactos combinados com elementos próprios de cada lugar que atingem. Desta forma, deve-se considerar que,

> a transformação do meio rural, longe de ser um processo homogeneizador, resulta em uma profunda diferenciação dos espaços rurais, tanto no que se refere aos espaços urbanos, quanto internamente, constituindo uma rede de relações que se desenham entre situações urbanas e situações rurais, ambas bastante heterogêneas. (WANDERLEY, 2000a: 107).

A difusão de idéias e valores, de comportamento, de modismos amplamente propagados pela indústria cultural, também afeta esta relação cidade-campo. Esses novos fluxos de produção e circulação de mercadorias e informações, que se desenvolvem apoiados também pela indústria cultural, geram uma aceleração da vida social, mais intensa nos países periféricos em função do choque com as tradições locais (SANTOS, 2008). Assim, esses processos de mudanças transbordam para outras esferas da vida além da econômica, atingindo os padrões sociais de comportamento e de sociabilidade, os modos de pensar, as racionalidades e as práticas sociais. É assim que, mesmo periféricas do ponto de vista do seu "peso" no sistema capitalista, as regiões do Sertão nordestino são também afetadas pelos processos de mudanças da sociedade mais ampla, difusora de uma "cultura jovem global". Essa cultura, como observou Hobsbawn, contribui com sua parte para produzir tensões nas relações intergeracionais em comunidades rurais, a partir das mudanças na racionalidade:

> Por mais fortes que fossem os laços de família, por mais poderosa que fosse a teia de tradição que os interligasse, não podia deixar de haver um vasto abismo entre a compreensão da vida deles, suas experiências e expectativas, e as das gerações mais velhas. (HOBSBAWN, 1995: 323)

Como é sugerido nesta observação do historiador inglês, entendo que as novas gerações ocupam um lugar privilegiado para observar os efeitos das mudanças sociais nos comportamentos e modos de vida presentes no mundo rural, o que coaduna com a proposição de Foracchi (1972: 160), ao considerar a juventude como "uma categoria social gerada pelas tensões inerentes à crise do sistema". Como também foi observado por Castro (2005: 373), vendo os jovens rurais como "uma categoria social pressionada pelas mudanças e crises da realidade no campo". São os jovens, neste

processo de mudanças sociais, os mais afetados e, por isto mesmo, os mais desafiados e propensos a "encarar" as mudanças, pela adaptação, resistência e transgressão.

No caso dos jovens que vivem em sociedades onde é significativa a participação de agricultores familiares, essas mudanças sociais vão adquirir matizes próprias, devido às condições específicas da situação desse grupo social, em que o espaço da família é também o espaço da produção, tornando mais "delicadas" as relações sociais inter-geracionais.

A agricultura familiar, como o próprio nome sugere, é aquela em que os agricultores organizam a produção fundamentalmente a partir da força de trabalho dos membros da família, salvo em situações específicas em que podem se valer do trabalho "alugado" de terceiros, ou mesmo de mutirões entre parentes e vizinhos. Contudo, convém ressaltar que essa associação entre família, terra e trabalho adquire uma diversidade de formas sociais ao longo do processo histórico e também em uma mesma sociedade, indicando, portanto, que a designação "agricultor familiar" é polissêmica (WANDERLEY, 1999; LAMARCHE, 1993). O termo adquire um sentido político quando usado para diferenciar estes de outro grupo social de produtores rurais, os fazendeiros, grandes e médios proprietários cuja produção depende essencialmente da mão-de-obra assalariada. Foi pelo fortalecimento político dos agricultores familiares, através das organizações sindicais e movimentos sociais, que eles conquistaram um ministério governamental exclusivo para defender seus interesses, o Ministério do Desenvolvimento Agrário, descolando-se do agronegócio que ficou sob a gestão do Ministério da Agricultura.

Relacionado a este fortalecimento, o sentido político no uso deste termo foi orientado para atribuir aos agricultores familiares as características modernas que faltavam nas representações sociais sobre os camponeses tradicionais, que eram

associados às imagens de uma agricultura "de subsistência", ou seja, rudimentar, pobre e, ainda, incapaz de se inserir no mercado (SOTO, 2002: 51). Porém, "o campesinato, como categoria analítica e histórica, é constituído por poliprodutores, integrados ao jogo de forças sociais do mundo contemporâneo" (NEVES e SILVA, 2008: 7).

No entanto, os agricultores familiares têm origem mesmo no campesinato – essa categoria que por longas décadas vem alimentando a produção teórica das ciências sociais no Brasil – e, por isto, eles carregariam a tradição camponesa como legado cultural. A idéia de uma tradição camponesa é explorada por vários autores das ciências sociais que estudam o mundo rural, dos quais pode-se destacar, entre muitos autores e textos, os trabalhos de Maria de Nazareth Wanderley (1999; 2004); Antonio Candido (1964); Carlos Rodrigues Brandão (1993; 1999); Klaas Woortmann (1990a; 1990b); Maria Isaura Pereira de Queiroz (1974, 1979). A tradição camponesa pode ser definida como o conjunto de valores e símbolos materiais e imateriais, costumes, hábitos e práticas sociais, manifestações espirituais e culturais que se constroem sobre três bases: (a) a terra, enquanto patrimônio, em torno da qual a família organiza os esforços para a sua reprodução social; (b) o trabalho como expressão da honra do camponês, elemento de construção do patrimônio e de organização do trabalho familiar; e, (c) a família como valor atravessando o tempo, lugar do aprendizado das hierarquias e das obrigações de reciprocidade e, portanto, guardiã das tradições culturais do campesinato.

O impacto dos processos de modernização na agricultura familiar, segundo Rambaud (1982), alterou a relação do agricultor com o tempo. Enquanto o camponês tradicional enfatiza o passado e suas tradições, a agricultura familiar moderna, ao introduzir a noção de progresso, transfere o primado ao futuro, e, neste processo, adapta-se à linguagem, à forma de cálculo e à racionalidade da sociedade capitalista.

Segundo Bourdieu, para a economia capitalista se realizar plenamente ela precisa engendrar um *homo economicus* adaptável às mudanças, valendo-se, para isto, de uma proposta educacional voltada a difundir conhecimentos e práticas que permitam ao homem agir com razoáveis probabilidades de sucesso (BOURDIEU, 1979: 18).

As novas gerações de jovens rurais brasileiros têm experimentado um processo de escolarização muito mais significativo que todas as gerações passadas, uma vez que estas quase não permaneciam na escola depois de concluída a 4ª ou 5ª série do Ensino Fundamental. Sabemos que a escolarização amplia a «visão de mundo». Elias faz uma observação instigante sobre a formação dos jovens nas sociedades complexas *em crise*, notando haver uma distância entre o *estímulo* ao desenvolvimento individual em relação às oportunidades concretas que a estrutura social pode oferecer. Diz Elias que durante a preparação para a vida adulta,

> Não raro se oferece ao jovem o mais amplo horizonte possível de conhecimentos e desejos, uma visão abrangente da vida durante seu crescimento; ele vive numa espécie de ilha afortunada de juventude e sonhos que marca um curioso contraste com a vida que o espera como adulto. É incentivado a desenvolver várias faculdades para as quais, na estrutura atual, as funções adultas não deixam margem alguma, e diversas inclinações que o adulto tem que reprimir" (ELIAS, 1994b: 33).

Os jovens rurais já foram iniciados nesse jogo dialético de sonhos e frustrações, característico das sociedades complexas. Não que as mudanças sociais no campo sejam tão profundas que os modos de vida dos jovens rurais e urbanos sejam igualados, não é o caso, principalmente no rural do Sertão. Mas no que se refere à educação e às trocas culturais, e também às mudanças no papel que os jovens desempenham na sociedade, existe sim o compartilhamento dessa complexidade da vida na contemporaneidade, pois nesse campo das culturas juvenis, as idéias e experiências são bastante intercambiáveis, atravessando fronteiras regionais e nacionais.

Elisa Guaraná de Castro (2005), em estudo recente sobre os jovens de um assentamento rural, observa que

> Os conflitos entre os sonhos e a realidade vividos por esses "jovens" e a dualidade "ficar e sair" do discurso dos pais são expressões de processos de mudanças que operam tanto no sentido amplo – nas relações econômicas e sociais que envolvem o mundo agrário brasileiro, e naquela região especifica – quanto em uma maior atuação do indivíduo, principalmente dos chamados "jovens", nas relações em família, na comunidade e nos universos rurais e urbanos. (CASTRO, 2005: 376).

Neste texto aparecem múltiplas tensões: nas buscas dos jovens rurais por "um lugar ao sol", nos pais em relação ao futuro dos filhos, entre pais/adultos e filhos/jovens quando estes já desempenham um papel ativo na sociedade e, contraditoriamente, continuam vivendo sob os limites que derivam tanto da dependência econômica, quanto das hierarquias baseadas nas diferenças etárias. Tensões alimentadas por questões macro-sociais, nas relações econômicas e sociais do mundo rural, e alimentadas também por questões individuais, nas relações sociais familiares e nas outras esferas da vida privada.

Por isto, adverte a autora, na seqüência do texto:

> essa percepção não deve ser lida como um processo de "individualização inerente à modernização" [...] Ao contrário, as mudanças apontadas tanto no discurso, quanto nas práticas que envolvem pais e filhos, "jovens" e "velhos", em Eldorado e nas demais áreas estudadas, estão, como vimos, ancoradas em antigas e novas redes sociais. E as "escolhas" que procuram equacionar os desejos e as inserções no mundo real, não estão apartadas desse "tempo social", dos processos históricos que convergiram para a atual situação vivida por esses "jovens". (CASTRO, 2005: 376).

Como se pode ver há um reconhecimento, pela autora, de que nas relações entre pais e filhos existe um processo relacionado à individualização que é necessário ao desenvolvimento do jovem, inerente à relação entre pais e filhos – e que, por isto, não deve ser tomado exclusivamente como reflexo das tensões da modernidade sobre as comunidades mais tradicionais. Mas, simultaneamente, há o reconhecimento do peso dos processos históricos atuais sobre a vida dos jovens. Não há como apartar uma

coisa da outra, as relações e tensões inerentes ao desenvolvimento individual dentro do grupo familiar, das influências advindas da participação nos processos modernizadores

O que implica considerar que, no caso das escolhas profissionais dos jovens rurais, quando os filhos de agricultor decidem por um projeto fora da agricultura, isto não é vivido, necessariamente, como um conflito de gerações entre pais e filhos, nem como a crise do projeto da agricultura familiar. É preciso considerar que as preferências profissionais também se definem em função da percepção, formada pelo jovem, das escolhas vivenciadas por parentes e amigos, dos resultados que podem conseguidos optando pelo trabalho A ou B, ou seja, se forma a partir dos sentidos que são atribuídos às experiências próprias, de pessoas que exercem influência sobre ele, inclusive de gerações anteriores. E, ainda, as escolhas são atravessadas pelos desejos e pela forma como os jovens equacionam as oportunidades e as dificuldades de trilhar esse ou outro caminho. Este processo de posicionamento do jovem nas redes sociais dinâmicas no tempo e no espaço social é o que se pode chamar de campo de possibilidades.

As dinâmicas das escolhas dos jovens revelam aspectos do conflito vivido no âmbito privado da vida, porque são os próprios jovens que têm de decidir sobre as suas vidas, o que faz que em algumas situações o conflito adquira uma condição de conflito familiar, quando há expectativas já formadas pelos pais sobre o futuro de seus filhos. Mas isto não é a regra. No caso das famílias de pequenos agricultores, "ficar ou sair" é uma condição sempre presente no universo familiar, uma vez que geralmente a propriedade é muito pequena para ser dividida. Normalmente os pais esperam que um dos filhos fique como sucessor daquela propriedade. Os outros filhos e filhas deverão receber sua parte na herança de alguma outra forma e procurar outro meio de sustento.

A lógica é de que cada um tem um direito, e a assimetria entre os valores atribuídos a cada direito pode ser ou não objeto de conflitos e tensões entre os irmãos. As jovens filhas poderão ganhar o enxoval do casamento; qualquer um, independente do sexo, pode receber ajuda material para estudar, ou ter assegurado uma parcela reduzida de terra para construir sua casa (MOURA, 1978; SEYFERTH, 1985). Mas, excetuando-se o filho que vai ser o sucessor do pai na administração da propriedade da família, todos os outros deverão procurar outra fonte de sustento. Nem mesmo a migração dos filhos deve ser considerada como um problema, antes, faz parte da dinâmica da agricultura familiar, como disse Woortmann (1990b: 35): "Camponeses são, além de produtores de alimentos, produtores também de migrantes", dando uma dimensão histórica à migração camponesa.

Mas as escolhas que são feitas pelos jovens, retornando ao texto já citado de Castro (2005), também são circunstanciadas pelos "processos históricos que convergiram para a atual situação vivida por esses 'jovens'". Isto já acontece a partir do julgamento do jovem sobre a trajetória familiar na agricultura, das imagens que ele colhe na família sobre qualidade de vida de seus pais e avôs que se dedicaram à agricultura.

Essas dimensões históricas dos processos de mudanças são sentidas diferenciadamente pelos jovens, de acordo com seus pertencimentos – de classe ou grupo social de *status*, de etnia, de gênero etc. –, e também em função do lugar onde vivem. Como foi visto em outros estudos, como os de Scott e Franch (2001) e Heilborn (1984), o lugar onde o jovem das classes populares mora, bem como os lugares em que ele circula, exercem influência sobre os processos de aquisição de habilidades e conhecimentos, principalmente nesse período do ciclo da vida em que há a ampliação das redes de sociabilidade.

Mas há situações que colocam abaixo as diferenças de classe, raça, gênero e lugar de moradia, que afetam jovens das mais diversas origens e que desafiam as fronteiras entre mundo rural e urbano. O que Regina Novaes (2002) chamou de "cultura do medo" é uma dessas situações, referindo-se a duas dimensões da condição juvenil na atualidade – "o medo de morrer", que vem da sensação de insegurança diante da violência, e o "medo de sobrar", que vem do cenário de desemprego, reforçado nesta crise do capitalismo. Embora a autora estivesse falando de jovens que moram nos grandes centros urbanos, a estes também podem se somar os jovens que vivem em pequenas cidades e no campo também, como os jovens que vivem na região conhecida pejorativamente como Polígono da Maconha, uma área em que redes criminosas promovem o plantio e o tráfico de drogas; a exploração sexual de mulheres, crianças e jovens; o tráfico de armas e roubo de cargas, fazendo dos jovens seus operários, soldados e também suas vítimas preferenciais (RIBEIRO e IULIANELLI, 2000; RIBEIRO, 2002). E, além desse "Polígono", há outros enclaves e regiões do interior onde este drama se repete, sem esquecer a violência gerada pelo conflito agrário, opondo interesses entre trabalhadores rurais sem terra, comunidades quilombolas e povos indígenas, de um lado – que às vezes competem pela posse da mesma terra –, e, de outro lado, famílias tradicionais do Sertão e empresas agropecuárias.

E em relação ao "medo de sobrar" o mesmo também se aplica aos jovens do campo e dos pequenos municípios, que não estão em condição mais confortável para não sentir esse medo. O mundo rural é parte de uma sociedade maior, que apesar da diversidade de situações econômicas, sociais, políticas e culturais que diferenciam os "contextos" em que vivem os jovens, mas há fenômenos que ultrapassam as fronteiras entre campo e cidade, entre o rural e o urbano, entre o Sul-Sudeste e o Norte-Nordeste.

Esse aspecto dos processos sociais contribui para tornar mais tênue e menos visível as fronteiras físicas e simbólicas entre o rural e o urbano, que leva ao compartilhamento de alguns sentimentos, práticas, valores e experiências nos modos de vida de jovens "urbanos" e "rurais".

Maria José Carneiro (1998) defende a idéia de que os padrões culturais tradicionais do mundo rural não são mais capazes de, isoladamente, sustentar os processos identitários que atravessam a vida dos jovens rurais na atualidade. A autora considera que estes se inspiram na diversidade de padrões culturais absorvidos do urbano pela própria experiência adquirida na convivência com os jovens urbanos e na vivência deles próprios na cidade. Daí, diz a autora, os jovens passam a reivindicar outra identidade, valores e condições de vida associadas ao modo de vida urbano, buscando viver o melhor dos dois mundos, por isto os chama de «rurbanos».

Os argumentos da autora são baseados em pesquisas desenvolvidas com jovens do interior fluminense, e apontam para um mundo rural que é visto como se fundindo ao urbano, sem desaparecer. Isto a leva a usar um novo conceito, *ruralidade*, assim definido:

> [...] *considerar a ruralidade não mais como uma realidade empiricamente observável*, mas como uma representação social, definida culturalmente por atores sociais que desempenham atividades não homogêneas e que não estão necessariamente remetidas à produção agrícola. [...] A ruralidade se expressa de diferentes maneiras como representação social – conjunto de categorias referidas a um universo simbólico ou visão de mundo – que orienta práticas sociais distintas em universos heterogêneos, num processo de integração plural com a economia e a sociedade urbano-industrial. (CARNEIRO, 1998: 72-73; grifo meu).

Um dos problemas deste conceito, na forma em que a autora o definiu, está nesse desprendimento entre as representações sociais e as condições concretas de vida das pessoas do mundo rural. Sem uma *realidade empírica observável*, em que base se constrói uma representação social da ruralidade? Esta questão também foi levantada por Moreira (2005: 23-24): "O ser sujeito criativo desaparece ou a representação torna-

se o próprio ser? Como ficaria a realidade virtual? É real ou só ficção e representação?". O questionamento de Moreira incide sobre o aparente abandono da perspectiva relacional entre o sujeito, o empírico e o simbólico, na perspectiva tomada por Carneiro. Sendo representação sem base empírica, logo o conceito reivindicaria um caráter universal, como parte do imaginário social, para ser aplicado em situações as mais diversas, uma vez que tornaria o rural e o urbano "representações sociais sujeitas a reelaborações e ressemantizações diversas de acordo com o simbólico a que estão referidas" (CARNEIRO, 1998: 73).

No entanto, Carneiro tem razão ao integrar o universo simbólico das representações do mundo rural ao universo simbólico da sociedade global da qual o rural é parte. Nega, com isto, a essencialização do rural como uma "cultura específica e universal", "modelo cristalizado, uniforme e a-histórico". A autora chama a atenção justamente para esse rural em mudança, que se renova também através de uma "visão de mundo pautada em relações sociais específicas e que se expressa ativamente, de forma a transformar e recriar o seu mundo social e natural" (CARNEIRO, 1998: 73).

Esta dicotomia entre rural e urbano não faz parte do modo como muitos jovens moradores de pequenos municípios vivem e vêem o mundo. No interior do estado de Santa Catarina, em dois pequenos municípios onde há a presença de frigoríficos industriais, Stropasolas verificou que, "para os jovens, o mundo rural se amplia até a sede das pequenas cidades, para permitir a realização de estratégias que visem 'mudar a vida', incorporando cidadania e conquistas próprias da modernidade" (STROPASOLAS, 2002: 39). A maioria dos jovens operários são filhos de agricultores e muitos se mudaram para as cidades e vivem entre a cidade – lugar do trabalho e da vida cotidiana – e o campo, lugar do lazer, dos domingos de futebol e do almoço com os pais, do *pic-nic* em um lugar mais natural etc.

Diferentemente da área estudada por Stropasolas, dotada com importantes indústrias agroalimentares com oferta de emprego não-agrícola para a população desses municípios, Wanderley (2006) empreendeu uma pesquisa com 615 jovens moradores das áreas rurais de três pequenos municípios de Pernambuco – entre 22 e 28 mil habitantes à época –, cada qual bem diferenciado em relação à situação morfológica e sócio-cultural – Glória do Goitá, na Zona da Mata; Orobó, no Agreste e Ibimirim, no Sertão[13]. Em comum entre esses 3 municípios há o fato da ausência de indústrias, resultando na pouca variabilidade na oferta de trabalho não-agrícola e, ainda mais um ponto em comum, a fragilidade das atividades agrícolas locais, na época da pesquisa, apresentando baixa inserção na dinâmica econômica regional. Tais características desses municípios provocam grande impacto na vida dos jovens, que permanecem altamente dependentes da capacidade de produção da família.

Apesar dessas características comuns, há outros fatores apontados na pesquisa que demonstram a heterogeneidade dos contextos: a) na diferença da estrutura fundiária, mais concentrada em Ibimirim do que nos outros dois; b) na presença de um Projeto de Irrigação iniciado entre o final dos anos 1970 e início dos 80 em Ibimirim e malogrado na década de 1990 devido ao esgotamento do açude; c) nas distâncias dos municípios em relação a municípios maiores, sendo Ibimirim mais distante desses; d) nas distâncias internas das vilas e sítios com a sede do município, aspecto em que Ibimirim também se destaca pelas grandes distâncias; e) na variedade da produção agrícola, bem menor no município sertanejo que nos outros dois.

Entre os resultados da pesquisa foram constatados diferentes tipos de disposições dos jovens em relação ao lugar onde desejariam viver futuramente:

[13] Participei nesta pesquisa como supervisor de campo e como colaborador na discussão e análise dos dados levantados sobre o município de Ibimirim, onde atuei, e também sobre os dados agregados dos 3 municípios.

a) metade dos jovens pesquisados em Ibimirim desejava continuar morando na sua comunidade, uma proporção ligeiramente maior que nos outros dois municípios;
b) a opção de migrar para outro município ou região do país foi considerada por 1/3 dos jovens de Ibimirim, por praticamente a metade dos jovens de Orobó e por 43% dos jovens de Glória do Goitá.
c) a última opção na escala dos desejos dos jovens rurais pesquisados seria mudar para a sede do próprio município onde vivem (cerca de 16% dos jovens pesquisados em Ibimirim; 14% em Glória do Goitá e 4% em Orobó).

Esta ultima opção – "mudar para a sede do município" – pode ser relacionada justamente ao fato de que jovens da zona rural têm um contato freqüente com a sede do município – 85% dos entrevistados iam à cidade regularmente. Pode estar relacionada também com a heterogeneidade das situações de moradia, devido às distâncias para o acesso à cidade, ou estar relacionada ao entendimento de que "a cidade é um bom lugar para morar" (23% dos jovens responderam desta forma à pergunta sobre como percebiam a cidade).

A conclusão desta pesquisa aponta para a necessidade de estabelecer uma "'tipologia dos contextos' para evitar uma abordagem homogeneizante da vida e dos projetos dos jovens rurais", o que poderia ser um fator explicativo importante para entender os desejos manifestados entre "ficar" e "sair" do campo. Isto poderia trazer mais luzes às questões relacionadas aos projetos e sonhos dos jovens para o futuro. Poderia elucidar, por exemplo, o porquê que os jovens rurais de Ibimirim – onde praticamente a metade expressou o desejo de permanecer no campo –, ao responder se acreditam na possibilidade de realizar os seus projetos onde vivem, 58% afirmaram não acreditar que possam realizá-los permanecendo em suas comunidades.

Em relação ao mundo rural, é certo que não se pode falar de um processo de mudanças sociais que tenha como resultado duas alternativas bipolares, como já foi discutido antes. No entanto, é preciso evitar, na análise das aproximações e entrelaçamentos entre o rural e o urbano, a tendência de homogeneizar esse processo de mudanças, como pode acontecer em certos usos que a noção de *rurbano* vêm adquirindo, como adverte Wanderley (2000b: 126 ss.).

Nas proposições desta autora encontramos outra leitura sobre os processos de mudanças que levaram à "modernização do rural". Discorrendo sobre os contextos de países mais industrializados, Wanderley observa que as mudanças nas relações cidade-campo em sociedades ocidentais avançadas, vêm provocando a aproximação do campo com a cidade, tanto pelo encurtamento das distâncias, resultado da modernização das vias e dos meios de transporte, quanto pela qualidade de vida. Assim, nessas sociedades, o campo passa a ter maior valor simbólico quando oferece condições para os moradores desfrutarem dos confortos e comodidades da vida citadina e poderem rapidamente se deslocar para as cidades, para acessar outras oportunidades de trabalho, e também educação e saúde de qualidade. Essa experiência é considerada como a "vida ideal", fundada em políticas públicas para a promoção da "paridade social" da qualidade de vida entre moradores do campo e da cidade, e exercida em situações onde as condições para o acesso à cidade são privilegiadas.

Não é o mesmo que acontece na realidade brasileira e latino-americana. Como analisou Canclini (2006), a modernidade latino-americana se constrói sobre as contradições, que fazem-nos experimentar processos de mudanças profundas nas relações sociais e econômicas, sem que se produzam as condições necessárias à melhoria da qualidade de vida da maior parte da população.

O que é importante reter das análises sobre mundos rurais tão heterogêneos é que cada um deles, por ser parte constituinte de uma sociedade maior, carrega também suas divisões sociais, seus conflitos e estruturas de poder, tanto quanto os mundos urbanos, mas com matizes diferentes, próprios e apropriados ao modo de vida dos rurais (WANDERLEY, 2000b: 134). Daí a importância do reconhecimento das tipologias dos espaços rurais, como propugna Wanderley (2006), que devem considerar as trajetórias de desenvolvimento, enquanto processos históricos que constituíram as situações dos lugares de viver, articulado por relações internas e externas de cada lugar específico com a sociedade mais ampla. Uma vez que esses espaços vêm atravessando processos de transformações diferenciadas, regional e localmente, é impossível não pensar o rural em sua dimensão empiricamente observável, em sua territorialidade e materialidade das condições de vida ou, em termos eliasianos, sem considerar o «campo de possibilidades» de cada lugar e de cada grupo social nesse lugar.

As transformações que vêm ocorrendo no campo[14] colocam em perspectiva a possibilidade de analisar o rural como uma variedade de lugares com diferentes graus de complexidade nas relações sociais, devido às inúmeras interdependências estabelecidas pelos indivíduos que ali habitam e às interdependências entre o local, o regional, o nacional e o global.

Nesse processo dinâmico de mudanças, quando as mudanças culturais são mais profundas que as mudanças nos padrões de existência, abrem-se novas fronteiras de

[14] Como exemplos significativos dos impactos sentidos pela população do Sertão do Moxotó, onde se desenvolve esta pesquisa, e áreas adjacentes, podem-se destacar: (a) o avanço do agronegócio em áreas até então utilizadas para a agricultura familiar; (b) a implantação das zonas de agricultura irrigada, em boa parte beneficiando os grandes produtores, mas também uma parcela de agricultores familiares; (c) o deslocamento, ou desenraizamento, de milhares de famílias – principalmente de agricultores ribeirinhos e de pescadores, mas também de moradores de cidades hoje submersas – devido à construção, no submédio São Francisco, das barragens de Sobradinho, Itaparica e Xingó –; (d) a ampliação da infra-estrutura e do mercado de trabalho, com as obras já citadas e com a implantação de um parque agroindustrial; (e) o refreamento da migração campo-cidade para as capitais do Sudeste do país.

experiências de realização e de insatisfação para as pessoas, "chances específicas de felicidade e contentamento" e "formas específicas de infelicidade e incômodo", que é uma característica das sociedades complexas (ELIAS, 1994b: 109). Esse processo de mudanças deve ser percebido e descrito tanto pelos fatores estruturais, quanto pelos fatores simbólicos, como é a intenção desta tese, de ler as mudanças nos entrelaçamentos entre os fatores objetivos e subjetivos a partir do estudo das trajetórias de pessoas que vivem em lugares com trajetórias singulares de desenvolvimento e de relacionamentos com o mundo.

1.5 – Os caminhos da pesquisa pelas trilhas de Ibimirim

O processo de construção teórico-metodológica foi sendo delineado no movimento entre a teoria e a pesquisa empírica. Por um lado, o referencial teórico apontava para a necessidade de construir um caminho metodológico voltado a compreender o entrelaçamento entre a estrutura dos processos sociais em mudança e a estrutura dos processos individuais também em transformação, ou, em outras palavras, as interdependências entre sociogênese e psicogênese.

Por outro lado, deparei-me com um urbano e um rural desconhecidos, cujos limites entre um e outro se tornavam ainda mais obscuros à medida que me aproximava dos jovens entrevistados e conhecia um pouco mais do seu modo de vida e das suas idéias, que desafiavam minha percepção sobre o modo de vida rural e urbano. Esta era uma dificuldade a ser enfrentada, principalmente em uma pesquisa qualitativa que se propõe a tratar de interdependências e evitar a simplificação da construção do conhecimento via pensamento dual, do "urbano *versus* rural", que generaliza diferentes situações do rural e do urbano.

Procurava as nuances da vida rural e da vida urbana em jovens de um município com muitas histórias. Procurava as formas de como é ser jovem nesses lugares. Sentia que era necessário entender as diferentes histórias que circulam em Ibimirim. Era preciso conhecer Puiú, Jeritacó e Moxotó, vilarejos que tiveram uma vida social mais dinâmica e independente de Ibimirim até os anos 1950, quando foi retomada a construção do açude do Poço da Cruz. Ibimirim tinha sido distrito de Jeritacó e, em outros tempos, Moxotó havia sido a sede do município. A não ser pelas questões político-administrativas, ainda hoje os moradores desses dois lugares mantêm relações com outros municípios quando se trata de questões comerciais, de saúde e de transporte para cidades mais distantes.

Comecei a perceber que as redes sociais e os processos de subjetivação dos jovens com quem iniciava a pesquisa se referiam a lugares e a significados construídos em processos sociais que atravessam esses lugares – e se conectam a outros –, e isto requeria um deslocamento na pesquisa. Na verdade, um duplo deslocamento: um primeiro deslocamento físico, em que tive que seguir por longas estradas para conhecer sítios, pequenas vilas – algumas muito mais antigas que a sede do município –, agrovilas, fazendas, velhos engenhos e lugares ermos. Um segundo deslocamento atingiu a pesquisa por inteiro, exigindo a busca de conhecimentos em arquivos pessoais, no cartório, no sindicato, nas associações locais, revirando fotografias, jornais, registros administrativos, ampliando o *corpus* da pesquisa. Isto trouxe a possibilidade de olhar para o objeto de pesquisa a partir de três perspectivas de observação, que oferecem diferentes miradas sobre o objeto de pesquisa.

Mirada 1: A Observação em campo

A observação foi feita no sentido proposto por Rudio, para "*aplicar os sentidos a fim de obter informação sobre algum aspecto da realidade"* (RUDIO, 1985: 33). Em campo, as observações foram foi feitas em momentos e circunstâncias muito diferenciados. Houve situações de observação não-participante em reuniões conduzidas por instituições que atuam com jovens, como uma reunião do PRORURAL com jovens que fizeram parte de um projeto de formação de jovens realizados por uma ONG, e também observei os jovens participantes da Plenária da Juventude da região do Sertão do Pajeú e Moxotó, promovida pela Secretaria da Juventude do governo do estado de Pernambuco.

Houve situações de observação participante em situações do cotidiano, como em festas, bares e lugares de frequência de jovens. Também observei jovens no trabalho, na agricultura, na piscicultura e na pecuária; no percurso dos universitários de Ibimirim para Arcoverde, feito de ônibus; nos encontros marcados entre amigos na na quadra de futebol, na *prainha* do açude; e ainda nos encontros fortuitos na feira, nas ruas, na *lan-house* e outros lugares.

Neste trabalho de observação, o pesquisador ocupa o lugar de um *outsider* no cotidiano das pessoas. Eu estive lá, acompanhei muitos jovens em diferentes situações de suas vidas e em diferentes lugares, construí alguns laços de maior familiaridade, solidarizei-me com sentimentos compartilhados comigo, mas sempre o pesquisador está perscrutando algo, garimpando dados, fazendo anotações, fotografando, gravando, tudo isto fica impregnado nas relações do pesquisador com as pessoas que viram "alvo" da pesquisa, estão presentes no comportamento e até na postura corporal. Por isto, por mais que eu participasse do cotidiano de alguns deles, eu era sempre *o* pesquisador para *eles*, o *outro*, um estranho que vai se tornando conhecido, que

participando do cotidiano em certas épocas, que vai se tornando "familiar", mas logo depois vai embora e não participa mais da vida deles. Até retornar em outro momento e fazer o mesmo processo.

Mas esse movimento foi o que me permitiu formar imagens e idéias próprias sobre os sujeitos, os contextos e as relações sociais, reavaliar essas imagens com a distância, e novamente reavaliar nos retornos. Permitiu construir uma visão crítica sobre os fatos, as pessoas, as situações e as opiniões sobre fatos, pessoas e acontecimentos que estão nas narrativas dos entrevistados e nas informações coletadas em campo. Possibilitou confrontar, levantar questões que causavam tensões no projeto de pesquisa, alterando alguns direcionamentos e confirmando outros, permitiu elaborar estratégias diferentes para construir dados, reelaborar roteiros e questões das entrevistas.

A observação trouxe para a pesquisa a reflexão crítica, o diálogo constante entre o que era dito pelas fontes pessoais e documentais, com o que era visto, examinado por lentes próprias. Por isto, a observação não pode ser reduzida a um movimento de fora para dentro, ou, melhor dizendo, do pesquisador para o objeto. Na verdade, o processo de pesquisa com observação participante, associada à pesquisa documental e entrevistas em profundidade, fez da pesquisa de campo um ato de reflexão tanto sobre o «objeto de pesquisa», quanto sobre a própria pesquisa (teorias, questões de pesquisa, metodologia), sobre o ato de pesquisar (as estratégias de aproximação, de entrada e de saída), e sobre o próprio pesquisador (suas motivações, seu comportamento, seu envolvimento e distanciamento).

O processo de observação foi se desenvolvendo como um diálogo entre o pesquisador, suas fontes, seus dados e suas próprias idéias, um diálogo por vezes intenso, por vezes confuso, por vezes esclarecedor. Tomou o sentido que Rudio (1985)

imprime à observação documental, essa mesma que se volta para a reflexão do processo de construção do objeto e de realização da pesquisa. Algumas vezes silencioso, buscando tecer a trama dos fios ainda emaranhados, recém-descobertos; outras vezes buliçoso, construindo pontes de significados, encontrando indícios, confeccionando "chaves de interpretação".

Mirada 2: As entrevistas

As entrevistas individuais foram realizadas com base num roteiro semi-estruturado em temáticas animadas por perguntas motivadoras e algumas perguntas-chave, que foram feitas a todos, relacionadas aos significados atribuídos pelos jovens à vida urbana e à vida rural, e aos projetos de futuro, para assegurar elementos comuns em todas as entrevistas.

A condução das entrevistas foi feita de forma a permitir às pessoas entrevistadas mais liberdade na construção da «narrativa de si», através da proposição de temas com base em uma(s) pergunta(s) motivadora(s), como, por exemplo, "conte-me como você era na escola", ou "como foi sua vida de criança". Isto permitiu à pessoa entrevistada responder livremente, escolhendo, no caso da vida escolar, se explanaria os aprendizados dos conteúdos formais, ou das relações entre colegas, ou da disciplina, ou do aproveitamento da educação para a vida adulta, ocorrendo, muitas vezes , aparecerem vários desses aspectos, no entanto, com pesos diferenciados. Não insisti demasiadamente em questões para as quais pareceram evasivas, e evitei tolher falas sobre questões que não constavam no roteiro e que, aparentemente, pareciam "menores" na escala de importância pessoal que cada um faz sobre os assuntos mais ou menos interessantes.

Isto porque as evasões, os desvios, os prolongamentos e as reduções podem ser tomados como parte desse método de pesquisa, como um esforço legítimo que as pessoas entrevistadas fazem para construir uma «narrativa de si» de acordo com a forma como elas gostariam de ser vistas pelo pesquisador que a inquire e, geralmente, por todos os «outros» com os quais convive. Todos esses aspectos foram tratados como dados para análise, pois que informam sobre a pessoa e a visão de mundo dessa pessoa, sobre o lugar que ela ocupa no mundo e sobre a forma como ela vê o mundo a partir desse lugar. É isto que confere «objetividade» à pesquisa baseada em narrativas individuais: o tomar o discurso dos indivíduos em sua plenitude – o discurso que é narrado por um sujeito particular, cuja existência é indissociável do coletivo maior em que vivem, da linguagem que é falada pela sociedade nacional, das idéias que circulam no mundo e no seu lugar, da intenção de apresentar uma imagem de si mesmo coerente e positiva. Por isto a entrevista será sempre um discurso relacional, que é proferido por um indivíduo particular, mas nunca um discurso particular a um indivíduo, ou seja, não é nunca um discurso livre de qualquer influência externa do seu entorno, pois o discurso não existe senão em sociedade.

O resultado disto pode ser visto na variabilidade das estruturas formais das entrevistas, com temas superexplorados por alguns entrevistados e subexplorados por outros, dado aos pesos diferentes conferidos pelas pessoas entrevistadas a cada uma das temáticas, devido à plasticidade que as pessoas procuram imprimir quando falam de si mesmas, e às circunstâncias em que se estabeleceram as relações entre o pesquisador e a pessoa entrevistada.

Fui, aos poucos, selecionando os jovens para entrevistá-los. Entrevistei jovens de ambos os sexos; filhos de agricultores e não-agricultores; moradores do núcleo urbano, das agrovilas, das vilas antigas e de sítios; uns trabalhando, outros estudando,

outros fazendo ambas as coisas e outros sem atividade de estudo ou trabalho. Quanto à idade, salvo alguns casos, a maioria dos jovens entrevistados estava na faixa etária de 19 a 29 anos de idade quando foram entrevistados. Isso porque, entre esses, identifiquei uma preocupação maior com as questões relacionadas à conquista da autonomia e à constituição de um projeto de futuro.

O quadro a seguir apresenta os jovens entrevistados a partir de informações básicas que revelam um pouco do perfil de cada um. Os nomes foram trocados, mas procurei manter uma relação com o nome verdadeiro pela verossimilhança fonética ou gramatical. As outras informações são verdadeiras, inclusive o lugar onde moram, pois esta informação é importante para a análise das configurações e campos de possibilidades.

Quadro 1 – Perfil dos jovens entrevistados

	"Nome"	Id	Estuda ?	Escolaridade Alcançada na época	Est. Ci-vil	Tem Filho ?	Trabalha? Atividade?	Lugar que mora	Com quem mora	Atividade do Pai ou Respons.
1	Alice	19	Não	Ensino Médio	Solt	Não	Eventual	Agrovila 4	Pais	Agricultor
2	Amparo	26	Não	Ensino Médio	Solt	Não	Não	Vila Poço da Cruz	Pais	Pescador
3	Anita	19	Sim	Superior/ Química	Solt	Não	Não	Sede	Mãe	Professora
4	Caio Neto	27	Não	5ª série Ens. Fundamental	Cas	Não	Agricultor	Agrovila 1 / Sede	Esposa	Agricultor
5	Daiane	18	Não	Ensino Médio	Solt	Não	Vendedora (em SP)	Agrovila 4	Mãe	Agricultora
6	Iri	23	Não	Ensino Médio	Solt	Não	Agricultor	Vila de Campos	Pais	Agricultor
7	Everton	18	Sim	7ª série Ens. Fundamental	Solt	Não	Não	Sítio Lagoa do Puiú	Pais	Agricultor
8	Evaldo	21	Não	Superior 3º Per. Biologia	Solt	Sim, 1	Digitador	Sede	Pais	Agricultor
9	Vando	20	Não	Ensino Médio	Solt	Não	Piscicultor Agricultor	Sede	Pais	Agricultor
10	Lucicleide	21	Não	Ensino Médio	Solt	Não	Não	Sede	Avó	Agricultora
11	Jacira	21	Não	7ª série Ens. Fundamental	Cas	Sim, 2	Piscicultora	Vila Poço do Boi	Esposo e filhos	Agricultor
12	Joana	27	Não	Ensino Médio	Solt.	Não	Agricultora	Agrovila 4	Pais	Agricultor
13	José Nilton	22	Não	Ensino Médio	Solt.	Não	Agricultor	Sede	Pais	Func. Publico
14	Jorge	27	Não	Superior / 2º Per. Historia	Solt	Não	Agricultor	Sede	Mãe	Professora

	"Nome"	Id	Estuda ?	Escolaridade Alcançada na época	Est. Ci-vil	Tem Filho ?	Trabalha? Atividade?	Lugar que mora	Com quem mora	Atividade do Pai ou Respons.
15	Juca	22	Não	4ª serie Ens. Fundamental	Cas	Sim, 2	Agricultor	Sitio Barro Branco	Esposa e filhos	Agricultor
16	Lucila	18	Sim	1º ano Ens. Médio	Solt	Não	Não	Agrovila 4	Pais	Agricultor
17	Marcio	25	Não	Ensino Médio	Cas	Sim, 1	Agricultor	Vila Poço do Boi	Esposa e filha	Agricultor
18	Marina	17	Sim	8ª série Ens. Fundamental	Solt	Não	Não	Sitio Barro Branco	Avó e tias	Pescador
19	Nara	22	Sim	Ens. Médio (Magistério)	Solt	Não	Professora	Agrovila 5	Irmãs	Agricultora
20	Nilton	27	Não	Ensino Médio	Cas	Sim, 2	Agricultor	Agrovila 1 / Sede	Esposa e filhas	Agricultor
21	Pedro	20	Não	Ensino Médio	Solt	Não	Educador social	Sede	Avó	Agricultora
22	Paulinha	17	Não	7ª serie Ens. Fundamental	Solt	Sim, 1	Não	Sitio Barro Branco	Pais	Pescador Agricultor
23	Elza	18	Não	2º ano Ens. Médio	Cas	Sim, 1	Não	Sitio Barro Branco	Esposo e filho	Trabalhador Rural
24	Ranulfo	18	Sim	2º ano Ens. Médio	Solt	Não	Ed. ambien-tal/Pedreiro	Sede	Pais	Pedreiro
25	Rita	20	Não	Ensino Médio	Solt	Não	Agricultora	Agrovila 1 / Sede	Pais	Agricultor
26	Rosa	19	Sim	3º ano Ens. Médio	Solt	Não	Agricultora	Agrovila 1 / Sede	Pais	Agricultor
27	Geane	16	Sim	3º ano Ens. Médio	Solt	Não	Empregada Doméstica	Vila Poço da Cruz	Pais	Pescador
28	Tito	17	Sim	3º ano Ens. Médio	Solt	Não	Agricultor	Vila do Moxotó	Pais	Agricultor
29	Valter	19	Sim	8ª série Ens. Fundamental	Solt	Não	Agricultor	Vila Poço da Cruz	Mãe / padrasto	Cozinheira e agricultor
30	Jessica	21	Não	Ensino Médio	Cas	Sim, 1	Educadora social	Sede	Esposo e filha	Pescador
31	Malcon	19	Sim	2º ano Ens. Médio	Solt	Não	Não	Sede	Pais	Apicultor
32	Chico	24	Não	Ensino Médio	Solt	Não	Digitador e Agricultor	Agrovila 4	Pais	Agricultor
33	Renildo	25	Não	Ensino Médio	Solt	Não	Assistente Admnistr.	Agrovila 5	Pais	Agricultor
34	Kelly	19	Sim	1º Ano Ens. Médio	Solt	Não	Eventual	Vila do Puiú	Mãe	Agricultora

Variação sobre a mirada 2: As discussões em grupo

Ocorreram 3 situações de discussão em grupo em que atuei como mediador. Duas discussões em grupo foram feitas com grupos de jovens participantes de projetos institucionais: jovens do SERTA e jovens artesãos do projeto de marchetaria da

Associação Umburanas[15]. Uma terceira discussão reuniu um grupo de amigos. Para os três grupos foram feitas duas questões para o debate "como é a vida do jovem em Ibimirim", e "o que eu quero para o meu futuro".

A discussão em grupo trouxe à tona aspectos das relações intergeracionais, com uma preocupação acentuada dos jovens em falar sobre as diferenças: diferenças entre o modo como vivem e o modo como viveram seus pais e avós; diferenças entre o que existiu antes na cidade e o que existe hoje; diferenças entre as idéias e os modelos de comportamento atuais e os vigentes em tempos passados que foram apreendidos por eles através das narrativas de pessoas adultas, principalmente os pais.

A dinâmica do debate facilitou a identificação de idéias comuns e de diferenças entre os jovens, principalmente entre os grupos institucionalizados, mas também entre os amigos. Para o grupo de amigos, as idéias baseadas na construção de alternativas coletivas, inclusive produtivas e de moradia com forte matiz de crenças e valores de solidariedade, deram a tônica à discussão. Entre os grupos institucionalizados, um discurso muito forte em torno dos paradigmas da preservação ambiental contrastava com comportamentos competitivos e a valorização dos empreendimentos individuais.

A realização de discussões em grupo trouxe a possibilidade de ouvir os jovens nas suas tentativas de estabelecer projetos coletivos e de construir um discurso da juventude, processos fortemente influenciados pela amizade e por crenças e valores que tendem à solidariedade e à ação coletiva, mais do que aos individualismos e egoísmos. Os grupos pautaram fortemente a idéia de uma identidade singular da juventude atual, ressaltando as diferenças com o «outro», no caso, os pais, os «velhos». Mas também ressaltaram as diferenças entre os jovens, pautando essas diferenças em

[15] A questão dos projetos não-governamentais para jovens será discutida no capítulo 4.

“gostos” e “comportamentos” que serviam como identificadores das afinidades e diferenças.

Mirada 3: A Pesquisa documental

Procurei por documentos que "falassem" sobre a história de Ibimirim e de seus lugares; sobre a construção do açude e a implantação do Perímetro Irrigado do Moxotó; sobre a violência associada ao envolvimento dos jovens com as drogas; sobre as secas e sobre a prosperidade.

Estive no cartório fazendo um levantamento dos registros obituários de jovens de 15 a 29 anos em uma seqüência de 10 anos seguidos. Fui ao arquivo do Pólo Sindical do Submédio São Francisco, em Petrolândia, buscar números do Boletim sindical que circulava na década de 1980 e início dos 90, além recortes de jornais pernambucanos que narravam o processo de implantação do PIMOX, os conflitos entre agricultores e agroindústrias, que possibilitou entender os significados atribuídos ao período de prosperidade e de decadência da agricultura irrigada em Ibimirim. Visitei casas de pessoas e tive acesso a fotografias de um arquivo particular e do arquivo do DNOCS que mostram aspectos da modificação da vida social em Ibimirim com a construção do açude Poço da Cruz e a implantação do PIMOX. Conversei com outros pesquisadores que desenvolvem pesquisas e ações de extensão[16]. Em tudo, procurava estabelecer conexões entre dados que auxiliassem a constituição de uma mirada sobre Ibimirim a partir de outros olhares.

Toda esta pesquisa documental enriqueceu o *corpus* da pesquisa trazendo a possibilidade de construir uma análise diacrônica, complementar à análise sincrônica, dando mais solidez à análise das trajetórias de jovens pela articulação entre estas e as

[16] Ibimirim tem um posto avançado do IPA, um Centro de Extensão da UFRPE, duas áreas indígenas, e vários sítios arqueológicos. Daí, a freqüência de pesquisadores de diversas áreas.

trajetórias dos lugares, à maneira de uma sociologia dos processos sociais, ou das configurações como alguns comentaristas preferem dizer sobre a sociologia de Elias.

1.6 – O trabalho interpretativo

O trabalho interpretativo das narrativas que emanam dos depoimentos, dos documentos e dos registros de campo do pesquisador foi composto em dois movimentos: um é analítico, quando o material empírico é dissecado, aberto, examinado e classificado; outro é o interpretativo, propriamente dito, quando as partes devem ser articuladas e conectadas em vários pontos nodais, de forma a construir explicações que tornem compreensivas as questões elencadas como problemas da pesquisa. Tomo novamente a perspectiva de Elias, para quem o trabalho do sociólogo se realiza no momento em que supera a perspectiva analítica para fazer conexões e articulações entre os diferentes elementos que compõem o seu objeto de estudo, ou seja, quando compõe uma interpretação (ELIAS, 2005a).

Para o modelo de análise, busquei apoio em Bertaux (1997) e em Vansina (1968), procurando associar esses aportes, aos aportes tomados de Elias, Bourdieu, Lahire, De Ketele, autores já discutidos anteriormente, para chegar a um método de desconstrução analítica e de reconstrução interpretativa das narrativas.

No primeiro momento, vasculhei o conjunto de depoimentos, caoticamente, com a angústia do "decifra-me ou devoro-te", tudo parecia embaralhado. Debrucei-me, então, sobre cada depoimento separadamente e cada material textual, indexando temas que pudessem formar uma primeira articulação entre eles. Abortei o primeiro impulso de arriscar uma interpretação do conjunto, para aprofundar-me ainda mais na análise de cada material. Identifiquei e codifiquei todos os eventos e fatos, esbocei o que seria

a seqüência cronológica de cada narrativa biográfica, o que não foi difícil devido à tendência dos depoentes a "contarem a vida" de uma forma mais ou menos linear. Desconstruí as narrativas e passei, então, para o segundo movimento, de reconstrução da narrativa das trajetórias de vida, relacionando os elementos identificados nos depoimentos com 5 modalidades de trajetórias, ou temáticas que foram contempladas nas entrevistas: (a) familiar-comunitária; (b) afetiva-fraternal; (c) escolar; (d) laboral; (e) associativa-participativa. Construí, então, uma narrativa autoral das trajetórias de vida dos jovens entrevistados, buscando a explicitação do olhar do próprio depoente, ou seja, sem apagar, na narrativa sociológica, as lógicas próprias de cada narrativa, antes dialogando com estas, grafando as diferenças ao mesmo tempo em que eram 'sobre-escritas', ou melhor, interpretadas pelo olhar do sociólogo.

Depois disto, voltei a fazer um esforço interpretativo do conjunto, estudando a estrutura diacrônica das narrativas em dois níveis: no nível objetivo, para analisar o contexto social e as influências exercidas sobre sujeitos e contextos; no nível subjetivo, para investigar os valores, as motivações, as razões no agir. E isto voltando às trajetórias de cada um, emaranhando-as para buscar explicações sobre os caminhos trilhados, e os não trilhados, que compõem essas trajetórias de jovens rurais.

Na exposição das narrativas individuais, para não extrapolar um tamanho razoável de tese, foram reproduzidas, no capítulo terceiro, 11 trajetórias individuais, escolhidas como amostras de casos "típicos" das situações encontradas, sem intenção de tipificar, mas de mostrar variedades diferentes, mas recorrentes entre os 34 jovens entrevistados. Já no capítulo quarto, na análise do conjunto das narrativas, foram tomados os depoimentos de todo o universo de jovens entrevistados.

1.7 – Dos itinerários e itinerâncias na trajetória do pesquisador

Com os referenciais teóricos e metodológicos apresentados, busquei captar as a vida social dos jovens desse pequeno município do Sertão, para compor um mosaico de trajetórias individuais que testemunhassem das condições de emancipação dos jovens em contextos onde a agricultura familiar é predominante, e que falassem também sobre o urbano e o rural, na ótica dos jovens, e sobre os projetos de futuro destes.

Felizmente, não fui a campo para testar hipóteses formuladas como ponto de partida da pesquisa. Os problemas de pesquisa foram sendo construídos paulatinamente. Levei inquietações, dúvidas e intuições, mais como um viajante que parte com um roteiro de viagem aberto, do que como um turista que segue o itinerário de viagem pré-definido. Imaginei, sim, um itinerário a percorrer, como exercício de «imaginação sociológica» para orientar buscas a fazer e iluminar alternativas, mas também me abri às experimentações dos inusitados, de estar em situações e ir a lugares não planejados, sugeridos por outras pessoas. Assumi que o risco faz parte da viagem e possibilita novas descobertas (LA MENDOLA, 2005). Nos primeiros momentos da pesquisa de campo, eu era apenas itinerante, um errante, que aproveitava as oportunidades para conhecer e poder fazer, depois, as escolhas à medida que caminhava, a partir das influências que foram decisivas, das oportunidades aproveitadas e das não-aproveitadas, das aprendizagens advindas das experiências e, também, dos constrangimentos, das circunstâncias não desejadas, que não pude evitar (DE KETELE, 1999).

De Ketele observa que, necessariamente, o sistemático e o sistêmico não são opostos e podem se coadunar na pesquisa, para tornar possível a compreensão da

realidade, com a medida certa de rigor e ludicidade, sabendo que o nosso conhecimento sobre a realidade será sempre parcial (De KETELE,1999).

Foi assim que fui construindo um *corpus* de pesquisa com textos, imagens e sons, até entender que tinha reunido dados relevantes, que representavam a variedade das configurações locais, das representações sociais e das posições dos jovens no espaço social de Ibimirim, conforme recomendam Bauer e Gaskell (2004), para a delimitação do *corpus* da pesquisa qualitativa.

CAPÍTULO 2

SERTÃO, SERTÕES

Variedades e similaridades nas histórias de ocupação dos lugares do Sertão

Este capítulo trata da ocupação de Ibimirim, no sertão do Moxotó, desde os passos iniciais desta ocupação, entre o final do século 17 e início do 18, até o processo de modernização que se intensifica a partir de meados do século passado, com o desenvolvimento de grandes obras para a implementação de projetos de irrigação. No entanto, não é para realizar uma revisão histórica detalhada de um período histórico tão grande que este capítulo foi escrito. Para os fins desta tese interessa-me realizar uma leitura sociológica dessa ocupação a partir de um olhar sobre a evolução da configuração social que lá se desenvolveu, observada do pela transformação do modo de vida dos sujeitos em interdependência com as transformações das relações econômicas e políticas que conformam o que a sociologia chama de estrutura social.
Uma leitura que, sob a ótica da teoria das configurações, busque identificar os princípios geradores de práticas, comportamentos e normas sociais nas formas que tomam a vida social no campo e na cidade, nas interdependências desta com as relações de caráter mais eminentemente econômico e político que marcaram o território com lutas, cercas, estradas, fazendas, barragens, enfim, que definiram possibilidades e interditos naquele espaço social, gerando movimentos de cooperação e oposição entre os grupos sociais que se confrontaram nesse lugar do Sertão[17].

Entendendo que as práticas e idéias coletivas se ancoram nas relações sociais dinâmicas, o estudo do processo histórico de ocupação do Sertão do Moxotó interessa enquanto elemento do conhecimento necessário à compreensão das configurações

[17] Toma-se o conceito de interdependência no sentido que é empregado por Elias, de "uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes", que formam o nexo do que ele denomina como *configuração* (ELIAS, 1994a: 249), conforme foi discutido no capítulo anterior.

sociais atuais, no que tange às relações entre as formas coletivas de comportamento e pensamento presentes nos grupos sociais que hoje vivem em Ibimirim e as mudanças nas estruturas econômicas e sociais engendradas no processo histórico.

Isto se distingue de certas abordagens estruturalistas que tomam o espaço como cenário da história, quando na verdade ele é produzido *na* história e como todo construto histórico, também é simbólico. A definição do corte regional parece não ser problematizada quando se toma a região somente como algo vivido, palco dos acontecimentos, à maneira como Vidal de la Blache, geógrafo do regionalismo, recorta uma região, ou como a história regional narra a sua história.

Segundo a crítica que Durval Muniz de Albuquerque Junior[18] faz à história regional – cujos pressupostos, afirma o autor, são guiados pelo modelo da Escola dos *Annales* para a monografia regional –, esta toma a região como base onde são sobrepostos elementos de uma geografia humana e de uma história econômica e social, tais como informações sobre os povos que ali habitaram e habitam, sobre como se adaptaram, que elementos exógenos trouxeram e incorporaram aos elementos locais, o que e como produziram, que fluxos de trocas estabeleceram a partir do lugar e as formas de mobilidade social que foram operadas. E ainda, qual a relação do homem com a terra, quais as formas de utilização dos recursos naturais, como se organizaram os sistemas de produção e as relações de produção, quem foram os agentes que se apropriaram dos excedentes e como essas relações de produção e dominação segmentaram o espaço social definindo hierarquias nas relações de poder. A todos esses elementos uma história regional ainda poderia acrescentar o estudo da cultura, da

[18] Palestra proferida pelo autor no dia 21 de outubro de 2008, no Instituto Ricardo Brennand (Recife/PE).

linguagem, das manifestações artísticas e sobre as funções das produções simbólicas nessa ordem social.

Uma história regional construída nesses termos, diz o autor, como uma "história total", enfatiza as permanências e continuidades mais do que as rupturas. Ela tende a tomar a região como comunidade, como singularidade produzida pela interação do homem com o espaço e, por isto, procura explorar apenas as dimensões do equilíbrio, da acomodação, da tradição, ou da resistência às mudanças enquanto forma que reorganiza o sistema e retorna às sincronias. Assim, tal forma de história regional deixa de lado as diacronias e os elementos que apontam para a desorganização do tempo e do espaço, a não ser quando essa diacronia é tão profunda que atinge várias camadas da vida social, e então, passa a interessar como um acontecimento total que produz mutações estruturais. Ela perde de vista as diacronias "menores" que são vividas no cotidiano, aquelas que são fruto das formas como os sujeitos, silenciosamente, interpretam e reinventam as idéias e práticas coletivas. Esvaziada deste simbólico das interpretações dos agentes que fazem a região, todo o trabalho de subjetivação que construiu a identidade daquela região, portanto, o trabalho que permitiu nomear aquela região e reconhecê-la através do nome, que definiu os limites onde o nome se aplica, as fronteiras e características da região, esse trabalho subterrâneo e apagado pelo tempo escapa do olhar do investigador que toma a região como dado natural, esquecendo que todo dado, invariavelmente, é construído pela pesquisa e não "coletado".

O que pretendo fazer aqui é diferente dessas perspectivas que tomam o espaço como cenário da descrição dos acontecimentos, ele mesmo um não-acontecimento, elemento pré-existente e a-histórico que condiciona a forma de ocupação humana. Não é a região por si própria que interessa à pesquisa, mas a sua relação com a formação

social maior que a região se insere, no nível macrossocial de análise, e no nível micro, sua relação com o modo de vida das pessoas (GEBARA, 1987).

Falando a partir do campo da sociologia, adoto um procedimento sociológico importante para estudos deste tipo, que é o de fazer uma análise em perspectiva comparada, no caso, entre o processo de ocupação de um espaço específico do sertão – Ibimirim, no Sertão do Moxotó –, e o espaço maior que engloba o primeiro – o Sertão nordestino – e as conexões destes com o cenário nacional. Estas conexões devem ser entendidas como relações de interdependência entre: (a) os processos sócio-econômicos locais e os processos mais abrangentes da estruturação da sociedade brasileira e da inserção desta no mundo; e (b) os processos de mudanças "estruturais", ou seja, mudanças nas relações econômicas e sociais, e as mudanças nas formas de pensamento e comportamento social dos indivíduos.

Da primeira ordem de conexões interessa olhar as mudanças nas relações entre um lugar específico e os lugares centrais do ponto de vista das relações de poder numa determinada sociedade, como as relações entre metrópole e colônia na sociedade sistema colonial, ou as relações entre regiões industriais e regiões não-industriais na sociedade capitalista. E também as diferentes posições intermediárias, como as relações entre as cidades da região, ou entre Ibimirim e as vilas antigas que fazem parte do seu território, relações estas que, articuladas, perfazem o espaço de domínio de todo um sistema, mas que mostram diferentes tons na forma como o sistema se organiza.

Da segunda ordem de conexões interessa perceber as mudanças operadas no modo de vida dos moradores, observando tanto as mudanças que são engendradas nas relações de produção, mas também as mudanças nas formas de comportamento social, influenciadas pelas transformações sociais influenciadas pelos movimentos sociais, como o feminismo, pela indústria cultural e pelas mudanças geracionais. Ou seja, ver

as mudanças em esferas da vida social que não resultam diretamente das mudanças nos padrões de produção e de trabalho.

Assim, não é demasiado reforçar que o "viés" interpretativo adotado nesta tese difere daqueles que buscam, na descrição do processo histórico, encontrar no passado uma origem que viesse dar suporte às interpretações das práticas sociais e culturais atuais. No pensamento de Elias, que dá suporte a esta interpretação, para além do *habitus* que carrega o passado na forma de uma "segunda natureza" colada ao indivíduo, são as redes de interdependência que os indivíduos constituem no presente que conformam as possibilidades de ser e de viver. Segundo a interpretação de Lahire: "ao evocar a 'economia psíquica' ou o *habitus*, em suas reflexões, Elias insiste mais nas redes ou configurações de interdependência que os indivíduos formam entre si do que na articulação com o passado incorporado pelos indivíduos socializados" (2004: 21).

O que estou propondo fazer é uma leitura sociológica sobre os processos macro-sociais e as práticas sociais e culturais que contribua para a compreensão do processo de formação dos «lugares onde se vive» – cidades, vilas, fazendas, etc. – e de como esse processo está presente atualmente na conformação dos campos de possibilidades de modos de viver em cada lugar, campo que é formado de estruturas, mas também das relações entre os sujeitos. Está se considerando que «o lugar onde se vive», ou seja, a posição que esse lugar ocupa *no* mundo e o lugar *do* mundo de onde a pessoa vê, percebe, sente e conhece o mundo, é fruto das relações sociais, das tensões e do equilíbrio das tensões das relações sociais. Neste sentido, o lugar não é nem o palco, nem o depositário das relações sociais, ele é o próprio resultado dessas relações e, como tal, é parte intrínseca do imaginário, das subjetividades (CARLOS, 1996; TUAN, 1983).

Para trilhar este caminho utilizei fontes bibliográficas, que inclui pesquisas acadêmicas, obras literárias de memorialistas e a documentação levantada na pesquisa, constituída principalmente de fotografias de acervos particulares e institucionais, entendendo estes achados como produtos culturais dotados de significados inteligíveis em diferentes camadas, sobre os quais é preciso lançar um olhar sociológico, imaginativo e metodológico, para alcançar um nível de interpretação adequado (WRIGHT MILLS, 1969; ELIAS, 2005a; MANNHEIM, 1982).

2.1 - Considerações sobre métodos de interpretação de imagens e documentos

Conduzir esta pesquisa da forma proposta, como estudo das interdependências entre a sociogênese e a psicogênese dentro do paradigma da sociologia das configurações, exige mesmo lançar um olhar retrospectivo sobre o processo histórico da ocupação do Sertão, que traz implicações metodológicas para a pesquisa. Como a pesquisa tem em seu *corpus* documental fotografias de origem diversa, de acervos particulares, de órgãos governamentais e do próprio pesquisador, convém explicitar como elas compõem este trabalho sociológico.

Do ponto de vista da utilização como suporte analítico, as ciências sociais marginalizaram as imagens na medida em que radicalizaram o uso da palavra como instrumento fundamental na construção da verdade científica, desde que Karl Popper estabeleceu a premissa da "validade" científica baseada na forma de frase observáveis ou protocolares –, até a chamada «virada lingüística». Esta premissa de Popper para a pesquisa científica levou à compreensão de que, sendo os dados obtidos da observação e das imagens impossibilitados de serem captados sem um primeiro nível de interpretação do cientista –, o único nível em que a influência do cientista deveria ser

nula –, a validade desses materiais como base empírica ficaria sob suspeita. "A marginalização da interpretação de imagens foi assim mais uma vez corroborada pela radicalização da compreensão da verdade social como textualmente formatada", e essa marginalização reverberou até mesmo dentro dos paradigmas das pesquisas qualitativas[19] (BOHNSACK, 2007: 287).

A antropologia, mais do que a sociologia, experimentou o desenvolvimento de metodologias de pesquisa e de análise de imagens. No entanto, ainda na fase de sua consolidação, a sociologia teve um método de análise construído fundamentalmente sobre a influência das análises de obras artistas que eram feitos por historiadores da arte. O método documental de Mannheim foi assim construído e sua importância se estendeu para o campo da história da arte, influenciando nitidamente o método de análise iconográfica e iconológica de Erwin Panofsky (BOHNSACK, 2007).

No ensaio sobre a interpretação da *weltanschauung*, publicado em 1923, Mannheim (1982b) considera o problema de tratamento cientifico adequado aos objetos culturais, tal como o trabalho de arte, filosofia etc. No tratamento dos objetos culturais, as criticas daqueles que defendem a tese de que toda análise cientifica deve se conformar ao modelo das ciências naturais incide sobre a interpretação, alegando ser duplamente pela subjetividade: a do pesquisador, como já foi explicado, e a dos autores das obras, seres que vivem na esfera volitiva, estética e emocional, o que faz das obras culturais, segundo esta visão, objetos a-teóricos. Neste ensaio, como em outros, Mannheim posiciona-se contra esta tese.

[19] Um exemplo dessa marginalização das imagens foi dado por Bourdieu. Embora tenha feito mais de 3.000 fotografias durante sua permanência na Argélia – documentando espaços, objetos e ocupações dos argelinos, outras para demonstrar a convivência entre costumes tradicionais e as novidades ocidentais – Bourdieu nunca fez uso da fotografia como objeto de análise em suas publicações, por causa da "preocupação de não chegar a ser suficientemente científico", como confessou por ocasião de uma mostra fotográfica com essas fotos (BOURDIEU, 2003b: 48; citado por MARTINEZ, 2006: 406).

A posição de Mannheim é a de que o a-teórico – a arte –, não é irracional, mas antes interpretável. A tarefa da interpretação consiste na descoberta do todo estrutural ao qual pertencem esses fenômenos a-teóricos. Esta tarefa é realizada em três níveis: (1) o objetivo – é o mais superficial, pois que se detém sobre o que é evidente na obra, visível e evidente em seu conteúdo; (2) o expressivo – é menos obvio e se traduz na tentativa de interpretar a obra a partir das intenções do autor, captado através de sua situação biográfica, ou seja, sua posição social e as condições da produção da obra; e, (3) o documental – esse é captado a partir da mensuração da visão geral dos atores, sua visão de mundo (*weltanschauung*). O significado documental não se confina à arte pela arte, à literatura pela literatura; é relativo ao que é mais real no homem, o seu lugar dentro do todo da realidade histórica (KECSKEMETI, 1964: 24).

Este tipo de interpretação possibilita descer ao nível dos princípios e ideais que circunscrevem a obra e das relações desta com outros princípios e ideais em conflito com esse. Já não é a intenção do artista que está em jogo, visto que a visão de mundo não é inteiramente racional, sendo, portanto, um sentido oculto ao próprio artista. Este é o nível de análise documental, que Mannheim preconiza para uma sociologia da cultura, ou do conhecimento, como ele realizou.

Elias também caminha no sentido oposto à essa aproximação das ciências sociais às ciências naturais. Em sua obra *Introdução à Sociologia*, Elias retorna à Comte no que diz respeito à impossibilidade da separação entre o método científico e os objetos da ciência, o que, para Elias, aponta para a necessidade de modificar o método e variar sua aplicação conforme a complexidade do objeto exija. O abandono desse pressuposto comteano, segundo Elias, tomou forma na teoria do conhecimento e na filosofia da ciência, "na idéia de que há formas eternas de pensamento, representadas por 'categorias' ou regras a que chamamos 'lógicas'" constituindo

regularidades. Para ele, esta orientação da concepção de ciência a partir de uma ciência particular, no caso, a física, esteve por trás de todo o movimento que se iniciava rumo ao desenho de uma especialização científica crescente, gerando a diferenciação de domínios científicos que antes compunham um mesmo campo do saber, tal como a divisão entre psicologia, antropologia, sociologia, história, ciências políticas e economia[20] (ELIAS, 2005a: 44-56).

Segundo Elias, para que seja possível ao cientista social interpretar uma trama complexa de interdependências, como são as relações sociais nas sociedades contemporâneas, as metodologias de estudo devem se tornar mais maleáveis e adaptadas aos objetos de estudo. A trajetória de pesquisa de Elias mostra o quanto foi necessário ele se apoiar em métodos diferentes para alcançar os objetivos de pesquisa.

Na "aula" que resultou no livro *A peregrinação de Watteau à Ilha de Cítera*, Elias (2005b) faz a análise da obra de arte tomando como ponto de partida a obra em si, ou seja, a imagem composta pelo artista, desde a análise dos elementos "recortados" do conjunto – as feições das mulheres, as posturas dos namorados a encorajá-las gentilmente, os cupidos fazendo-as levantar, o capitão à espera etc. –, até a análise da composição dos planos da obra – de um lado as copas escuras das árvores sobre os casais, de outro lado, a luz do ocaso do dia, impedindo a visão clara do que está por vir.

Da análise do que é aparente na imagem, Elias envereda por considerações sobre a trajetória do artista, de origem burguesa, que compôs a obra como requisito de ingresso na Academia Real de Pintura e Escultura.

[20] Segundo Elias, a autonomia reivindicada pela sociologia em seus primórdios, como a ciência que estuda a sociedade era contestada sobretudo pela confusão gerada pelo conceito de sociedade: "quais as características próprias de uma sociedade que diferem das características dos indivíduos que a compõe?". Para Elias a autonomia da sociologia se construiu a partir do desenvolvimento mesmo da sociedade (ocidental) enquanto um processo de "cientifização crescente do controlo sobre a natureza, uma diferenciação ocupacional crescente" e o estabelecimento dos Estados nacionais (ELIAS, 2005a: 67-69)

Ilustração 1 – “O Embarque para a Ilha de Cítera” (1719), Antoinne Watteau. Museu de Berlim.

Era uma época de transição, onde a burguesia, à procura de reconhecimento social, imitava a aristocracia. A Academia, dominada pela aristocracia, classificou o quadro como “pintura de festa”, imprimindo a primeira interpretação da obra, como alegoria da vida aristocrática. Nesse primeiro movimento Elias fez uma análise do que no interacionismo se chama “situação biográfica”. Depois, Elias discorre sobre os vários sentidos que foram atribuídos à obra ao longo da história.

A atmosfera crepuscular pode ser associada aos últimos anos de Luis XIV na França, as sombras das velhas árvores como o poder do rei, enquanto a aristocracia ficava acomodada sob a proteção real. Este é o sentido que vai sendo construído após a Revolução Francesa, onde o quadro adquire uma interpretação política que estava ausente no Estado absolutista. Quase em meados do século XIX, quem determinava o gosto eram os próprios artistas e literatos em ascensão, jovens artistas que se reuniam em grupos que “para compensar a rotina cinzenta e sobra da sociedade burguesa [...]

sonhavam com a alegria, com a beleza dos trajes que as pessoas então vestiam, com a graça e a elegância de suas festas" (ELIAS, 2005b: 42). Foi aí que Watteau e sua Cítera foram redescobertos e interpretados à luz das "necessidades emocionais e ideais" dessa geração. Primeiro como ideal da vida bela. Até que um desses jovens poetas viaja para Citera, então sob o domínio inglês e conhece uma ilha devastada, feia, onde condenados são enforcados em praça pública. Reinterpreta-se o significado da obra. Elias vai explorar outras fontes que revisitam o tema da ilha "real", entre eles Baudelaire, em *As Flores do mal*, e Victor Hugo, em *Cérigo*, para tratar da mudança do gosto: antes de Baudelaire era impensável ver publicado poemas que tratassem da miséria humana recorrendo ao asco, ao nojo e ao desejo do corpo. Modificado o gosto, a obra deixa de representar as belas utopias para representar as amargas desilusões.

Refazendo o percurso das interpretações da obra ao longo da história, Elias mostra como ela adquire diferentes sentidos, seja devido às peculiaridades próprias da obra – "cuja atmosfera é polissêmica e crepuscular [...] comedido na expressão de sentimentos, e talvez por isso mesmo tão prenhe de sentidos" (2005: 28) –, seja devido às situações dos grupos sociais que a interpretam em cada momento histórico. Interpretar se a peregrinação representada na obra é uma alegoria do prazer, na partida rumo à utopia da Ilha do Amor, ou, pelo contrário, se é uma alegoria da dor, de deixar uma vida de prazer para ser sacrificado no altar da deusa Afrodite, dependerá das circunstâncias sociais de cada época. Para Elias, "pertencem às características particulares do quadro suas diferentes interpretações ao longo do tempo e, em sentido mais amplo, também a transformação das atmosferas que se ligam ao que está representado" (ELIAS, 2005b: 23).

Com este método Elias explicita o processo de construção dos sentidos dados à obra em sua relação com os processos sociais de cada época. Através das mudanças

nos modos de ler e interpretar a obra, ele discorre sobre as mudanças sociais na Europa desde o período aristocrático até o final do século XIX.

Essa explanação sobre a aula de Elias serve para retornar à questão primordial no uso de imagens como dados de análise sociológica, que é diferente de usar imagens para ilustrar as análises construídas sobre outros dados. A questão sobre como escapar ao senso comum na interpretação das imagens, é respondida pela aplicação de um método que permita ultrapassar as interpretações subjetivistas, apoiado também na critica à questão da objetividade que o positivismo não resolve satisfatoriamente.

Esta forma de interpretar as imagens também coaduna com a proposta de José de Souza Martins (2008) para uma sociologia da fotografia e da imagem. Segundo este sociólogo, o conteúdo sociológico na análise da foto está no modo de fotografar, que diferencia classes e categorias sociais. A fotografia, à semelhança de qualquer outro documento, é uma interpretação e o trabalho sociológico é interpretar a interpretação, o que, segundo o autor, é fazer uma sociologia do conhecimento do senso comum. A fotografia permite fazer interpretações sociológicas ao revelar o que é próprio de cada cultura visual que se revela nos temas preferenciais, no modo de fotografar, nos objetos escolhidos ou rejeitados no enquadramento entre outros aspectos que testemunham sobre os "diálogos" entre a fotografia e a sociedade.

Conhecendo as limitações dessa forma de documentação, diz Martins, é possível "demarcar com segurança o lugar [a fotografia] que pode ter na Sociologia", que é este: através da fotografia, o sociólogo pode "ver o que por outros meios não pode ser visto". Sabendo que a fotografia não é o retrato da realidade, o sociólogo pode encontrar nela indícios "do imaginário social e das mediações nas relações sociais", usar a fotografia como "representação social e memória do fragmentário, que é o modo de ser da sociedade contemporânea" (MARTINS, 2008: 36).

As fotografias populares podem ser interpretadas como documentos da "*visão de mundo* dos simples", que contem evidências de que o cotidiano é mais do que o repetitivo, mas é preciso entendê-las como elaborações simbólicas e não documentos do cotidiano propriamente dito. Isto porque as pessoas, diante da câmera, representam a si mesmas da maneira que querem ser vistas, ocultando o que o que têm vergonha, o que é feio ou comum demais, adicionando símbolos que gostariam que fossem seus, enfim, inventam-se na fotografia. Já na fotografia documental, seja ela feita por um fotógrafo profissional ou amador, como o pesquisador, podemos observar o esmero do fotógrafo em retratar aspectos éticos e estéticos nas pessoas e nos acontecimentos comuns do cotidiano, tentando fazer uma composição o mais próximo possível da realidade, como é vista pelo fotógrafo. Desta forma, mesmo a fotografia documental tende a constituir uma representação do cotidiano na forma de crítica à fragmentação da vida moderna, buscando evidenciar valores universais que transcendem ao cotidiano, como é o caso das fotografias de Sebastião Salgado, por exemplo (MARTINS, 2008: 59).

Portanto, em ambos os casos, deve-se romper com a idéia simplificadora da fotografia como congelamento de um instante, documento que apresenta um corte do processo social ou documento do cotidiano. Pelo contrário, a fotografia, segundo Martins, deve ser usada pela sociologia como "documento do imaginário contraditório, em crise, do homem contemporâneo", como *documento de mentalidades* e não da vida cotidiana (MARTINS, 2008: 52-8).

É nestes referenciais metodológicos que me baseio para fazer uma análise de fotografias e da literatura sobre o sertão. As fontes fotográficas utilizadas são fotografias de acervos particulares de moradores locais e fotos que podem ser

chamadas de oficiais, feitas por fotógrafo por encomenda do DNOCS, órgão governamental responsável pela obra.

Fontes fotográficas e textuais foram por mim arranjadas neste texto de forma a revelar as *visões de mundo* dos grupos sociais que fizeram parte dessa história de ocupação do Sertão. A literatura abrange um período maior, enquanto as imagens tratam de uma época mais recente, retratando principalmente o período da construção do açude e das transformações na vida social do município que se desenvolveram a partir da década de 1950, quando é retomada a construção do açude Poço da Cruz.

Tanto as fotos quanto os textos têm diferenças de gênero, de origem dos autores, de objetivo que foram feitas. As fontes textuais utilizadas são monografias, teses e artigos acadêmicos, e ainda textos de memorialistas que escreveram sobre a ocupação do sertão.

É possível reunir gêneros tão diferenciados dentro dessa proposta metodológica quando ela instrumentaliza o pesquisador a analisar o objeto, texto ou imagem, não apenas pelo conteúdo, mas pela situação da obra no contexto social em que foi produzida: das influências a que o autor recebia, da finalidade de sua produção ou, para quem ele produzia, ou com quem dialogava; e como as obras foram interpretadas.

Assim, as fotografias aqui reunidas devem ser vistas como um "conjunto narrativo de histórias", "memória dos dilaceramentos, das rupturas, dos abismos e distanciamentos" (MARTINS, 2008: 45), de uma sociedade em mudança, que busca registrar fragmentos do vivido, mas que ao fazer esse registro, deixa as marcas das razões de suas escolhas e também dos seus esquecimentos. É esse conjunto de "imagens" do imaginário que interessa trazer para a interpretação das mudanças nos padrões sociais de comportamento e na vida social dos moradores de Ibimirim.

2.2 - Contribuições para uma sociogênese do Sertão

O termo *sertão* aparece desde os primeiros tempos da colonização brasileira e teve seu uso modificado ao longo do tempo. Inicialmente foi utilizado como referência genérica às áreas menos povoadas do interior do país. É recente a utilização da palavra para se referir a uma região específica, o sertão nordestino. A esta variabilidade nas marcações territoriais corresponde uma também grande variação no emprego simbólico da palavra, que adquire significados diferenciados de acordo com as referências culturais onde ele é empregado.

O primeiro significado da palavra *sertão* foi cunhado na Carta de Pero Vaz de Caminha, como referência aos lugares além da faixa de ocupação litorânea. O fato da terra "descoberta" possuir uma natureza desconhecida e uma imensa área comparada aos padrões lusitanos contribuiu para que se associasse ao *sertão* as noções de vazio, desabitado, incivilizado. *Sertão* era então uma referência utilizada como num jogo de espelho, sempre em oposição ao litoral, ocupado, rico, o lugar do refinado (ARAÚJO, 2000). Ainda depois de consolidada a colonização, a imagem do sertão persistiria como o lugar ermo, com riquezas a ser conquistadas, porém selvagem, rústico (LEONARDI, 1986).

Entre camponeses da região do Vale do Paraíba, moradores das serras que delimitam e confundem os limites entre os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, o significado de *sertão*, ainda nos anos 1970-80, era usado para designar as terras não exploradas pela agricultura, as matas, os lugares de habitação dos índios e caboclos, portanto, indicava as terras situadas além da fronteira do mundo rural que marcavam o domínio da natureza em oposição ao domínio do homem (BRANDÃO, 1995).

Quando Goiás e Mato Grosso foram sendo ocupados por garimpeiros, tropeiros e boiadeiros, pioneiros no abrir os caminhos para fundar novos aglomerados humanos,

os sentidos atribuídos ao sertão colocava-o como oposto à cidade. Esta última, como o "lugar das transformações políticas e sociais, assim como do progresso material e cultural – por conseguinte, como o lugar da história", opunha-se ao *sertão*, este, "um mundo selvagem, pré-histórico (pré-político). Nesse tecido cultural é que se produzem os signos sobre o *sertão*: perigoso, bruto, indomável e, indiscutivelmente, atrasado – do índio e do homem sem lei" (GUIMARÃES NETO, 2006: 21).

Mas de todos esses sertões, somente um transformou o substantivo genérico em substantivo próprio, o Sertão nordestino:

> O sertão deixa de ser aquele espaço abstrato que se definia a partir de uma "fronteira da civilização", como todo o espaço interior do país, para ser apropriado pelo Nordeste. Só o Nordeste passa a ter sertão e esse passa a ser o coração do Nordeste, terra da seca, do cangaço, do coronel e do profeta. (ALBUQUERQUE JR., 2001: 117)

Nessa "invenção do Nordeste" descrita na tese de Albuquerque Junior, os sentidos atribuídos ao Sertão nordestino foram apropriados para conformar a imagem de toda uma região, na busca empreendida por suas elites intelectuais e políticas para (re)encontrar um lugar próprio do Nordeste na construção da identidade nacional. O Sertão forneceu os argumentos que iriam a posição dessa elite nordestina na disputa que se tratava com outras elites do "sul" do país, especialmente o regionalismo gestado pelas elites paulistas que construíam uma imagem de si mesmas como realizadoras da "ordem e do progresso", capturando um símbolo e um ideal nacional. O clássico de Euclides da Cunha, *Os Sertões,* é a melhor expressão desse regionalismo do "sul" que vinha sendo cunhado desde meados do século 19 até o início do 20.

No início do século 20, falar do sertão era uma forma de ilustrar o "atraso" e a necessidade do país se "modernizar", colocando em debate a questão do «desenvolvimento nacional» e dos agentes capazes de produzir esse desenvolvimento,

já que as elites não reconheciam nos índios, negros e mestiços as características de agentes civilizadores, ou seja, não eram considerados capazes de se incorporar na sociedade moderna (CANDIDO, 1971; MARTINS, 1975; QUEIROZ, 1976). A questão central que emergia desses debates era mesmo a disputa em torno da fixação de uma identidade nacional, que se formava, então, a partir de leituras regionalistas (CANDIDO, 1985: 113).

Na descrição euclidiana sobre os elementos naturais e humanos do Sertão nordestino estaria esboçada a particularidade do caráter do brasileiro, da identidade nacional: muito mais americana do que européia, muito mais índia do que negra, muito mais sertaneja do que litorânea. Combinando estes elementos Euclides da Cunha resolveria a tensão entre os regionalismos, apresentando o sertanejo nordestino como "o elemento da unidade nacional", reinventado como "um 'paulista' isolado no sertão", um "herói nacional", que tal como o bandeirante, marchou para ocupar o oeste. É no oeste, longe do litoral, que esse homem sertanejo foi criado livre das influências européias e dos cruzamentos raciais com o negro, elementos presentes na civilização do litoral (ALBUQUERQUE JR., 2001: 53-4).

Assim foi como emergiu o Sertão nordestino no cenário nacional, fruto da relação sertão-litoral e sertão-cidade, sendo gestado durante quatro séculos da história, passando de substantivo comum a substantivo próprio. Na primeira nomenclatura, como espaço anti-civilização, os *sertões*, refúgios dos «índios bravios», dos inimigos protegidos por uma natureza hostil, das riquezas desconhecidas e das mitologias. Depois, como substantivo próprio, passou a nomear um lugar, um espaço longínquo, habitado por gente de valor, mas desgraçada, castigada pela natureza; um lugar que necessitaria da ação modernizadora para melhor aproveitar suas riquezas e incorporá-lo à civilização nacional, tal como o requer Monteiro Lobato em *Urupês*.

O regionalismo nordestino se construía a partir do discurso da seca. Era esta o principal acontecimento a explicar todas as calamidades sociais: a migração, o messianismo, o cangaço. A seca, naquele início de século, motivara a criação de um órgão da administração federal, a Inspetoria de Obras contra as Secas (IOCS) em 1909, depois IFOCS, em 1919, acrescentando o "federal" ao nome.

A essa primeira fase de regionalismo naturalista construído sobre as relações entre o homem e o meio-ambiente, se sucedeu outra, de um regionalismo cultural, cujo epicentro era a casa grande do engenho nordestino, segundo seu maior expoente, Gilberto Freyre. Freyre focalizou o regional nas relações sociais típicas que se formaram entre senhores e escravos no Nordeste açucareiro, que teriam "adocicado" a rigidez da língua e dos costumes adquiridos aos portugueses. A identidade brasileira seria, na ênfase dada por Freyre, impregnada pela peculiaridade da mestiçagem entre brancos e negros e temperada pela tropicalidade que se traduziria na malemolência dos corpos e dos costumes. A obra de Freyre mostra sua busca pela "harmonia entre os elementos naturais, sociais e culturais" (ALBUQUERQUE JR., 2001: 85).

A desarmonia é provocada pelo impacto da modernização das relações sociais e do progresso tecnológico na visão gilbertiana. Por isto ele constrói uma narrativa baseada na tradição rural, na sedentaridade do agricultor, na conservação da paisagem e dos costumes e impinge uma identidade nordestina não mais baseada em limites físicos e eventos naturais, mas em subjetividades, sentimentos e formas de percepção, enfim uma "unidade psicológica" (ALBUQUERQUE JR., 2001: 99).

Como bem observou Manuel Correia de Andrade, os sentidos atribuídos ao Nordeste ora penderam para as imagens das secas do Sertão, ora para as imagens dos canaviais da Zona da Mata; ora para o subdesenvolvimento, ora para as utopias:

> [...] conforme o aspecto abordado e o ponto de vista em que se coloca o autor, o Nordeste é apontado ora como a área das secas, que desde a época colonial faz convergir para a região, no momento da crise, as atenções e as verbas dos governos; ora como área dos grandes canaviais que enriquecem meia dúzia em detrimento da maioria da população; ora como área essencialmente subdesenvolvida devido à baixa renda per capita dos seus habitantes ou, então, como a região das revoluções libertárias de que fala o poeta Manuel Bandeira em seu poema Evocação do Recife (ANDRADE, 2005: 35).

2.2.1 - O sertanejo fundido a ferro e a fogo: os conflitos sociais e a adaptação ao semi-árido no processo colonizador

> No inicio do século XVIII, os currais baianos estendiam-se pela margem direita do Rio São Francisco [...] possuindo perto de 500 mil cabeças de gado. Os currais pernambucanos, que deviam abrigar perto de 800 mil reses, ocupavam a margem esquerda do Rio São Francisco e os vales dos rios Preto, Guaraíra, Corrente, Pajeú, Moxotó [...]. (ANDRADE, 2005: 186)

Nesta extensa área que vai desde o norte do estado de Minas Gerais até os estados do Piauí e do Maranhão desenvolveu-se o que Capistrano de Abreu chamou de *civilização do couro*, "uma civilização que procurava retirar do próprio meio o máximo, a fim de atender às suas necessidades" (ANDRADE, 2005: 187). No entanto, era um empreendimento voltado para o espaço além de seus domínios, no caso, para produzir os excedentes necessários à expansão das forças produtivas envolvidas na produção de açúcar na Zona da Mata nordestina. A expansão do setor produtivo ligado ao mercado externo exigia do empreendimento colonial a expansão do setor de produtos de subsistência (SINGER, 1972).

Os "currais baianos e pernambucanos" referem-se ao empreendimento colonial levado a termo pelos portugueses, tendo a Casa da Torre dos Garcia d'Ávila desempenhado um papel importantíssimo na conquista do sertão. Como pioneiros na criação de gado, tornaram-se os maiores criadores de gado da colônia e uma das famílias mais ricas e influentes da história colonial.

Os rios que corriam para o litoral eram as estradas dos colonizadores da Casa da Torre. O São Francisco era a principal via de penetração no interior. A Serra da Borborema, entre Pernambuco e Paraíba, pôde ser explorada a partir da incursão pelo Rio Ipanema, um afluente que deságua no Baixo São Francisco. Pelo rio Pajeú, afluente do Médio São Francisco, foi possível penetrar no chamado sertão do Pajeú, no lado pernambucano, e no Sertão do Cariri, na Paraíba. Subindo os afluentes que ficavam ao norte de Cabrobó, como os rios Brígida e Parnamirim, os colonizadores chegaram à Chapada do Araripe e aos limites do Cariri cearense[21].

Certamente o São Francisco não foi a única rota de penetração no Sertão nordestino, havendo outros rios que desempenharam esta função, como o Parnaíba, o Assu, além do Jaguaribe, mas foi a principal, como assinalam os pesquisadores que trataram da colonização do Sertão (ABREU,1975; MOURA,2002; ANDRADE, 2005; MENEZES, 1970; PRADO JUNIOR, 1983; PIERSON, 1972). Porém, havia um grande obstáculo natural dificultando as penetrações a partir da foz do São Francisco rumo aos sertões: a sucessão de cachoeiras, estreitos (*canyon*) e formações rochosas que marcam a transição do Baixo para o Médio São Francisco, na altura das atuais barragens de Xingó (AL), Paulo Afonso (BA) e Itaparica (PE).

Itaparica, palavra de origem indígena, significa "*tapagem de pedras"*, "*cercado de pedras"* (MACIEL, 1984). Ante o obstáculo natural, os colonizadores que entravam pela foz do rio seguiam até a altura da atual cidade de Pão de Açúcar, depois iam por terra até sobrepor as três cachoeiras, até chegar nas proximidades de Cabrobó, depois:

> [...] a partir de Cabrobó, pelo rio Pajeú, [que] deságua no rio São Francisco; e daí subindo, marginando o rio São Francisco até o Carunhanha, seguir margem esquerda acima, e chegando às suas nascenças, costear as fraldas das serras da

[21] Menezes (1970) apresenta outra informação, baseado em pesquisa sobre a ocupação do Ceará, afirmando que essa região cearense que faz divisa com Pernambuco e Paraíba, conhecida como Sertão do Cariri, teria sido ocupada a partir da penetração do litoral para o interior, através do vale do Rio Jaguaribe.

> Tabatinga e do Duro [no atual Tocantins], e transpondo depois as da Gurguéia, Piauí, Dois Irmãos, internar-se pelo território do Piauí, descendo, pelo rio Canindé, e ao chegar à sua foz no Parnaíba, subir por este rio acima até as suas origens nas fraldas da serra das Mangabeiras, segundo uns, ou da Tabatinga, como assinalam outros (PEREIRA DA COSTA, 1983:481-2).

O vale do Moxotó – onde Ibimirim está localizada – fica justamente nesta parte intermediária da área localizada entre a cachoeira de Paulo Afonso e a de Itaparica, ficando assim no trecho em que os exploradores deixavam o rio e seguiam por terra até passarem essa parte pedregosa do rio São Francisco (MELLO, 1966). Mesmo para os vaqueiros e tropeiros que percorriam os caminhos entre o sertão do Piauí e Salvador, esses chegavam a Juazeiro ou Jeremoabo e desviavam para evitar a região árida do Raso da Catarina. Viajantes estrangeiros registraram essa situação dizendo que a interrupção da navegação era "tão prejudicial ao comércio, que ela até agora só se faz de Penedo até Canindé e é de todo independente do que se faz na região superior" (SPIX e MARTIUS, 1981; citado por MOURA, 2002: 266)

Por isto, provavelmente a ocupação do Moxotó tenha ocorrido em uma etapa posterior às regiões do entorno. Capistrano de Abreu (1975) e Basílio de Magalhães (1935), que muito se dedicaram a investigar a ocupação colonial na região, não fazem qualquer referência à região.

Este isolamento proporcionado pela posição geográfica no interstício formado pelas corredeiras e rochedos no leito do rio São Francisco, por um lado, e pelas serras que entornam a região, de outro lado – o que devia favorecer a abundância de caça e pesca –, transformou a região num refúgio para os grupos indígenas que estavam em conflito com os colonizadores. Alguns estudiosos dizem que a região era habitada por povos autóctones de uma mesma linhagem, denominados Avis ou Jeritacós. Outros estudiosos falam que a região recebeu várias tribos que se deslocaram para lá em

função dos conflitos com os colonizadores, esse seria o caso dos Caetés, Cariris, Pancarus, Tapuias e Caraíbas (COÊLHO SILVA, 2003; ALBUQUERQUE, 1979; ABREU, 1975; MOURA, 2002). Coêlho Silva (2003), em tese sobre a pré-história e a história da colonização do Médio São Francisco, afirma que o grande rio, antes mesmo da chegada dos portugueses, já era núcleo de convergência de várias etnias ali instaladas desde muitos séculos e que, depois, serviu também de abrigo para aquelas etnias que foram sendo acuadas pela violência do colonizador europeu. Ainda hoje, nessa região formada pelo Pajeú, Moxotó e Raso da Catarina, vivem vários povos indígenas: Pankararu, Pankará, Truká, Tuxá, Pipipãe, Kambiwá, Kapinawá e Aticum.

O que é improvável é que a ocupação do Sertão do Moxotó tenha acontecido a partir da incursão oriental vindo de Olinda e Recife por estrada de terra atravessando toda a região agreste, esta última também parcamente ocupada nos dois primeiros séculos do período colonial. Mas a ocupação do Sertão do Moxotó era necessária para assegurar a sobrevivência, pesando o fato de lá se encontrar uma vegetação com grande quantidade de cactáceas, fonte de alimento para o gado na estação seca (ANDRADE, 2005: 202), e de ser, entre os muitos sertões, o mais próximo de Recife.

O processo de ocupação do Moxotó, como de outras partes do Sertão nordestino, foi assim marcado por conflitos entre os grupos étnicos e por descontinuidades espaciais e temporais, em virtude seja dos obstáculos naturais, seja das dificuldades impostas pelo desafio de ocupar uma imensa área quando ainda eram poucos os habitantes do país e poucos destes interessados em se aventurar por uma região pouco atrativa economicamente, se comparada à região litorânea dos canaviais.

Para uma região de tão difícil acesso e de condições climáticas tão adversas para a agricultura conhecida pelos colonizadores, a criação de gado tornara-se a atividade econômica por excelência para o sertão, pois o gado era "mercadoria de

condições excepcionais: ela mesma era o valor, ela mesma se transportava a si, ela mesma era o frete, para transformar-se em objetos, instrumentos, panos e escravos" (GIRÃO,1994: 37).

A pecuária organizava a economia sertaneja e o espaço social: grandes fazendas funcionavam como sede, com um aglomerado de casas, armazém, oficina e capela, em torno das quais gravitavam sítios, onde era desenvolvida uma produção agrícola voltada para o abastecimento dos habitantes locais (ANDRADE, 2005). Implantadas *sobre* os lugares de vida dos povos indígenas, as fazendas provocaram mudanças "nos padrões de subsistência e organização social e mental dos nativos, ocorrida no longo processo que lhes alterou as referências nos costumes e tradições" (COÊLHO SILVA, 2003: 219).

O deslocamento desses povos, ainda que para lugares próximos e, aparentemente, com características semelhantes aos lugares que viviam antes da conquista do Sertão pelos portugueses, produziu alterações no delicado equilíbrio da vida "não perceptíveis à cultura ocidental", pois que a dieta desses povos dependia do solo e da umidade das várzeas dos rios. A agricultura se transformou, então, num imperativo para grupos que não a praticavam intensivamente, pois que também viviam da coleta e da caça, contribuindo para "a desarticulação dos costumes e conseqüentemente da sociedade dos nativos" (COÊLHO SILVA, 2003: 219).

Do ponto de vista dos habitantes originais, os povos indígenas, esse contato interétnico provocou um corte abrupto no seu modo de vida. Antes dessa "civilização do couro" aí instalada pelos portugueses, os povos indígenas vivam numa "civilização vegetal", obtendo quase todas as coisas que precisavam no dia-a-dia das sementes, fibras, cascas, cipós, troncos, galhos, folhas, frutos, talos, palmas, exceto pelos utensílios de cerâmica, de pedra e de ossos (COÊLHO SILVA, 2003: 72). No entanto, Coêlho Silva ressalta a permanência dos conhecimentos indígenas através dos

sobreviventes e também dos "agentes colonizadores" – vaqueiros e missionários –, que, devido à distância dos centros fornecedores da colônia e da metrópole e à inexperiência em viver no semi-árido nordestino, tiverem que apreender os conhecimentos tradicionais sobre o manejo de sementes, de ervas e de técnicas de cultivo e beneficiamento para se adaptar ao meio. Nesse processo conflituoso da colonização do Sertão, foram geradas influências múltiplas e mútuas:

> De ambos os lados, portanto, novos costumes foram adotados, e o que aconteceu em termos de processo histórico no sertão, para que se estabelecesse uma continuidade cultural, foi a assimilação do sistema imposto aos nativos apenas no aspecto externo, que permaneciam *outros*, enquanto infiltrados nele, modificavam-no sem abandoná-lo. A adoção de costumes e artefatos indígenas pelo colonizador e do modo de vida do europeu pelas populações autóctones, evidentemente não aconteceram sem resistências perceptíveis.(COÊLHO SILVA, 2003: 6)

Por este motivo, ainda que permeado por situações contraditórias e paradoxais, é possível falar, como a autora faz, dos aspectos "positivos" dessa "fricção interétnica": do aprendizado de novas tecnologias pelos indígenas, pressionados a se reproduzirem em condições diferentes; e do prolongamento da cultura nativa no sertão, em parte assimilada pelos «agentes civilizadores» do sertão, os missionários e vaqueiros, em parte preservada pelos grupos nativos sobreviventes nas aldeias implantadas pelos missionários.

A ação dos missionários visava amansar os índios bravios. Segundo Gebara (2007, 2008), para os jesuítas amansar era converter os índios, fazê-los membros do rebanho de Cristo. Mas o conceito ganhava outras conotações dependendo da situação e de quem estava envolvido, como na carta de Caminha, onde amansar, ainda que com um sentido vago, "implica necessariamente uma visão utilitária, com objetivos definidos situando-se entre o fazer-se amigo, manso, dependente e subordinado" (GEBARA, 2008: 58). Por englobar sentidos que compreendem desde a conversão, ou

seja, o convencimento argumentativo, à intimidação violenta, em ambos os casos está presente uma "pretensão educativa" e, talvez por isto, a ação missionária no amansamento dos índios tenha servido como salvaguarda a evitar a destruição total dos povos indígenas. Mesmo sendo um dos instrumentos de coação a serviço da civilização européia, "A presença dos religiosos, de certo retardou o avanço destrutivo da *civilização* dos currais, implantada no rastro da pecuária extensiva" (COÊLHO SILVA, 2003: 5).

Assim, ainda que a ação missionária tenha sido civilizadora em sua concepção, em que "O missionário vinha lentamente controlar todo o grupo, impondo trabalhos diferentes, com outra escala de valores do mundo e da vida" (MENEZES, 1970: 40), ela serviu, nos limites dos aldeamentos, para amortecer a violência dos fazendeiros e seus vassalos. Violência e civilização, ou civilização e descivilização – enquanto processo orientado para a destruição coletiva de um grupo social –, devem ser entendidos como processos complementares, formas específicas de interdependência (GEBARA, 2008: 54).

Desta forma, a pecuária extensiva foi fundamental enquanto exploração econômica necessária à alimentação da colônia e enquanto estratégia de dominação dos povos nativos e também dos negros. A pecuária exigia mobilidade das forças humanas, por isto, o vaqueiro, enquanto símbolo está associado à liberdade. Diferente era a situação do índio subjugado na fazenda, junto com os pretos, ou nos sítios do entorno, ou nas aldeias missionárias, dominado pela força dos colonizadores que impuseram o sedentarismo ao índio. Talvez por isto alguns índios tenham preferido se tornar vaqueiros, para garantir um mínimo de liberdade, a mobilidade.

Neste processo, a expansão pecuária no Sertão foi o motor propulsor de uma "cultura de contato" (PORTO ALEGRE, 1993), que ao lado dos conflitos sociais produzia também modos de vida, o que remete ao que o poeta-escritor Cassiano Ricardo escreveu sobre as bandeiras paulistas:

> Enquanto é comando, o momento é mameluco; quando movimento, o momento é índio; quando para, o momento é africano. A contribuição branca e mameluca está no pensamento, governando a ação. A contribuição índia está nas caminhadas, no ímpeto guerreiro, nas horas de "inquietação psicológica". A contribuição negra está nos pousos, nas concentrações em torno das descobertas, no trabalho das minas, na organização das lavouras para abastecimento das tropas... (RICARDO, 1970: 491).

Sem levar em conta as intenções do autor em transformar as bandeiras num símbolo da nacionalidade brasileira, nem suas caracterizações dos tipos humanos, este texto fala da dinâmica da *marcha para o oeste*, que adquiriu uma forma particular no caso ocupação do Sertão: a pecuária era o movimento e a agricultura o repouso.

A agricultura era uma atividade secundária do ponto de vista econômico, mas fundamental para o abastecimento da população local, ainda pequena. Nos anos em que havia o inverno, o modo de vida do agricultor sertanejo consistia em preparar a terra nos últimos meses do ano e aprontar tudo até meados de janeiro, mês que se esperam as primeiras chuvas. O milho, a fava, o feijão, o jerimum, tudo era plantado e colhido até o mês de junho. Quando a mandioca estivesse boa para colher e fazer farinha, em setembro, esta farinha, junto com a caça – principalmente do preá e do tatu – e com os grãos estocados, compunha a base da alimentação da família sertaneja[22] até cerca do mês de abril do ano seguinte. O ciclo agrícola era marcado pelas festas católicas, do plantio do milho no dia de São José à celebração da colheita no São João, contribuindo para a fruição de significados e fixação da memória do lugar.

A época seca, quando em ano de chuvas regulares, era suprida pelos produtos que o sertanejo cultiva na época das chuvas. Como mesmo para a pecuária a seca é

[22] Em uma das viagens de pesquisa desci da *van* que havia me levado de Arcoverde para Ibimirim e fui acompanhando um homem que havia conhecido durante o percurso, que iria me apresentar a um jovem agricultor filho de um amigo seu. Chegando nessa casa, cerca de 7 horas da noite, a ceia servida à mesa consistia de sopa de feijão, farinha, preá e tatu assados, bolo e café com leite. O dono da casa, seu Né, convidou-me para a ceia, mas como que se desculpando pelo que era oferecido, perguntou se eu não me importava em comer da "comida do sertanejo".

desastrosa, porque, sem chuva, as pastagens naturais da caatinga secam – ainda que permaneçam vivas, pois na caatinga acontece uma "hibernação ao contrário", com as plantas perdendo a folhagem no verão para "renascer" no inverno –, as alternativas de trabalho na região diminuíam drasticamente, provocando a migração. As grandes secas contribuíram para intensificar vários ciclos migratórios ao longo dos séculos 19 e 20.

A pecuária é movimento no espaço maior do Sertão, é a liberdade do vaqueiro, personagem de muitos romances e cordéis, é o aboio anunciando a lida dos homens com o gado. Se o sertão virasse mar, o vaqueiro seria marinheiro. Para ser um ou outro era preciso deixar a casa e a família para trás e passar meses vagando de parada em parada. Era preciso se submeter à autoridade dos comandantes e coronéis que determinavam sobre a vida e a morte dentro de seu domínio, exigindo fidelidade e sacrifício dos seus agregados. Era preciso ter coragem para enfrentar a fúria das ondas, ou o estouro das boiadas, para resistir à fúria tempestade ou da seca.

Muitos desses sitiantes e vaqueiros das fazendas haviam sido arregimentados como combatentes para lutar contra os índios, permanecendo ali depois das batalhas, incorporados ao sistema social sertanejo. Era comum até os fazendeiros manterem homens ociosos durante parte do ano, pois temiam novos conflitos, se não com os índios, quando estes não representavam mais perigo, com outros fazendeiros, em disputa por terras e, principalmente, pela chefia política dos povoados e vilas ascendentes. Surgiam dissensões até mesmo dentro da parentela, ou, como era mais comum, entre famílias diferentes, "desenvolvendo-se na forma de uma guerra de famílias" que podia se estender por várias gerações (QUEIROZ, 1986: 23).

O equilíbrio desse sistema de interdependências dependia de vários fatores, entre eles, a qualidade de vida que de tempos em tempos era abalada pela seca. Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz (1986), nos anos em que o inverno trazia as

chuvas na abundância necessária, os criadores, lavradores, vaqueiros, parceiros, rendeiros, todos viviam sem apresentar grandes diferenças na estrutura de consumo das famílias. Era comum entre eles "Relações de parentesco, de aliança matrimonial, de compadrio, de prestações de serviço, de gratidão, uniam todos estes habitantes entre si, compondo grandes grupos de parentelas, circundados por famílias de rendeiros e de moradores e por toda sorte de outros protegidos" (QUEIROZ, 1986: 19-20). Entre esses protegidos figuravam, muitas vezes, os bandos de cangaceiros que se proliferaram nos séculos XIX e XX na zona sertaneja.

No entanto, uma estiagem prolongada logo elucidava o quanto era aparente e enganosa essa proximidade no modo de vida dos estratos sociais sertanejos. Um memorialista, representante de famílias tradicionais do Moxotó, registrou dessa forma a "nobre" atitude de um fazendeiro diante de seus empregados, durante uma seca:

> Vieram, entretanto dois anos de seca braba e ele [o proprietário] na fazenda sentia-se constrangido diante daquele espetáculo dantesco, até que um dia reuniu os vaqueiros e comunicou-lhes que voltaria para Belo Jardim até que os tempos melhorassem. "Não posso mais presenciar esta desgraça no sertão – dizia ele – e vocês fiquem, *porque não podem sair, e só lhes recomendo todo cuidado com aquela novilha* casteada que trouxe de Belo Jardim *e aquela poldra* que me mandaram de presente. *Quanto ao mais, o diabo tome conta*." (ALBUQUERQUE, 1979: 101-2; grifo meu)

As diferenças eram mais sutis, escapando aos olhares acostumados a ver as relações de trabalho sob a ótica do assalariamento. Entre fazendeiros e vaqueiros podia haver espaço até para relações de compadrio, mas as diferenças estavam colocadas sobre a mesa, literalmente, na variedade dos alimentos, na qualidade e quantidade de comida, ou nas casas que mantinham "na rua", que dava condições para escapar das dificuldades da seca ou manter os filhos estudando nos melhores colégios. Já os vaqueiros e agregados não podiam sair, tinham que ficar para cuidar dos animais, tentando salvar os que eram mais valiosos para o patrão. E o que seria desses fiéis

trabalhadores? Talvez para eles pudesse se aplicar a ultima frase do texto – "O diabo tome conta" – considerando as bases em que se davam as relações de trabalho entre fazendeiros e vaqueiros, no período anterior à legislação para o trabalhador rural.

O declínio das atividades agropastoris, produzido tanto pela dinâmica do mercado capitalista, quanto pelo efeito de grandes períodos de seca, provocou ondas migratórias de diversas dimensões, do Sertão para fora – para a zona canavieira, para os grandes centros urbanos ou para as novas fronteiras no Norte e no Centro-oeste do país –, e internamente, dos sítios e fazendas para as áreas rurais menos decadentes e para as cidades sertanejas.

2.2.2 - Relações entre campo e cidade no Sertão

A fazenda foi então o elemento básico da implantação da cultura portuguesa nos sertões, constituindo-se como a primeira comunidade de colonização,

> [...] verdadeiro núcleo da ocupação humana e do povoamento, mais importante que as sedes de vila. [...] Foi núcleo demográfico como foco de relações étnicas; foi núcleo social como ambiente em que se desenvolveram as relações sociais com base na unidade familiar; foi centro político como originário dos chefes de grupo ou de clãs, de líderes políticos; foi comunidade cultural como ambiente em que decorreram os processos transculturativos [...] (DIÉGUES JR., 1979: 121-2).

As fazendas de gado, os "currais" do Sertão, eram mais importantes do que as vilas esparsas no imenso território. Eram elas que efetivamente organizavam a conquista do território, amansando e exterminando os povos indígenas. O esforço do colonizador era dividido em duas frentes: alcançar o melhor resultado em termos de exploração econômica e promover o processo civilizador dos nativos, para garantir-lhes o domínio absoluto do território. Enquanto centro de auto-abastecimento, as fazendas tinham uma relativa independência em relação aos precários núcleos urbanos

que se formavam no sertão, todos muitos distantes um do outro, como Cabrobó e Cimbres (atual Pesqueira), exigindo deslocamentos às vezes tão grandes quanto viajar para Recife ou Salvador.

As fazendas exerciam domínio sobre uma extensa área interior, situadas ao largo dos vales úmidos sertanejos. As grandes distâncias tomavam o sentido do leito do rio para o interior seco. Já no sentido do curso do rio, as distâncias entre as sedes das fazendas eram menores, o que era feito para facilitar a reunião de vários núcleos, no caso de haver o risco de ocorrer uma grande investida dos índios contra os núcleos de colonização. Assim foi que nos pés-de-serra e nos vales úmidos a população se fixou e cresceu a ponto de se formarem "verdadeiros formigueiros humanos" (ANDRADE: 2005: 52).

Esta estratégia de ocupação é claramente identificada no caso da ocupação do Vale do Moxotó, com a nucleação ocorrendo em pontos relativamente próximos no sentido do curso do rio. A *Cronologia Pernambucana: subsídios para a história do Agreste e do Sertão* (BARBALHO, 1982) faz o registro da povoação das fazendas de Moxotó, Poço da Cruz, Poço do Boi, Jeritacó, no atual território de Ibimirim, todas ao longo do leito do rio, numa distância total que não ultrapassa 60 quilômetros entre os povoados localizados em extremos opostos no território atual do município de Ibimirim, no caso, Moxotó e Jeritacó.

Se no litoral, os núcleos urbanos formados no período colonial situavam-se em lugares estratégicos para a defesa territorial e o escoamento da produção[23], os núcleos

[23] Algumas cidades não ultrapassaram a condição de fortalezas militares, como, por exemplo, Penedo, em Alagoas, que defendia a entrada do Rio São Francisco contra invasores. Outras organizaram em torno de si as primeiras culturas de exploração intensiva, como a cana-de-açúcar ao redor de Recife e Salvador ainda nos séculos XVI e XVII. Ou ainda se formaram cidades para sediar o poder administrativo e militar na colônia, garantindo a cobrança dos tributos exigidos pela metrópole, como o Rio de Janeiro no final do século XVII, responsável pela administração da mineração do ouro recém iniciada em Minas (Cf. ANDRADE, 1974).

urbanos do interior formavam rotas através de estradas e rios secundários que ligavam os lugares mais longínquos aos portos fluviais dos grandes rios, para daí escoar a produção para os portos oceânicos (ANDRADE, 1974). Assim, desde a fase da colonização se formou um sistema de cidades organizado de fora para dentro, de forma a responder as necessidades da metrópole e dos seus núcleos de administração colonial, como era o Rio de Janeiro, Ouro Preto, Salvador e Recife.

Consolidava-se uma relação de dominação da cidade sobre o campo, com a primeira impondo a força da autoridade e da lei e, do ponto de vista econômico, extraindo na forma de produtos ou impostos parte da produção realizada no campo. Totalmente diferente da história do Velho Mundo, onde as cidades surgiram como centros para atender as demandas do meio rural – lugar de fabricação de utensílios, de fornecimento de serviços e entreposto comercial –, até o momento em que a Revolução Industrial colocou fim "à tirania da distância e da agricultura", permitindo às cidades tomar o poder político e militar das mãos dos donos do campo (FAVARETO, 2007).

Esse tipo de relação atravessa todo o período colonial e continuou a influir também a política do Brasil imperial e republicano. Da mesma forma que já havia ocorrido com o Rio de Janeiro, Salvador e Recife, que comandavam o processo de ocupação e exploração do campo no período colonial, a cidade de São Paulo se beneficiaria da produção cafeeira e Manaus da extração da borracha, no final do século 19 e inicio do 20. E também foi este o caso das cidades formadas nos estados de Goiás e de Mato Grosso em relação à atividade mineradora (GUIMARÃES NETO, 2006).

No Sertão, as vilas e povoados ainda eram muito pequenas até o fim do século 19. Alguns povoados, pela posição estratégica que ocupavam ao longo dessas rotas que partiam do São Francisco rumo ao interior se destacavam como entrepostos comerciais ou lugares de apoio aos viajantes. Este era o caso dos povoados de Moxotó e Jeritacó

até meados do 19, quando ainda não haviam sido suplantados por Ibimirim, que hoje é a sede municipal. A ocupação do Sertão do Moxotó é um exemplo dessa dinâmica de povoamento e despovoamento de um lugar, com a mudança de hierarquias entre os lugares a partir das relações econômicas e sociais do lugar com a sociedade maior.

As primeiras referências de povoamento do Sertão do Moxotó estão associadas à instalação das fazendas de gado, em meados do século XVIII e início do XIX, partindo do que hoje é o município de Tacaratu, próximo à vazante do rio, seguindo rio acima para Inajá, depois para o povoado de Moxotó, depois para Jeritacó. No Brejo dos Padres, município de Tacaratu, a capela construída data de 1760 e em Jeritacó, município de Ibimirim, a data aproximada da antiga capela – hoje submersa pelo açude Poço da Cruz – era entre 1765-1785 (ALBUQUERQUE, 1979). No Puiú, outro povoado no que hoje faz parte do município de Ibimirim, mas que já pertenceu a Buíque, a igreja existente data de 1812. Os colonizadores que subiram pelo rio Moxotó, além dessas capelas construíram cruzeiros nos lugares que foram chamados de Poço da Cruz e de Poço do Boi, como que testemunhando o batismo português nos lugares antes indígenas. Só mais tarde aparecem referências à Alagoa de Baixo, atual município de Sertania, cuja capela foi construída em 1810 (ALBUQUERQUE, 1979; BARBALHO, 1982; PEREIRA DA COSTA, 1983; MELLO, 1966).

Jeritacó rivalizava com o povoado mais recente de Alagoa de Baixo, servindo como ponto de referência para as trilhas que seguiam rumo a Vila Pajeú de Flores, atual município de Flores. Jeritacó perdeu para Alagoa de Baixo o direito de ser sede da freguesia em 1842, retomando-o em 1858, para novamente, em 1865, perder definitivamente esse estatuto, enquanto Alagoa de Baixo passava à condição de vila já em 1878, e em 1891, tornava-se município autônomo (ALBUQUERQUE, 1979: 9-10). Jeritacó acabou ficando isolada, preterida pelos viajantes que seguiam para Sertânia e

depois para Custódia, ficando ora subordinada a um ou a outro destes, ora subordinada ao antigo município de Moxotó.

Sertânia como foi chamada a antiga vila de Alagoa de Baixo ao se tornar município, tinha o seguinte aspecto no início do século 20:

> Noventa casas no máximo [...] menos de quinhentos habitantes [...] Cinco ou seis lojas de fazendas [...] Duas padarias [...] cabeleireiro [...] marchante [....] Algumas mercearias [...] Duas bolandeiras de descaroçar algodão [...] Feira, aos sábados. Depois, a vila modorrava. Vida parada... [...] No mês de maio realizavam-se as novenas na igreja [...] Pelo São João havia fogueiras em frente de quase todas as casas e os tiros de bacamartes atroavam noite adentro. [...] O acontecimento mais importante era o júri... A vila movimentava-se, pois inúmeros jurados vinham das fazendas e sítios, próximos e distantes (ALBUQUERQUE, 1979: 57-8).

Sertânia foi beneficiada pela reconfiguração das relações entre a economia local e a economia nacional e internacional proporcionada pela cultura do algodão, que exigiu a criação de novas rotas de transporte.

A Vila de Moxotó também experimentou uma trajetória semelhante à de Jeritacó no tocante à mudança de posição na hierarquia dos lugares, só que mais acentuada, tanto na ascensão quanto na perda do estatuto, pois chegou a ser sede de município. Era sede da freguesia até meados do XIX, quando estendia sua influência sobre territórios que hoje pertencem ao município de Buique e Inajá. Em 1928, a então chamada Vila do Espírito Santo – atual município de Inajá –, era subordinada ao município de Moxotó, na época, um dos centros de comercialização de algodão no sertão pernambucano, cujo território se estendia até o então distrito de Jeritacó. Em 1948 a vila de Inajá é emancipada e ganha o estatuto de sede do município, ficando a Vila de Moxotó como seu distrito.

Próximo a Moxotó ficava o povoado chamado Puiú, que tal como Moxotó havia se desenvolvido com base dos engenhos de rapadura e do cultivo de algodão, que mantiveram o dinamismo do lugar até meados do século 20. Entre Moxotó e

Jeritacó haviam outros povoados: o povoado do Poço do Boi, o de Poço da Cruz, originados ainda no período colonial, e entre Poço da Cruz e Moxotó surgiu um pequeno povoado, não se sabe ao certo em que época, mas certamente não tão antigo quanto os outros citados, chamado de Cancalancozinho, à margem do rio Moxotó. Conta-se que em 1938 os moradores mudaram o nome do povoado para Mirim, por recomendação do Padre Cícero (FONSECA, 2006), que visitou o lugar pouco depois que o governo iniciava os estudos para a construção do açude Poço da Cruz, em outubro de 1937[24], interrompida posteriormente.

Mirim, estava na jurisdição do distrito de Jeritacó, nessa época pertencente ao município de Moxotó. Depois, em 1963, Mirim se torna sede do município, rebatizada como Ibimirim, e a Vila de Moxotó passa a ser distrito dela, desmembrando o território do município de Inajá. Segundo o Censo Demográfico de 1960, Ibimirim tinha então 6.253 habitantes (18,9% urbana = 1.180 pessoas), sem incluir o distrito de Moxotó, que tinha 3.378 habitantes (8,8% urbana = 298 pessoas), enquanto Inajá tinha 4.355 habitantes (24,8% urbana = 1.079 pessoas) (CAVALCANTI e PESSOA, 1970: 18-9).

Esses núcleos urbanos ascendentes em meados do século passado, como Ibimirim e Sertânia, foram beneficiados pela construção das estradas federais – outros foram beneficiados pela construção das ferrovias –, e começaram a desenvolver uma animada vida comercial, atraída por grandes fazendeiros e comerciantes que precisavam dispor da infra-estrutura de transportes para vender e comprar. A formação de um grupo crescente de pequenos comerciantes, de grandes criadores de gado e agricultores, de pequenos industriais que beneficiavam algodão, couro e alimentos, juntamente com o fortalecimento da administração pública federal e estadual, trouxe

[24] Data fornecida pelo DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, escritório de Ibimirim.

para algumas cidades do sertão uma porção de profissionais liberais – médicos, engenheiros, advogados e outros bacharéis – que vão ganhando prestígio e influência sobre a vida política e social local. Essas cidades tornaram-se atrativas também para os trabalhadores devido à maior oferta de trabalho, que além da agricultura e pecuária desenvolvidas no entorno do núcleo urbano, ainda ofereciam trabalho no comércio, na armazenagem, no transporte, na manutenção de equipamentos agrícolas e no beneficiamento de alguns produtos agrícolas, possibilitando trabalho durante todo ano.

Na medida em que essas cidades cresciam, as comodidades da vida urbana também atraíram as famílias dos grandes fazendeiros, que se mudavam a procura de garantir o acesso à educação para os filhos e em busca de maior conforto, passando então a gastar na cidade parcelas crescentes de sua renda (SINGER, 1972: 15). Assim também cresceu o mercado de trabalho, com a demanda de construção de novas casas e, conseqüentemente, reforçando o comércio. Tudo isto exigia mais investimentos em infra-estrutura urbana. Desta forma o Sertão foi ganhando um novo tipo de cidade, ao longo dos séculos 19 e 20, mais comercial e com maior autonomia econômica que a cidade da colonização, cuja vida dependia exclusivamente da agricultura. Eram essas cidades, geralmente situadas nas serras e vales úmidos do Sertão, ou nas rotas de transporte, as que primeiro recebiam as massas de agricultores que abandonavam o campo nas grandes secas.

2.2.3 – A irrigação para "salvar" o Sertão !?

Foi nos vales úmidos que se desenvolveu a agricultura irrigada moderna, na segunda metade do século 20, uma agricultura irrigada voltada para a produção de alimentos em escala comercial. Antes disso, a irrigação se limita às áreas de entorno

dos rios e açudes, realizada com a utilização de moto-bombas movidas a gasolina ou óleo diesel, que substituíram os antigos cataventos, econômicos, porém inconstantes e com capacidade restrita a pequenas áreas irrigadas. Essa mudança tecnológica havia sido incentivada e financiada pelo governo, através de empréstimos a pequenos e grandes agricultores. Depois, diz Andrade, quando esses motores começaram a exigir mais manutenção, com o alto custo para a reposição de peças, que tinham que vir de Recife, aliado ao custo dos combustíveis, os pequenos agricultores tiveram que abandonar essa tecnologia (ANDRADE, 2005: 51).

Mas no período entre o início dos anos 1960 e o final da década de 1980, o modelo de implantação da agricultura irrigada foi alterado profundamente, privilegiando a implantação de perímetros irrigados onde colonos e empresas agrícolas praticariam uma agricultura moderna, voltada ao cultivo de produtos "nobres" e visando especialmente o mercado externo. Foi quando ganharam muitos investimentos os perímetros irrigados do Vale do São Francisco, na divisa Pernambuco-Bahia, mas também outros perímetros, como dos vales do Açu e do Mossoró, no Rio Grande do Norte; do Jaguaribe e do Acaraú, no Ceará, e do Moxotó, em Pernambuco.

Na verdade a Inspetoria de Obras contra Secas (IOCS), criada em 1909, depois rebatizada como IFOCS, em 1919 e como DNOCS em 1945, como a mais antiga instituição federal em operação na região Nordeste, veio todo este período, até o início da década de 1960, fazendo obras voltadas para a acumulação de recursos hídricos. Suas ações eram classificadas dentro dessa categoria de "combate à seca", como ainda hoje persiste em seu nome, apesar do conceito ter mudado para "convivência com a seca".

As ações do DNOCS foram objetos de criticas por parte de Celso Furtado e do Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste - GTDN -, que em meados da década de 1950 foi incumbido pelo governo federal para elaborar um plano de

desenvolvimento para o Nordeste. O Relatório do GTDN sugeria a intensificação dos investimentos industriais; o redirecionamento da economia agrícola da Zona da Mata com vistas a proporcionar uma oferta adequada de alimentos aos centros urbanos; investimentos na irrigação das zonas semi-áridas para viabilizar uma agricultura mais produtiva e resistente ao impacto das secas; e o deslocamento da fronteira agrícola do Nordeste e da população rural do semi-árido para as terras úmidas do Maranhão ou da Amazônia. Chegou a propor uma lei de irrigação para o Nordeste, que incluía a desapropriação de terras, por isto, obviamente, rechaçada pelo Congresso. A crítica ao DNOCS era por este não promover a irrigação, limitando-se a fazer de obras de acumulação (TAVARES *et al.*, 1998).

No entendimento desse Grupo, e de Celso Furtado (2007) particularmente, o semi-árido nordestino era superpovoado, tinha um excedente de população que vivia ameaçada por um déficit alimentar em função da instabilidade na produção agrícola, subtraída de tempos em tempos pela seca. A açudagem, por si só, sem se vincular aos projetos de irrigação em assentamentos, não alterava a qualidade de vida no Sertão.

Depois é criada a SUDENE, as criticas ao DNOCS continuaram, sob a argumentação de que a capacidade dos açudes então existentes era suficiente para atender a demanda d'água na zona para o consumo humano e para fazer irrigação. A importância política da SUDENE fez com que o DNOCS assumisse a responsabilidade pela implantação de projetos de à irrigação, desde a construção do sistema de irrigação, até a gestão da água dos perímetros irrigados, passando pela desapropriação da terra, divisão dos lotes e instalação dos “colonos” em suas novas casas.

Esses "colonos", só em parte eram recrutados entre os antigos moradores das terras desapropriadas. Esses excluídos do processo de assentamento foram expulsos sem nenhum tipo de assistência para recompor suas vidas, a não ser as baixíssimas

indenizações que só recebiam aqueles que tinham a documentação da terra, portanto, só os proprietários, minoria entre os "moradores"[25]. Por conta dessa história de exclusão, o Perímetro Irrigado do Moxotó tornou-se uma referência para as lutas sociais dos trabalhadores rurais que seriam atingidos pela construção da hidrelétrica de Itaparica, que o citavam como exemplo da degradação da vida social dos agricultores desterrados pelo governo[26].

Assim, neste curto período de tempo entre 1960 e 1980, o DNOCS passaria por uma reorientação profunda em suas estratégias de ação, deixando de atuar como "empreiteira" de obras, para atuar como coordenador dos perímetros irrigados.

O resultado disto não foi bom. Primeiro as famílias foram encaradas pelo DNOCS como se fossem uma "empresa familiar", quando, na verdade, se tratava de agricultores que vieram de regiões secas dos municípios vizinhos e também de outros estados e que não tinham experiência na agricultura irrigada. Depois, compreendido este primeiro erro, o DNOCS incorre em outro erro, adotando um tratamento paternalista, segundo a crítica que a própria instituição faz de sua atuação[27]. Do outro lado, as famílias reclamavam da falta de escola para os filhos estudar, da falta de acompanhamento de extensionistas para ajudar no combate às pragas e até da falta de alimentos para comer, conforme consta em Boletim do Pólo Sindical dos Trabalhadores do Submédio São Francisco[28].

As cooperativas formadas pelos trabalhadores como exigência do DNOCS para congregar colonos eram frágeis, não tinham experiência nenhuma no trabalho

[25] No Nordeste, "moradores" é um termo que denomina os camponeses destituídos da posse da terra.
[26] Cf. "Terra por Terra na Margem do Lago", Boletim dos Trabalhadores Rurais atingidos pela Barragem de Itaparica, n.7, jan. a jun. 1981.
[27] Esta é a autocrítica que a própria instituição faz de si, conforme pode ser visto em História do DNOCS, texto institucional disponível em http://www.dnocs.gov.br/~dnocs/, acesso em 12/1/2009.
[28] Cf. "Terra por Terra na Margem do Lago", Boletim dos Trabalhadores Rurais atingidos pela Barragem de Itaparica, n.7, jan. a jun. 1981.

cooperativo e acabaram fazendo contratos com as agroindústrias Peixe, Cica, Palmeiron e Rosa, para a venda de toda a produção de tomate por preço fixo, em uma época de alta inflação, gerando prejuízos para os colonos e acirradas disputas entre cooperativa e sindicato de trabalhadores rurais[29].

No DNOCS e também nos outros órgãos governamentais relacionados à irrigação no Nordeste, o discurso para justificar os erros versava sobre o paternalismo e sobre a inadequação na escolha dos "colonos" para os assentamentos irrigados. Naquele momento da historia do país, em pleno período do autoritarismo, havia a certeza, por parte dos agentes do governo, de que o problema pelos erros que estavam acontecendo não se devia ao modelo adotado, que foi corroborado por assessores vindos de Israel, Espanha e outros países com experiência na irrigação. Também ainda não havia acúmulo de conhecimentos da experiência brasileira, naquele momento[30].

Assim, encarregado de implantar um modelo concebido para amortecer as tensões sociais no campo – esmagando-as pela verticalidade das decisões –, o DNOCS tornava-se o braço executor das políticas do Estado brasileiro para a modernização do Sertão, enquanto cabia ao GEIDA – Grupo Executivo de Irrigação para o Desenvolvimento Agrícola – criado pelo Ministério do Interior em 1968, o planejamento dos projetos de irrigação e a definição das áreas onde seriam implantados os perímetros irrigados, e à SUDENE, então enfraquecida pelos militares, cabia apenas supervisionar e coordenar as ações.

Em 1970 o então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais publicava, juntamente com o DNOCS/Ministério do Interior, o resultado de uma pesquisa

[29] Cf. Diário da Noite, Recife, edição de 16/02/1981, "Cooperativa prejudica 170 famílias de colonos"; Diário de Pernambuco, Recife, edição 18/03/1981, "Cai produção no Sertão do Moxotó".
[30] Cf. História do DNOCS, texto institucional disponível em http://www.dnocs.gov.br/~dnocs/, acesso em 12/1/2009.

realizada como "ponto de partida" para a implantação do futuro Perímetro Irrigado do Moxotó – PIMOX. Nessa pesquisa os autores mencionavam que o Vale do Moxotó, especialmente na parte baixa da bacia que corresponde às áreas de Ibimirim e Inajá, objeto da investigação por ser a área destinada ao projeto de irrigação, era tratada pelo poder público como "passagem": cortada por várias estradas estaduais e federais, ela mesma não recebia nenhum projeto de investimento produtivo, nem mesmo na agricultura. Também não contava com serviços básicos essenciais, vivendo na sombra de Arcoverde (CAVALCANTI e PESSOA, 1970: 168-170).

Nas conclusões dessa pesquisa constam elementos que denunciam o distanciamento entre os projetos governamentais de irrigação e as necessidades dos agricultores locais, quando consideravam que "os empreendimentos hidroagrícolas nele baseados [no açude], implicariam numa *tecnologia que escapa ao conhecimento e às posses das populações diretamente interessadas*", ainda que os autores sejam otimistas ao projetar as mudanças sociais que o futuro perímetro irrigado traria para o Vale do Moxotó, sem especificar se os maiores beneficiários seriam os camponeses ou as empresas agrícolas (CAVALCANTI e PESSOA, 1970: 187).

Desta forma, a política de irrigação que o governo federal implementou através de sucessivos Programas Nacionais de Desenvolvimento, pautava para o Nordeste o estabelecimento de novas relações de produção, direcionando a agricultura para a subordinação desta ao grande capital agroexportador e agroindustrial (SORJ, 1980). A alteração das relações de poder com a maior intervenção do Estado na vida econômica e social, bem como com os novos agentes econômicos privados que chegavam no bojo das ações governamentais, provocaram mudanças profundas no espaço social urbano e rural, como observa Andrade:

> [...] a construção de barragens e o crescimento da produção de energia provocaram a construção de obras de infra-estrutura, como as estradas asfaltadas e as linhas de transmissão, a formação de cidades de porte médio, atraindo o interesse de grupos econômicos para a exploração dos recursos aí existentes. Daí os programas de irrigação e de modernização agrícolas que colocam em segundo plano os interesses das populações locais, fazendo desapropriações e estimulando a implantação de empresas. (ANDRADE, 1984: 60).

Toda esta história de erros e acertos pode ser observada em Ibimirim, no processo de implantação e gestão do Perímetro Irrigado de Moxotó. A subordinação dos agricultores ao capital industrial, gerando conflitos envolvendo a cooperativa, o sindicato e as agroindústrias. A novidade da experiência de agricultores do Sertão na produção irrigada, possibilitando a produção em escala comercial, fazendo com que a memória desse período de produção intensa fosse registrada como "tempo de prosperidade", apesar das disputas em torno dos preços e das reclamações registradas nos boletins sindicais. A derrocada do perímetro irrigado em função da má gestão no controle do uso das águas, levando ao esgotamento do açude, combinada com uma sucessão de secas na década de 1990 e com a reestruturação industrial dessa mesma década, culminando no fracasso da agricultura irrigada no perímetro.

2.3 – Processos de modernização nacional e mudança social no Sertão: o caso de Ibimirim

A construção do açude, iniciada em 1937 e depois paralisada, foi retomada pelo DNOCS em 1951. O órgão federal, que desde a década de 1930 havia se instalado no lugar chamado Poço da Cruz, mantendo oficinas e escritórios, construiu vilas para operários, mecânicos e engenheiros, próximas ao canteiro de obras. As obras e as vilas ficavam a 6 quilômetros de distância de Mirim, que ainda era uma pequena vila na

ocasião, mas tinha a vantagem de se beneficiar da BR 110, tornando-se o principal caminho entre a capital do estado e a região do Sub-médio São Francisco, região que sofreu grande impacto na segunda metade do século passado com a construção das usinas hidrelétricas.

Concluído o açude em 1958, Mirim já suplantava o dinamismo de Jeritacó e de Moxotó, sendo, por isto, emancipada como sede do município em 1963. A construção do açude Poço da Cruz – depois rebatizado como Açude Engº. Francisco Saboya –, e, depois, a partir do final da década de 1970, o assentamento dos primeiros agricultores no Perímetro Irrigado do Moxotó, modificou novamente a configuração local e a balança de poder entre os municípios da região. Enquanto Ibimirim crescia com as de migrantes que lá chegaram para a construção dessas duas grandes obras, e depois com as famílias que foram assentadas, os municípios vizinhos estagnavam, como é o caso de Tacaratu, Tupanatinga, Betânia, Manari, Buique.

2.3.1 - A construção do açude e a implantação do Perímetro Irrigado do Moxotó

Não houve como precisar a quantidade exata de trabalhadores envolvidos na construção do açude Poço da Cruz, uma vez que havia empreiteiras contratadas para executar a obra. No entanto, na pesquisa de campo levantei uma série de fotografias pertencentes ao acervo do DNOCS e acervos de particulares que mostram o canteiro de obras e a vida social nas vilas e na cidade de Ibimirim, compreendendo o período entre 1954 a 1984, aproximadamente. No que se refere às fotografias da construção do açude, apenas algumas estão datadas, na margem inferior, no entanto, situam-se entre 1951 e 1958, período em que a barragem do açude foi construída.

A primeira foto é sem dúvida a mais impactante das imagens que temos da época, pela beleza de sua composição.

A fotografia mostra um batalhão de cerca de 200 trabalhadores empoleirados e empoeirados numa montanha de pedras, quase se confundindo com elas, numa composição feita para a fotografia, provavelmente por um fotógrafo já experiente que fez a documentação fotográfica da obra. Não é possível saber se os que aparecem na foto somam a totalidade de trabalhadores envolvidos na obra, ou se eram parte do total, visto que além da barragem principal havia outras duas secundárias sendo construídas.

No plano geral da foto, o grupo aparenta homogeneidade: quase todos com roupas claras, muitos com a camisa aberta, a mão segurando um chapéu. Muitos aparecem com roupas brancas tão limpas que parecem nem estar num canteiro de obras a céu aberto ou que tivessem trocado de roupa. O que se pode deduzir é que a foto foi realizada ou ao princípio da manhã, ou ao final da tarde, pela inclinação do sol visualizável através das sombras e pela gama de tons médios que não se consegue sob sol intenso, que produziria um resultado com mais contrastes das cores.

A geometria da composição é de um triângulo apontando para cima, mas cujos lados não chegam a se encontrar, o que aumenta a sensação de grandeza da montanha de pedras. Os trabalhadores estão postados da base da montanha de pedras até o meio, no sentido vertical, e no horizontal pode-se ver o limite do lado esquerdo do monte de pedras, mas não o do lado direito. Ou seja, nessa composição os trabalhadores ficam pequenos diante do monte de pedras.

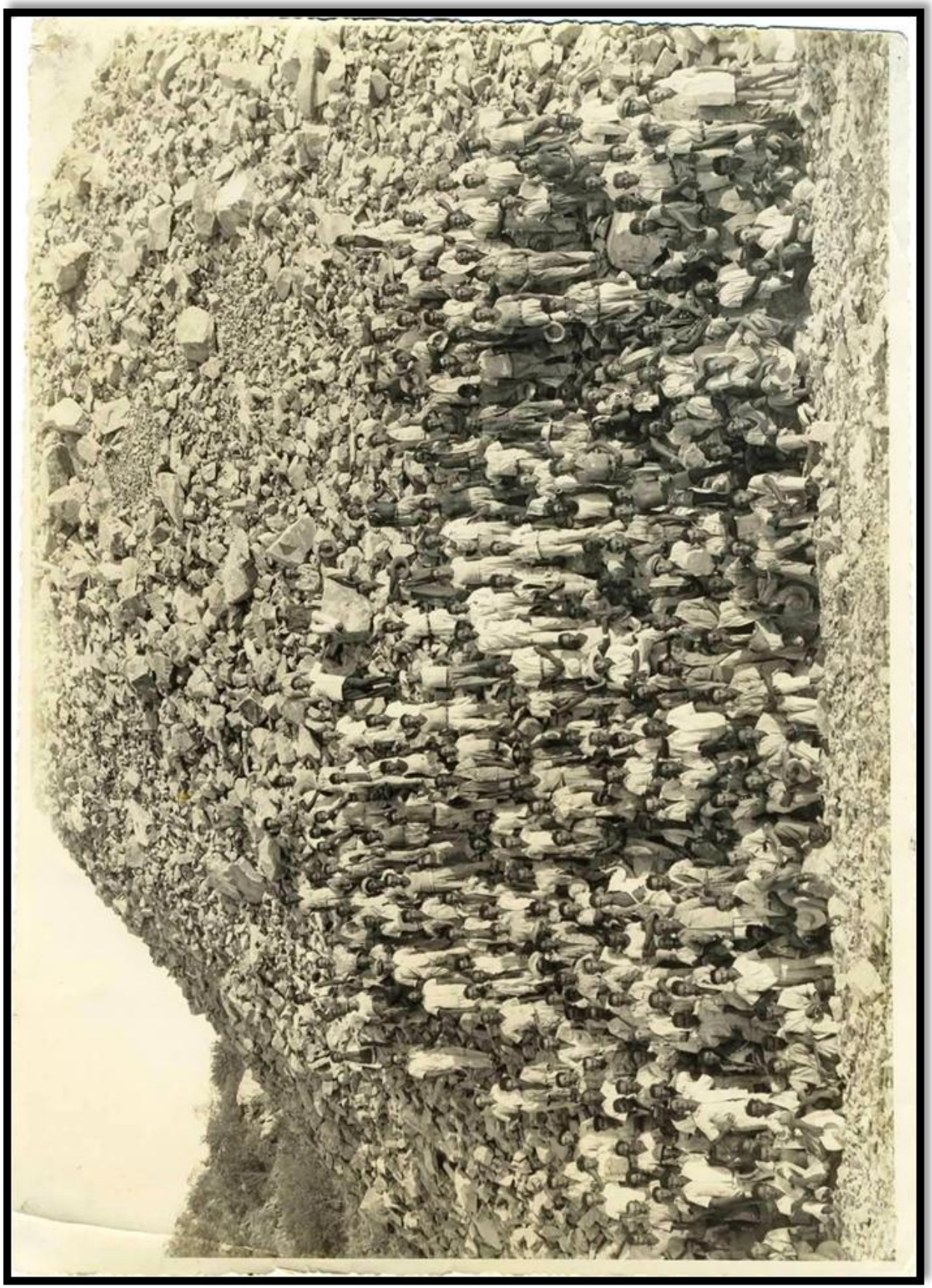


Imagem 1 - Foto da construção do açude Poço da Cruz. Década de 1950. Acervo DNOCS.

A grande ausência nessa fotografia é da tecnologia. Esse monte de pedras não foi feito a base de picareta. Faltam nesta fotografia as ferramentas e o maquinário que possibilitou a construção da barragem. A explicação para isto está nas fotografias que serão vistas mais adiante, em que o fotógrafo revela a hierarquia dos técnicos e trabalhadores envolvidos na obra, cada grupo sendo fotografado com os seus instrumentos de trabalho. Essa hierarquia era assinalada também no nome das vilas operárias construídas.

Os trabalhadores que figuram na foto, amalgamados com o monte de pedras quebradas, representam os camponeses recrutados para as frentes de trabalho que eram formadas durante as grandes secas para construir barragens e conservar estradas.

Pode-se dizer que tal composição coaduna com a imagem do sertanejo, uma imagem de rusticidade, de firmeza de caráter, mas também de sofreguidão, de quem leva uma vida dura, castigado pela seca impiedosa que transforma a sua terra em pedra. Trata-se de um estereótipo, certamente, que oferece uma concepção simplificada e comumente aceita como característica de um determinado personagem ou grupo social. Os fotógrafos produzem imagens captadas sob o signo do estereótipo, muitas vezes sem o saber, como ação pragmática (APARICI e GARCÍA-MATILLA, 1989: 59). Estereótipos são idéias, imagens sobre o outro, que de tanto repetidas são aceitas como verdadeiras, levando à estabilidade das representações sobre a personalidade do outro e não levando em consideração que a estratificação social origina uma gama de diferenciações. Como também afirma Albuquerque Jr. (2001: 20): "O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo".

O estereótipo, na foto, é efeito dessa construção de homens e pedras como que formando uma totalidade, da dimensão que o monte de pedras adquire face ao grupo que ocupa só uma pequena parte dele. O monte de pedras é a própria barragem, que pronta, vai inundar as terras antes ocupadas pelos camponeses ribeirinhos para produzir, afogando a história desse grupo social, que forma a massa de operários não qualificados que compunham as frentes de trabalho para construir as barragens.

Se numa interpretação mais presa à visualidade da fotografia, pode-se falar da imagem desses sertanejos vencendo a natureza, transformando uma montanha de pedras em barragem, a história dessa e de outras grandes barragens construídas pelo Sertão é a do desterramento dos camponeses, da sua expulsão das terras férteis. As barragens expulsam os ribeirinhos, inundam cidades, soterram lugares simbólicos. A história do açude de Moxotó era citada como "exemplo" negativo para os agricultores de toda a região do Sub-médio São Francisco, inspirando as lutas de resistência dos sindicatos de trabalhadores rurais dos municípios dessa parte do Vale do São Francisco que seriam atingidos pela construção das barragens de Itaparica e de Xingó (PANDOLFI, 1986).

À aparente homogeneidade dos operários sertanejos que trabalhavam na construção do açude é preciso reagir com reserva, e aí entra o olhar sociológico para as ausências e as diferenças. A digitalização das fotos permitiu-me trabalhar com a ferramenta *zoom*, mas em alguns momentos tivemos recorrer à lupa, pois a ampliação por meio digital comprometia a nitidez das imagens.

O exame acurado dessa fotografia e de outras que seguem permite apreender, nos detalhes, que nem todos eram homens, nem todos operários, nem todos eram adultos, como um primeiro olhar parece sugerir. Na obra havia mulheres, crianças e adolescentes. Havia mecânicos de automóvel, torneiros mecânicos, serralheiros,

motoristas, vigias e engenheiros. Mobilizava também médicos, enfermeiras, trabalhadores administrativos.

Identifiquei pelo menos duas mulheres que aparecem nestes destaques ao lado. No detalhe à esquerda, a mulher aparece de camisa e calça branca, sentada à frente. No detalhe menor, a mulher aparece com a mão protegendo o rosto do sol.

Imagens 1.1 e 1.2 – Detalhes da Imagem 1: Mulheres

Nos destaques seguintes podemos ver adolescentes em meio aos operários. Há situações que eles parecem estar postados junto ao pai, como no destaque anterior, onde se vê um homem e um menino inclinado sobre ele, bem ao lado da mulher.

Imagens 1.3; 1.4 e 1.5 – Detalhes da Imagem 1: Crianças e adolescentes na obra

Imagem 1.6 - Detalhe: Não operários

Na primeira e segunda fileira, entre o meio da foto e a margem esquerda se vê duas pessoas que poderiam ser técnicos, gerentes ou engenheiros. O homem da primeira fileira está com um tipo de agenda ou caderneta de anotações no bolso da camisa e um relógio no braço. O que está na fileira detrás e à direita deste primeiro aparece vestindo um paletó.

Também identifiquei 4 trabalhadores usando quepe, como mostram esses 3 detalhes destacados da foto maior. É possível que fossem vigilantes, uma vez que havia muitos caminhões e guindastes empregados na obra.

Imagens 1.7; 1.8 e 1.9 – Detalhes da imagem 1: Homens de quepe

Na próxima fotografia, a composição privilegia o plano mais geral, técnica utilizada para ressaltar o contexto, no caso, representado pela rocha bruta em segundo plano, já quebrada pela ação humana modificando a paisagem. A tecnologia ausente na foto anterior agora está junto com os trabalhadores, como para mostrar que a determinação do homem aliada à tecnologia faz a força necessária para transformar o meio natural. As linhas descendentes da montanha e ascendentes da estrada convergem para a linha em que estão os homens e as máquinas.

No primeiro plano, a estrada é tomada por homens e máquinas. Aparecem 12 caminhões, 2 guindastes e 1 trator, mas a foto parece não comportar toda os que posaram, visto que na sua margem esquerda o caminhão e os trabalhadores que estão nele aparecem cortados. Apesar do dia nublado, quase todos os trabalhadores estão com chapéu na cabeça, diferentemente da foto anterior, em que os chapéus apareciam nas mãos das pessoas. É indício de que a insolação era forte, provavelmente por ser próximo do meio-dia ou início da tarde, o que também é indicado pela luz mais branca, chapada, que causa o forte contraste que observamos na fotografia. Por isto e pela distância do objeto fotografado fica difícil fazer uma leitura dos detalhes da foto.

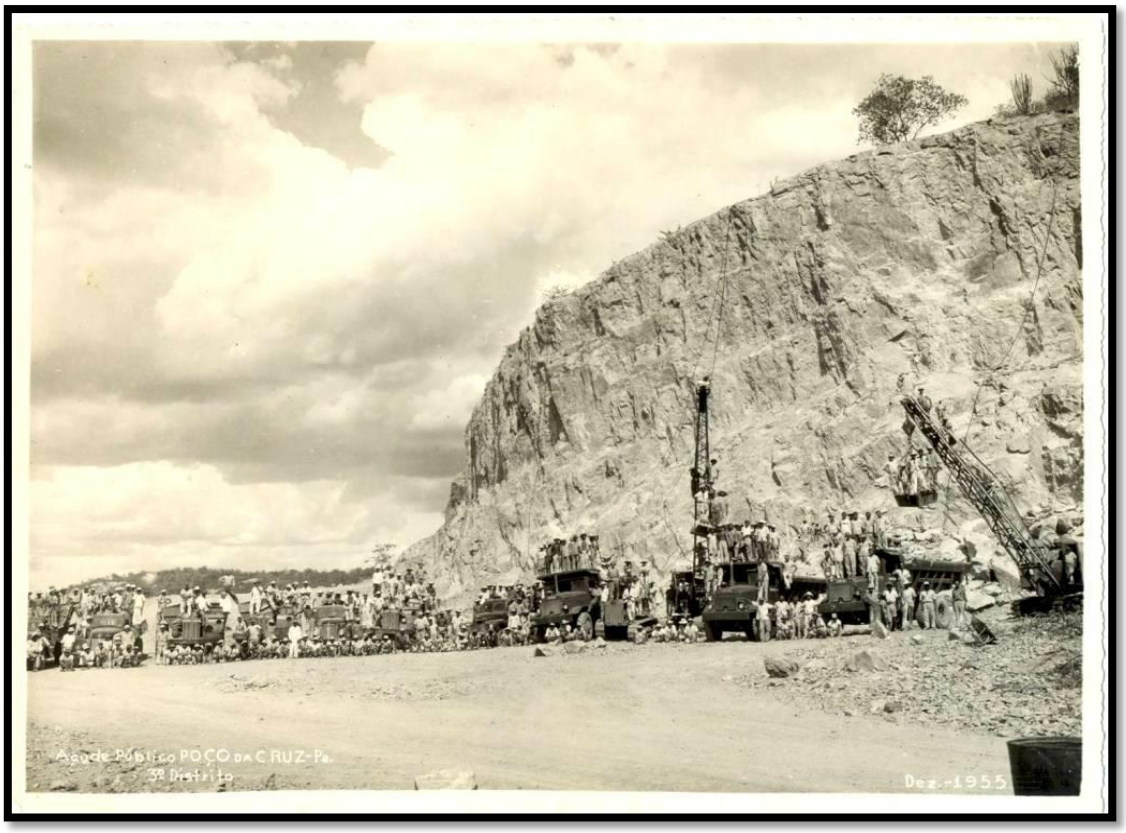


Imagem 2 - Homens e máquinas na construção do Açude. Dez/1955. Acervo DNOCS.

A construção do açude possibilitou muito mais do que trabalho não-qualificado na construção civil. Junto com os guindastes e caminhões, vieram trabalhadores manuais qualificados, como mecânicos de automóvel, torneiros mecânicos, operadores de máquinas, motoristas, etc. E uma construção dessa envergadura não se faz apena com trabalhadores manuais, mas também com profissionais qualificados, como topógrafos e engenheiros, trabalhadores administrativos; médicos, enfermeiros e trabalhadores da saúde. A quantidade de pessoas empregadas também era considerável, como se vê nas fotos do canteiro de obras. A fotografia maior mostra a dimensão humana de uma obra que construiu o maior açude do estado de Pernambuco, até os nossos dias. A massa salarial de um contingente de trabalhadores "fichados"

durante quase uma década, sem dúvida, causou um forte impacto na então vila de Mirim, na época sob a jurisdição de Inajá.

Para comportar esses trabalhadores foram construídas três vilas – Vila do Hospital, também chamada Vila dos Operários, a Vila Mecânica, e a Vila do Comércio, além da Vila dos Engenheiros –, cujos nomes denunciam as hierarquias das funções e dos espaços sociais. Além das vilas, as instalações do DNOCS no Poço da Cruz foram ampliadas. A foto seguinte mostra a vista aérea parcial deste complexo, com as oficinas do DNOCS na parte direita, onde se vê uma chaminé deste complexo, à esquerda e à frente do monte que se vê em segundo plano está localizada a Vila do Hospital. A Vila dos Engenheiros, que tem apenas 8 casas, não compõe a vista deste ângulo.

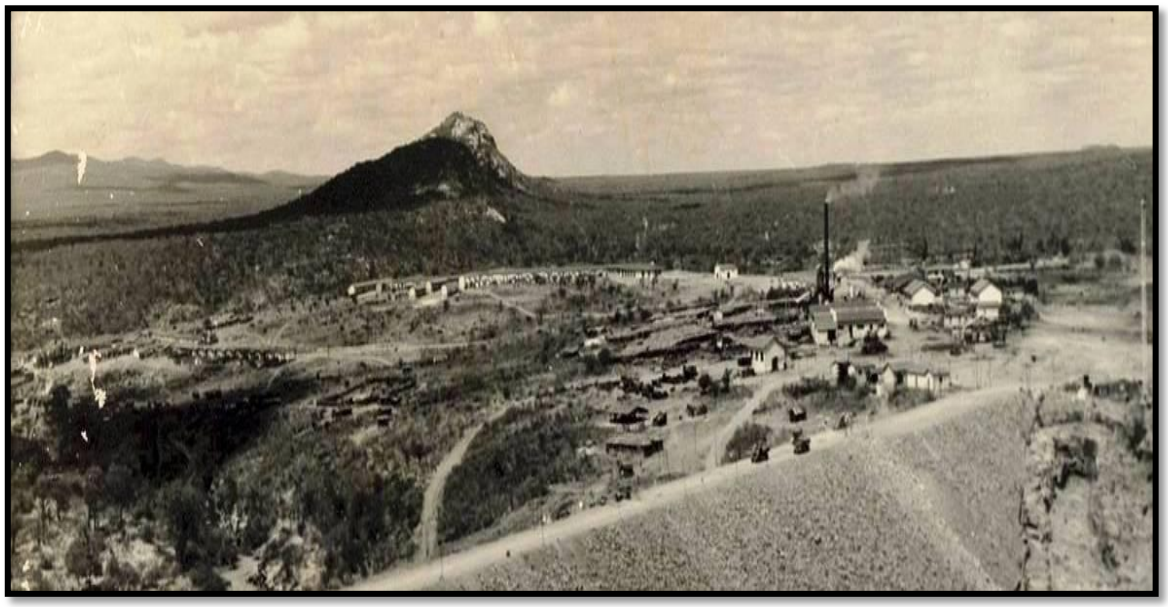


Imagem 3 - Vista aérea das Oficinas do DNOCS e vilas no Poço da Cruz. 1955. Arquivo DNOCS.

Mais construções, mais trabalho, mais dinheiro, mais comércio, mais movimento na vila que crescia com os trabalhadores que vieram construir o açude.

A imagem seguinte mostra a construção de casas na Vila Operária, cujo padrão de qualidade é bastante popular, com as unidades – de dois quartos, sala e cozinha – geminadas, em uma construção contínua. Já a Vila dos Engenheiros é formada por um conjunto de 10 casas amplas, numa localização elevada com vista para o açude.

Imagem 4 - Construção das vilas no Poço da Cruz. Foto Acervo DNOCS, dez. 1952.

A hierarquia das ocupações entre os trabalhadores não passou despercebido ao olhar do fotógrafo, que registra cada grupo de trabalhadores com seus respectivos instrumentos de trabalho. Os operários eram aqueles que trabalhavam com os instrumentos manuais, como pás, enxadas, socadores de terra, sendo estes provenientes das frentes de trabalho. Muitos destes trabalhavam descalços, com camisas desabotoadas, camisetas sem mangas ou mesmo sem camisa. Os mecânicos eram os

responsáveis pela operação e manutenção dos caminhões, tratores, guindastes, etc. Aparecem nas fotografias com vestuário completo, muitos usando botas ou sapatos, alguns usando chapéu e nenhum sem camisa. Estes trabalhavam "fichados", ou seja, com registro em carteira de trabalho. As duas fotografias que vem a seguir retratam essas diferenças entre trabalhadores.

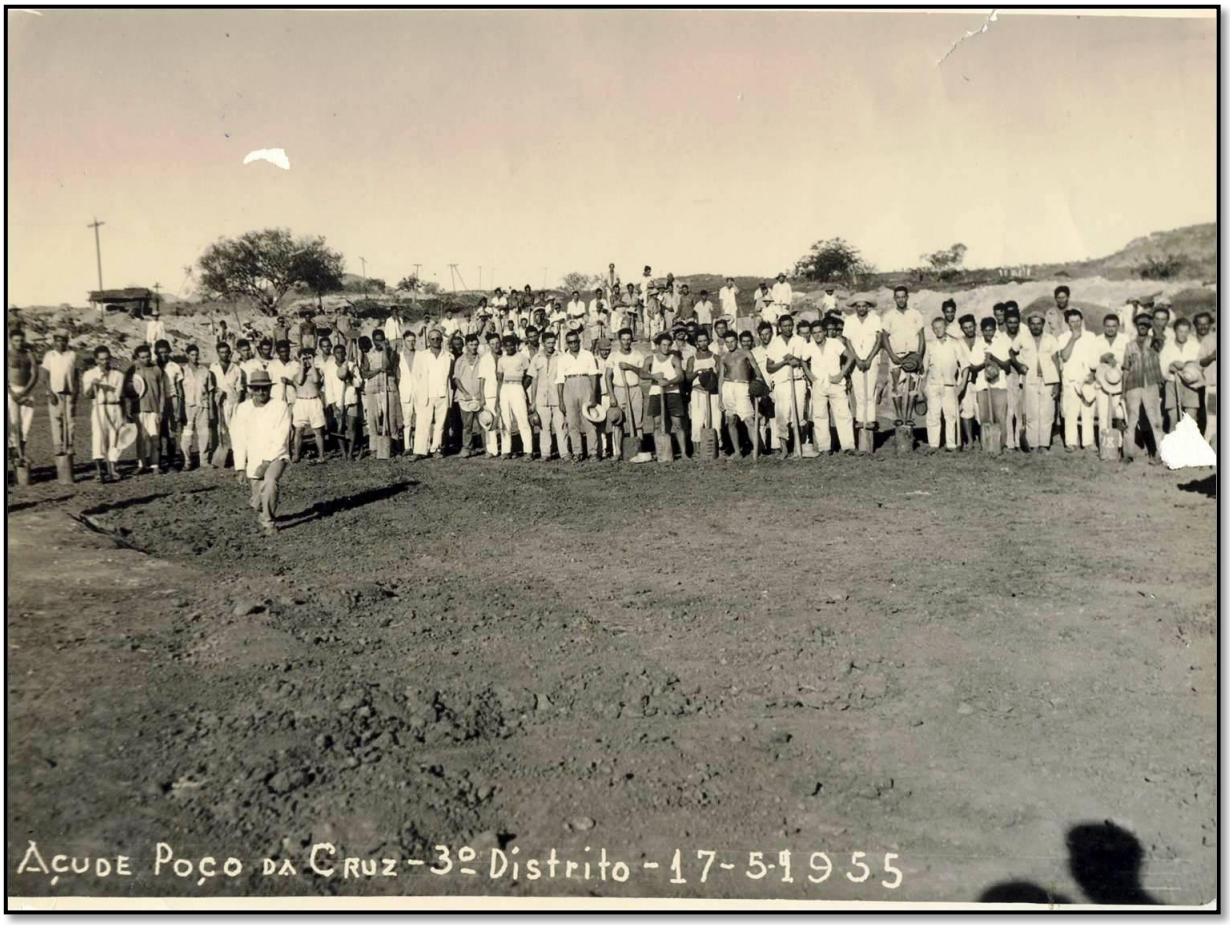


Imagem 5 – Trabalhadores braçais e suas ferramentas. Acervo DNOCS, 1955.

Imagem 6 - "Mecânicos" na construção do açude: operadores de máquinas, motoristas de caminhão e mecânicos, dez./1955. Acervo DNOCS.

O conjunto das fotografias da construção do açude Poço da Cruz parece feito por um fotógrafo acostumado a documentar as obras públicas. Aqui reproduzi apenas algumas que considerei emblemáticas de um olhar que privilegia os grandes planos, a intervenção na natureza, o registro de grupos sociais hierarquicamente divididos, as tecnologias empregadas para amansar a natureza. Essa escolha reflete o discurso que está presente no conjunto das fotografias do acervo do DNOCS. Nelas se poder ver a tradução, em imagens, da crença modernizante dos homens que governavam as intervenções do Estado na região. O Sertão estava sendo transformado, com o planejamento e a engenharia vinda de fora da região, e os braços dos sertanejos.

Esse parece ser o dilema das políticas governamentais para a região: promover o desenvolvimento regional, entretanto, sem promover o desenvolvimento humano. Já na década de 1970, era isto que estava presente quando do estudo preliminar feito pelo Instituto Joaquim Nabuco, citado anteriormente, para a implantação do perímetro irrigado, que colocava em dúvida como os camponeses poderiam ser beneficiados pelo projeto de irrigação se não tinham conhecimento de técnicas de cultivo irrigado e nem mesmo chegavam a utilizar tecnologias rudimentares na agricultura, como o arado.

Essa visão "desenvolvimentista" que olha para a riqueza natural da região, mas entende o elemento humano como obstáculo, esteve presente, de forma diferenciada, desde a conquista do sertão pelos pecuaristas e suas tropas, que incluíam os "paulistas", naquela época considerados os guerreiros mais aptos para derrotar a resistências dos índios e dos negros aquilombados. Até mesmo no pensamento da Celso Furtado, intelectual insuspeito quanto ao compromisso com o desenvolvimento voltado à melhoria da qualidade de vida e à busca de maior equidade na distribuição das riquezas e que, como Josué de Castro, considerava a seca uma questão social e não natural, de certa forma reforçava a idéia da população do Sertão enquanto um problema ao acreditar que o "problema" do Sertão era também um problema demográfico da ocupação do semi-árido brasileiro, que exigiria o deslocamento da população desta para outras regiões (TAVARES et alii, 1998; FURTADO, 2007).

Isto mostra como a questão do desenvolvimento está presente na discussão sobre o Sertão, enquanto elemento das lutas sociais, estando presente tanto no discurso governamental, quanto no discurso dos movimentos sociais, da esquerda, das organizações não-governamentais atuais, e até mesmo no discurso dos populares, como se verá no próximo capítulo, que desejam o desenvolvimento como sinônimo de

qualidade de vida e de participação na sociedade contemporânea, opondo este ao "atraso".

Um dos símbolos do desenvolvimento, sem dúvida, é o acesso a tecnologias modernas. Na foto seguinte, que pertence a um acervo familiar, a fotografia do operário ao lado do primeiro torno do DNOCS é emblemática dessa apropriação dos símbolos do desenvolvimento pela classe trabalhadora.

Imagem 7 - Operário posando ao lado do primeiro torno das oficinas do DNOCS em Poço da Cruz. Acervo particular.

Não há informação precisa sobre a data em que esta fotografia foi realizada, no entanto, esse torno é de uma geração anterior à década de 1950, o que é um indício de que a foto pode ter sido tirada logo quando o IFOCS se instalou no Poço da Cruz, no final da década de 1930, quando iniciava a construção do açude, que só seria completada na década de 1950. Uma fotografia da década de 1950 vai mostrar um torno de uma geração posterior a este, como se verá na imagem 8.

2.3.2 – Mudanças nos padrões de comportamento social

Novos trabalhadores e novos costumes. A fotografia da mulher no torno sugere que chegava a Ibimirim, através do canteiro de obras do Poço da Cruz, novidades inclusive quanto à posição da mulher na sociedade, não confinada ao lar e a família e já ocupando espaços do mercado de trabalho reservados aos homens. O fato de uma mulher ser fotografada junto ao torno revela um imaginário do deslocamento do papel da mulher na sociedade, ocupando um lugar antes reservado exclusivamente ao homem.

Imagem 8 - Mulher no torno. Foto Acervo particular.

Imagem 9 - Mulher trabalhando como pintora no Hospital do Poço da Cruz. Acervo DNOCS, década de 1950.

Vê-se outra mulher com lata de tinta e pincel na mão, na foto em que está escrito Hospital Poço da Cruz. A presença da mulher realizando atividades tradicionalmente feitas por homens deve ser entendida como uma novidade em um município que até aí vivia exclusivamente da atividade agropecuária, como uma mudança possível porque articulada a várias outras mudanças que ocorriam naqueles anos 1950.

Imagem 10 – Enfermeiras. Acervo particular. Década de 1950.

Observar as mudanças na posição da mulher pode ser um dos exemplos de como processos de mudança social que afetam as sociedades mais globais são disseminados em lugares distantes de onde essas mudanças são engendradas. Não pretendo nem é cabível fazer aqui uma análise detalhada sobre a história das mulheres e do movimento feminista, apenas evoco essa questão por que ela pode demonstrar que as mudanças nos comportamentos sociais de homens e mulheres – no sentido de abandonar costumes tradicionais em favor de posições consideradas modernas – e que normalmente são atribuídas aos moradores dos grandes centros urbanos, podem ser observadas em um lugar distante dos grandes centros urbanos, como Ibimirim, praticamente, na mesma época em que estavam em ebulição nos grandes centros. Uma hipótese possível é pensar na influência que pode ter sido exercida pelos novos profissionais que aportavam à cidade. Outra hipótese é de que essas mudanças foram engendradas pelas próprias moradoras locais, a partir da maior participação delas na economia, o que lhes conferiria outra posição nas relações sociais.

Um dos elementos que revelam a mudança dos comportamentos sociais nas relações de gênero é o vestuário feminino. O tamanho das saias e vestidos foi diminuindo no decorrer do século passado, até chegar às minissaias dos anos 1970, quando a exposição do corpo feminino deixara de ser evidência de falha moral e é incorporado à moda vigente. As fotografias que seguem são documentos dessas mudanças na sociedade local.

Imagem 11 – Mulher com bolsa. Dec.1930

Imagem 12 – Professoras, déc. 1950. Acervo particular**.**

Imagem 13–Professoras dec. 60. Acervo particular.

Imagem 14 – Passeio na hidrelétrica. Acervo part.

Imagem 15- Mini-saia Década 1970. Acervo part.

Imagem 16 – Mini-saia. Acervo particular

Na fotografia de 1935 a mulher está numa pose clássica da fotografia de estúdio, sentada, com chapéu a cobrir ligeiramente a testa e o olho direito, o que lhe confere um ar de seriedade, de certa sisudez que não comporta um sorriso. As pistas de que é uma fotografia de estúdio é dada pela técnica revelada na composição da cena, que não fornece evidências de objetos pessoais e ainda a bolsa sugere que ela esteja mesmo fora da sua casa. Mas, ainda que estivesse em um estúdio, a composição da fotografia cria uma atmosfera familiar para retratar a mulher em seu "lugar social".

Na fotografia da década de 1950, a postura em pé daquelas professoras confere à imagem da mulher um lugar no espaço público, porém num domínio que também estava se constituindo como feminino: a escola de educação básica que aparece ao fundo, com a bandeira hasteada. As professoras que posam na década de 1960 já não utilizam o prédio escolar como referência, mas vestem-se com uniformes, o que as remete ao espaço específico em que este é utilizado. Elas têm os cabelos com penteados altos, que contrasta com os cabelos curtos ou presos das professoras da década anterior. Na foto seguinte as mulheres estão em frente à barragem, próximo à hidrelétrica, portanto, num lugar público que se torna objeto de visita de homens e mulheres, de todas as idades. Mas o passeio de um grupo constituído só de mulheres a

um lugar público, porém, longe da cidade, dos olhos da comunidade, só é possível em circunstâncias em que é admitida a presença da mulher fora do espaço familiar, ou de um espaço considerado adequado à mulher. Nas duas seguintes, as mulheres usam mini-saias ou mini-vestidos, estavam, portanto, "na moda".

Essas mudanças no vestuário feminino em Ibimirim mostram uma sintonia coma as mudanças que eram verificadas nas grandes cidades do país, que foram mais fartamente documentadas. O vestuário é apenas uma manifestação de um processo mais amplo de mudanças no comportamento social das mulheres, que se estenderam pelas relações de gênero e alteraram a posição da mulher na família e no mercado de trabalho. Portanto, é possível verificar evidências de que as mudanças que ocorreram na questão da posição da mulher na sociedade brasileira entre os anos 1950 a 1970, ocorreram também em Ibimirim, simultaneamente ao que vinha se passando nos grandes centros. É uma evidência de que os processos de mudanças sociais atravessam as fronteiras regionais e locais e que, necessariamente, não chegam "atrasados" aos lugares mais periféricos em relação aos centros da sociedade moderna, ainda que, em cada lugar, esses processos ganham uma forma e uma dinâmica particular, relacionada a forma como os processos "gerais" são experimentados pelos locais.

Se utilizei o vestuário feminino como exemplo das mudanças nos comportamentos sociais que ocorreram em Ibimirim durante todo o período que antecedeu e sucedeu a construção do açude do Poço da Cruz, foi porque o comportamento social das mulheres apresentam indícios interessantes para se pensar na extensão dessas mudanças nas relações sociais mais amplas, a começar pela família, mas também em outras instituições da sociedade.

A construção do açude introduziu uma dupla mudança na vida das pessoas daquele lugar. Uma mudança no espaço e uma mudança no tempo. O espaço foi

totalmente reconfigurado. Em uma extensão muito grande, o leito do rio cedeu lugar ao lago, desterrando muitas famílias que viviam nas várzeas e encobrindo corredeiras, lugares de pesca, de banho e de trabalho, das lavadeiras aos agricultores das vazantes. Assim, o rio proporcionava um uso múltiplo de suas águas, organizando o tempo, os espaços e as formas de lazer e de trabalho, que foram alteradas com a construção do açude. A pesca também se modificara. O açude tornou possível pescar com mais freqüência e conseguir um volume maior, podendo ser explorada comercialmente. Com isto foi se formando uma comunidade pesqueira sertaneja fora do entorno dos grandes rios, como o São Francisco e o Parnaíba.

Mas foi nas atividades de lazer que encontrei uma farta documentação fotográfica, até porque realizada pelas próprias pessoas retratadas, com a disseminação das câmeras reflex automáticas. Com o açude havia a possibilidade de freqüentar a "prainha" que próxima às vilas do Poço da Cruz, de fazer longos passeios de barco, de fazer esportes náuticos. Com o açude, o lazer e os trabalhos do cotidiano se separavam definitivamente, no tempo, no espaço e nas formas.

A forma das mulheres se vestirem para freqüentar a *prainha* também foi se modificando ao longo dos anos, como se vê a seguir. Primeiro, o açude era freqüentado como atração, e as roupas das mulheres freqüentando o açude não diferiam das roupas do cotidiano, antes da década de 1960. Com o impacto das mudanças no vestiário feminino foi mais intenso na década de 1960, no Brasil, com as mini-saias, a freqüência das mulheres ao açude também mostra o acompanhamento dessas tendências da moda e demonstram também que o açude passa a ser consumido como lugar de lazer.

Imagem 17 – Mulheres no Açude/1960

Imagem 18 – Viúva e filhas no açude no início da déc. 60

Imagem 19- Visita ao açude / 1962.

Imagem 20 – Mulher e lancha no açude. Década de 1970.

Imagem 21 – Banhistas no açude. Década de 1970. Acervo particular.

Imagem 22 – Família no açude. Década de 1980. Acervo particular.

Os jovens de Ibimirim fizeram no açude o seu principal ponto de encontro, para beber com os amigos, para namorar, para praticar esportes. A quantidade de fotografias com turmas de jovens se banhando no açude é muito grande. Agora o sertão do Moxotó tinha banhistas. É claro que antes já havia, nas pequenas praias naturais formadas no leito do rio, nas lagoas, como na grande Lagoa do Puiú e outras lagoas ou açudes pequenos. Mas com o grande açude algo havia mudado.

À *prainha* do açude, como é até hoje conhecida, afluíam mais pessoas do que nesses vários lugares espalhados ao longo do território. Até por ser bem próxima das vilas construídas pelo DNOCS, ali se concentravam mais pessoas. Uma praia que possibilitava um lazer diferente do que os antigos banhos de rio, pois que permitia o ajuntamento de mais pessoas, famílias e grupos de jovens, das proximidades ou de cidades vizinhas, todas acorriam ao mesmo lugar para se divertir.

As famílias também passaram a freqüentar o açude nos momentos de lazer, como na figura 22. A *prainha* do açude, como as praias do litoral, também se constituiu como espaço público que mistura todas as gentes: do padre às prostitutas,

dos vaqueiros aos fazendeiros, das pessoas do sítio às da cidade, produzindo um relaxamento nos costumes, para uns, um acirramento nos controles sociais para outros preocupados com a "perda da moral e dos bons costumes", mas, em todo caso, possibilitando a convivência mais próxima entre os diferentes, ali, naquele espaço público.

Através das fotografias é possível perceber as diferenças "de classe" dos freqüentadores da *prainha*, observando os padrões de carros ou barcos que são exibidos. Carros novos ou semi-novos bem conservados, carros velhos, excursões em ônibus e em pau-de-arara, canoas, barcos de pesca e até lanchas aparecem nas fotografias. Também pode-se observar certas facetas do comportamento de homens e mulheres, não só através dos trajes, mas das posturas, das situações retratadas, ou de poses para demonstrar intimidades sexuais, orientações sexuais ou ironias sobre o homossexualismo através de poses estereotipadas.

Todo esse processo de mudanças ainda poderia ser contado através de outras fotos, como a de mulheres, jovens e adultas, jogando futebol na década de 1980 – e ainda hoje também, como fotografei no campo da Vila Mecânica, um dos dois times de futebol feminino de Ibimirim. Poderia ser contada também através das fotos dos desfiles escolares do dia da independência, que tomam uma aparência cada vez próxima da parada militar na década de 1970, quando alunos chegam a vestir uniformes de soldado para o desfilo e os estudantes aparecem em filas retilíneas e ordenadas, contrastando com os desfiles registrados na primeira metade dos anos 1960.

No entanto, tomei fotografias e as ordenei numa narrativa mostrando o processo de mudanças sociais que veio ocorrendo em Ibimirim a partir da construção do açude, da introdução de novos ofícios, da chegada de novos trabalhadores e técnicos, dos novos padrões de comportamento social da mulher na sociedade e das

novas possibilidades de lazer e de sociabilidade entre os moradores. Por isto, não é a construção do açude nem do perímetro irrigado que, em si mesmo, produzem essa transformação social, nem se pode atribuir somente esse processo às mudanças nos padrões de produção. Mas é o encadeamento de várias ações e práticas sociais, assim como de idéias e modelos de pensar, vividos em Ibimirim, porém, inter-relacionados com processos que se estendiam para além do território regional, no espaço da sociedade nacional, que devem ser tomados como elementos constitutivos desse processo de mudanças sociais.

Assim, já nesses anos Ibimirim vivenciava mudanças que poderiam ser ditas como próprias do mundo urbano, visto que é desse mundo das grandes cidades – onde vivem a maior parte dos intelectuais, dos artistas, dos profissionais da comunicação, enfim, dos trabalhadores das idéias, dos produtores culturais –, que se originam as idéias e comportamentos relacionados à liberação da mulher, ao relaxamento dos controles religiosos sobre a moral da população, às culturas juvenis.

A diversidade de estilos e de modos de vida, que é maior na vida das grandes cidades, não deixa de estar presente, também, no cotidiano de cidades pequenas. Isto porque o estilo, o gosto, esses elementos simbólicos que fazem parte do modo de vida, enquanto produto cultural, "pode se difundir fora da sociedade global em que se originou, desprendido dos fatores que o fizeram nascer – no caso, o processo de industrialização" (QUEIROZ, 1979: 171).

2.4 - Ibimirim pela lente da sociologia das configurações

Essa trajetória mostra como a "terra pequena" – significado indígena da palavra Ibimirim –, na segunda metade do século passado, suplantou o estatuto de outros lugares mais antigos, como as vilas de Moxotó, Jeritacó, Puiú e Poço do Boi, que compõem o território municipal. Até hoje, os moradores de Moxotó e Jeritacó têm Ibimirim como referência para assuntos legais, mas mantém relações comerciais preferencialmente com Inajá e Tupanatinga, no caso de Moxotó, e com Custódia e Betânia, no caso de Jeritacó. Conforme levantamos em nossas pesquisas de campo nesses povoados, as famílias que conseguem enviar seus filhos para cursar o Ensino Médio em Recife – ou em Arcoverde, Belo Jardim, Pesqueira, Caruaru, Serra Talhada, Petrolina, dependendo da rede de apoio familiar –, têm isto como uma distinção significativa, o que não acontece para aqueles que vão estudar em Ibimirim, que é o trivial. Moxotó e Jeritacó ainda mantêm uma vida social relativamente ativa, muito embora com dinamismo muito menor do que épocas passadas, conforme relatam seus moradores. As duas contam com posto de saúde, agência dos correios, escola de ensino fundamental com laboratório de informática e está em processo de implantação o ensino médio, embora alguns jovens prefiram estudar "na rua", onde se sentem menos controlados.

Esse longo processo que sintetizamos neste capítulo provocou, e ainda vem provocando, mudanças profundas nas relações de produção de agricultores e outros trabalhadores sertanejos, mudanças que vão além da relação entre as forças produtivas, uma vez que para além das interdependências econômicas, as relações de produção colocam pessoas em movimento, sustentam práticas sociais e conectam lugares (QUEIROZ, 1973, 1979).

A sociologia das configurações de Elias rompe com o esquema analítico dual estrutura-superestrutura, que tem na supervalorização da economia sobre as outras esferas da vida social o seu corolário, e direciona o foco do olhar sobre as mudanças sociais para outras áreas, procurando ver as relações de poder entre os indivíduos *em* sociedade, e não entre indivíduos *e* sociedade, como polaridades em oposição (GEBARA, 2008b: 53). A mudança é sempre relacional, operada pelas interdependências existentes, portanto endógena e não planejada, o que não quer dizer que há ausência de direcionamentos e orientações nas ações, mas que o direcionamento das mudanças é resultado das tensões e dos equilíbrios de tensões estabelecidos provisoriamente entre os interesses em litígio, não da vontade e ação tomada isoladamente por outro litigante (ELIAS, 1993).

Disto podemos falar do Sertão como configuração, no sentido que esta é construída por Elias: como processos de diferenciação e articulação de diversas interdependências contextuais, que sustentam as práticas sociais e também as crenças e a vida emocional. Por isto, a ênfase de Elias nos comportamentos, nas emoções e nos controles sobre essas decorrentes das pressões criadas coletivamente. O controle sobre a vida emocional e sobre os comportamento dos indivíduos esteve sempre presente no processo civilizador no sertão nordestino.

Os diferenciais de poder entre os grupos que co-habitam o sertão gerou uma relação em que os grupos sociais e os indivíduos mais frágeis – camponeses, índios e negros – foram sendo estigmatizados ao longo do processo histórico, ora sendo-lhes atribuídas características ruins como se forem "naturais" dessas pessoas – violentos, ignorantes, matutos, preguiçosos –, ora sendo colocados na posição de vítimas da seca, para então serem oferecidos como braços fortes e baratos para construir o desenvolvimento nacional (ALBUQUERQUE JR., 2001).

No entanto, para entender os processos de mudanças realizadas e em curso no Sertão também é preciso usar o termo no plural, configurações, pois o Sertão, como foi visto, não pode ser tomado como espaço homogeneizado, conforme demonstramos. Em *Envolvimento e Distanciamento* (1997b), Elias defende a tese das integrações estruturais: uma configuração inclui níveis de sub-configurações, sendo que as tensões e disputas de poder e o "desenvolvimento das unidades constituintes, incluídas a de seus membros individuais", determinam o grau de autonomia "[...] que varia de acordo tanto com as características da configuração superior como com a posição que ocupam as sub-configurações dentro desta" (ELIAS, 1997b: 46). Uma configuração maior surge, então, como o resultado do diferencial de poder conquistado por uma configuração sobre outras que passam a integrá-la como um sistema, cada uma expressando níveis diferenciados de integração à configuração maior.

Na sociologia e antropologia do meio rural já foram observados vários processos de mudanças sociais em áreas camponesas, onde ocorreram reordenamentos da tradição camponesa quando pressionadas pelos processos capitalistas. São muitos os exemplos de entrelaçamento entre aspectos da tradição local e aspectos "alienígenas" da sociedade urbano-industrial. A tradição, em muitos casos, serve como esteio dos processos de mudança: *"A tradição, então, não é o passado que sobrevive no presente, mas o passado que, no presente, constrói as possibilidades do futuro"* (WOORTMANN, 1990: 17). A modernização produtiva necessariamente não provoca rupturas com a representação tradicional da terra como patrimônio da família, demonstrando a "capacidade de resistência e de adaptação dos agricultores aos novos contextos econômicos e sociais" (WANDERLEY, 2004: 48). Sendo assim, o reordenamento da tradição permite a transição do modo de vida camponês para as exigências da vida na sociedade ocidental contemporânea, como aponta Wanderley:

> Esteve e está em curso, inegavelmente, um processo de mudanças profundas que afetam precisamente a forma de produzir e a vida social dos agricultores e, em muitos casos, a própria importância da lógica familiar. [...] cuja origem está na tradição camponesa, não é abolida, ao contrário, ela permanece inspirando e orientando – em proporções e sob formas distintas, naturalmente – as novas decisões que o agricultor deve tomar nos novos contextos a que está submetido. (WANDERLEY, 2004: 48)

Por isto, não se pode falar de um processo de mudanças sociais que tenha como resultado duas alternativas bipolares, "como a passagem de uma situação de isolamento social e de exclusão do mercado, para outra de integração econômica e social no conjunto da sociedade", pois as mudanças envolvem rupturas e continuidades (WANDERLEY, 2004: 45).

Segundo Elias, os princípios individualizantes da sociedade ocidental modificam o peso da balança nós-eu nas comunidades tradicionais, alterando o valor atribuído seja ao indivíduo, que ganha mais valor, seja ao coletivo, que perde valor, no tocante às ações e às decisões da vida (ELIAS, 1994b). Partindo disto, a questão que se coloca para a investigação das mudanças sociais é saber identificar e interpretar corretamente o alcance das mudanças nas relações sociais.

No exemplo aqui explorado, sobre a modificação do papel da mulher na sociedade – com a ocupação de funções no mercado de trabalho e de lugares nos espaços públicos antes restritos ao homem –, serve para esta reflexão. Tomar as relações de gênero exclusivamente a partir dos novos papéis que a mulher foi assumindo, ou seja, como se estes papéis representassem a totalidade das relações de gênero, levaria à conclusão de uma ruptura com o passado. No entanto, essas novas posições da mulher na sociedade se sobrepõem às antigas, de modo que a "posição total" da mulher na sociedade não é nem a mesma do passado, nem totalmente diferente do passado. As mudanças estão amalgamadas às continuidades.

É preciso ter isto em mente para não entrar no coro das vozes que anteciparam o malfadado "fim do rural", como se os processos de modernização levassem à homogeneização completa da vida social a partir do modelo hegemônico urbano-industrial.

Assim, pesquisando os jovens em lugares onde a agricultura familiar tem papel fundamental na definição das configurações sociais, é necessário perceber os efeitos dos processos de individualização decorrentes das mudanças sociais "modernizantes", perceber também que a individualização faz parte do processo de amadurecimento social, e compreender os limites dessa individualização, ou melhor, que esta não representa o fim da influencia do coletivo sobre o indivíduo. Como Wanderley observou em relação ao trabalho externo da mulher na família camponesa:

> No caso da mulher, o trabalho externo pode ter duas significações principais: às vezes, é o caminho pelo qual a mulher adquire uma maior capacidade de participar dos ganhos da família (ela contribui para a família com o dinheiro que ela mesma ganhou); às vezes, o que ela ganha é investido de alguma forma na produção ou destinado a pagar dívidas do estabelecimento familiar. Em outros casos, o trabalho externo da mulher tende a criar um distanciamento em relação ao estabelecimento familiar. É uma autonomia para fora, *semelhante à individualização dos jovens*. (WANDERLEY, 2004: 53, grifo meu).

O texto revela duas lógicas distintas de ação individual. Por um lado, a mulher age motivada pela *necessidade* do coletivo, ou em função do *coletivo*, para angariar conquistas que serão repartidas coletivamente, ou para ajudar outros membros da família, como para o estudo dos filhos. Por outro lado, o trabalho da mulher possibilita ganhos próprios, que passam pela questão financeira, mas que a ultrapassa, pois que possibilita ganhos como reconhecimento social e a viabilização de projetos pessoais. Assim, não está em questão a rejeição do projeto familiar ou a adesão a ele, mas uma nova relação entre o coletivo e a individualidade. O trabalho externo da mulher na

família agricultora pode viabilizar, simultaneamente, tanto a constituição de projetos individuais como a continuidade do patrimônio da família.

Isto é o que se passa em Ibimirim com os jovens filhos de agricultores – e também os que não são filhos de agricultores –, onde a agricultura representa para esses jovens, simultaneamente, a possibilidade de prosperidade e de fracasso. A idéia da prosperidade vem das lembranças de agricultores adultos que experimentaram a agricultura irrigada como contraste à posição anterior, quando eram agricultores "de sequeiro", fragilizados pelas variações climáticas e ausência de políticas públicas adequadas ao semi-árido. Para esses, a experiência do plantio irrigado, antes do esgotamento do açude, é representada como "tempo de fartura", de "ganhar dinheiro". A idéia de fracasso vem da memória dos próprios jovens, que passaram parte significativa de suas vidas vendo a penúria causada pelo esgotamento das águas do açude.

Mas os processos de mudança impactaram Ibimirim de forma segmentada espacialmente também, sendo diferentes os processos vividos na sede da cidade, profundamente influenciada pelo perímetro irrigado, dos processos vividos nas vilas já mencionadas, ainda que não possam ser compreendidos isoladamente, como foi visto neste capítulo.

Interessa saber como esses os efeitos desses processos macro-sociais na vida social dos jovens que vivem hoje em Ibimirim, no cotidiano da cidade e das vilas rurais, nas formas como eles vivem a "juventude". É sobre isto que tratam os próximos capítulos.

CAPÍTULO 3
UM OLHAR PELO MICROSCÓPIO
Narrativas de trajetórias individuais

3.1 Uma sociologia dos indivíduos para compreender a sociedade?

> Dizer que os indivíduos existem em configurações significa que o ponto de partida de toda investigação sociologica é uma pluralidade de indivíduos, os quais, de um modo ou de outro, são interdependentes. Dizer que as configurações são irredutíveis significa que nem se pode explicá-las em termos que impliquem que elas têm algum tipo de existência independente dos indivíduos, nem em termos que impliquem que os indivíduos, de algum modo, existem independentemente delas. (ELIAS: 2000, p.184)

Neste capítulo são apresentadas trajetórias individuais construídas sobre as narrativas de onze jovens entrevistados na pesquisa. Entre 34 jovens entrevistados, essas 11 narrativas representam uma seleção feita no intuito de apresentar a diversidade de situações vividas pelos jovens em Ibimirim. A seleção das narrativas aqui apresentadas, seleção necessária porque o contrário, a apresentação de todas as trajetórias aumentaria sobremaneira o tamanho desta tese, não deve ser entendida como uma seleção de "casos típicos". Ainda que algumas características das trajetórias desses 11 jovens selecionados possam ser encontradas em outros, a escolha foi determinada pela necessidade de apresentar uma variedade de experiências que contribuíssem para o esclarecimento das condições de continuidade e mudança das figurações sociais, aspecto que será aprofundado no capítulo seguinte. Como manda o bom senso, para proteger a identidade desses jovens, os nomes foram trocados, preservando, porém, a idade e o local de moradia, uma vez que estes aspectos interessam à leitura sociológica que é feita nesta tese.

Conforme Chartier observou, enquanto o procedimento weberiano busca padrões de repetições para a construção de seus tipos ideais, Elias, com o estudo de casos, busca "o esclarecimento das condições que tornam possível a emergência e perpetuam a existência de uma tal forma social", bem como "distinguir os funcionamentos diferentes da mesma forma social" (CHARTIER, 2001: 9). Assim, em consonância com a epígrafe que abre o capítulo, a pluralidade de trajetórias individuais apresentada neste capítulo não deve ser tomada apenas como uma coletânea de casos. Essas trajetórias mostram os efeitos das configurações sociais nos indivíduos e, simultaneamente, de como estas são insuficientes para explicar a ação indivíduos que, contrariando expectativas ou tendências, tomam rumos diferenciados dos outros indivíduos de seu grupo social. O efeito de muitas trajetórias dissonantes em um grupo social provoca tensões no equilíbrio de poder que sustenta, temporariamente, as configurações dos quais eles fazem parte.

Elias admite que as estruturas sociais determinam os tipos de tensões possíveis de emergir numa sociedade, e as tendências para onde os eixos de tensões apontam, de acordo com as características principais de cada figuração social – por exemplo, o conflito de classes durante a fase de expansão da revolução industrial, opondo uma classe muito numerosa de trabalhadores à classe pouco numerosa de industriais. No entanto, admite também que os indivíduos podem decidir sobre as formas de manifestação das insatisfações em por meio de estratégias e alianças, determinam os caminhos a tomar nesses conflitos. Disto vai depender a dinâmica de transformações e acomodações na estrutura social.

A natureza e a extensão da margem de decisão individual diferem de uma sociedade para outra, mas esta margem tende a ser maior nas sociedades grandes e complexas. Sendo assim, o campo de possibilidades, ou oportunidades, que se abre

para os indivíduos é multiplamente determinado e será sempre um campo relacional, e não de "oportunidades dadas", colocando a relação indivíduo-sociedade como co-determinada por aspectos dessa estrutura social específica; pela natureza e extensão das funções sociais que a pessoa exerce nessa estrutura; pelo encadeamento das seqüências de ações da pessoa e pelo entrelaçamento desta com outras seqüências de ações de outros indivíduos; e, ainda pela "distribuição do poder e da estrutura das tensões em toda essa rede humana móvel" (ELIAS, 1994: 48).

É isto o que dá margem para Elias se debruçar sobre a vida de um indivíduo para falar de uma sociedade, como fez com Mozart: traçando um quadro sobre as pressões sociais, o sociólogo criou um modelo teórico capaz de discernir o que a pessoa podia fazer enquanto indivíduo e o que não era capaz de fazer em virtude das forças de coerção exercidas sobre ele. Ou seja, um modelo que permite estudar as formas e os sentidos de ação individual em relação à uma determinada situação social, as reações desencadeadas das outras pessoas, grupos ou instituições, bem como o comportamento do indivíduo em relação à estas reações (ELIAS, 1995: 18-19). A trajetória individual ganha uma conotação social e, portanto, um sentido sociológico a partir do modelo proposto por Elias.

Nesta dinâmica, o indivíduo age se vinculando a algumas pessoas e situações, se opondo a outras pessoas e situações e a sucessão de encadeamentos e entrelaçamentos faz com que a rede social envolvida assuma uma autonomia própria, mais forte do que a ação individual, mas sempre interdependente com os indivíduos.

Por isto, na perspectiva sociológica do estudo das trajetórias individuais, interessa saber o que a pessoa vai fazer com o que a vida fez dela. Na sociologia das configurações, o indivíduo não é nem "livre", nem "determinado", todos, indivíduos e sociedades, são "interdependentes" (DEPELTEAU, 2008: 204).

3.2. Onze narrativas individuais

Valter

Valter tinha 19 anos quando fiz a primeira entrevista com ele. Ele estava morando em um sítio cedido por um amigo da família, junto com sua mãe e seu padrasto. São «moradores», uma categoria de camponeses destituídos de terra e ambulantes, que moram e plantam em terras cedidas. No caso da família de Valter, não existe contrapartida previamente acertada com o proprietário, a não ser "cuidar da terra". A «obrigação» do morador é uma dívida moral para com aquele que "*fez o que nem um pai faz ao filho*", nas palavras de Valter, e se expressa na forma de benfeitorias que são feitas na propriedade – como uma cerca, feita para separar a área dos animais da área cultivada –, e no compartilhamento de produtos colhidos, menos como pagamento pelo uso da terra e mais como expressões de reconhecimento do morador para o dono da terra.

Respeito é uma palavra-chave para entender o comportamento e as idéias de Valter: "*Você dando respeito já consegue respeito do outro, é um efeito imediato. Respeito em todos os sentidos, assim, você ter respeito também com as coisas que você tem que fazer*". Essa é a principal herança que ele carrega de seu avô, ele afirma, com quem foi criado nos primeiros anos da infância, junto com um irmão e uma irmã, mais velhos, e por um tempo com a irmã mais nova, que depois foi "dada" para ser criada pelos padrinhos que moravam em São Paulo, devido ser uma criança muito doente, que *"os médicos diziam que ela ia morrer"*. "*Coisa de homem é o respeito ao outro*", e Valter ressente-se do pai ausente que deixou a mãe grávida. Disse que gostaria de rever o pai para dizer que ele *"não agiu como homem"*, desrespeitando a mãe dele. Engravidar uma mulher e não casar "*não é coisa de homem*" e, argumenta, "*por que não pensou antes de fazer? Por que fez sem se cuidar?*", e comenta negativamente

sobre alguns jovens que engravidaram moças e não se casaram, embora admita exceções, *"quando não há amor"*.

Também não conviveu muito com a mãe durante até pouco tempo atrás, quando *"se acertaram"* sobre histórias do passado e ele mudou seu conceito sobre a mãe, passando a vê-la como *"mulher batalhadora"*. Passou essa primeira infância no povoado de Moxotó, criado pelos avos, tios e tias, numa fazenda deixada de herança pelo bisavô, ainda vivo na ocasião, onde *"cada um tem o seu, mas não tem cerca dividindo não, é todo mundo junto"*. As terras pertencem à família há muitas gerações. Foi nesse ambiente familiar, dominado por duas gerações de velhos, que Valter foi educado. Ouvia histórias do bisavô, que contava das caçadas, de quando se matava onça naquela região, das *"histórias cabeludas"*, de alma, de assombração, como a do *"fogo corredor"*, que os antigos diziam que era a alma do morto que subia no lugar onde ele havia sido enterrado, mas que Valter disse ter aprendido na escola que eram gases, *"um fato que tem uma explicação"* que o *"Povo antigo que tem essa crença, muitas crenças... que crê em "padim Padre Cícero"*.

Valter disse que foi criado dentro do *"sistema antigo, dos velhos"*, que ele define assim: poucas expressões afetuosas e nenhum afago físico; uma conversação seletiva baseada em verdades morais tipo "nunca pegue nada de ninguém", "se quiser alguma coisa tem que lutar pra conseguir", "se engravidar uma moça tem que casar", e nenhuma abertura para falar de si, dos seus problemas e interesses. A ênfase de sua educação, como acontece tanto entre camponeses quanto entre as classes operárias urbanas, consistia em ressaltar o valor do trabalho e afastar-se das más companhias que corrompem os bons costumes. Esta educação fez de Valter um jovem austero, que tem uma seriedade no falar e é reconhecido por seus amigos como uma pessoa muito crítica, que julga o que é o certo e o errado.

A memória da infância no Moxotó é revelada através de imagens, cheiros e sabores[31]. Gostava de *"brincar de coisas do sítio, não de carrinho, desses brinquedos prontos"*. Essas brincadeiras incluíam "encangar os bois" para passear – "a gente achava isso incrível!" –, tomar banho nos poços que eram escavados nas margens do Rio Moxotó, pulando do pé-de-manga, não antes de ter chupado muitas frutas na *"época da manga"*. Tinha também a época de ajudar na moagem da cana para fazer a rapadura e o mel-de-engenho, e provar na hora, bem quentinha, "a rapadura ainda meio mole".

Mesmo com essa formação, aos 13 anos Valter *"punha dois revólveres na cintura e saía por aí pra gastar a grana que ganhava vendendo maconha e haxixe"*. Saia de casa e ficava vários dias fora, dizendo-se "bandoleiro". Às vezes, conta ele, ficava no muro da casa da mãe de madrugada, sem ela saber – pois morava com uma tia –, "para protegê-la". O perigo não era real, era fruto da "paranóia da maconha e do haxixe" que usava compulsivamente. Alugava motos de amigos, saiam em turma e *"ia para um sítio tomar cana e transar com as prostitutas"*. Não importava o quanto gastavam, pois era fácil ganhar mais.

No negócio da maconha, Valter era o chamado *avião*. Buscava nas plantações, repartia e com a cera que raspava das mãos impregnadas pela manipulação da maconha fazia o haxixe para vender. A sua parte no negócio era o que conseguia com a venda desse haxixe. No final, *"todos tinham o seu"*[32]. Nessa fase, Valter chegou a desistir de estudar e, como disse, foi quando ele *"quase se perdeu de vez"*. De ver o sofrimento da mãe, que chorava ao saber de sua vida, de uma tia que o amava muito, com quem

[31] José de Souza Martins, em palestra proferida na XII Conferencia Nacional da SBS realizada em julho de 2007, no Recife, disse que sempre se recorda dos tempos de operário quando sente o cheiro de graxa ou óleo, afirmando que a memória também é ativada pelos sentidos corporais.

[32] Para muitos desses jovens, a parte que lhes coube foi a morte violenta, como mostra o livro de registro das certidões de óbito do Cartório de Ibimirim, conforme consta no capítulo seguinte.

morava, de ouvir conselhos delas e dos amigos da família e de ver os amigos sendo mortos, Valter conseguiu sair.

A trajetória escolar de Valter é atravessada por esses acontecimentos, pela fama de mau aluno, de "maconheiro". Mesmo quando não desistia de estudar, repetia várias vezes, pois não tinha outro interesse em ir à escola a não ser para matar aula e ir para a praça no movimento de se aproximar mais das meninas. Nessa época, era só alguém chamá-lo para sair da aula que ele ia, achando que os professores não ensinavam nada mesmo. Por conta disto, ainda estava terminando o Ensino Fundamental em 2008.

A escola foi ganhando sentido na vida de Valter somente nos últimos anos, ajudado pela turma de amigos e também pela formação que recebeu no SERTA[33], a ONG em que ele fez o curso de Agente de Desenvolvimento Local. Essa nova experiência trouxe dois elementos importantes para a mudança vivida na trajetória escolar de Valter: em primeiro lugar trouxe para ele uma crítica à escola[34] com a qual ele se identificava e, em segundo lugar, trouxe a "visão de futuro" como parte integrante do processo de escolhas na vida individual e nas questões comunitárias.

A partir daí, Valter se deslocou da posição de aluno-problema, co-responsabilizando a escola pelo seu desempenho escolar, mas também se assumindo como co-participante no processo de construção do conhecimento. Também passou a sonhar um futuro seu – e também um futuro para a agricultura, para Ibimirim, para os amigos, para o mundo. Ele fez um projeto para o PRONAF-Jovem que, caso aprovado,

[33] No capítulo quatro o trabalho dessa ONG e seus efeitos na vida dos jovens será analisado mais detalhadamente.

[34] A crítica à educação formal como é feita pelo SERTA, focaliza a desconexão entre conhecimentos sistematizados nas disciplinas e os conhecimentos necessários à vida em sociedade, baseado nos pressupostos educativos sistematizados por Jacques Delors – aprender a ser, aprender a conviver, aprender a fazer. Esta crítica é ainda maior quando dirigida às escolas rurais, que não possuem um projeto pedagógico contextualizado com a vida no campo e, portanto, servem como aparelhos de reprodução da vida urbana. O efeito dessas críticas sobre aqueles que a coadunam têm sido o de retirar dos ombros dos alunos a responsabilidade pelo fracasso, que é um dos efeitos mais perversos do sistema de avaliação escolar que focaliza os resultados individuais e não os processos educativos.

será implementado junto com projetos de outros amigos em uma única propriedade – cedida pelo pai de um deles -, criando um sistema de produções associadas: agricultura, criação de pequenos animais e piscicultura. O desejo mesmo sendo pessoal, é também um desejo coletivo, na medida em que ele se forma nos processos sociais vivenciados e na medida em que representa um "sentido para a vida" que é compartilhado por seus pares, tornando-se, para ele, um diferencial da sua geração em relação aos mais velhos.

É neste patamar que a educação escolar foi significada na vida de Valter, como conhecimento necessário para participar da vida social e produtiva, acessando instituições de financiamento e de gestão de políticas públicas, como conhecimento necessário ao agricultor. Ele passou a fazer conexões entre alguns conhecimentos escolares – de biologia, de geografia e outros – com aspectos do meio-ambiente local, da agricultura, da vida social e política, ou ainda da cultura local – e isto alterou a forma de Valter se relacionar com os professores e mesmo com os colegas, assumindo um papel mais ativo. A este movimento de deslocamento de Valter dentro do sistema escolar, correspondeu outro movimento que foi o deslocamento do papel da educação escolar na vida de Valter. A escola deixou de ser um fim em si mesmo, de ter uma finalidade meramente decorativa de conquistar um nível, e tomou o lugar de ser um meio necessário as conquistas realmente desejadas. A escola que Valter freqüenta continua com os mesmos problemas de antes, porém ela é a condição necessária para alcançar as credenciais profissionais, estas sim, fundamentais para realizar o projeto desejado. Assim, Valter agora aposta no caminho da construção de conhecimentos, sem sobrevalorizar nem desvalorizar o papel da escola em sua vida.

No projeto de aceleração da escolarização chamado *Travessia*, Valter contou como fez uma avaliação de um ciclo: centrou suas críticas na atuação do professor,

chamando a atenção para as faltas injustificadas dele e os efeitos desta no processo educativo que eles vivenciam e também apontou deficiências no acompanhamento aos alunos, compreendendo que estas são efeito também da superlotação das salas de aula. Esta crítica quebrou um pacto silencioso, entre professores faltosos e alunos omissos, que embora não tenha ignorado as condições precárias em que acontecem os processos educativos, não fez do contexto a justificativa para problemas que estão na relação professor-aluno. Colocou a construção do conhecimento no devido lugar: como fruto das relações sociais, onde o contexto, o meio-ambiente é um dos fatores de influência, mas não é suficiente para explicar sucessos e fracassos.

Valter planeja, junto com os amigos, fazer o curso Técnico em Agronomia, o que requer que se mude para outro município, voltando para Ibimirim só nos finais de semana. Além das afinidades, está em jogo também a necessidade, dividindo os custos desse empreendimento. Num momento inicial desse projeto, mesmo sem poder saber como conseguir os recursos necessários para fazer o curso técnico em agronomia ou uma engenharia na área agropecuária, Valter já caminhava no mundo da agricultura, já era seu objeto de estudo, embora ainda não fosse seu meio de vida.

Valter encontrou o seu lugar na escola e o lugar da escola em sua vida. Nem redentora, nem desnecessária. A escola para Valter não está no inicio do seu projeto, nem no seu fim, ela é o meio necessário, ela faz parte do projeto, é indissociável deste projeto. Por isto é indispensável para Valter atingir seus objetivos. Porém, para viabilizar seus desejos a agricultura também tornou-se essencial, pois trouxe a renda necessária para a manutenção da vida cotidiana atual, onde todo e qualquer futuro é forjado.

A agricultura foi se tornando um horizonte na vida de Valter a partir da formação no curso de ADL, mas ele não pensava em ser agricultor. Talvez pelo fato de

não ter terra a possibilidade de se tornar agricultor era muito remota para Valter, ainda que ele pensasse em fazer curso técnico de agronomia. Para ele, um curso técnico e até uma faculdade seria a forma dele conquistar um trabalho, adquirindo uma profissão. E, ainda, seria a possibilidade de trabalhar ensinando, fazendo extensão, e com isto difundir os princípios da agricultura orgânica. Só não havia como resolver esta equação enquanto ele não descobrisse como iria estudar em outro município, uma vez que a família não pode mantê-lo. Foi no primeiro quadrimestre de 2008, Valter encontrou a resposta: a agricultura.

A viabilidade de fazer o curso desejado aumentou, pois Valter está fazendo o Ensino Médio supletivo e agora há um CEFET mais próximo de Ibimirim, em Floresta, com curso em regime de alternância, o que vai possibilitar ele continuar a trabalhar no lote. Também já existe uma possibilidade de conseguir sua terra, pois Valter, como alguns outros jovens filhos de agricultores, está fazendo parte de um acampamento do MST.

A agricultura sempre esteve presente no cotidiano da vida familiar, mas nunca foi tão concreta quanto tem sido agora que Valter está plantando no sítio cedido. O lote tem 17 hectares, fica bem próximo à barragem. Valter trabalha junto com o padrasto, que tem ensinado o manejo da agricultura, coisa que Valter não sabia, muito embora tenha feito o curso de Agente de Desenvolvimento Local, pelo SERTA, que dá ênfase à agricultura orgânica e à pecuária de pequeno porte. Porém, para Valter, esta nova fase em sua vida, em que assume a posição de "agricultor e estudante", é a que traz o aprendizado mais significativo, pois que agora ele tem o desafio de produzir e se auto-sustentar.

Isto revelou também que a conhecimento adquirido no processo de formação de ADL era fragmentado, pois a visão critica sobre os processos escolares tradicionais e o

desenvolvimento da capacidade de associar conteúdos escolares com situações e práticas da agricultura não foram suficientes para formar o agricultor. Por mais que tenha aprendido algumas técnicas úteis, como fazer adubo de compostagem, defensivos e biofertilizantes a base de insumos naturais, etc, a prática da agricultura abrange outras situações não ensinadas. Com o padrasto ele aprendeu a considerar as características climáticas locais e seus efeitos sobre o cultivo, que é diferente no verão ou no inverno sertanejo, implicando, por exemplo, em aumentar ou diminui a distância entre as covas plantadas, pois a ventilação também varia durante o ano e caso haja um abafamento da plantação, a produção ficará prejudicada. E também aprendeu sobre técnicas de irrigação no semi-árido e dos cuidados que envolvem no uso dessas, seja no cuidado com os equipamentos e materiais, seja na forma de fazer os sulcos e na geometria que o plantio deve ter para que haja um melhor aproveitamento da água.

Além de milho, feijão e macaxeira, Valter está plantando melancia, esta visando mais a comercialização. O milho é para fazer ração para os animais e comercializar com intermediários. Na primeira colheita conseguiu vender pelo valor de R$ 130 o milheiro. Na segunda, conseguiu apenas R$90. Ele calcula o lucro da forma como seu padrasto ensinou e acrescenta o que ele aprendeu durante o curso de ADL. No cálculo ele inclui todos os insumos comprados e também o valor que gastaria com diárias para realizar o plantio, a manutenção e a colheita caso contratasse um diarista para fazer cada uma destas atividades. Assim, a contabilidade praticada por Valter atualiza a racionalidade camponesa do cálculo do apurado, incluindo o cálculo da lucratividade típico da racionalidade capitalista.

Uma coisa que ele assimilou da tradição camponesa foi comprar gado como investimento. As cabeças de gado ele adquiriu por influência da mãe, que “tem essa cultura tradicional, do gado”, pois ele preferia “criar bode”. Mas vê o gado como

poupança que só vai ser sacada em caso de extrema necessidade, que pode ser a compra de uma moto, ou para outro investimento de maior vulto na melhoria da propriedade. Para a alimentação ou para conseguir dinheiro no dia-a-dia, bode seria melhor, mas ele ainda não tem, pois isto exige um grande investimento para aumentar o numero de fiadas de arame na cerca até um nível seguro que impeça a escapada dos animais, o que ameaçaria a lavoura, dele ou de vizinhos. Mas aí ele entra com um novo elemento, que não fazia parte das opções de agricultores tradicionais do sertão: quer criar ovelhas. Enquanto a venda de um caprino pode render em média uns R$50, um ovino pode valer até o dobro, pois a ovelha ganha mais peso em menos tempo que o bode e a carne tem maior aceitação no mercado.

Ele também deseja produzir culturas irrigadas, mas não com a irrigação por inundação, como é feita no perímetro irrigado, e sim por gotejamento, mais adequado para o semi-árido, pois reduz o consumo d'água e evita a salinização dos solos. Assim, entre técnicas tradicionais apreendidas na prática da agricultura junto com o padrasto, técnicas rejeitadas como inadequadas à agroecologia – como o desmatamento, as queimadas e a dependência de insumos proveniente das indústrias químicas – e as técnicas modernas apreendidas nos cursos que fez, Valter vai se tornando um agricultor capaz de conciliar conhecimentos de bases tradicionais e escolares.

De dia a vida é no lote trabalhando e a noite é na cidade estudando, encontrando os amigos. Todos os dias que tem aula Valter vai de bicicleta para a casa da tia que fica na cidade. Toma banho, troca de roupa, janta e vai estudar. Dorme na casa da tia e volta no dia seguinte, às 5 da manhã, para trabalhar no lote. São cerca de 5 quilômetros entre o lote e a cidade. Quer comprar uma moto, dizendo que lhe daria mais mobilidade para ir e voltar, mas sabe que a moto atrairia mais a atenção das mulheres, pois *"de bicicleta, elas pensam, 'esse aí é um pé-rapado'"*.

As necessidades de ir à cidade vão além do estudo, pois há a necessidade de comprar insumos para a plantação, alimentos para a casa, levar a mãe ou o padrasto para resolverem assuntos de saúde e outras coisas mais. Mas é também para encontrar os amigos, para namorar, para acessar a internet, para passear. Vivendo nas cercanias da vila do Poço da Cruz, ir rotineiramente para a cidade é vital para Valter nesta fase da vida. *"Quando eu tô no lote, penso nas coisas que tenho que fazer na rua e quando eu tô na rua penso no que tenho que fazer no lote"*. A moto diminuiria o desgaste físico, multiplicaria as possibilidades de deslocamento, inclusive na hora do lazer. Também contribuiria para melhorar a imagem do jovem agricultor em uma cidade onde a agricultura é, por um lado, associada ao fracasso, à pobreza que leva o jovem a migrar. Uma moto é um símbolo de que o negócio está dando certo.

"A cultura" é o elemento de diferenciação entre o campo e a cidade e entre os novos e os velhos. No sítio se *"valoriza a cultura, ter respeito pelas pessoas"* e na cidade se *"valoriza a aparência da pessoa"*. A cidade é lugar de gente arrogante, que discrimina a pessoa pobre. No sítio tem pessoas arrogantes também, admite, *"mas a arrogância deles é menor por outra parte... não é arrogância contigo, de discriminação"*. Mas isto vem da influência, diz ele, que a pessoa do sítio vindo para a cidade *"aprende, fica mais esperto e quer passar a perna no outro".* A cultura dos antigos é a das práticas agrícolas de desmatamento, queimada e não aproveitamento dos recursos naturais em virtude da dependência de insumos fósseis das indústrias químicas. A cultura dele e de seus amigos está relacionada com valores ecológicos e preservacionistas, com a noção de desenvolvimento local sustentável. Valter reconhece a si mesmo e os amigos como pessoas que *"tem uma visão diferente do mundo, do município da gente"*, que adquiriu uma *"amplitude de conhecimento"* que permite *"ver além"*, ter "visão de futuro". E o futuro ele sonha assim: "*Ter a casa, uma*

casinha, uma varandinha, um sitinho, uma plantação. Uma motinho ou um carro também pra poder vir pra rua".

Ser jovem, para Valter, é ter essa forma diferente de ver o mundo, essa visão crítica sobre os acontecimentos e a preocupação com si mesmo, no sentido de pensar o que vai fazer da vida, o que quer como horizonte de vida, seja na esfera profissional, seja na esfera afetiva: *"foi depois disso que a gente começou a deixar de ser criança"*.

Ser jovem é também ser um pouco adulto, ele acredita. Se ser adulto, argumenta, é ter adquirido muitos conhecimentos ao longo da vida de forma a ter uma *"consciência do mundo"*, então, diz ele, quando o jovem precisa aprender muito para viver, escapar dos perigos e encontrar uma forma de se auto-sustentar, então o jovem também é um pouco adulto, conclui: *"o jovem é adulto quanto tem outra visão de mundo. Aí eu acho que eu me encaixo no jovem adulto"*.

Jorge

Entrevistei Jorge em abril de 2007, na varanda de sua casa que fica numa paralela da rua principal de Ibimirim. Ele havia sofrido um acidente com a sua moto e tinha uma perna enfaixada. Tinha, na ocasião, 27 anos de idade. Era dia de irrigação e ele tinha mandado o sobrinho ir ao lote para fazer isto. Ele iria para o lote no próximo dia de irrigação. Naquela época a UNIVALE, a associação dos irrigantes que responsável pelo controle do uso da água no perímetro irrigado estava liberando água a cada dois dias, seguindo orientações do DNOCS, que havia estipulado o volume de água a ser liberado à irrigação de 4 hectares por lote, baseado em cálculos que levaram em consideração o volume de água acumulado no açude, as perdas por evaporação, a previsão de reposição do reservatório através das chuvas anuais e o consumo

necessário para manter as atividades de pesca e de agricultura irrigada, entre outros fatores.

Ele ainda se lembra de quando a família chegou a Ibimirim, vindos do Maranhão para o pai assumir um cargo no DNOCS, no ano de 1986, ano em que o açude sangrou. Depois disto, lembra, foi secando, secando, até a água se acabar, até que em 2004 o açude sangrou novamente. Jorge tem uma explicação sobre o esgotamento do açude nos anos 1990: entende que hoje há uma organização maior por parte dos agricultores, que controlam o uso da água através da associação, organização que faltava aos agricultores naquele tempo, o que provocou muito desperdício de água e contribuiu para o esgotamento do açude.

Esta explicação de Jorge, sua interpretação dos acontecimentos, coloca os elementos da história no sentido de comprovar o desenvolvimento pelo qual Ibimirim está passando. Desenvolvimento que ele acentua em diversos momentos da entrevista, enfatizando o potencial de crescimento da atividade agrícola que *"só Ibimirim e Petrolina têm esse potencial no estado de Pernambuco"*; as pesquisas que foram feitas lá para plantar uva; o potencial de crescimento da piscicultura e da apicultura; o desenvolvimento comercial da cidade; o horizonte mais seguro de nunca faltar água *"quando chegar a adutora que vem do São Francisco"*, referindo-se ao projeto de transposição iniciado pelo governo federal.

Esta forma de ver o mundo Jorge Pereira adquiriu nos estudos e no ambiente familiar. Filho de um técnico agrícola que já havia trabalhado no DNOCS e no campus avançado da UFRPE e de uma professora de historia, Jorge Pereira teve influências tanto do mundo escolar, quanto do mundo da agricultura, principalmente a partir dos 20 anos de idade quando acompanhava seu pai quando este difundia técnicas de plantio e iniciava os agricultores na apicultura. Aprendeu com o pai a apicultura e

depois começou a trabalhar na agricultura, junto com o irmão que depois se formou como engenheiro agrônomo.

Teve uma carreira escolar muito boa, sem reprovações. Prestou vestibular logo que concluiu o Ensino Médio. Queria ser professor e ingressou no curso de história em Arcoverde. Cursou até o 3º período e aí trancou matrícula. Quando indagado sobre os motivos para trancar matrícula, Jorge Pereira primeiro falou sobre o trabalho, que quando resolveu se dedicar à agricultura *"não queria misturar agricultura com estudo"*. Depois ele revela outro motivo "estava com dificuldade de estudar", que num primeiro momento ele ainda faz entender isto como decorrência do trabalho. Depois fala de timidez, de ter dificuldade de apresentar trabalhos, de ter vergonha de falar em público. Só num outro momento da entrevista que ele diz o que seria realmente um motivo forte para largar os estudos: no início pensava em ser professor, como a mãe, o pai, que dava aula de matemática, a irmã professora de Português, mas viu que não era a sua vocação, que não despertava mais seu interesse.

Falar de sua trajetória escolar foi a forma dele se apresentar ao pesquisador. Em vários momentos se referia à formação escolar das pessoas da família. Um irmão biólogo, outro engenheiro, uma irmã que estudou Letras, o pai técnico agrícola, a mãe licenciada em história. Ao que parece, essa posição de não ter curso superior numa família que valoriza a aquisição desse certificado o incomoda, de forma que com recorrência ele voltava à essa questão: *"Quero voltar a estudar"*, *"vou voltar a estudar"*, a questão escolar aparece tanto como forma de distinção, afirmando ao pesquisador *"que ele não é um matuto"*, como também expressa sua visão do campo de possibilidades em Ibimirim: *"Porque aqui em Ibimirim não tem outra coisa: ou é professor, ou aposentado, ou agricultor. É sempre isso e o comércio"*. Assim, a aquisição de um diploma de nível superior serviria tanto para Jorge se igualar a seus

familiares, como para assegurar uma vida financeiramente mais estável em Ibimirim. Nesse cálculo, ele não despreza a possibilidade de manter o lote e a renda que vem da produção de banana: ele pagaria alguém para cuidar do lote.

Jorge fala da agricultura como um investidor. Seu discurso é despojado de qualquer referência a valores presentes entre agricultores que se dedicam à terra desde gerações passadas. Não planta nada para o autoconsumo. Planta banana, vendendo para um atravessador que atua na região e leva a banana para vender em Recife ou para uma fábrica de doces numa cidade vizinha, Custódia.

O agricultor Jorge Pereira, como ele se apresenta, também está na agricultura por influência das opções familiares: "Eu só vim aprender agricultura através de meu pai". O irmão, engenheiro agrônomo, foi quem comprou o lote para ele trabalhar. Havia 2 anos que o pai falecera, e Jorge Pereira ficou responsável pelo trabalho no lote, dividindo algumas tarefas com o sobrinho e pagando os serviços de um trabalhador eventualmente. Tinha 3 hectares e meio plantados com banana, quando o limite estipulado pelo DNOCS é de 4 hectares por lote. No lote tem uma área plantada com milho e feijão, mais isto é parte do "salário" do trabalhador que ele emprega. Considera que está se saindo bem como agricultor, que aprendeu bastante, com o pai e com esse trabalhador dele.

A banana é mais rentável, explica Jorge Pereira, é fácil de trabalhar – *"só gasta adubo e água"* – tem sempre um preço mínimo garantido, que quando varia é *"pra mais e não pra menos"*, e é colhida de 15 em 15 dias, o que permite um rendimento bem distribuído ao longo dos meses. Banana, conclui, *"vende sempre e vende tudo"*.

Outra atividade que é forte em Ibimirim é a apicultura, que ele também pratica. Mas entende a apicultura como atividade complementar à agricultura, pois *"a apicultura tem o tempo dela"*. *"Para sustentar família"* é a agricultura, *"dá pra*

comprar uma motinha, um carro, dá pra viver normalmente". A apicultura não tem uma produção regular, raciocina comparativamente à banana, embora não de forma explícita, mas quando ele compara os períodos de produção da apicultura com a agricultura parece sempre ter em mente o ciclo da banana. Da mesma forma ele raciocina sobre o milho. O milho, argumenta, é colhido num intervalo de 3 ou 4 meses e *"o preço é sempre lá embaixo"*, desprezando essa cultura, assim como o feijão, como culturas voltadas também para o auto-sustento da família. Sua desconfiança com as culturas tradicionais camponesas, como o milho e o feijão, a forma como ele se refere à riqueza da agricultura, faz seu discurso semelhante aos produtores do chamado "agronegócio", embora sua condição social esteja muito distante disto.

Jorge Pereira diz não querer nunca morar na zona rural: *"Eu acho que é uma coisa muito matuta. Eu não gosto. Eu gosto de trabalhar na roça, ganhar dinheiro e voltar*". "*Não é discriminação*", afirma, cauteloso, para afastar-se do lugar comum de quem vê o rural e os rurais como atrasados. Ele entende-se como uma pessoa da cidade, que gosta do aglomerado das casas, de estar cercado de vizinhos, da agitação da rua, enfim, das formas de sociabilidade urbanas. Mas a cidade que ele acha muito boa, Ibimirim, é também o que ele definiu como *"cidade rural":* é pequena, de vez em quando tem boi atravessando a rua, mas tem os amigos, as relações de vizinhança.

Esse sentimento de pertencimento e de reconhecimento que vem do interconhecimento das pessoas que vivem na pequena cidade, tem uma relação profunda com o rural como é definido por Wanderley (.....).Ele considera sua vida pacata, mas boa, gosta de ficar em casa recebendo os amigos, de ir jogar seu futebol, de "andar pelos cantos". "Ibimirim é pequena ainda", mas "é uma cidade muito boa". Fez comparações com Paulo Afonso, Petrolina, Arcoverde, para enaltecer as virtudes de Ibimirim, ou para falar de problemas semelhantes, como "os assaltos", a violência.

A contradição entre o sentimento de aconchego na sua cidade, e o sentimento de insegurança também se materializa na casa de Jorge. Como acontece com outras casas que foram reformadas ou construídas recentemente, entre aqueles que demonstram sinais de algum tipo de prosperidade econômica, como a posse de um carro, ou de uma moto também, embora esta venha se tornando mais popular – a casa de Jorge é totalmente fechada por grades na frente. Entre os vizinhos também não se vê mais aquelas frentes com muros pequenos e jardins que algumas casas ainda preservam. Possuindo ou não carros, as frentes das casas foram fechadas com lajes e grades, adotando uma "estética da segurança", semelhante ao que se verifica em cidades grandes. Ao invés de sentarem à sombra das árvores, agora os moradores se sentam à sobra das lajes, atrás das grades.

Quando Jorge Pereira estudou em Arcoverde, diz que se sentiu diferente, sentiu-se um estranho, apesar de ter gostar da *"curtição"*, referindo-se as noites que se estendiam um pouco mais com os amigos nos bares ou nos shows que são mais freqüentes lá do que em Ibimirim. Esta experiência em Arcoverde durou 1 ano e meio, tempo em que ele freqüentou o curso de História. Embora ele não tenha morado na cidade, pois existe transporte diário de Ibimirim para Arcoverde, especialmente para os estudantes, freqüentando diariamente a cidade que tem o dobro da população de Ibimirim, ele percebeu que lá havia mais oportunidades de lazer, educação e trabalho.

Essas comparações com cidades mais dinâmicas da região serviam tanto para o entrevistado falar de seu conhecimento sobre outras cidades, inclusive a capital, Recife, onde fora algumas vezes acompanhando seu pai, como também apontavam para o desejo de ver Ibimirim crescer, o que ele via como potencialmente crível com a retomada das atividades produtivas no perímetro irrigado, e projetava um futuro

melhor, quando chegar a água do São Francisco, que *"não vai deixar o açude secar nunca mais"*.

Para os jovens de Ibimirim falta trabalho, diz Jorge Pereira, citando vários amigos que vivem *fazendo bico*. Fala da falta de indústrias em Ibimirim, do desemprego entre os jovens, das poucas possibilidades de trabalho para quem não gosta da agricultura. Mas, ainda, assim, entende, é melhor do que ficar como os jovens da capital, que *"só querem estar em baladas, em festas, consumindo drogas"*, mostrando uma visão estereotipada dos jovens das grandes cidades, alimentada por imagens da mídia que associam violência e juventude nas grandes cidades.

Ali em Ibimirim, *"quando aparece uma oportunidade a gente não pode perder"*. Cita o caso de um amigo que trabalha eventualmente no supermercado, de outro que é agricultor e tem uma oficina de conserto de aparelhos eletrônicos, da amiga que é produtora de eventos e associa esta situação ao contexto: *"é uma cidade em desenvolvimento. Não tem aquela organização de uma cidade grande"*. Prevê que com a transposição a agricultura vai se desenvolver muito, puxando o crescimento do comércio e ampliando as oportunidades de trabalho para os jovens.

Desenvolvimento e organização são palavras-chave na forma como Jorge expressou as mudanças que permitiram melhorar a condição de vida dele. A apicultura hoje é muito mais rentável devido à organização que a Associação dos apicultores conquistou. Através da associação dos apicultores, o mel passou a ser centrifugado, o que permitiu melhorar o preço de venda e, nesse movimento, os produtores deixaram de comercializar o mel individualmente para um intermediário conhecido como Rinaldo, e a associação tornou-se fornecedora do mel para exportação. Agora, diz, o mel é embalado em tambores apropriados, o que possibilitou a exportação para a Alemanha. No entanto, depois ele explica que o mel é vendido primeiro para outra

associação de produtores, que fica na Chapada do Araripe, no Ceará, e depois é revendido para uma empresa de Santa Catarina e daí é que segue para exportação. Mas isto ele explica sem expressar estranhamento ou descontentamento com esse caminho tortuoso. O fato é que a Associação ainda vende o mel para atravessadores, embora não seja mais o tal que era o maior comprador de mel de Ibimirim, mas ela ainda não havia desenvolvido nem uma marca própria, para o mercado interno, nem exportava diretamente e, nestas circunstâncias, ainda não conseguia um preço mais recompensador para os apicultores de lá.

Responsabilidade é a palavra-chave para expressar a mudança ocorrida na vida pessoal. Na forma como Jorge se expressa, não há a etapa da adolescência e ser jovem não é muito diferente do ser adulto. Com o trabalho, que ele começa aos 20 anos de idade, ele se sentiu homem, e ser homem é ser responsável. Antes ele era *"criação"*. Essa ausência de uma noção de adolescência é muito comum entre os moradores de Ibimirim. A maneira de dividir as etapas da vida é referida entre a fase em que a pessoa não a responsabilidade com o trabalho e a fase em que se torna trabalhador. Ser responsável é trabalhar.

Daí a posição inversa torna-se problemática, e isto pude verificar entre três amigos de Jorge Pereira que chegaram ao final da entrevista, dois rapazes e uma moça, os quais iniciaram uma conversa que partiu do trabalho e chegou à questão da juventude. Foram os jovens que ele citou como exemplo da vida *"fazendo bico"*. Esses jovens não se viam como pessoas responsáveis, devido à condição de desempregados. Expressavam um sentido de responsabilidade não como um atributo pessoal ou qualidade, que não negavam, antes reivindicavam para si reconhecimento de suas qualidades. Mas expressavam um sentido de responsabilidade ligado à práxis social. Assumir responsabilidades significava uma condição social das pessoas que trabalham,

o que leva a pensar em responsabilidade como o poder de assumir compromissos sociais, que também se expressam materialmente. Sem trabalhar não era possível assumir certos compromissos, como namorar, fazer investimentos, adquirir coisas, viajar com os amigos. Mesmo sendo amigos, diziam que Jorge se diferenciava e as razões para isto eram as relacionadas ao trabalho e à independência financeira. O que os diferenciava era colocado como um problema social, o desemprego dos jovens, *"a cidade que não ajuda os jovens"*, *"a maioria do povo aqui só vive por causa da aposentadoria ou trabalha em lote"*.

Jorge disse que se sentia um *"agricultor diferenciado* [...] *da gente da zona rural que não teve oportunidade de estudar, que não tem estudo"*. Entendi que ele queria conciliar em si duas influências familiares, a prática da agricultura e a cultura escolar, mas não encontrou essa possibilidade fazendo curso de História. Acha que vai prestar concurso público, para a polícia ou *"outro desses"*, pagar um trabalhador para cuidar do lote e viver confortavelmente em Ibimirim, desenvolvida, maior, mas ainda pacata, familiar, aconchegante. Seu projeto é a vida que o pai, já falecido, tivera: fazer agricultura e ter um emprego público. Sem que isto seja consciente, ele caminha seguindo a vida de agricultor, traduzindo esta opção como a melhor para *"ganhar dinheiro"* em Ibimirim, e quer outro lugar no mundo do trabalho, como funcionário público. A dificuldade, como ele a traduz, é que ele vive numa cidade onde se é ou aposentado, ou agricultor, ou professor, e esta última opção foi a que ele tentou seguir, cursando história, mas descobriu que não era o que queria. Por enquanto, Jorge continua como agricultor.

Jéssica

Jéssica tinha 21 anos à época da entrevista. Filha de agricultores, desde que se casou mora no centro de Ibimirim, na casa da sogra. É a caçula de 3 irmãs, todas casadas. Duas das irmãs ainda moram no Poço da Cruz, como também o pai e a mãe, hoje separados, continuam morando na Vila do Hospital, onde ela nasceu e cresceu. Jéssica gosta muito de Ibimirim, um lugar calmo, mas *"violência tem em todo lugar"*, adverte.

Lembra-se de quando conheceu a cidade, com 11 anos de idade, quando foi para a escola fazer a 5ª série do Ensino Fundamental. Era um momento esperado por ela, que invejava as irmãs mais velhas que iam estudar na cidade e comentavam as coisas que faziam. *"No povoado não tinha o que fazer"*. Algumas vezes matava aula para passear, ficar na praça conversando com os amigos. Nada de mais para uma aluna que nunca foi reprovada, com exceção do 2º ano do Ensino Médio, quando desistiu após o parto da sua filha. Mas voltou no ano seguinte e concluiu o Ensino Médio sem outra interrupção.

Sempre foi boa aluna, mas mesmo assim pensa que poderia ter aproveitado melhor os estudos, numa reflexão de revisão da adolescência: "Depois que eu terminei fiquei pensando que eu poderia ter aproveitado um pouco mais. Que na adolescência a gente fica assim pensando em namorado...". Jéssica engravidou aos 16 anos de idade. Casou-se com o pai da criança, e hoje, 4 anos depois, reafirma que este era o seu sonho, não havia porque "jogar fora aquilo que mais queria". Jessica demonstrou confiança e muita cumplicidade na relação com o companheiro, desde a situação da gravidez. Sendo 12 anos mais velho casaram-se antes do bebe nascer. *"Encarei de frente"*, afirma uma opção imperativa, de quem assume a responsabilidade. Nem pensou se estaria ou não preparada para a maternidade ou o casamento. No começo

não se sentia despreparada para cuidar de um bebê, até que vieram algumas doenças infantis e a insegurança: *"Ai meu Deus eu não estava preparada pra isso"*. No entanto, morando com a sogra, teve apoio para enfrentar as primeiras doenças da criança.

Sentindo-se apoiada na sua nova condição, Jéssica pode não se afastar de suas amigas, não sentindo alteração no seu modo de vida, mantendo as mesmas atividades e formas de sociabilidade que tinha antes da maternidade. "*Eu me sinto uma adolescente ainda, uma jovem, mas eu sei que tenho responsabilidades, eu trabalho, cuido da minha filha. Minha sogra me ajuda também. Sei que tenho grande responsabilidade por ela, mas não deixo de me sentir jovem*". Ser responsável não a coloca na condição de adulta, nem a condição social de ser casada e mãe retira o direito de se sentir jovem. *"Ser jovem e irresponsável, hoje em dia, não dá certo"*, afirma. A idade, nesta narrativa, é o principal referencial da juventude. Mas a responsabilidade é invocada como desejável para os desafios da juventude. Desafios que tem a ver com a insegurança econômica da falta de trabalho para os jovens de um pequeno município, principalmente quando não querem estar ligados à agricultura, como ela. Responsabilidade para encarar os desafios, como ela encarou a gravidez e como encarou as diversas mudanças pelas quais passou na trajetória de trabalho, como se verá adiante.

Embora tenha se referido primeiramente a se sentir adolescente, depois introduzindo a palavra jovem, este uso me parece mais uma evidência da indistinção entre ser adolescente e ser jovem nas classes trabalhadoras, principalmente no mundo rural, onde é mais raro o uso do primeiro termo.

Desde 2005 Jessica trabalha numa organização não governamental local, chamada Associação Umburanas[35]. Foi admitida em um processo seletivo anunciado por carro de som pela cidade, sendo escolhida entre muitos candidatos. A Associação foi formada por iniciativa de uma arquiteta que mora em Recife, mas que tem família lá.

As primeiras atividades de Jessica foram de educação ambiental, dentro do projeto de paisagismo urbano que a entidade estava desenvolvendo, com recursos captados em edital do governo federal. Com os recursos fizeram uma sementeira de árvores nativas da região, como a umburana, que dá nome à ONG, e depois iniciaram o plantio dessas arvores nas ruas da cidade. Fizeram também o planejamento para a construção de um centro de educação ambiental e difusão cultural, deixando exposta uma maquete dos edifícios no lugar onde seria construído, na entrada da cidade. No entanto, o projeto não chegou a ser concluído. Era ano de eleições municipais e o grupo político que chegou ao poder não teve apoio da família dessa arquiteta que era a coordenadora do projeto. A idéia do centro de educação ambiental e, principalmente, a exposição da maquete desse centro, quando nem mesmo havia recursos para fazê-lo, também contribui para aumentar a desconfiança do grupo vitorioso sobre a neutralidade dos objetivos da Associação, apesar de que, segundo Jessica, haja uma recomendação expressa para que os jovens da associação não levassem para a associação nenhum material ou símbolo de campanha de candidatos que cada individualmente apoiava. Isto deve ser difícil de conseguir num município onde a cor da roupa e até mesmo a cor do muro das casas são utilizadas como marcadores das opções políticas de cada um, servindo como uma declaração de voto. A nova

[35] No capitulo quatro será abordado mais detalhadamente o papel dos projetos de ONG na vida de jovens.

administração municipal fez a sua versão da renovação paisagística da cidade e removeu arvores nativas antigas para plantar *fícus*, uma espécie exótica. Tudo isto Jessica viveu como integrante do projeto.

A associação teve que redirecionar sua atuação e Jessica fez parte dessa reestruturação, sendo lançada diante de vários desafios. Em 2006, além do Núcleo de Educação, que prosseguia com a sementeira e a reciclagem de madeira, a associação criou um Núcleo de Comunicação e Cultura, onde Jessica foi trabalhar. Atuava na rádio comunitária e na biblioteca. Gostava muito da rádio comunitária, onde fazia um programa que divulgava informações ambientais, tocava música regional e às vezes fazia algumas entrevistas. Com menos de um ano teve outro desafio. Foi deslocada para o "cinema" da associação – um salão onde projetam DVD's numa pequena tela – ficando como responsável pela programação. O cinema faz projeções de vídeos ambientais aos sábados pela manhã, atraindo crianças e jovens filhos de agricultores que comparecem à feira e também alunos das escolas da cidade e jovens participantes dos projetos de educação ambiental e reciclagem da própria associação. Além de fazer a programação, Jessica coordenava a ação educativa que se realizava através de debates e de algumas atividades culturais, principalmente usando materiais de artes plásticas como suporte, que depois eram expostos nos núcleos e na biblioteca da associação. Nessa atividade orientava duas jovens assistentes.

Nas noites de quinta-feira e sábado aconteciam as sessões pagas, com o acervo de filmes de vários gêneros. O cinema foi uma oportunidade de formação para Jessica, desafiada a assumir as funções de educadora e de coordenadora. Reconhecida pelo bom trabalho que desempenhou, no final de 2007 foi redirecionada para trabalhar no Núcleo de Marchetaria – uma técnica de criação de objetos através do aproveitamento de restos de madeira e de galhos podados das espécies arbóreas, incrustando-os em

bases de resinas ou madeiras que formam objetos decorativos ou móveis. O motivo dessa transferência foi a formação de um novo grupo nesse projeto, formado por alguns adolescentes em conflito com a lei, encaminhados pelo Conselho Tutelar do município. Não estavam conseguindo fazer o grupo trabalhar cooperativamente e Jessica foi lembrada como alguém capaz de liderar.

Quando a entrevistei, fazia 6 meses que ela trabalhava na marchetaria. *"O trabalho na marchetaria é um pouco complicado"*, disse, justificando a falta de entusiamo na sua fala. Mas, para ela, o trabalho artesanal não é tão difícil quanto *"lidar com o ser humano"*. Antes, no cinema, coordenava duas outras jovens, como ela, com as quais desenvolveu uma relação bastante afetiva. Agora, o grupo era maior, havia mais homens que mulheres e as relações de gênero afloraram em uma atividade que pode ser facilmente associada ao trabalho do homem dentro de uma visão tradicional de divisão do trabalho sexual, pois se tratava de trabalho manual, utilizando máquina de serra e ferramentas de marcenaria.

Os jovens do grupo têm desde 12 até 26 anos de idade. Seu depoimento transpassa que Jessica está diante de um desafio que ela assumiu com a coordenadora da Associação, que pediu para ela trabalhar com esse grupo, que não apresentava progressos, e ela atendeu com um *"vou tentar, ver se eu consigo, mas não garanto que eu vá conseguir lidar com aqueles meninos..."*. Agora, na entrevista, demonstra que está numa situação desconfortável, sem prazer. Do trabalho anterior no Núcleo de Comunicação, ela manifestou em palavras e entusiasmo o quanto gostava do que fazia, mas da marchetaria não saiu nada além de um comentário de que sempre achou bonito o que faziam. Ela mostrava criações feitas por cada um dos jovens, elogiando as obras que mais a agradava, mas as suas próprias criações ela mostrava sem nenhum entusiasmo. Um dos jovens que ela coordena – que eu também entrevistei – é muito

critico em relação às criações da maioria das pessoas do grupo, inclusive dela, o que ela relatou demonstrando-se incomodada e desafiada por ele, "que ele só tem pensamento diferente, discute muito o gosto e passa o dia todo brigando".

Além da natureza da atividade ter mudado muito em relação ao que fazia com entusiasmo na rádio e no cinema, havia também a dificuldade de liderar um grupo tão heterogêneo e relativamente grande: "*Os pequenos, os grandes, as meninas também aí é... bem... trabalhoso. [...] Porque antes eu só lidava com as meninas do cinema, que eram duas, só duas no meu núcleo, hoje eu assumo 12 e ta dando um trabalhão. Cuidar de 12, orientar 12 pessoas. Cuidar de 2 pra 12 é um pulo bem grande*".

Questionada sobre qual seria a maior dificuldade na nova função Jessica afirma que é na relação com os rapazes: *"Eu nem sei viu, acho que... cada um pensa de um jeito* [risos contidos]. *Aí você fala que é assim, aí eles bate, teima, 'não tem que ser assim', pensam que só porque você é mulher... Outro dia eu falei pra um: "deixa de ser machista", porque ele achou que por ser mulher não conseguia fazer, só ele conseguia"*. As mulheres se incorporaram ao grupo depois dos homens, e estão tentando marcar seu espaço, *"mas os homens estão apertando o cerco... 'que não pode fazer assim, tem que ser desse jeito'. Aí elas ficam se reprimindo, se retraindo... se diminuindo. Eu acho que não deve ser assim, mas elas parecem que preferem. Não querem dizer 'não, eu vou tentar assim, vai ser desse jeito que vou fazer'"*.

A relação de poder entre os gêneros masculino e feminino é bastante acentuada no grupo que tem maioria de homens e que é coordenado por uma mulher, que tem a autoridade contestada seja pelo viés da técnica, seja pelo viés do gosto, mas sempre demarcada como se ali não fosse o lugar da mulher, muito menos na posição de comando. A posição das outras mulheres do grupo, na verdade trata-se de adolescentes mais novas que Jessica, provoca decepção para Jessica. O fato dela não demonstrar

nenhuma complacência em função da pouca idade dessas adolescentes pode ter relação com sua própria experiência materna, narrada para ressaltar como ela *"encarou de frente"* a dificuldade. Então, para Jessica, elas ocupam a posição de *reprimidas, retraídas*, de pessoas *diminuídas* que não reforçam a posição que Jessica reivindica para si diante do grupo, de reconhecimento de sua competência, de seu jeito de fazer, de seu gosto e de sua autoridade como coordenadora.

O machismo do grupo é associado ao machismo do pai. *"Pai é quem domina dentro de casa. Ele que dá a ultima palavra, ele que trabalha. Aí quando trabalha ele domina melhor ainda né? Tem o controle da situação"*. Associa a sua saída de casa ao machismo do pai. Em outro momento da entrevista, quando fala da vida na cidade comparada à vida na vila, disse que o pai educava ela e as irmãs na *"rédea curta"*, e que por isto ela desejou sair de casa muito nova, o que se concretizou aos 16 anos.

Na vida conjugal Jessica não sofre esse tipo de pressão machista. Ela trabalha e o marido também, porém, como ele é pintor autônomo, nem sempre tem trabalho, o que torna Jessica a principal mantenedora da família. A mudança na balança financeira não é a única prova dessa relação mais igualitária. O marido divide as responsabilidades de cuidado da filha [perto do final da entrevista ele veio com a filha buscar Jessica].

Jessica não tem estabilidade na Associação Umburanas. Atualmente, o principal financiador da associação é a CHESF, que financia os projetos e ainda a construção do Centro de Educação Ambiental, que também abrigará o cinema e a biblioteca. Mas, o tempo de duração dos financiamentos não é longo, e não há nenhuma garantia de continuidade caso não encontrem financiadores. A marchetaria tem contribuído para aumentar o ingresso de recursos próprios, através da comercialização das peças, principalmente na FENEARTE – feira anual de artesanato

promovida anualmente em Pernambuco. Na associação, participam perto de 45 pessoas, entre voluntários e pessoal remunerado. Os adultos ocupam algumas coordenações, segundo Jessica, sem se dar conta que ela também é coordenadora. Adultos com "cerca de 30 anos", diz ela, e também mais velhos.

Se numa primeira definição ela associou a juventude à idade e à responsabilidade, ela ainda acrescentaria outro elemento, no caso, o comportamento, a maneira de agir. Exemplifica o que está querendo dizer se referindo às reuniões da Associação. Os jovens ficam conversando sobre as paqueras, os namoros, os acontecimentos da noite anterior, da festa, do que vão fazer à noite ou no final de semana, das coisas que acontecem na escola. Não é sobre os conteúdos das conversas que ela se apóia na argumentação – embora ela detalhe, pois que participa das conversas –, mas sobre o contraste com os adultos, que chegam e já sentam para a reunião, já falando sobre a pauta do trabalho. Os adulto, acha ela, se conversam sobre essas coisas, deve ser em casa, pois no trabalho são muito sérios.

Mas indagada sobre seus planos, a conversa muda para as coisas sérias. Pensa em terminar a construção e depois fazer faculdade. Quer cursar biologia ou curso técnico de gestão ambiental. Esses cursos se relacionam com o trabalho na Associação e, fora da associação, se cursar biologia, somente poderia atuar na área ficando em Ibimirim caso se tornasse professora, o que ela não deseja. Sair de Ibimirim não está em seus planos: *"Eu não sei se um dia eu vou sair daqui. Nunca pensei nisso. Principalmente que eu tenho família formada"*. A possibilidade de sair, para Jessica, é mais pertinente para o jovem que não formou família. Assim, suas opções de formação, além de revelarem o seu gosto pelo tema central da associação, exigem dela muito esforço e compromisso com a instituição, o que ela vem demonstrando, até mesmo assumindo uma coordenação que vem causando muito desgaste físico e

emocional para ela. Além da Associação Umburanas, o SERTA também seria uma possibilidade de trabalho, mas, ainda assim, com número de profissionais bastante limitado e com os mesmos problemas de instabilidade no financiamento dos projetos.

Daí, para Jessica, *"pensar no futuro não adianta muito não. Acho que eu penso mais assim, não tem o próximo mês, o próximo ano? Não penso muito longe não"*. Compartilha dessa visão com outros jovens de Ibimirim, e de outras partes do mundo, de que o futuro, não é matéria para o presente.

Ibimirim é bom para viver, disse ela, apesar da advertência de "violência tem em todo lugar", como que para avisar dos perigos que a "calma", que ela atribui ao lugar, esconde. Mas o lugar que é bom para viver não é o município como um todo. Para Jessica é a cidade esse lugar bom. "*A cidade é outra coisa, é alegre, você vai passear na rua. Onde eu morava era tão esquisito, 7 horas da noite já tava todo mundo com as portas fechadas pra ir dormir. Na cidade você vai até altas horas, vai dormir na hora que bem entende. Tem também o controle do pai em casa* [no sítio ou no povoado]. *O pai de rédea curta bota pra dormir bem cedo! Eu que eu sai de casa mais por causa do pai! Meu pai é linha dura*". O bom se relaciona à diversão, na referência a passear de noite, mas também à relação social, à possibilidade de escapar do controle, seja do pai sobre as filhas, seja da comunidade sobre as moças:

"Os vizinhos, as pessoas que moram ao seu redor também controlam. Sempre controla... se você da um passo em falso, assim.. beijar seu namorado ou fazer outra coisa assim... os vizinhos já vai contar pro seu pai. Cidade pequena assim... onde é vila pequena, qualquer coisa as pessoas já interpretam com se fosse que acabou-se o mundo. Então fica fácil por isso. Na cidade não....você é mais... tem pessoas que não te conhecem , você anda na rua, dança... vai pra festa dança... faz o que quiser". A cidade é o lugar de maior liberdade de expressão. Para Jessica, isto se mostra muito

significativo, pois representa a ruptura com a tradição familiar de um pai austero dominando sobre as filhas e a esposa. Representa as novas possibilidades não só de trabalho, mas de relações sociais mais igualitárias. Ainda que permaneçam situações de vigilância e controle, nem todos se conhecem, o que torna os efeitos desse controle menos nocivos aos jovens, tradicionalmente objeto privilegiado de controle devido a hierarquia entre adultos e jovens, que se agrava com o envolvimento de alguns com tráfico e uso de drogas.

Jessica também tem essa preocupação com os jovens: *"Os jovens vão a festa bebem, fumam, se envolvem com drogas"*, mas é uma visão compreensiva, por estar próxima deles. O trabalho, na visão dela, seria a melhor forma de diminuir essa pressão sobre os jovens de Ibimirim. O trabalho faria por eles também o que fez por ela, dando-lhe desafios, responsabilidades, prazer. É certo que antes do trabalho, Jessica já havia encontrado esses elementos na maternidade e no casamento, mas com o trabalho, ganhando o próprio dinheiro, ela revela a ruptura com o modelo de relação machista que ela viu na relação entre o seu pai e sua mãe.

O assumir os desafios, as responsabilidades, para Jessica, não roubam nenhum pouco de sua juventude. Ao que parece, para Jessica, a juventude precisa assumir responsabilidades para afirmar-se diante da sociedade e para garantir a sua permanência num lugar com tão poucas oportunidades de trabalho para os jovens.

Kelly

Uma hora de viagem de Ibimirim a Puiú. A estrada de terra é entrecortada por alguns riachos secos naquele Agosto. Para chegar lá tem sair da rodovia na altura do povoado de Campos. Eu e a minha guia passamos por muitos sítios, de casinhas

esparsas, aqui e acolá uma cisterna com a inscrição da ASA[36], uma caixa d'água, uma escola, uma capela, algumas plantações de pequenas proporções mantidas por meio de irrigação proveniente de poço artesiano. Uma região de pequenos agricultores, entrecortada por alguns vazios humanos que marcam a presença de grandes fazendas. Aquela região é muito árida, em compensação, abaixo dela está o Aqüífero Jatobá, o maior reservatório de água subterrânea de Pernambuco. Para chegar a Puiú descemos como quem vai para o fundo de um vale, embora não tenhamos subido serra. Puiú está num dos limites da região conhecida como Vale do Catimbau, recentemente transformada em Parque Nacional devido abrigar alguns sítios arqueológicos importantes.

Chegando perto de Puiu as arvores ficaram mais frondosas, a vegetação mais verde, avistei até alguns brejos. A primeira jovem que entrevistei em Puiu foi Kelly, de 19 anos, que havia participado do curso de formação de Agentes de Desenvolvimento Local no SERTA. Puiú tem uma configuração espacial bastante comum ao interior do Nordeste: duas fileiras compridas de casas uma em frente à outra definem o grande retângulo livre, no espaço entre as ruas, que chamam de praça, com uma igreja no centro. A casa de Kelly ficava numa das extremidades desse retângulo e atrás da casa ficava o sítio que a mãe plantava.

Começamos nossa conversa no sítio, com ela mostrando os animais que cria pato e galinha, porque cabra comeria toda a plantação, mas elas criam as cabras em outra terra ali próxima. Quem cuida do sítio é somente ela e a mãe, o pai mora no Rio de Janeiro faz 5 anos. Muitas fruteiras – coqueiro, mamão, pinha, bananeiras -, plantas

[36] A ASA - Articulação do Semi-Árido, é como se denomina uma instituição que desenvolve um trabalho em rede através de várias organizações da sociedade civil – ONGs, sindicatos, associações, cooperativas, pastorais e missões de igrejas protestantes e católicas – que atua no Semi-árido brasileiro difundindo tecnologias de convivência com a seca e que tem como seu principal projeto a construção de 1 milhão de cisternas.

rasteiras – melancia, abóbora – uma pequena horta com alface, cenoura, tomate. Desse sítio e de mais uma terra que elas possuem "com um pouquinho de cana" sai a alimentação dela e da mãe, vendem o excedente, principalmente coco, que tem muito, e ainda complementam a renda com o dinheiro que o pai de Kely envia do Rio de Janeiro e com as confecções que Kelly vende, que ela compra de uma parente.

Diferentemente do que é ensinado na agroecologia, não havia cobertura vegetal sobre o solo. A mãe não deixava, tinha medo de atrair cobra. Mas Kelly não achava ruim não, todo dia varria o chão. Das 1.200 horas previstas no curso de ADL para serem cumpridas em 18 meses de formação, Kelly disse que cumpriu 800 horas, ou seja, a metade. Para chegar ao Poço da Cruz tinha que pegar um pau-de-arara, descer no Bairro da Boa Vista e pegar outro transporte para chegar no Poço da Cruz, onde acontecia o curso.

Depois passamos para o interior da casa, nos sentamos na sala, ela num sofá e eu numa poltrona. A casa é ampla tem 2 quartos, é bem ventilada, muito agradável, isolando o calor que fazia lá fora. Kelly começa falando que os jovens de Puiú não se interessam pela agricultura, que muitos estranhavam ela ir até o Poço da Cruz para ter aula de agricultura, de apicultura, de coisas que a maioria aprende na prática e não em cursos. Puiú vive somente agricultura de subsistência. Antigamente havia mais de uma dezena de engenhos que moíam cana por três a quatro meses ao ano fazendo rapadura e mel-de-engenho. Essa época acabou já faz algum tempo. Para Kelly, quem primeiro se desinteressou pela agricultura foram as pessoas da geração dos pais dela. Porque, da geração dos avós, ela sabe que havia muita moagem de cana, como foi confirmado por pessoas idosas com quem conversei. Mesmo pensando assim, Kelly não deixa de atribuir responsabilidade aos jovens da sua geração, entendendo que deveriam aproveitar os incentivos que o governo atual vem dando aos agricultores familiares,

com *"esses negócios de empréstimo, de acompanhamentos"*, mas que os jovens não se interessam, ficam em casa vivendo à custa do dinheiro dos aposentados e do Bolsa-família, em sua opinião.

Retomei o tema do transporte, do cotidiano da vida escolar, das distâncias. Toda a comunidade normalmente usa o transporte escolar, que é feito em caminhões, mas que só sai no final da tarde e retorna a noite com os estudantes. Outra forma de transporte é usar as caminhonetes, que cobram 8 ou 9 reais para o percurso de ida e volta a Ibimirim e só saem quando lotam de gente. Por isto é comum as pessoas irem junto com os estudantes e dormirem na casa de algum conhecido ou parente, para no outro dia resolver seus negócios na cidade e retornar de noite com os estudantes novamente.

Desde os 13 anos de idade Kelly faz este percurso de Puiu-Ibimirim-Puiú, todos os dias, para estudar. Estava fazendo o 1º ano do Ensino Médio. A mãe havia atrasado a escolarização já pensando que a filha não deveria fazer aquele percurso antes de completar, no mínimo, 12 anos de idade. Assim aos 13 Kelly foi fazer a 5ª série "*na rua*". A preocupação era pertinente. A viagem de uma hora que fizemos foi em carro pequeno, caminhão demorava mais e no inverno, muito mais, além do que faz frio de noite. Kelly conta de várias vezes que os estudantes tiveram que esperar na estrada para diminuir a vazão de água para o caminhão poder atravessar. Já aconteceu de dormirem no caminhão para atravessar no outro dia. Sem agasalhos adequados para suportar o frio e com fome, os estudantes reclamam muito, com toda razão.

O transporte escolar no pau-de-arara não chega nem perto do que deveria ser um serviço público. Além do imenso desconforto, o motorista pode deixar de fazer o transporte por vários motivos: o caminhão quebrou, o pagamento atrasou, apareceu um

serviço extra mais rentável, o caminhão ficou preso com as chuvas. Fiz a viagem de volta no pau-de-arara com os estudantes. É horrível, fiquei moído.

Assim, o atraso nos estudos não é visto por Kelly como um problema individual, nem mesmo como um problema da relação de ensino, mas das condições de estudo. Ela, como outros jovens de sua idade, foi matriculada na escola com mais de 8 anos de idade. Depois, já estudando na escola da rua, foi reprovada mais duas vezes. Uma vez devido à interrupção do transporte escolar – a prefeitura não pagava os motoristas –, quando ficaram os dois últimos meses de aula sem poder ir. Não lhe passa pela cabeça a (ir)responsabilidade da escola nesta situação que foi diretamente provocada pelo poder público. Para não acontecer isto novamente, em outra oportunidade disse que pagou 3 reais por dia para não perder o ano.

Hoje, todos os dias partem 3 caminhões para Ibimirim, levando os estudantes. O caminhão que ela vai, um Ford F4000, leva 40 pessoas desconfortavelmente sentadas em bancos duros feitos de tábuas. Às vezes fica com fome na escola, *"porque, às vezes, nem todo dia a gente tem 1 real"*.

Kelly sempre fala do esforço para estudar, esforço que vai além da questão intelectual por isto, porque é sentido no próprio corpo. O esforço que muitos dos jovens de Puiú acham que não vale a pena e ficam sem estudar. Muitos jovens, diz ela, só vão na escola por obrigação. O maior argumento desses jovens é retirado da situação de jovens que concluíram o Ensino Médio e que ficam em Puiú, sem ter o que fazer, sem ter trabalho. Para Kelly, esta não é a melhor opção em sua vida, pois o estudo será a sua passagem para sair do Puiú, como muitos outros jovens que já saíram, ou que querem sair. Nestas circunstâncias, ela prefere investir no estudo: *"Hoje em dia, sem um estudo o jovem já não é basicamente nada [...] A gente aqui vai assim esperando emprego lá na cidade [...] e mesmo estou fazendo o curso*

[informática], mas não é pensando em trabalhar aqui". Kelly coloca o conhecimento de informático como básico, sem o qual *"você é considerado um analfabeto"* e não tem chance no mercado de trabalho.

Esse mercado, para ela, é o dos empregos urbanos, no comércio ou nos serviços. Fala da "fábrica" que não fazia muito tempo foi instalada no Puiú – na verdade, uma engarrafadora de água mineral –, mas não demonstra interesse pelo trabalho que é oferecido e sabe do numero extremamente reduzido de vagas, cerca de 12 a 15 pessoas trabalham lá. Porque "se for ficar aqui, não tem perspectiva de vida".

Embora não fale em primeira pessoa, Kelly diz de si, de sua perspectiva de vida que é fazer uma faculdade de medicina ou direito. Essa escolha ela associa ao "gosto", mas nestas opções está marcada a ruptura com a vida atual. Estas opções refletem um caminho que reproduz valores tradicionais muito arraigados nas classes médias e altas e que também são considerados como meios de ascensão para as classes baixas que almejam ascensão social. A opção pelas carreiras médicas e do direito é um desejo que passa de geração em geração nas famílias pernambucanas, e as evidências empíricas que parecem confirmar estas como as boas opções poder ser encontradas na própria família.

Essa influência familiar chega a Kelly através de duas primas, uma que estuda direito em Caruaru e outra que estuda enfermagem na Paraíba. As opções de carreiras que Kelly faz, então, também são possibilidades reais de sair de Puiu, aproveitando a rede de apoio da família. Mas é preciso também ter algumas vantagens para conseguir trabalhar, condição necessária para "viver na casa de outras pessoas", podendo contribuir, "porque hoje em dia ta muito difícil pra todo mundo. Pra você sair daqui pra ir lá fora tem que ter uma boa condição financeira pra viver lá fora. Porque senão,

não tem como". As opções de estudar direito e medicina, a levam a articular estratégias mais possíveis para sua saída do Puiú.

Morando no Puiú, ela raciocina, só teria como opção estudar em Arcoverde, que só oferece curso *"para ser professor, técnico em enfermagem ou técnico em administração"*. Ela até gostaria de morar em Arcoverde, onde *"as pessoas tem mais perspectiva de vida, tem mais esforço de trabalho"*, não é como Ibimirim, onde cada um *"só pensa em si"*, é diferente, afirma, em Arcoverde a pessoa *"pensa em si e na sociedade, pensa no local, pensa em crescer o local que mora"*. Ibimirim não é um lugar muito prestigiado na escala de valores de Kelly, que reflete a posição da comunidade de Puiú, que, no passado, enviava seus filhos para estudar em Arcoverde ou Caruaru, e até mesmo em Recife. Passado em que Puiú pertencia à Buique e que sonhava com emancipação.

Ibimirim, como é vista por Kelly e pela comunidade, é uma cidade formada por gente de fora, que não tem ninguém que diga *"eu sou filho de Ibimirim"*. Seu discurso sobre o desenvolvimento reflete essa mistura entre a visão de desenvolvimento local que construiu no curso de ADL, misturada a elementos da visão da comunidade de Puiú sobre o município. Se houvesse essa vontade de desenvolvimento, Puiú não estaria como hoje, paradoxalmente, com uma economia de subsistência em uma das regiões mais com solo mais rico e água abundante no município de Ibimirim. *"As gerações já passadas... nossos pais que começaram a se desinteressar. Se eles tivessem interesse de ter crescido e ter dado o ensino pra nós continuar, aí isso progredia. Mas como eles começaram a se desinteressar, os jovens que vão vindo vão se desinteressando muito mais. Daqui a uns ano aqui nem nós vai ter mais"*. Seu discurso articula a falta da união entre as pessoas e a falta de conhecimento sobre os recursos naturais e sobre as tecnologias para melhor aproveitamento desses. *"Falta às*

pessoas se formarem e não pensar só em si [...] Aprender todos juntos. Aqui é um lugar que se todo mundo se unisse dava pra crescer [...] Tem essa lagoa que é muito conhecida por aí por fora, muita gente conhece. Tem esse mineradorzinho de água. Se as pessoas se juntarem pra ajeitar, plantar, dá muito bem". E, *"com o conhecimento dá muito bem pra pessoa sobreviver. Mas se você não souber, não dá de jeito nenhum"*.

Ela até cogita uma possibilidade de continuar em Puiú, *"se pra viver da agricultura daria"*, mas retrocede, cautelosa, está falando de possibilidades das quais não tem poder para fazer acontecer. Lembra que foi a geração dos pais quem primeiro começou a abandonar não só a agricultura, mas Puiú, migrando, e agora *"cada geração que vem diz que pra sobreviver da agricultura não dá"*. Por isto Kelly pensa em outra coisa para si. O discurso que aponta para possibilidades de Puiu, para o desenvolvimento local, ao que parece, é o discurso feito para o outro, pois ela já não se vê como parte integrante de um renascimento da agricultura. Indagada qual seria o futuro de Puiú, na opinião dela só ficariam os analfabetos. Já o futuro dela imagina totalmente diferente, portanto, fora do Puiu: *"É... eu acho assim, que daqui a 10 anos eu quero estar com um bom diploma, trabalhando, e na minha própria vida, lá fora, porque se fora pra mim estudar, fazer uma faculdade pra vir morar aqui não vai adiantar de nada meu estudo, não vai adiantar nada pra vir pra cá"*. E aí fala dos primos e primas que foram estudar e ficaram vivendo em Campina Grande, Patos, Caruaru, João Pessoa e Recife.

Enquanto isto, Kelly vai vivendo no Puiú, ela e outros jovens, "arrumando a casa, escutando um som, depois vou assistir televisão, se tiver cansada ir dormir um pouco à tarde, ler um pouco um livro pra passar o tempo", assim numa rotina entre a escola, a sua casa e a dos amigos. Casar no Puiú? *"Se você vai casar tem que achar*

rapaz lá fora", como para confirmar sua visão de futuro para a comunidade, onde só vão ficar os analfabetos, daí é melhor não olhar para os que estão lá. O ultimo casamento celebrado na Igreja Católica do Puiú, construída em 1812, havia acontecido há mais de 6 anos atrás. O dela, ao que parece, também pode não acontecer lá.

Marcio

Marcio faria 26 anos de idade dali a dois meses de quando o entrevistei, em agosto de 2007. Estava casado há quase dois anos e a primeira filha do casal ainda era bebê. Enquanto conversávamos ao redor da mesa da cozinha, tomando café, sua esposa cuidava do bebezinho, ora na sala, ora na varanda da frente da casa. A casa era simples, confortável e nova, pois Marcio havia construído antes mesmo de casar. Casa com varanda na frente, espaços internos nem grandes nem pequenos, bem mobiliada e ficava numa rua paralela à rua principal do povoado Poço do Boi, a cerca de 30 quilômetros da sede de Ibimirim, metade destes percorridos em estrada de terra. O jovem que foi meu guia nessa viagem havia conhecido Marcio quando trabalhou como educador de informática em um projeto de capacitação em piscicultura, desses que são feitos com recursos do FAT[37], onde a informática era oferecida como parte do módulo básico do curso junto com conteúdos de associativismo. Para Marcio tudo isso era bom, revelando no decorrer da entrevista sua vontade de aprender, de buscar *"sempre um conhecimento a mais"* e as muitas experiências que fizeram dele um "faz-tudo" como o pai.

Poço do Boi é um povoado com algumas poucas ruas interligadas a um centro onde está a igreja, a escola de ensino fundamental e o posto de saúde. O principal meio

[3737] Fundo de Amparo ao Trabalhador, um fundo que tem origem na taxação sobre o trabalho assalariado, que é usado para financiar a qualificação profissional dos trabalhadores, entre outros usos.

de transporte da população são as caminhonetes que levam os moradores até Ibimirim, referência para todos os serviços comerciais, bancários, hospitalares, jurídicos, enfim, para a maior parte de serviços públicos e de comércio. Também não se pode esquecer de mencionar o mototaxi como um meio de transporte importante, que possibilita ao morador acesso à cidade por um preço razoável em qualquer momento do dia, o que não é possível com as caminhonetes, pois o frete individual sairia muito caro. No final da tarde os estudantes do Poço do Boi que estão no Ensino Médio já se deslocam de micro-ônibus para Ibimirim.

Marcio se lembra de quando era estudante. Sua geração foi a primeira a experimentar os paus-de-arara para estudar no Bairro de Boa Vista, 2 km antes da entrada principal da cidade. Com 12 anos de idade, entrando na 5ª série do antigo 1º Grau (hoje chamado Ensino Fundamental), saía às 5 horas da tarde para estar na sala-de-aula às 6 horas. *"A gente começou e começou a passar de ano"*, fala como um pioneiro, como quem sente ter ajudado a incentivar a escolarização das crianças e adolescentes do lugar. Começaram em 14 alunos sobre uma pickup pequena. No outro ano eram 28 em uma pickup um pouco maior, até chegar no caminhão: *"a turma ia sempre aumentando, todo ano"*.

Marcio teve uma trajetória escolar boa, com alguns percalços pelo caminho, que só servem para ele afirmar sua disposição e esforço. Por isto, passa ligeiramente pela questão das reprovações e justifica apenas os dois anos em que ele desistiu porque foi trabalhar em Ibimirim. Ele se esforçava muito, sempre trabalhou e estudou e nunca desistiu da estudar, exceto nesse período em que se sentiu obrigado a fazê-lo. Era a época em que o açude havia secado e a situação familiar foi ficando crítica. O peixe já não era opção, os bois morreram logo e por ultimo os bodes também morreram, 80% do rebanho informa Marcio. Foi para Arcoverde trabalhar na construção civil. Ficou 2

anos trabalhando e morando por lá. Tinha 20 anos de idade. Quando voltou retornou à escola e conclui o Ensino Médio.

Muito antes disto Marcio já trabalhava. Desde muito novo trabalhava com o pai. O pai que, segundo Marcio, veio de Arcoverde, comprou um sítio e trouxe toda a família – composta por mais 2 irmãos, uma irmã e a mãe - para uma *"cultura que gostava"*, *"porque morar em rua é aquela coisa meio difícil né"*. Marcio tem orgulho de ter começado a trabalhar cedo e de ter trabalhado com o pai. Coloca o aprendizado do trabalho junto com o pai como passo imprescindível para se formam "*um homem que aprenda a trabalhar, que tenha coragem de trabalhar, que se não ensinar isso ele nunca vai aprender e depois de velho não aprende*". Marcio expressa uma moral típica das classes trabalhadoras: aprender a trabalhar é a principal herança do pai para o filho, porque também é aprender a viver. Assim, não há, por parte de Marcio, nenhuma consideração negativa entre a situação de trabalhar e estudar simultaneamente.

O pai o levava para pescar, o levava para plantar e colher, o levava para ensinar a cuidar dos bois e dos bodes: *"É na agricultura e na pecuária que eu fui criado [...] Eu acho que foi melhor do que eu ter sido criado na rua"*. Da sua infância as lembranças são desses lugares de trabalho e também de brincadeiras, como a feira de Poço do Boi, uma feira melhor do que a de Ibimirim. Para Marcio, Poço do Boi era *"tipo uma cidadezinha"* e a feira tinha *"praticamente de tudo, era uma feira livre bem organizada, igual uma feira de cidade grande"*. *"Correu muito dinheiro"* em Poço do Boi quando o açude estava cheio. Essa memória não é só dele, pois faz parte da narrativa histórica do lugar, confirmada por muitas pessoas com quem conversei.

Região com uma grande quantidade de pequenas propriedades, uma das possibilidades para entender qual era a riqueza que fazia de Poço do Boi ser quase "uma cidadezinha" é revisitar a memória da seca e compará-la com a situação

presente, com o açude cheio. É bom lembrar que a situação geográfica de Poço do Boi em relação ao sistema de transporte e às cidades mais próximas continuou a mesma praticamente desde a construção do açude, daí não terá proveito pensar nas condições de transporte.

Marcio se lembra da seca nos anos 1993-4 e depois novamente em 1998 até os primeiros anos do 2000, persistindo até quando o açude encheu novamente, em 2004: *"Quando o açude foi embora de uma vez, a seca foi tão malvada que o gado morreu. O gado que não morria de sede e de fome, quando ia beber água no açude, o açude [era] só lama... água lá na frente e a lama de [um] metro, metro e meio, era o bicho chegar, atolava"*. Até os bodes morreram. Até que conseguiram *se equilibrar*. Equilíbrio, aqui, diz respeito ao aprendizado que tiveram para conviver com a seca. Na interpretação de Marcio os agricultores dali não sabiam mais onde e como fazer cacimba e poço, para deles retirar o mínimo de água para dar de beber aos animais e para o mínimo de plantações para garantir a alimentação da família e dos animais, *"Ninguém mais entendia dessas coisas"*. Teria este esquecimento origem na nova situação do lugar que antes vivia das vazantes do rio e a partir de 1958, quando o açude encheu, não mais viveriam explorando as várzeas do rio que virou açude? Não encontrei resposta a essa pergunta. Para Marcio, os agricultores foram reaprendendo na base da tentativa e erro: *"apanhando é que se aprende né?"*. Na seca, a única produção que aumentava era a de carvão: *"não tinha o que fazer, o jeito era desmatar tudinho, vender a madeira e tentar ver se arrumava a feira"*.

Poço do Boi foi perdendo tudo que tinha: a feira, as festas, as pessoas foram embora: "*Muita gente daqui migrou pra São Paulo, pra Rio de Janeiro, Brasilia e pra Bahia [...] Praticamente acabou-se. Hoje em dia tem só os mercadinhos, mas graças a Deus o açude encheu de novo e já ta começando a retornar nossa vida de antes*".

Essa recuperação pode ser ilustrada com as atividades produtivas que Marcio desenvolve. Marcio tem o próprio sítio, que comprou a cinco anos atrás, e também planta no sitio do pai, que fica na beira do açude. Planta mais milho e feijão, boa parte para o autoconsumo e o pouco que sobra vende. Planta também capim e palma para a alimentação dos animais. Cria gado, bode e ovelhas. A racionalidade dessa combinação está baseada na complementaridade entre as espécies, do ponto de vista biológico e financeiro. Gado tem uma alimentação mais exigente, que é suprida pelo capim e pela palma que planta. É mais difícil de vender, mas também só se vende *"no aperto de 500 reais acima"*. Cabra e ovelha são vendidas mais facilmente, são mais procurados que o boi, por isto transformam-se em dinheiro vivo para, por exemplo, fazer a feira da semana para uma família. O investimento também é menor na alimentação. A ovelha come o que sobrar da roça do milho e feijão e come também as folhagens arbustivas da caatinga, na altura do porte dela para baixo. O bode complementa o serviço: *"bicho sertanejo"*, o bode fica em pé para comer as folhagens da parte mais alta dos arbustos e também come cascas dos troncos das árvores.

Marcio também pesca no açude e por pouco tempo também se aventurou na piscicultura, criando peixe e camarão, mas como experimento coletivo, junto com 20 pessoas, para aprender as técnicas de criação em tanque-rede. Desistiu da aventura pela insegurança com a tecnologia e a forma do negócio. Primeiro é preciso fazer um investimento alto para produzir – tem que comprar ou alugar tanque-rede, comprar os alevinos e a ração para alimentar os peixes durante praticamente 6 meses, até aí, sem ganhar nada. Desconfia da resistência do tanque: se rasgar todos os peixes vão embora e o que restar só paga a despesa feita. Depois ainda tem que vender para atravessador, pois lá só chega caminhão de atravessador. O açude cheio possibilita a combinação dessas várias atividades e é isto que movimenta o povoado.

A migração já é bem mais rara na atual conjuntura. A pressão maior é por terras para produzir. Marcio participa de duas associações de reforma agrária, sendo presidente em uma delas, a que já está legalizada (a outra estava em vias de se legalizar). Uma do INCRA, que na verdade não está expandindo a área de terra para os agricultores familiares, mas regularizando os posseiros que foram morar nas terras da beira do açude, que haviam sido desapropriadas pelo DNOCS na década de 1950 e que não chegaram a ser inundadas. A regularização beneficia somente aqueles que têm a posse da terra, como o pai dele e ele próprio, que há cinco anos havia comprado o direito de posse de um desses sítios. A outra associação está sendo beneficiada pela desapropriação de uma fazenda abandonada e está sendo dividida em 18 lotes de 28 hectares cada, ficando Marcio com um desses lotes. O que pesou a favor dele, disse Marcio, foi ter feito cursos de associativismo, sem fazer menção à sua rede de relacionamentos e sua reconhecida capacidade empreendedora, pois ele, salvo o período em Arcoverde, sempre esteve muito presente na comunidade e sempre envolvido em trabalhos.

Marcio gosta de trabalhar muito desde pequeno, mas isto, diz, não foi por imposição dos pais: *"Sempre trabalhei porque eu gostei. Sempre tomava conta dos animais, das ovelhas, de tudo. Sempre ia à agricultura. Desde eu criança, pronto, comecei a pescar [...] E desde criança sempre aprendi a trabalhar e fiquei assim bem independente. Fiquei praticamente independente da minha família desde criança"*. A independência a que Marcio se refere vem explicada na sequência da entrevista e está relacionada ao consumo: *"seu eu tivesse dinheiro eu não pedia. Pelo menos comprava o que eu achava melhor comprar, do meu suor"*. Por isto, antes de casar já tinha comprado o seu sítio, alguns animais e construído sua casa. Marcio não era independente de sua família, ao contrário, toda sua narrativa situa-o dentro do universo

familiar, aprendendo com o pai, trabalhando com o pai, vivendo sob a autoridade do pai e da mãe, estudando e trabalhando.

O sentimento de reciprocidade é a base do esforço de Marcio no trabalho. Seja trabalhando em cooperação com a família, seja trabalhando individualmente, fazendo seu próprio negócio, é a situação familiar que ele procura atender com seu trabalho, seja numa necessidade premente, como no tempo da seca, ou não, a preocupação era chegar *"com o dinheiro da feira de passar a semana"*. Mas não há dúvidas de que Marcio almejava a auto-suficiência, talvez motivado pela necessidade da família, *"Porque a gente vê o sofrimento dos nossos pais, aí eu comecei trabalhar muito cedo"*. Esta parece ter sido a compreensão dele de qual seria a melhor forma de ajudar: trabalhar para ser auto-suficiente.

Marcio se vê *"um pouco adulto desde criança"*. Não relaciona isto com o casamento e nem com a paternidade recente. Não relaciona com a idade. Relaciona isto com o trabalho e este com a compreensão que ele tinha da situação familiar.

Marcio sempre gostou de ir a festas e foi a muitas. Das cidades que conhece, falou de Recife, onde ficou um período prolongado para resolver questões familiares; falou de Arcoverde, Inajá e Petrolândia. Não ficaria em nenhum desses lugares – *"Não me acostumo em rua"* – porque lá no Poço-do-Boi ele vê todas as possibilidades para o jovem trabalhar e viver. Se não for na pesca, pode ser na agricultura; se não for na agricultura pode ser na pecuária; se não for nestas pode ser na piscicultura: "*todo mundo aqui que quiser arruma o seu troquinho. Você sabe, a pessoa estando com qualquer troquinho, não dependendo de ninguém já é uma vitória, e se essa pessoa quiser fazer uma viagem, uma diversão, uma festa, uma coisa, já tem com que fazer*".

Da forma como vê o mundo, do modo como vive em Poço do Boi, Marcio entende que morar na rua é difícil, que lá é lugar de fazer moradia e família, tudo lá,

como ele fez. Para Marcio, o trabalho não atrapalha o estudo, traz *independência* e ensina um homem a viver. Marcio vê-se adulto porque nunca se viu sem trabalhar, porque conseguiu se sentir independente de sua família há muito tempo.

Júlio

Julio tem 22 anos de idade, é casado há 3 anos e tem dois filhos homens. Mora no Sítio Barro Branco desde quando nasceu. O sítio é formado por umas dezenas de casas um pouco afastadas umas das outras, uma capela, um pequeno comércio de alimentos e produtos para casa e um bar que serve de ponto de encontro dos moradores do lugar. Fica à beira do açude, há cerca de 20 quilômetros da sede de Ibimirim, por estrada de terra, ou por barco, navegando pelo açude. Quando Julio nasceu, foi levado de Ibimirim, onde a mãe fez o parto, para Barro Branco de canoa. Mas nem sempre isto é assim. Desde 2004, quando o açude Poço da Cruz alcançou 100% de sua capacidade, a água voltou a inundar as terras dessa comunidade, mas antes, havia ficado 18 anos sem que a água do lago chegasse até onde está hoje, ou seja, o que hoje é o leito do lago era então terra firme, utilizada para plantio utilizando água dos poços que eram cavados no leito de um dos riachos que formam o açude. A uns 10 quilômetros de distância fica o povoado de Jeritacó, lugar de referência para os moradores de Barro Branco, em matéria de educação, serviços de saúde e comércio. Mas isto em tempo seco, pois quando chove a estrada até Jeritacó fica interrompida. Por isto, muito moradores de Barro Branco preferem mesmo se deslocar para Ibimirim, pois se o inverno for forte e a estrada ficar interrompida, eles ainda tem a opção de se deslocar de barco.

Julio mora em um sítio com 2 hectares onde ele cria 3 cabeças de gado e 10 bodes, plantando capim nessa propriedade que fica à beira do açude. Toda a sua

família mora lá: o pai, pescador aposentado, a mãe, 5 irmãos e 3 irmãs e a avó. Com exceção de uma irmã que passou 4 anos trabalhando em São Paulo, mas que já voltara, nenhum deles nunca saiu de lá. Seu pai e seu avô também nasceram lá. As terras são da família, mas a maior parte delas ficou submersa, sem que, na época, tivessem recebido qualquer indenização. Lá se plantava milho, feijão e batata-doce, confirma a avó, que junto com a mãe, a esposa e os filhos de Julio ouvem da cozinha a entrevista que está sendo feito na sala da casa dele.

Segundo narram os moradores mais antigos, ninguém acreditava que aquelas terras seriam inundadas, de tão distantes que ficam da barragem. O açude possibilitou o desenvolvimento da pesca, mas trouxe problemas para a agricultura, inundando as terras mais férteis das baixadas úmidas da beira do riacho. Por isto, a situação ideal para eles é a alternância entre inundação e seca, com a inundação fazendo a fertilização do solo e depois, com a terra secando, possibilitando maior produtividade na agricultura em solo renovado e úmido. Essa idéia de uma "normalidade" das estações seca e chuvosa no Sertão faz parte do ideário sertanejo, se expressa em frases como "no sertão, se chover, tudo dá", manifestando o desejo de eliminar a estiagem prolongada da vida no Sertão, um desejo de permanência do sertanejo em seu lugar, que seria viável se não houvesse a seca.

A memória do lugar, para Julio, está mais relacionada à seca que ao açude. O gado morrendo, os irmãos que "*sofreram muito trabalhando pra dar de comer ao gado*". Como a pesca não garantia o sustento da família, o pai ia cortar lenha para fazer carvão. Desta atividade os filhos eram poupados, pois o pai de deslocava para longe, para regiões com mais arvores, o que revela um grau de devastação maior na região, perceptível também pela grande quantidade de algarobas, espécie de árvore exótica que foi introduzida no Sertão no início do século 20, em contraste com a pouca

quantidade de árvores nativas. Mas até esse desmatamento, na percepção de Julio, está relacionado mais à seca do que a atividade humana predatória, de "uma seca que fez morrer até marmeleiro".

Barro Branco, como toda a região de entorno do açude – que inclui os povoados de Jeritacó e Poço do Boi e uma dezena de outros sítios –, naquele período entre o final da década de 1980 e o início dos anos 2000, transformou-se em área de expansão do plantio de maconha, até então presente mais na região do Médio São Francisco. Os "donos do negócio" ofereciam motor-bomba para puxar a água do açude até as plantações, davam sementes e adubo e compravam toda a produção. Mas com o açude cheio, a vida vai voltando ao normal em Barro Branco. Esse normal é o trabalho cotidiano alternado entre a pescaria, a caçada, a agricultura e a pecuária.

A experiência como pescador Julio foi adquirindo desde os 10 anos de idade. Quando o pai o levava para pescar no açude, que devido à seca ficava cada dia mais distante da comunidade e cada vez mais escasso de peixe. Por isto a ajuda de Julio ou de outro irmão era cada vez mais dispensável para uma pesca que rareava, ficando reduzida às necessidades alimentares da família. Mas, *"a pescaria é quase que nem caçada. Um dia você vai e pega, outro dia vai e não pega, e assim vai levando"*, foi como Julio definiu a vida de pescador. Se o tempo está ruim para pescar, por exemplo, quando chove muito, o melhor é sair para caçar.

Julio não se limita à atividade pesqueira. Para ele *"criar tá acima de tudo aqui"*. Julio segue a tradição familiar, alternando seu trabalho entre a pescaria e a pecuária. Continua raciocinando como os sertanejos do passado: "*tendo pasto o melhor é boi. Porque o boi dá mais rendimento. [...] O bode é mais pouco. Mas quando precisar de algumas coisas é melhor criar o bode, assim... pra aumentar muito não, mas pra pessoa tirar o consumo da casa é melhor o bode*". O gado é poupança,

investimento para o futuro, para vender quando se está interessado em fazer investimentos na propriedade. O bode é aquele que serve tanto para a alimentação da família, quanto para suprir necessidades mais imediatas, sendo fácil vende-lo em qualquer situação. No entanto, é desprezado enquanto investimento produtivo. Enquanto ele planta capim em sua propriedade para alimentar o gado, criado confinado, ele solta os bodes para comer na caatinga.

A tradição camponesa é a principal fonte de conhecimento de Julio. Sua escolarização começou tarde, aos 10 anos de idade. Ia a escola do bairro de Boa Vista, na entrada de Ibimirim, percurso que era feito de pau-de-arara, demorando cerca de duas horas no tempo das chuvas. Assim, aos 18 anos de idade, ainda estava fazendo a 4ª série. *"É porque as escolas, de primeiro, era tudo... tudo mais devagar"*. Foi quando desistiu porque tinha que trabalhar para casar. Casou com Felícia, que namorava desde criança. Ganhou 2 hectares do tio, que foi o padrinho do casamento, a única propriedade que está no seu nome e construiu sua casa próximo à casa dos pais e da avó. Festa, só mesmo a de Sant'Ana, a padroeira, realizada todo ano no mês de outubro. Diferente de outros jovens que participaram da pesquisa, inclusive outros que moram em Barro Branco, para quem "festa" diz respeito à muitas formas de reunião entre amigos, de bailes em clubes, etc., para Julio festa continua sendo a da padroeira. Não inclui, por exemplo, o forró *"que a gente mesmo faz"*.

"Daqui, com fé, eu só saio quando Deus me chamar", afirma com convicção e orgulho. E quando perguntei o por quê, ele me respondeu: *"o lugar do fraco é esse mesmo. Aqui a impostada é pouco que se paga"*, numa resposta que constrói uma auto-imagem de si em comparação, ainda que não-dita, com a vida nas cidades. O fraco pode ser a pessoa pouco escolarizada como ele ou como sua irmã que ficou 4 anos trabalhando como empregada doméstica em São Paulo e retornou para lá. A

"impostada" a que ele se refere não diz respeito apenas a impostos, tem um sentido mais amplo, dos gastos essenciais para viver na cidade, como luz, água e também o que se gasta de alimentação, muito maiores na cidade que no sítio. A idéia de que viver na cidade é mais difícil é confirmada pelo caso da prima que *"é formada, se emprega e depois se desemprega, é um vai e vem danado. E ói que ela estudou tanto que quase perde o juízo"*.

Julio gostaria que no Barro Branco tivesse mais emprego para os jovens, que tivesse transporte, posto de saúde, telefone público e escola até a 8ª série. Emprego, segundo ele, seria através de apoio para desenvolver a piscicultura e a apicultura, que dão rendimento e geram trabalho, pois não podem ser desenvolvidas por uma só pessoa, principalmente a criação de peixes. Ele gostaria de comprar uma caminhonete – ainda que seja muito visada para roubo, explica – porque assim ele poderia tornar-se negociante, indo vender peixe e produtos agrícolas em Arcoverde e Caruaru, as duas cidades que ele conhece além de Ibimirim. Assim, ele deixaria a condição de ter que negociar com atravessador, que só compra o peixe se o pescador tiver no mínimo 50 quilos para vender, e alguns exigem até 100 quilos, o que é muito dependendo da época do ano.

Julio não participa da Associação de Pescadores local. Nunca viu vantagem em participar da Associação, mas naquele ano em que o entrevistei, início de 2007, Julio estava para tirar a "carteira de pescador", na Associação dos Pescadores, pois isto, explica, daria a ele o direito de receber 4 meses de salário do governo na época da desova dos peixes, quando é proibido pescar.

"O jovem é uma pessoa que precisa de apoio para se sustentar", condição que ele está deixando de ser. Julio, não se vê como adulto, por ser muito "novo". É jovem, *"mas assim, não como os outros, como quem é solteiro"*. A responsabilidade com a

família levou ele a deixar até mesmo de jogar futebol, com medo de se machucar e não poder trabalhar. Terra, água, trabalho e família, na tradição do camponês e do pescador, é assim que Julio vive, seguindo os passos do pai *"ele me deu educação e me ensinou a viver direito"*.

O isolamento do Barro Branco, que vem de sua situação geográfica e de sua situação social em um passado recente, quando a comunidade vivia sob o domínio do narconegócio, com certeza influenciou na preservação do modo de vida camponês tradicional. Mas não posso deixar de comparar com outros jovens que conversei naquela comunidade, jovens que nada tem dessa tradição camponesa, sem pensar que Julio preserva essa tradição por ter sido menos influenciado pela cultura escolar e viver sob total influencia da cultura familiar camponesa.

Iri

Iri é um jovem Kapinawá que mora no povoado de Campos, em Ibimirim. Estava com 23 anos de idade quando o entrevistei. Estava participando de uma reunião que a Secretaria de Juventude e Emprego do governo do Estado de Pernambuco promovia para recolher propostas para a elaboração do Plano Estadual da Juventude. Como a maioria dos jovens que estavam ali em Sertânia para participar dessa reunião, ele foi mobilizado para estar pela instituição que ele participa, no caso, a Pastoral da Juventude. A reunião plenária reunia jovens dos sete municípios que estão na área da bacia do Rio Moxotó: Sertânia, Betânia, Custódia, Ibimirim, Inajá, Manari e Arcoverde.

Logo no início da entrevista ele se apresenta pela sua identidade indígena, fazendo menção à ausência de representações indígenas nesse encontro. O povoado de Campos está na área que o povo Kapinawá reivindica como território indígena,

processo ainda em tramitação. Parte da área reivindicada por esse povo indígena foi incluída na área de preservação do Parque Nacional do Vale do Catimbau, o que tem causado temor entre eles, com os rumores de que serão retirados de suas terras.

Nesse povoado a rua e a praça principal foram urbanizadas pela prefeitura não faz muito tempo, talvez porque o povoado esteja situado à beira da BR 110, intensamente usada por ser caminho para Arcoverde. Comparado aos povoados de Jeritacó, Moxotó e Puiú, Campos é menor. Esta área de Campos e do entorno é uma das mais secas de Ibimirim. Apesar de estar sobre o aqüífero Jatobá, a água ali está numa profundidade muito grande, encarecendo a perfuração de poços. Também fica longe da área de influência do rio Moxotó e não há nenhum riacho perene por perto. Essa situação só é alterada na região próxima do povoado de Puiú, cuja estrada de acesso sai de Campos.

A agricultura praticada ali é de sequeiro, plantando para o auto-consumo e para a venda do excedente, quando houver, e também para a alimentação dos animais. A maior parte dos agricultores investe na criação de bodes, aproveitando as possibilidades da própria caatinga. O inverno daquele ano de 2007 não tinha sido muito bom e eles perderam boa parte da safra, ficando com um mínimo para a alimentação. Pior foi a seca que durou de 1994 a 1998, ele disse, quando perderam tudo, até os bodes, e acabaram passando fome. A memória da seca está presente relacionada à fome, como aconteceu nesse caso, quando a seca prolongou-se por vários anos. Porém, a preocupação com a seca começa assim, num ano como aquele de 2007 em que perderam parte da safra, deixando os agricultores apreensivos com o inverno do próximo ano: outro inverno ruim agravaria ainda mais a situação deles. Um ano ruim, necessariamente, não é início de uma grande seca, mas causa apreensão.

Além de agente da pastoral, ele é presidente da Associação dos Trabalhadores Rurais do Povoado de Campos. Durante sua gestão a Associação conseguiu pequenos projetos financiados pelo PRORURAL[38], para perfurar poços, construir cisternas e caixas d'água comunitárias e outras obras não direcionadas à produção propriamente dita. Sem conseguir apoio para produzir, vê com um pouco de angústia o futuro de Campos: *"vai afundar como um barco no meio do mar"*. Descrente com a atuação dos órgãos de financiamento da agricultura familiar, Iri está apostando no processo de reconhecimento do povo Kapinawá para despertar o interesse dos jovens pela cultura indígena. Pensa que com isto vai haver interesse dos jovens em desenvolver uma produção artesanal e cultural, e que esta possa dar sustentação material à vida desses jovens em Campos, evitando ou pelo menos diminuindo a necessariamente de enfrentar uma migração forçada, não desejada, como a sua própria experiência. Muitos jovens saem de Campos para trabalhar em outras cidades, sendo o fluxo migratório maior para Recife ou São Paulo.

Iri contou que foi para Recife à procura de trabalho quando tinha 19 anos de idade. Foi morar na casa de pessoas conhecidas, que tinham migrado antes dele. A situação financeira das pessoas com quem ele foi morar não era tão boa, mesmo estando estabelecidos em Recife há mais tempo. A casa ficava na favela chamada Ilha das Cobras, em Casa Amarela, por isto ele devia pagar pelo quarto e pela alimentação. O dinheiro que levou só deu para pagar o primeiro mês de aluguel e de alimentação. Sem conseguir trabalho, foi fazendo fiado, o que ele entendeu como prova de que *"ainda tem gente boa em todo lugar"*, nesse momento em que buscava por referências que o acolhessem, como é comum entre recém-chegados.

[38] Programa do governo estadual que realiza pequenas obras de infra-estrutura em comunidades rurais, como caixas-d'água, cisternas, poço artesiano etc.

Passados dois meses de quando havia chegado, arrumou trabalho como servente de pedreiro. *"Não era fichado"*, mas era uma firma, uma pequena empreiteira. Trabalhou o mês e quando chegou o dia do pagamento ele e os demais operários não encontraram os responsáveis na obra. Procuraram no endereço que a firma ocupava no centro da cidade e deram com a porta fechada. Souberam que o dono da firma havia desaparecido, deixando trabalhadores e credores sem receber.

Sem dinheiro resolveu voltar. Lembrou-se de um caminhoneiro de Ibimirim que entregava frutas na CEASA. Foi procurá-lo. Não o encontrando foi andando de volta para Casa Amarela, pois não tinha dinheiro para pagar a passagem de ônibus. Viu um carro da Polícia Federal parado e foi pedir informação ao policial. Este perguntou de onde ele era, e como era de Ibimirim, "a terra da maconha", como disse o policial, este passou a fazer perguntas e diante das respostas negativas de Iri, começou a intimidá-lo com acusações de que ele estaria com o tráfico. Sentindo-se humilhado pelo policial, Iri chorou. Depois disto, o policial deu 2 vales-transporte para ele voltar para casa. Confuso, sem ter conhecimento suficiente da cidade e do sistema de transporte pegou o ônibus errado. Chegou em casa de madrugada depois de ter andado horas perdido na cidade. Passados dois dias retornou ao CEASA, encontrou o caminhoneiro que o levou de volta para Ibimirim, na boléia do caminhão.

Nesta narrativa de Iri sobre sua rápida passagem pela capital existem elementos que são comuns em outras narrativas de migrantes – morar na favela, ficar sem dinheiro antes de arrumar emprego, trabalhar na construção civil, trabalhar e não receber –, e há elementos próprios da experiência das classes trabalhadoras urbanas e rurais e isto, em apenas 3 meses de permanência na grande cidade. De forma análoga ao que passam os jovens nas periferias das metrópoles brasileiras, principalmente negros e mestiços, a desconfiança do policial foi baseada na identificação entre o

sujeito e o lugar de origem. Só que neste caso, por um acaso, o policial envolvido era da Polícia Federal, justamente a força repressiva que atua nas regiões sertanejas produtoras de maconha. O preconceito de origem, neste caso, associa o sujeito não ao lugar da seca e da pobreza, como o sertanejo foi introduzido no imaginário nacional, mas ao lugar da maconha, do ilegal, do crime, de um Sertão que deixou de abrigar cangaceiros para abrigar traficantes. Ibimirim não está entre as cidades mais famosas por produzir maconha, como é o caso de Cabrobó, por exemplo, cuja má fama espalhou-se por todo o país, quando é apenas um entre muitos municípios em que se cultiva maconha, que se espalha não só pelo médio São Francisco, mas por outras bacias do Nordeste e também do Norte do país. Diante do representante das forças federais de repressão, Iri, agricultor, jovem, indígena, migrante, pobre, era suspeito por ser de Ibimirim, "a terra da maconha".

Iri resumiu numa frase a sua experiência de migração: *"era melhor passar fome na minha terra do que num lugar estranho"*. Morar numa favela em Recife foi pior para ele do que a dura realidade da seca. Falou sobre os tiros que ouvia de noite e os corpos dos mortos que amanheciam na favela e que demoravam a ser retirados. Falou dos jovens que eram próximos a esse grupo de conhecidos com quem ele foi morar e do assédio de alguns desses tentando aliciá-lo para o mundo das drogas.

A entrevista foi se aprofundando na discussão sobre a juventude. Estávamos em uma reunião de jovens, mas também porque sua prática social era tomada pelas preocupações com a juventude. Iri mostrava-se um agente fervoroso da Pastoral da Juventude, um católico praticante que se expressava com a linguagem da fé e da auto-ajuda, que se locupletam: crer no divino e se esforçar, reconhecer a força divina na vida das pessoas, mas incentivá-las a se esforçarem, a cada um fazer a sua parte. Para os adolescentes e jovens que fazem parte dos grupos da pastoral – ele atende 4 grupos

de jovens na região de Campos, na faixa etária de 12 a 20 anos de idade –, Iri leva essa mensagem de conforto espiritual e de estímulo moral, de persistência na busca por seus objetivos e na necessidade de evitar o mal.

Em Campos, como diz o dito popular, "o diabo bate à porta". Iri, como outros agricultores de Campos, já foi assediado por homens que promovem o narcoplantio naquela região. Ali em Campos, segundo Iri, já muitos jovens envolvidos com o plantio da maconha. A insegurança alimentar, a baixa produtividade e, conseqüentemente, a pobreza material de muitas famílias de agricultores faz o caldo em que o narcoplantio busca novas adesões, oferecendo apoio para a produção, com sementes, adubo, bomba para irrigação e assegurando a compra de toda a produção. As terras para a produção da maconha nem sempre são as propriedades dos agricultores. Interessa ao narcoplantio a mão-de-obra dos jovens, que ficam trabalhando com nas plantações, praticamente isolados durante o período de produção.

O dinheiro que vem da maconha é maior do que o que vem das outras culturas, ou da criação de animais. Iri diz que os sinais materiais dos que se envolvem no narcoplantio são claros: quando a maior parte das famílias só tem recursos para sobreviver, vê-se casas sendo reformadas, com novos eletrodomésticos e aparelhos elétricos e, geralmente, com uma moto nova ou um carro. A moto é o sonho de consumo de muitos jovens do sertão, principalmente por suprir uma necessidade premente de transporte para as pessoas da zona rural, com uma relação custo-benefício compensadora.

Mas nem sempre é assim, disse referindo-se a casos de envolvidos que não ganharam muito, ou que perderam o pouco que ganharam: *"o agricultor é peixe pequeno, sai perdendo"*. E a perda nem sempre é só financeira, há alguns casos de assassinato e muitas prisões. *"Esse caminho"*, diz como que repetindo os conselhos

que deve dar aos jovens da pastoral, *"só tem porta de entrada, não tem saída. Só sai morto"*.

Iri tem confiança no apoio da Igreja. Vê no trabalho da Pastoral da Juventude uma forma de educação religiosa e moral necessária para manter os jovens longe da criminalidade. Mas ele também reconhece que esse tipo de abordagem não é eficaz para todos os jovens, nem mesmo para todos os que freqüentam as reuniões promovidas pela Pastoral. Alguns jovens mesmo chegam a ter vínculo com o narcoplantio e com a igreja, simultaneamente.

Por isto ele também se volta para as questões da agricultura e da identidade indígena. Apesar de ter concluído o Ensino Médio, com "uns anos de atraso", devido mais às desistências do que a reprovações, Iri não vê com bons olhos a educação escolar que recebeu, baseado num pensamento pragmático: *"Eu aprendi a ser agricultor no mundo, fazendo. A escola não me ensinou nada pra minha vida profissional*". Essa forma mais pragmática de julgar a educação a partir do que ela traria de ganho à vida profissional está presente não só entre as classes trabalhadoras, rurais e urbanas, mas também entre as classes médias, uma vez que é o discurso hegemônico que trata a educação como mercadoria e que a vincula à sua utilidade no mercado de trabalho. Da mesma forma ele interpreta a carreira escolar como um todo: *"Se não der pra fazer faculdade, o ensino não vale nada"*. Fazer faculdade, neste caso, está relacionada à adquirir uma qualificação profissional. Mas Iri assume a postura de um educador. Disse que gostaria de fazer algum curso na área de cultura, para *"ensinar arte aos jovens da sua comunidade"*, situando seu desejo no mesmo universo da educação, pois não pensa na possibilidade de ser professor. Sendo o filho mais velho de uma família pequena para os parâmetros do seu grupo indígena – é só o pai, a mãe, uma irmã e um irmão mais novos –, Iri não vê como poderá fazer uma faculdade.

Sobre sua relação com os jovens dos grupos que ele orienta, deu o seguinte depoimento: "*Sou jovem, mas eu sou adulto para eles. Me sinto adulto quando estou com eles. Eles me perguntam assim, como eu, sendo tão novo, consegui acumular tantas coisas boas na minha mente. Então eu sou adulto para eles*". Não há como não pensar no que Bourdieu falou a respeito da juventude, de que sempre se poder ser jovem em relação a alguém mais velho. Iri, para os adolescentes e jovens que ele orienta, é um adulto.

Joana

Joana estava com 27 anos de idade quando a entrevistei, e havia 13 anos morava na Agrovila 4. Veio junto com a família, que morava em outro município, na região agreste de Alagoas. Lá o pai viva da agricultura, plantando macaxeira e alguns outros legumes, fazendo farinha que vendia na feira. Ela bem recorda como era, pois viveu lá até os 14 anos de idade: "*Até junho, julho é a época fria. A pessoa colhe e pronto. Depois vem a seca e espera de novo pra poder recomeçar*". Na estação seca não havia o que fazer na agricultura, e era quando o pai saia para procurar trabalho. A família era grande: 1 filho homem, o mais velho, e 5 filhas mulheres. O irmão mais velho tinha que ajudar o pai, por isto estudou só até a 3ª série. Casou cedo e foi-se embora para trabalhar numa fazenda próxima ao povoado de Moxotó.

Se dependesse do pai, Joana e suas irmãs também não teriam continuado nos estudos, principalmente depois que o irmão mais velho se casou e mudou de cidade, ficando a família dependente exclusivamente do trabalho do pai. As duas mais velhas, Joana e mais uma, não escaparam do trabalho pesado, as mais novas não sofreram tanto. O trabalho era pesado para elas, cansava bastante e Joana se lembra do quanto que ela cochilava na escola, era bastante. Mas a mãe insistia que elas estudassem.

Quem estudava de manhã, trabalhava de tarde e quem estudava de tarde trabalhava pela manhã, "por causa da situação". Agricultor pobre, sem poder pagar diária para trabalhadores eventuais, a necessidade levou o pai a envolver as filhas na agricultura, para poder sustentar a família.

Outro problema era vencer a distância entre a escola e o sítio onde moravam. A escola que ela estudava e a irmã estudavam na 3ª e 4ª série ficava a uma hora de caminhada do sítio. Depois se mudaram para um povoado que tinha escola, e por ultimo chegaram a Ibimirim, indo morar na Agrovila 4. Joana concluiu o Ensino Médio em 2003 aos 23 anos de idade. Dentre as irmãs é a que mais estudou. O atraso ela atribui ao cansaço dos primeiros anos em que trabalhava e estudava, sendo ainda criança e aos anos em que foi trabalhar em outros municípios, como doméstica, em Arcoverde e Garanhuns.

A mudança para Ibimirim foi decida pelo pai, mas quem abriu o caminho foi uma irmã que se casou e foi morar lá na Agrovila 4. O pai foi conhecer Ibimirim em 1992. A situação dos irrigantes já não era boa, já se falava em crise, mas ainda não tinham idéia de que a crise atravessaria toda a década. O pai dela viu que ainda havia água no açude, "que todo mundo trabalhava, tinha como sobreviver melhor. E, no caso, tinha essa água que era abundante no açude", foi isto que, segundo ela, foi decisivo para se mudar. Com certeza, na análise comparativa, um lote no perímetro irrigado com um açude grande para distribuir água enchia de esperanças quem vinha de uma área de sequeiro: "ele viu que aqui a gente tinha mais condições de melhorar". Mas aí, lembra Joana, "*com pouco tempo ela foi diminuindo, diminuindo, até zerar. Mas a gente ainda conseguiu colocar uma roça, que eu me lembro*."

A agrovila 4 é a maior de Ibimirim, e grande também na percepção da adolescente recém-chegada, que acabou se beneficiando da vida social dali. *"Eu achei*

muito gostosa a adolescência aqui. Aproveitei bastante", mostrando-se satisfeita por ter se mudado para um *"lugar bem povoado"* onde fez muitos amigos. No auge da crise no perímetro irrigado, muitos jovens foram embora a procura de trabalho, famílias inteiras também, deixando a vila mais vazia, mas agora *"as casas estão superlotadas de novo"*. Mas quando indaguei quem retornou, ela citou apenas um casal de amigos que mandou dinheiro para o pai comprar um lote lá, mas que ainda continuam morando em São Paulo. Na percepção de Joana, *"a terra dele é aqui"*, a família é de agricultor, e com a retomada do perímetro, a agricultura volta a ser o horizonte de vida para muitos dos que saíram.

O fato é que Joana fala do que ela sente em relação à agricultura, que é o horizonte dela: *"Eles vem, eles sempre voltam pra cá. Aí eu procuro entender o que é que atrai tanto as pessoas de volta pra cá. Acho porque gosta do lugar que é calmo, da agricultura"*. Ser agricultor é trabalhar para si, avalia, portanto, deve ser melhor do que trabalhar fora, para outras pessoas. Terra é autonomia para os agricultores, e terra irrigada, para o sertanejo, é a possibilidade de uma vida melhor: "*Pra quem gosta da agricultura esse é o lugar*".

Ela se diz uma faz-tudo, porque já trabalhou como empregada doméstica, agricultora, cabelereira e já fez curso de informática. Joana trabalhou como doméstica em Arcoverde e em Garanhuns, e definiu esta como "*uma das experiências mais dolorosas*" que teve em termos de trabalho. Quando perguntei se isto estava relacionado à jornada de trabalho, que começa antes de todos e acaba depois de todos, ela me disse que isto era exaustivo sim, mas para ela o que era pior era ter que dormir no trabalho, que a *"deixou assim... talvez... mais traumatizada. [...] Um pouco sufocada"*. Mesmo com patrões que *"davam liberdade, deixavam a vontade"*, Joana vai mostrando o quanto a rotina do trabalho doméstico, e o lugar da doméstica, sempre

dentro de casa, a deixava perturbada. Não era o lugar de quem gostava da agricultura, não era o trabalho para quem gosta de ter autonomia.

O sustento dela, atualmente, vem do trabalho no lote da família e do trabalho como cabeleireira, atendendo em sua casa ou na casa das pessoas. Mas diz que gosta mesmo é de trabalhar no campo, ela e a irmã, afirma. O motivo de gostar da agricultura é a natureza, *"que a natureza é uma maravilha, a gente se sente bem apesar do sol que ah...como é que se fala... desgasta bastante"*. Joana não associa esse gostar à socialização familiar, ao trabalho precoce que ela lembra como negativo em sua vida, mas é justamente ela e a irmã que trabalharam desde crianças, que ela diz que gostam da agricultura. O desgaste continua, mas agora o corpo está acostumado (o *habitus* é corporal, disse Bourdieu).

No lote produzem milho, associado com o feijão, que é para o consumo da família e venda do excedente, e, como muitos outros agricultores do perímetro, produzem banana. O milho ela considera uma cultura *"mais arriscada"*, porque é colhido de uma só vez. A banana fica produzindo durante mais de um ano, a todo momento.

Joana não tem uma roça própria, como essa sua irmã, que é casada, tem. Joana diz que *"ajuda as pessoas"* da família e quanto vende a produção ela tem o seu pagamento em dinheiro. Sua visão sobre o agricultor é que ele ajuda as pessoas proporcionando trabalho. Nisto percebe-se o valor que ela atribui ao seu trabalho, que ela o considera como ajuda, um valor que não é monetário, mesmo sendo remunerado, porque está situado numa relação de reciprocidade familiar: a família também ajuda ela oferecendo trabalho na roça. Não houve da parte dela, nenhum movimento de reivindicar uma área no lote, que é do pai, para fazer a sua roça. Talvez por ser solteira, talvez por não sentir que poderia requerer uma parte na herança, já que o pai hoje vive

da aposentadoria. Daí, o seu desejo: *"Eu gostaria de ter o meu terreno e poder também ajudar assim como eles* [agricultores] *ajudam as pessoas"*.

A adolescência Joana lembra com alegria das festas, dos passeios. Ela gostava de sair e, para isto, tinha que negociar com o pai. Porém, a estratégia era convencer a mãe, que transferia a decisão para o marido, mas não sem dizer a sua opinião a ele. Assim, convencer a mãe era fundamental, e não era fácil, pois Joana a retrata como uma mãe superprotetora, que não dormia enquanto ela não voltasse, mesmo se fosse muito tarde e que reclamava muito dela querer sair sempre. Para a mãe e o pai, festa era uma vez por ano, com certeza uma referência que vem das festas dos santos padroeiros que as paróquias fazem uma vez ao ano, principalmente as do interior.

Essa prática de negociação faz parte do caminho para a jovem Joana afirmar-se diante dos pais, *"porque o jovem tem que dar confiança, pra poder ele ter confiança"*. Assim, mesmo morando ainda com os pais e sendo mulher, ela conquistou sua autonomia, para poder viajar, para decidir sobre o que é melhor para ela. Ela continua com a prática de negociar com os pais, entendendo a posição deles – *"que eles nunca vão deixar você de lado e dizer: você é uma pessoa livre pra tal e tal coisa"* –, mas ela sabe convencer e, quando necessário, confrontá-los para não permitir que eles mandem e desmandem nos seus passos.

E isto ela aprendeu na prática, e tendo se frustrado com sua expectativa anterior, de que ao fazer 18 anos tudo iria mudar. Joana aprendeu que o caminho era outro, negociado, mais longo, mas que dependeria muito mais de sua determinação e de sua capacidade de negociar, de convencer e de resistir. A autonomia não deve ser entendida nem como consentida, nem como acabada. Ela é relativa às diferentes situações. Ela relativa à posição da mulher numa sociedade tradicional, mas essa posição é também relativa às formas de agir e de pensar dos sujeitos, não é fixa, nem

invariável, nem independente da pessoa individualmente. Ela é relativa porque na família, diferentes gerações coabitam, pelo menos duas – pais e filhos, quando não são três ou quatro, com avós e netos.

Joana é uma jovem agricultora que trabalha no lote da família sem ter a sua própria roça, mas que ganha o seu próprio dinheiro, desse trabalho e como cabeleireira. Está namorando e decidindo se vai ou não se casar. Mora com os pais e tem autonomia, sobre o seu dinheiro, sobre a sua vida, sobre o quer fazer ou não.

Nilton

O avô de Nilton foi o primeiro da família a conseguir um lote no Perímetro Irrigado, em Ibimirim, quando tudo ainda estava começando. O lote era próximo dava direito a uma casa na Agrovila 3. Os pais de Nilton nasceram em Manari, mas quando chegaram a Ibimirim, estavam retornando de São Paulo, onde haviam tentado viver, e foram para Ibimirim porque o avô de Nilton avisou que lá poderiam plantar que tinha água, diferente de Manari, onde as terras deles ficavam em "área de sequeiro"[39]. Foram para Ibimirim e pouco tempo depois Nilton nasceu, no ano de 1980, o primeiro filho do casal. O pai dele conseguiu outro lote, próximo à Agrovila 4, para onde se mudaram quando ele ainda era bem pequeno.

Fui entrevistar Nilton na Agrovila 1, hoje já incorporada ao perímetro urbano, na casa que o pai havia comprado para facilitar que os estudos dos filhos. Só se percebe que se está numa agrovila pela arquitetura das casas, distribuídas em lotes simétricos, com a maioria delas preservando o aspecto original, idêntico às casas das outras agrovilas. Nilton estava com 27 anos, era casado e tinha duas filhas. Da sua

[39] No Sertão diz-se que a agricultura é de sequeiro, ou de chuva, quando não há fonte de irrigação na propriedade. No capítulo 4 este assunto será retomado.

infância lembra-se que trabalha desde os 5 anos de idade. Trabalho misturado com brincadeiras, pois o pai levava ele e o irmão que era apenas 1 ano mais novo para o lote: *"a gente ficava lá e aí não tinha o que fazer, então falava 'vamos fazer alguma coisa, vamos tanger o gado, vamos irrigar a mangueira' e naquilo nós ia né, trabalhando e brincado ao mesmo tempo"*. Não é uma lembrança de perda ou de lamentação, mas a lembrança de uma "infância boa" de uma época diferente da atual: "*Você sabe que esses jovens de hoje tão tudo pela rua, farrando. Você vê molequinho de 8 anos, 9 anos que nunca trabalhou. Assim, tá certo que não pode trabalhar também né? Porque o negócio de hoje em dia é mais avançado, mas naquela época não, a gente trabalhava. Aos 5 anos a gente já trabalhava*".

Atividades e hierarquias delimitavam os tempos e os espaços da infância, assim como hoje. Mas a forma como era concebida a infância em sua família não opunha brincar, trabalhar e estudar. Nilton e seu irmão nunca deixaram de ir à escola. Mesmo quando não queriam o pai exigia que fossem. Ele e o irmão que eram os companheiros do pai no lote estudaram até terminar o 2º grau. Teve uma interrupção na carreira escolar – no primeiro ano em que foi estudar à noite acabou desistindo. Mas terminou *"há muito tempo"*, orgulha-se.

Com exceção da escola, instituição formal com atividades, horários e hierarquias rígidas, o brincar e o estudar não tinham fronteiras tão demarcadas. Quando crianças pequenas as atividades deles no lote eram colaborativas com o trabalho do pai, não sendo exigidos deles trabalho de maior esforço nem de responsabilidade direta com a produção. Como é de se esperar quando a infância não é concebida como separada da vida adulta, quando as crianças vivenciam e co-participam da reprodução familiar, o regime de colaboração vai exigindo maior participação das crianças e adolescentes conforme vão crescendo, acompanhando o

desenvolvimento físico e intelectual. A atual concepção de infância hegemônica em nossa sociedade coloca a criança como centro da vida familiar e como ser que só deve participar da reprodução familiar depois de passar um longo tempo em formação. Essa concepção que nasceu na sociedade burguesa, como bem demonstrou Ariès, também marca presença em parte das famílias das classes trabalhadoras, sendo esta interpretada por Nilton como avanço, porém, não sem uma crítica ao que ele chama de "liberdade danada" dos jovens de hoje, citando o exemplo do irmão mais novo entre os homens, que chega em casa de madrugada.

A infância dele e do irmão que é um ano mais novo, já foi diferente da infância dos outros três que vieram depois. Entre ele e o irmão mais novo, são 10 anos de diferença. Ainda que o pai tenha sido influenciado por uma concepção de infância, a diferença de idade entre os irmãos não é tanto para, isoladamente, ser tomada como o fator que tenha provocado a mudança na educação familiar. Deve-se levar em conta que o trabalho e dos dois irmãos garantia a reprodução familiar, uma vez que a produção agrícola da família ainda hoje se resume ao plantio da banana e, uma vez ao ano, o milho e o feijão.

O trabalho não foi vivido como atividade pesada ou em conflito com a escola, porém gerava tensões entre ele e o pai, quando na adolescência ele queria ficar até mais tarde na rua. *"Pai é desse pessoal antigo, meio turrão, queria tratar a gente como criança"*, atribuindo a isto os primeiros conflitos com o pai. A diversão com os amigos da agrovila era o futebol e as rodas que faziam algumas noites para conversar. O futebol só acontecia quando ele matava aula, de tarde, porque trabalhava sempre até o meio-dia. Quase não ia à festas. Quase não ia à cidade. O pai não deixava ele e o irmão sair, mesmo para ficar na vila conversando nas noites em que a turma se *"juntava embaixo de um pé de pau e ficava por ali mesmo"*. Para o pai, a disciplina

era necessária para que eles trabalhassem logo cedo, pois que estudavam à tarde. Quando ele estava com seus 12 ou 13 anos de idade, queriam sair de noite, mas o pai exigia que eles voltassem para casa às 8 horas da noite. Só transgrediam quando o pai ficava no lote, ficando até as 10 ou 11 horas da noite. Os conflitos não possibilitavam negociações, era obedecer, ou obedecer, ainda que sob protestos. Para Nilton, era *"uma complicação meio forte* [...] *o que tinha que fazer era ouvir o que ele tava falando e ficar em casa mesmo"*.

Mas chegou a época de fazer o Ensino Médio e aí Nilton, com 15 anos, foi estudar de noite na rua. Nessa época, a família foi morar nessa casa da Agrovila 1, colada à cidade, trocando de casa com o avô. *"Foi bom. Porque a pessoa começa a conhecer outras pessoas"*. Foi a época em que ele fez mais amizades, lembra-se, porque conseguia ficar mais tempo convivendo com os amigos da escola. Nessa fase do Ensino Médio, Nilton aproveitava para matar aula – não muitas – para ficar na rua conversando e paquerando.

Nilton trabalha até hoje com o pai, dividindo o mesmo lote. Mas ele só ganhou sua área de trabalho no lote quando estava para se casar. Nilton se casou quando estava com 20 anos de idade. Um ano antes o pai delimitou onde seria a roça dele, destinando os produtos daquela roça exclusivamente para pagar Nilton. Isto permite Nilton considerar que hoje ele é um agricultor autônomo. A tradição da família camponesa é esta mesmo, de conceder ao jovem que está para se casar um roçado só seu.

Entretanto, era uma época difícil, no início de 2000, quando o açude estava seco e eles mantinham uma pequena área plantada à base de irrigação feita com o poço que escavaram no leito do rio Moxotó, aproveitando a boa localização do lote junto ao rio. Como a produção era pouca o pai comprou um caminhão e Nilton foi trabalhar como prestador de serviços para a prefeitura. Ficou 2 anos trabalhando como

caminhoneiro para a prefeitura de Ibimirim, fazendo transporte escolar. Com o fracasso do perímetro irrigado, até o serviço de caminhoneiro foi se tornando insuficiente para o sustento da família. Foi então que teve uma discussão com o pai, que discordava da sua decisão de partir para São Paulo. Devolveu o caminhão para o pai e partiu com a esposa e a filha.

Em São Paulo foi acolhido por uma grande rede de apoio formada por tios, primos e avó. Foi primeiro para São Bernardo do Campo, mas depois se mudou para Guarulhos, onde foi trabalhar em uma empresa metalúrgica. Primeiro falou que trabalhava como autônomo, depois ratificou, explicando que estava vinculado a uma cooperativa de serviços, que não era registrado, mas era empregado, reconhecendo que o estatuto de autônomo não era compatível com a situação de trabalho. O horário regulamentar de trabalho seria das 7 às 17 horas, mas geralmente ele e os terceirizados começavam a trabalhar antes e às 7 da manhã paravam para o café. Daí a jornada de trabalho se estendia até as 21 horas. Como se não bastasse, Nilton também trabalhava sábado e domingo.

Durante um ano a vida de Nilton se resumia a trabalhar muito e dormir pouco. Viveu de forma extenuante, não conhecendo praticamente nada na cidade além da fábrica: *"eu praticamente não tive liberdade nenhuma por trabalhar lá"*. A liberdade estava associada à roça: *"o bom de trabalhar na roça é a liberdade que você tem [...] você trabalha pra você mesmo"*. Para quem foi acostumado na roça desde criança, ficar confinado numa fábrica todos os dias, só saindo para dormir, trabalhando num ritmo invariável, que não se altera nem com as intempéries do clima, nem com a época do ano, a experiência do trabalho na fábrica foi sentida como a perda da liberdade. Se faltasse, estava arriscado a perder o emprego. Para não perder o emprego ele não faltava, nem doente.

Nesta condição, viver na cidade, ainda que fosse numa cidade que ele achava bonita, não foi nada significativo na vida de Nilton. A cidade seria boa para conhecer caso ele pudesse passear: *"Lá é bom assim, pra passear, mas pra trabalhar não é bom não"*. Nilton jamais tinha se submetido a uma exploração tão grande. Na roça, quando criança, ele trabalhava e brincava. Depois, com o casamento, veio a *obrigação*, cujo sentido está relacionado à família, ao dever de prover o sustento. Era para cumprir a sua obrigação de provedor da casa que Nilton migrou para trabalhar em Guarulhos. Mas voltou no início de 2004, quando soube que o açude encheu.

Quando o açude encheu, Nilton retornou a Ibimirim, voltou para a roça. Na roça também se tem *obrigação*, reconhece Nilton, mas *"se tiver doente você não vai"*. A roça tem o seu ritmo, não se pode *"faltar com ela também não"*, mas é mais variável. Como Nilton planta banana, o trabalho é muito menor. Ainda ajuda o pai no plantio do milho e do feijão, quando vai semear e quando vai colher.

Sua preocupação é com o desperdício e o descontrole no uso da água. Ele sabe que o sistema de irrigação do perímetro não é a melhor solução para os agricultores. Seria necessário adaptar o sistema para fazer irrigação por gotejo, que economizaria água e *"ajuntaria mais água pro futuro da gente"*, afirma. Naquele ano de 2007, 3 anos depois que o açude havia sangrado, pairava no ar uma desconfiança de que teriam que racionar ainda mais a água para irrigação, que era liberada de 2 em 2 dias.

O temor parecia instalado nele, pois Nilton enveredou para falar das alternativas que ele bem conhecia caso o açude secasse. Era preciso limpar o poço que eles utilizavam antes do açude encher. Tinham sorte, pondera, de ter um lote a beira do rio. Esperava que a Associação conseguisse financiamento para que os agricultores pudessem instalar mangueiras para irrigar por gotejamento. Recorda-se de agricultores que ficaram inadimplentes tempos atrás, na época em que o açude secou. Naquela

época, recorda Nilton, se não fosse a aposentadoria das pessoas idosas teria sido muito pior a diáspora de Ibimirim. Já em 2007, muitos moradores que haviam migrado já tinham retornado para lá, já estavam produzindo, embora desconfiados com o açude, com o nível d'água cada vez mais baixo.

Para os jovens agricultores que ainda estão começando sua plantação, a insegurança é muito grande, afirma Nilton. Mesmo com financiamento. Se o dinheiro for pouco e só der para plantar um hectare, aí *"o lucro é muito pouco, só da pra ele sobreviver em casa"*. Para diminuir a insegurança, Nilton diz que gostaria de ter um rebanho de gado, pensando como o sertanejo tradicional, para quem a poupança é gado.

Diante de tantas incertezas futuras e olhando para o caminho que percorreu, Nilton conclui: *"hoje eu me sinto vitorioso"*. Aos 27 anos, casado, com duas filhas, um lote e uma casa, Nilton considera-se adulto. O jovem não tem tanta obrigação quanto ele, mas também tem muito a conquistar, raciocina. O jovem pode sair mais, cair na farra, mas autonomia só vem quando a pessoa trabalha para si própria. É evidente que Nilton põe como parâmetro a sua própria experiência, mesmo identificando as diferenças no modo de vida. O jovem atual pode ter mais liberdade para sair, mas não tem autonomia, pois esta só vem pelo trabalho, entende ele. Foi quando estava para se casar que Nilton conquistou a sua própria roça, quando já não dependia do pai para tomar as decisões sobre o destino da produção e do lucro auferido. Foi quando casou que Nilton começou a ir mais às festas, a sair mais para passear.

Nilton confessa ser *turrão* como o pai, por isto teve muitos conflitos. Na verdade, Nilton reproduz outras características do pai. A agricultura que ele pratica é feita da mesma forma que o pai ensinou: limpando o terreno, fazendo queimada, arando o solo. Não quer diversificar a produção, pois a banana não dá muito trabalho e já dá o lucro suficiente para ele sustentar sua família. Uma vez que tentou plantar

mamão, não soube manejá-lo na colheita e acabou perdendo toda a produção. Não se importa muito com dinheiro, só quer pagar as contas.

Caio Neto

Caio Neto tinha 27 anos quando o entrevistei pela primeira vez (em 2007, depois complementada em 2008). Casado com Elisa, filha de agricultores de Mimoso, um pequeno município que já foi a estação final da linha do trem, no início do século passado. Caio é filho de um agricultor irrigante, que trabalhou como pedreiro na construção do sistema de irrigação – "durante 25 anos eu trabalhei de pedreiro", disse-me – e que conseguiu um lote através de pessoas do DNOCS que ele conhecia. O avô paterno chegou a Ibimirim na década de 1950, justamente para trabalhar na construção do açude Poço da Cruz. Como Caio também trabalhou na construção civil quando migrou para Recife, as três gerações de homens desta família viveram uma trajetória profissional comum, de pedreiros e agricultores. Caio e o pai moram em casas da Agrovila 1, que foi totalmente integrada à zona urbana de Ibimirim desde há muitos anos atrás. Todos os três plantam no mesmo lote pertencente ao pai de Caio Neto. Todos os três plantam milho e banana.

Caio Neto estudou apenas até a 5ª série do Ensino Fundamental e não se lamenta de ter desistido, nem demonstra insatisfação com o nível de conhecimento adquirido. A memória de sua trajetória escolar é povoada mais pelos acontecimentos extra-escolares, como matar aulas para ir pescar, jogar bola ou brincar. Algumas vezes ele repetiu de ano, mas não demonstra pesar. Pelo contrário, afirma que sempre foi preguiçoso no estudo porque *"gostava mais de ficar dormindo"*, é como explica porque não avançou na escolarização. Fala que os pais reclamavam com ele, que

falavam para ele estudar, mas que também deixavam ele livre para escolher entre continuar e parar. E ele optou por parar. Mas não foi para trabalhar, não.

Na socialização familiar, Caio não foi logo introduzido no trabalho, como é comum entre famílias de camponeses ou de operários. Conta que começou a ir ao lote ajudar o pai aos 18 anos de idade, mesmo assim, esporadicamente. Os pais de Caio eram tolerantes com ele, tanto que com 16 ou 17anos ele já ia com os amigos para vaquejadas em outras cidades e lá resolvia ficar por mais 1 ou 2 dias, mesmo sem poder avisar aos pais, o que era motivo de muitas preocupações e algumas discussões entre ele e os pais, mas estes nunca o impediram de sair: *"pai nunca foi de me empatar de eu ir pros cantos [...] tinha vezes que eu passava assim... 5 dias sem vir em casa"*.

Dinheiro para se divertir ele conseguia fazendo bicos, normalmente junto com os colegas em lotes do perímetro irrigado que possuíam poço para irrigação, pois o sistema de irrigação do perímetro estava paralisado nessa época. Mas, às vezes, o pai também dava dinheiro para ele se divertir. Pode ser que esta liberdade que Caio gozou até 18 ou quase 20 anos de idade esteja relacionada com o fato de ser o único filho homem na família – ele tem duas irmãs –, e na educação dos homens é comum os pais serem mais tolerantes quanto às saídas, baseados em valores tradicionais machistas que consideram as aventuras como parte da formação do homem-macho, estando implícito que nestas aventuras a sexualidade é iniciada. Mas também pode estar relacionada com a falta de trabalho, pois esse período de sua vida coincide com o tempo em que não havia irrigação no perímetro devido ao esgotamento do açude. No lote do pai não havia poço para irrigar a plantação. Assim, o trabalho dos agricultores do perímetro nessas condições era o plantio de subsistência na época das chuvas.

Não foi numa dessas aventuras que ele conheceu Elisa, com quem se casou. Foi durante um São João que ele passou na casa de um tio-avô que mora num sítio em

Mimoso. O namoro foi rápido, 7 ou 8 meses apenas. Depois se casou e trouxe a esposa para Ibimirim e foi morar numa casa próxima ao pai, na Agrovila 1.

Foi o casamento que trouxe responsabilidade para a sua vida, afirma Caio. A noção de *responsabilidade* é o que Caio entende como o diferencial da vida adulta. A juventude, para Caio Neto, está relacionada com as aventuras entre amigos. Difere da infância, em sua visão, devido à liberdade de sair, à permissão para beber e ao namoro: *"começa a namorar, curtir, começa a beber [...] começa o primeiro gole, né, e daí pra frente vai..."*. A responsabilidade está relacionada ao trabalho e, este, para Caio, só tornou-se imperativo na subsistência quando pensou em se casar. Trabalhar para sustentar a casa, isto é ser responsável e isto é tornar-se adulto. É assim que ele se vê, como adulto, não pela sua idade, mas pela sua situação social de homem casado e trabalhador, *"um bom dono-de-casa"*, como ele falou: *"a idade de eu gostar mesmo, assim, de ficar apaixonado mesmo pelo lote é agora depois que eu me casei. Eu fico doidinho quando não vou um dia pro lote"*.

Quando Caio Neto se casou com Elisa ele estava com 22 anos de idade. Nessa época o açude Poço da Cruz ainda estava esgotado e o perímetro irrigado paralisado. Sem trabalho, mudou-se para o sítio que morava os pais de Elisa, em Mimoso, na expectativa de ser chamado para trabalhar em Recife, pois tinha tios e primos que trabalhavam na construção civil e prometeram arrumar um emprego para ele. Ficou morando um ano no sítio, aguardando sua oportunidade. Enquanto isto ajudava o sogro quando havia o que fazer, que se resumia a consertar uma cerca, cortar palma e dar para o gado comer, etc. Morar no sítio não foi uma boa experiência para ele: *"Porque você anda dentro de um sítio... é um ovinho. Quando chega na esquina já acabou a rua"*. Sentia saudade de Ibimirim: *"Aqui eu tinha amizade, aqui eu vou nos cantos.*

Mas lá, um ovozinho, eu ficava doidinho". Mas a prioridade era arrumar trabalho remunerado, e isto não havia em Ibimirim.

Até que um primo que trabalhava em Recife o chamou para assumir uma vaga de ajudante de pedreiro. Foi só, dormia no alojamento e quinzenalmente passava um final de semana no sítio. Propôs a um tio, que também compartilhava a mesma situação em Recife, dividir o aluguel de uma casa. Foi quando levou a esposa para Recife, onde moraram por quase 2 anos.

As memórias de Recife estão relacionadas aos sons e movimentos da cidade grande. O trabalho na construção civil tem *"muita zoada de serra, furadeira, essas coisas..."*. Na rua, tinha a agitação do trânsito, a movimentação. Não se sentiam sós porque tanto a esposa quanto ele eram tinham parentes em Recife. A esposa, disse ele, gostava muito de Recife, mas ele não.

Sua experiência na metrópole é marcada pela condição de classe: "*sair, só se fosse com dinheiro...*". Passeavam no shopping, na praia e iam a alguns eventos e festas públicas. Mas o salário de ajudante de pedreiro não permitia nada além da subsistência. A sua primeira experiência de ficar de férias em Recife reforçou essa imagem que ele formou de uma cidade que, se por um lado oferece lazer, por outro, exige consumo como contraparte. Nas férias ele usou o dinheiro para comprar coisas que precisava e aí ficou sem dinheiro para passear. Pediu dinheiro emprestado para "*se distrair um pouco, mas se vê que eu tava ficando em depressão. Da varanda pro quarto, do quarto pra cozinha, da cozinha pro outro quarto, do quarto pra sala, e eu disse 'meu Deus do céu, o dia é comprido, a noite é comprida... Minha Nossa Senhora será que esses 30 dias do mês não passam não*?""

Mesmo com a falta de dinheiro o casal nunca cogitou a possibilidade de Elisa trabalhar, mesmo ela sendo rendeira, o que poderia ser bem aproveitado em Recife. Na

segunda vez que entrevistei Caio, Elisa estava presente e contou que uma vez viu uma saia de renda bem parecida com uma que ela havia feito uma vez, numa loja do Shopping Recife. Ela contou que tinha ganhado R$90,00 pela saia que fez, mas que levou dois meses para terminá-la e gastou R$ 30,00 em linha, e que a saia que ela viu na loja custava R$ 1.700,00. Caio disse que gostaria que ela ganhasse mais dinheiro fazendo renda, mas que não trabalhasse fora, pois pensam em ter filhos e que ela deveria ficar em casa, *"assim no começo, enquanto for pequeno"*, manifestando uma concepção tradicional sobre a família e as relações de gênero, baseada nos valores patriarcais onde o homem é o responsável por prover o sustento da família e a mulher é responsável pelo cuidado da casa e da reprodução familiar.

O desejo de partir já estava aceso dentro dele desde que chegou em Recife e ficou ainda mais forte tempos depois, quando a chuva caiu forte no Sertão do Moxotó no inverno de 2004 enchendo o açude Poço da Cruz novamente. Não voltou naquela época porque a enchente do rio havia derrubado uma parte da estrutura do canal de irrigação que levava água para o Perímetro Irrigado e o pai disse para ele que ainda não havia como voltar a produzir irrigado. Quando a ponte foi consertada e retomada a irrigação, Caio, ainda trabalhando em Recife, não suportou mais: "*Quero ir embora. Eu quero é trabalhar pra mim mesmo"*, era o que ele repetia para a esposa e para os amigos na empresa. Passado esse período de férias, sabendo que o pai já retomara a produção irrigada no lote, Caio Neto pediu para ser demitido.

O retorno foi comemorado com uma farra entre os amigos, bastante significativa para ele. "*Minha terra*", disse ele, onde "*tinha amizades*" e podia *"ir nos cantos"*. As expressões manifestam a familiaridade com o lugar de origem, onde se tem referências afetivas, tanto de pessoas quanto de lugares. Mas o retorno de Caio a

Ibimirim representa mais do que reencontro com o familiar, representa fazer uma síntese de suas experiências até o momento.

A dimensão da metrópole foi sentida no cotidiano de Caio Neto pelos movimentos do trânsito, pela agitação das pessoas e também pela contradição entre a oferta de lazer e os limites financeiros e sociais nem sempre possíveis de transpor para acessar esses benefícios da metrópole. As férias em casa, sem dinheiro, mostraram uma metrópole limitada a poucas opções de divertimento para o ajudante de pedreiro. Antes, no sítio, cuja experiência foi vivida também como época de desemprego, de ociosidade, as fronteiras pareciam estreitas demais, mas pela falta, não pela impossibilidade de gozar, como ele sentia na cidade grande. O *ovinho* como ele se refere ao sítio, expressa o sentimento dos limites geográficos e sociais, nas poucas oportunidades de trabalho e de sociabilidade.

O retorno a Ibimirim, na experiência de Caio Neto, não é apenas a volta à cidade natal, mas a acomodação da vida a uma situação de meio-termo entre a experiência no sítio e na metrópole, no caso, que é apresentada como a situação ideal para quem quer produzir, mas também quer se divertir. Ibimirim, cidade pequena, era a síntese do possível na visão de mundo que Caio Neto tinha, um lugar nem muito pequeno, nem muito grande.

Voltar não foi difícil. Com o dinheiro do seguro-desemprego Caio Neto comprou 1.000 mudas de bananeira para o avô e outras mil para ele. Gastou 600 reais porque comprou barato, de uma espécie não muito boa.

O lote tem 5 hectares, é dos pequenos. No perímetro tem lotes de vários tamanhos: 5, 8, 10, 12, 13, 15 hectares, dependendo do tipo do solo e do tamanho da família, critérios utilizados pelo DNOCS para a distribuição dos lotes entre os assentados. Ele tem seu roçado no mesmo lote do pai, que cedeu uma parte para ele e

outra para o avô de Caio. São três gerações dividindo a mesma terra. Cada um planta cerca de um hectare e o restante do lote esta reservado para criar gado. Mas no momento, venderam todas os 7 garrotes que tinham. Caio plantou dois roçados de banana, totalizando um hectare plantado, e mais um roçado de milho na área que o pai cedeu. O pai já ganha aposentadoria e o avô também, daí a prioridade para fazer esse roçado de milho foi dele. A chuva do inverno de 2008 provocou inundação na área das bananeiras, mas não atingiu a área do milho.

A associação entre milho e banana, para ele, é a ideal: ele sabe como plantar e cuidar, a banana pode ficar 2 a 3 anos sem replantio e tem o preço mais estável. Já o milho garante uma renda a cada um pouco mais incerta, mas *"vale a pena"*. Essa associação entre banana e milho é conveniente por que requer pouco investimento. Também porque corresponde ao conhecimento que Caio possui sobre agricultura. Ele já pensou em plantar tomate, mas não quer fazer sozinho, sem ninguém que conheça. O mesmo raciocínio vale para outros plantios da região, como melancia e pimentão.

Para plantar a roça de banana ele chama o trator da prefeitura para arar a terra. Para o replantio ele disse que vai cortar as bananeiras, deixar secar, queimar, arar a terra novamente, adubar e depois replantar. A estratégia de Caio para a manutenção do roçado é contratar serviços por empreitada. "*Quando trabalha por diária, a gente tem que ficar de olho pra pessoa não fazer corpo mole. Aí eu contrato serviço por empreitada. Pago 5 reais por fileira pra limpar o mato. Tem uns que limpam duas por dia, tem quem limpe 3 ou 4. Aí vai o interesse da pessoa trabalhar*".

Para fazer o primeiro roçado de milho e comprar as primeiras mudas de banana Caio utilizou o salário-desemprego. Com o dinheiro do milho investiu em garrotes. Com a venda dos garrotes começou a construir sua casa. Pediu empréstimos no Pronaf para terminar a construção da casa. Agora está começando a vender milho na feira de

Arcoverde, comprando de produtores de Ibimirim. A casa, já pronta, pode ser negociada se encontrar um lote bom: "*tem que ter barro, não pode ter só areia, e tem que ter um roçado já feito pra tirar alguma coisa. Se eu encontrar um lote assim, eu troco nesta casa*", que ele avalia em $ 20 mil, mas que é um valor que ele mesmo e a mulher dele estão achando muito baixo. Caio precisa ampliar a área plantada, e por isto pensa em trocar sua casa por um lote. Um lote sem roçado, com cerca de 10 hectares, pode ser comprado com 20 mil reais, variando um pouco a mais ou a menos. Um lote mais estruturado, com roçados de milho, pode ser comprado a 40 mil reais.

Não quer mais ter gado, porque é difícil de manter no verão. Bode é mais rentável, mas somente quando criado em grande quantidade, ou seja, numa área maior, ou então quando criado solto na caatinga [o que não pode fazer dentro do perímetro irrigado, pois traria prejuízo a sua e à outras roças]. "*Bode assim, em área pequena, associado com roça não dá muito não. Bode é bicho pra ser criado solto na caatinga*".

Idéias e técnicas da agricultura tradicional camponesa continuam presentes no modo de vida Caio Neto, desde as práticas agrícolas – como a queimada –, até as estratégias de investimento, como a opção pelo gado como forma de poupança, em detrimento dos caprinos e ovinos, e a venda direta na feira. Expressa sua fé em Jesus, para não deixar que a água do açude falte, ou para ajudar a vender o milho com um preço melhor do que ele está encontrando. Consola-se com as perdas que vieram da enchente do rio, por que *"a gente não deve reclamar das coisas que Deus faz"*. Faz o cálculo do que ganha da forma tradicional camponesa – o que conseguiu com a venda menos o que gastou –, dividindo o valor apurado com o tempo de intervalo entre uma safra e outra, no caso do milho.

Caio se mantêm dentro da tradição de agricultores mais velhos, como seu pai e seu avô. Preza pela autonomia do trabalho na agricultura, preza pelo valor da família,

da propriedade. Até na trajetória profissional, da construção civil à agricultura, repete a trajetória do pai e do avô. Como eles, Caio também se conformou a uma escolarização mínima, mas suficiente, como ele a percebe, para a vida que leva.

Evaldo

Evaldo foi morar em Ibimirim quando tinha 10 anos de idade. Quando eu o entrevistei estava com 21 anos de idade. A família morava em Maceió, onde o pai trabalhava como servidor público. Depois de ficar quase um ano sem receber salário do governo estadual, seu Tenório, o pai, pegou os salários atrasados, pediu exoneração e levou toda a família para Ibimirim, onde normalmente passavam as férias, na casa da avó materna de Evaldo. Evaldo e o irmão, um ano mais novo que ele, reclamou da mudança: Ibimirim era boa para passear, não para morar. Gostava de Maceió, de ir à praia, de passear no shopping. Mas os pais já estavam decididos a voltar para o Sertão. Quando se casou saiu de Mata Grande, cidade próxima à Ibimirim, mas já em Alagoas, e foi morar em Maceió. Então, com 3 filhos, dois rapazes e uma moça, voltaram para o Sertão em busca de tranqüilidade, interpreta Evaldo, mas justo no momento quando ele estava descobrindo a vida na cidade.

A decisão por Ibimirim foi feita em função da presença da família da mãe de Evaldo, que seria o ponto de apoio para a adaptação de todos à nova situação. Mas também havia o açude, que representava uma vantagem comparativa em relação à Mata Grande, onde a família do pai de Evaldo vive até hoje. A adaptação foi difícil porque a mudança foi muito grande. Depois de ficarem dois meses na casa de uma tia no bairro da Boa Vista, se mudaram para o sítio que o pai comprou à beira do açude. Era o ano de 1997 e o açude estava baixo, mas ainda tinha muita água naquela parte. O sítio não tinha luz elétrica e a água tinha que ser retirada do poço na corda, por não

terem bomba. De 1998 até 2003 o açude só fez secar, até ficar com 3% da sua capacidade. Todo o dinheiro que investiram foi perdido: "*foi só trabalho e tentativa, e nada de conseguir, nada. O dinheiro que a gente tinha trazido pra cá se acabando e nada de chuva. Quando veio chover, tava sem dinheiro pra investir*".

Evaldo se lembra do primeiro roçado que ele e o irmão plantaram, logo no primeiro ano da vida no sítio. Como não tinham bomba, plantaram o milho à beira do açude. Mas a água foi baixando, a terra secando e o milho definhando. Tentaram manter a irrigação trazendo água com balde, mas não suportaram o esforço e o milho se perdeu. Aquilo foi um golpe duro para Evaldo, lembra do sentimento de frustração, de quantas latas ele carregou sem ter tido sucesso, de como ele insistia e resistia à idéia de desistir. Depois vieram novas tentativas. Plantaram feijão, plantaram cana, mas a cada tentativa uma desilusão: *"chovia a gente plantava, secava a gente ia cuidar dos bichos, cortar palma, cortar mandacaru no mato*". Acabaram por reduzir a agricultura ao mínimo para a subsistência, mas mesmo isto não evitava as perdas. Até quando o açude encheu perderam a roça, pois estavam plantando na área que era sujeita a alagamento. O sustento da família vinha mesmo é da criação de bode.

Não fosse a presença dos primos tudo ficaria ainda mais difícil. A convivência com os primos o ensinou a desfrutar o lugar: *"a gente ia caçar preá, caçar passarinho, pescar, aprendi logo a nadar também"*. Lembrando dessa época, Evaldo admira-se da mudança radical que tiveram na vida, de uma casa perto da praia em Maceió, foram para um sítio mais ou menos isolado.

Esta consciência explica a reação negativa de Evaldo quando o pai e a mãe falam em se mudar novamente, *"ir pra São Paulo"*. A reação é imediata, negando a possibilidade de discutir essa alternativa. O argumento que Evaldo sustenta para vetar essa possibilidade revela a mudança na posição dos filhos na interior da família:

quando decidiram morar em Ibimirim, ele lembra que os pais *"não se importaram com a idéia da gente"*, agora não, os pais não podiam mais ignorar a sua opinião. Mesmo com a oferta da tia, de ajudar ele a fazer faculdade em São Paulo, podendo morar com ela, ele não se dispunha a outra mudança na vida. Diante da interferência da mãe, que estava em outro cômodo, mas aparece para manifestar sua discordância com o filho, Evaldo reage dizendo que não gosta de desaforo e que gosta mesmo é de morar ali. Essa tensão pode ser entendida como resultado de mudanças na balança das relações de poder, alterando a configuração familiar, quando os filhos jovens passam a reivindicar o reconhecimento de modo de pensar e de agir. O poder de negar um projeto que reflete a expectativa dos pais quanto à profissionalização dos filhos, manifesta-se, neste caso, como a afirmação de uma individualidade outrora não reconhecida.

Viveram sete anos no sítio. Evaldo estudou da 4ª até a 8ª série do Ensino Fundamental numa escola do bairro da Boa Vista. A distância entre a casa e a escola era aproximadamente 3 quilômetros. A distancia era percorrida a pé, a cavalo ou carroça junto com o pai, ou ainda de bicicleta, junto com o irmão. Da 5ª série em diante, ia à escola de noite, não por opção, mas porque era assim que a escola da Boa Vista se organizava para atender as crianças dos vários sítios da região. Às vezes dormiam montados no cavalo, às vezes vinham conversando com o pai. Podia fazer frio, mas gostava de vir conversando com o pai e com o irmão, vendo o céu estrelado das noites do sertão. A fase seguinte foi a de dormir na casa da tia que foi morar na Boa Vista. Dormiam e quando acordavam, às 5 da manhã, voltavam para o sitio, a pé.

Quando ele e o irmão foram para o Ensino Médio a mãe insistiu para o marido alugar uma casa na cidade, a fim de facilitar o estudo dos filhos. Era a casa em que eu o entrevistei. Casa simples, geminada com as casas vizinhas, com a porta da sala

dando acesso direto à calçada, mas bem localizada, numa rua paralela à principal. Passou pelo Ensino Médio sem nenhum problema, como também tinha sido no Fundamental, e aos 18 anos foi fazer licenciatura em Biologia na cidade de Arcoverde. A opção por Biologia foi porque ele gostava dessa disciplina, mas contrariava a expectativa dos pais: *"Meu pai falava as coisas assim: ' – Vá estudar pra ser médico, ser advogado', mas eu nunca tive uma idéia formada assim não, eu quero ser médico, eu quero ser advogado. Sei lá, é uma coisa confusa. Eu não sabia bem. Eu estudava biologia e gostava, pra estudar as plantas, pra estudar os animais. Gostava muito desse meio do ar livre, de planta e de animal eu gosto muito"*.

Cursou até o 3º período e trancou matrícula depois que teve um filho não planejado, desequilibrando o apertado orçamento que ele dispunha com o trabalho de digitador na prefeitura local. Evaldo trabalha digitando prontuários de atendimento médico-hospitalar, com contrato de prestação de serviços, o que representa uma insegurança muito grande, pois estes cargos não concursados são moeda de negociação nas mãos dos políticos.

Mas Evaldo tem certeza de que o caminho dele é outro. Ele disse que gostaria de abandonar o emprego na prefeitura, para trabalhar no sítio do pai junto com o irmão e com um amigo, sócios num negócio de piscicultura que ainda está nos primeiros passos, mas que não faz isto porque não pode perder a fonte de renda "segura" da prefeitura e partir para uma "aventura". Se ele voltar a cursar Biologia, que é uma licenciatura e não contempla seu desejo de trabalhar com plantas e animais, será por falta de condições de fazer um curso de Agronomia. O gosto foi sendo cultivado na escola e no sítio, foi depois aprofundado com a experiência vivida num projeto para jovens desenvolvido por uma ONG, o SERTA (Serviço de Tecnologia Alternativa), onde ele fez o curso de Agente de Desenvolvimento Local, durante 18 meses. Mas

Evaldo fez questão de relativizar a influência, ou situá-la como menor dentro da sua trajetória. Como quem está respondendo criticas que já ouvira antes, diz que já refletiu se o SERTA não teria *"feito a cabeça"* dele, mudando as idéias dele. Afasta esse tipo de influência, que ele traduz como uma orientação direta à ação, *"em momento nenhum falaram 'vá, faça isso', 'faça aquilo' ou 'isso não'"*, e situa a influência em outro plano, como influência sobre a visão de mundo, a forma de pensar o mundo e a si próprio: *"Eles ensinaram a gente a olhar mais pra nosso interior, saber o que se passa na nossa cabeça. Assim, raciocinar mais, refletir mais. Eu passei a refletir e... ainda bem que hoje em dia eu não quero mais ir, agora eu não quero mais. Eu não me acostumo mais e eu já fui pra Maceió, pra Recife esses dias [...] mas eu não agüento mais ficar não. Aquela correria, aquela vida..."*. Ao negar a influência como *"fazer a cabeça"*, mas admiti-la enquanto formação, que se expressa no reconhecimento de que *"eles ensinaram...*", Evaldo volta a reivindicar o reconhecimento de sua autonomia, assim como fizera no episódio com a mãe. A sua atual posição na sociedade, como trabalhador e pai, pessoa independente financeiramente, não coaduna com uma interpretação do tipo *"fazer a cabeça"*.

Ele tem certeza de que não quer se afastar do modo de vida que ele tem morando em Ibimirim. Já havia morado em uma capital e em um sitio isolado. Em sua narrativa, Evaldo vai tecendo um fio que une as diferentes experiências de sua vida, buscando criar um sentido para as suas escolhas atuais, como se fosse coerente com a sua trajetória, como Bourdieu advertiu, um sentido que só pode conseguido como esforço de construção do narrador. Evaldo vai tecendo a sua narrativa mostrando, de um lado, a radical mudança de ambiente, e de outro, a continuidade de um modo de ser já manifestado desde Maceió, mas que encontra em Ibimirim um ambientes melhor para ser vivido: "*Eu gostava também muito de ficar naquele meio da gente [Maceió],*

brincar com os meninos lá da rua, conversar, estudar na escola, essas coisas não mudaram né. Só mudou as pessoas, mas o estilo não mudou. E eu gostava disso na cidade, de ir à praia, de ir pro shopping, pro parque, andar na cidade com meus pais. E aqui gosto de... eu mudei pra cá e agora é... no momento é diferente né? Eu gostava de ficar com meus primos, pescar, nadar [...] Mudou um pouco, a agitação também mudou, mas o que eu gosto muito aqui é de nadar, pescar e aqui é melhor".

No exercício de comparação entre a cidade grande [Maceió] e a pequena que Evaldo faz, a cidade pequena tem a vantagem de oferecer um ambiente mais seguro, de ter mais contato com a natureza, de oferecer um ambiente em que todos se conhecem. "*Gosto muito daqui. Eu gosto de juntar, tomar cajuína mesmo, não coca-cola, tomar cajuína e comer carne de bode, sentado lá na barraca de Seu Zé Luiz, finado, mas que continua com o filho dele. A gente comer aquela tilápia lá com ele, tomar um banho de açude, pescar, caçar. Eu aprecio muito, gosto disso. De ficar na rua, andar sozinho às vezes na rua, tarde assim, e não ver perigo. Conversar com todo mundo, conhecer todo mundo. Eu gosto muito disso*".

A experiência que poderia ser atribuída à juventude, ou seja, as descobertas comuns de jovens que "descobrem o mundo" juntos, Evaldo incorpora às características do lugar: "*Os meninos aqui são mais irmãos do que lá. Lá eles são amigos somente, lá em Maceió a gente era assim. Aqui não, aqui participa dos planos dos outros [...] a gente planeja, se tem alguma dificuldade a gente combina [...] se as coisas estão chata a gente muda alguma coisa, inventa alguma coisa, vai pra algum canto, combina de ir pro sitio, faz um mutirão, de ir pro açude nadar um dia de domingo*".

As experiências e os sentimentos que resultam delas são indissociáveis do lugar, que adquire outros sentidos que não estão inscritos no espaço geográfico. O

lugar é criado pelas relações sociais e pelas interdependências entre estas e o espaço. A dimensão diacrônica do tempo se expressa na evolução das fases da vida, estabelecendo uma relação entre a vida das pessoas, com seus acontecimentos e sentimentos, e os lugares onde são vividas.

A cidade pequena, no olhar de Evaldo, é em certo sentido semelhante à cidade grande no que diz respeito ao *ajuntamento* de pessoas, à *mistura de gente*. A mistura está relacionada aos lugares de onde as pessoas vêm e isto é intensificado pela dinâmica estudantil. Para a cidade vêm estudantes de todos os povoados, sítios e agrovilas de Ibimirim. Conhecer esses estudantes é conhecer um pouco do lugar de onde eles vêm. Aqui também o sentido de lugar é de espaço social significado, que inclui as características físicas do espaço geográfico mais os usos e os sentidos construídos socialmente. Logo, conhecer as pessoas é também conhecer os lugares. Não é evidente, nem verdadeiro, que os jovens que moram num lugar do município conheçam outros lugares do mesmo município. Pelo contrário, as distâncias, a falta de transporte, a falta de interesse ou de hábito de passear em outro lugar que não seja o açude, faz com que muitos jovens não conheçam a maior parte do município. É muito comum ver jovens que nunca foram a Puiú, nem à lagoa, nem as cavernas e sítios arqueológicos. Que não conhecem Jeritacó, nem Moxotó, que estão em limites opostos do município. Assim, o lugar do encontro, da mistura, do conhecimento do outro é a sede da cidade. Mas a dinâmica da cidade é diretamente dependente desse fluxo de moradores do campo vindo à cidade. Quando em férias escolares, as noites da cidade ficam mais vazias, muitas jovens *"não saem na rua se não tiver aula"* e os rapazes ressentem-se dessa ausência.

A dinâmica estudantil contribui para aproximar os jovens, aumentando as trocas simbólicas entre eles. Sobre estilos de vida e comportamento dos jovens ele

minimiza as diferenças entre os jovens de Ibimirim, independente se moram no campo ou na cidade: *"Se tiver alguma diferença é pouca né? Aqui tem mais assim, vamos dizer, bar, festa, aqui tem mais do que nas agrovilas, mas não é muito diferente não. La é mais parado, o movimento é menor. Aqui em Ibimirim é uma cidade muito alegre, você vê muita gente junta ai na rua e tal. Mas na soma mesmo, assim, não tem tanta diferença não".*

As diferenças que marcam os pertencimentos, segundo Evaldo, são as de gosto, especialmente na música, que desempenha uma função importante nas formas de identificação das "turmas". Evaldo é da turma que prefere ouvir rock nacional e internacional, não gosta das bandas de forró e brega estilizado, mas *"gosta da cultura da gente"*, exemplificando com os nomes de Luiz Gonzaga, Flavio José, Alcimar Monteiro, Antonio Nóbrega, e de estilos tradicionais, como o forró pé-de-serra, a embolada e o repente e, na literatura, o cordel. No Orkut, entre mais de 60 comunidades que se organizam em torno de moradores ou ex-moradores de Ibimirim, uma delas é dos roqueiros, onde Evaldo consta como membro. O gosto explica o interesse por ir ou não ir a uma festa do clube da cidade, ou a um show de uma banda, lá em Ibimirim ou em Arcoverde, cidade que também é referência para o acesso a produtos culturais, e que tem uma diversidade musical reconhecida através de grupos musicais que extrapolaram os limites locais, a exemplo da banda Cordel do Fogo Encantado e do grupo cultural Coco Raízes de Arcoverde. Sua rede de amigos inclui jovens de toda a cidade, das agrovilas e dos povoados, de municípios vizinhos também, além de jovens de Maceió e Recife, alguns deles, conhecidos através da internet.

As amizades também animam os sonhos. Ele, o irmão e um amigo apresentaram cada qual um projeto ao PRONAF, de caprinocultura, piscicultura e apicultura, para desenvolver juntos, no sítio à beira do açude que ainda pertence à

família. E com os amigos também se divide as frustrações. Em uma das vezes que conversamos, Evaldo e mais alguns amigos que estavam com ele narraram para mim a despedida que fizeram para um amigo "da turma", que seria um dos sócios desse projeto: "*Israel era 'meu irmão'. Naquele dia ele bebeu, todo mundo bebeu* [nenhum dos jovens dessa turma de amigos bebe]. *Israel era daqueles que não queria sair daqui. Mas sem dinheiro para criar os peixes, sem PRONAF... Quando ele vendeu o peixe que tava criando, o cara que comprou perdeu todo o peixe porque o carro quebrou na estrada. Como é conhecido, ia pagar o peixe depois que vendesse. Aí não pagou. Acho que bateu o desespero nele, que ele falou 'não sei até quando dá pra conseguir ficar por aqui não'. A frustração foi grande. Tantos planos, tantos projetos e nada deu certo.* [...] *É um ato de desespero, foi o que Israel disse. Já falei com ele e ele disse que os empregos que ofereceram para ele lá* [o jovem foi para uma cidade do interior de São Paulo] *são os mesmos que os daqui. Palavras dele: " – Aqui tá uma merda, não estou gostando nada, todo dia sonho que estou aí".*

A narrativa sobre o acontecimento com o outro não deixa de ser uma fala sobre si mesmo, sobre seus sentimentos: "*A sensação é que a gente ta empurrando um caminhão sozinho. Eu também senti isto naquele momento: não tem solução, não tem, deve ter... Se saísse o PRONAF acho que mesmo com esses problemas todos, a gente tinha conseguido. Fizemos associação, fizemos projeto para o PRORURAL, só que esbarra em corrupção pra sair, e também tem disputa política, se você é a favor ou contra o prefeito... Aí foi desgastando. Meu pai tentou PRONAF, agora a gente. É só derrota".*

Diante de um quadro de incertezas e frustrações, Evaldo não concorda com a idéia de projetos de futuro, de planos para o futuro, que era uma questão da pesquisa que foi colocada no nosso primeiro encontro, portanto, antes desse acontecimento da partida do amigo. A idéia de projeto, para ele, remete à experiência dos fracassos

acumulados ao longo dos anos em que tentavam fazer do sitio comprado um projeto produtivo: "*A gente falava, sempre tinha um projeto diferente. Falava: 'vamos plantar capim, vamos criar gado aqui'. Tentava, não dava. Aí 'vamos plantar alguma coisa, que se plantar vai dar certo'. Aí plantava não dava certo"*. Também não se diferencia dos projetos que fizeram para os órgãos governamentais, que foram engavetados sem nenhuma explicação, ou por problemas técnicos com o projeto, ou por questões políticas: "*A gente fez um projeto pra fazer uma granja comunitária lá no sitio* [apresentado pela associação]. *A dificuldade vem de todos os lados, quando não é um problema na coisa é um problema político".*

Por causa dessa associação entre «projetos de futuro» e os projetos reais que são frustrados, desse desencontro entre desejo e realidade, Evaldo propôs outra forma de discutir essa questão, que está mais relacionada a essa instabilidade que ele, como jovem, percebe que está presente na vida não só dos jovens, mas de todos. Se projetar é frustrante, não ter um sonho também seria: "*Projeto ta difícil. A gente tem que sonhar. Um cara sem sonho, sem plano, é um morto-vivo. Vai vivendo um dia depois do outro, comendo, feito os homens das cavernas*". O sonho movimenta a vida, mobiliza, traz motivação para a vida. O sonho, neste caso, está ligado à consciência mais do que ao inconsciente. Não deixa de ser desejo, paixão, de fazer parte da subjetividade, mas aponta para a vida real, para o concreto e objetivo. O sonho aponta para o modo de vida, que pertence ao presente e aponta para melhorias no futuro, que contempla a dimensão econômica – como vai produzir e o modo de produzir também engendra modos de viver –, mas que o ultrapassa. O futuro é desejado, não projetado, porque o projeto pode não se realizar, e o futuro desejado deve sobreviver ao projeto frustrado. A falta do sonho é a própria falta de sentido na vida, de desejo. Essa posição seria de jovens envolvidos no narcoplantio, na violência, pensa Evaldo. A equação que

resulta no envolvimento dos jovens com o narcoplantio, como ele a explica, combina fatores naturais e sociais, que provocam a degradação das condições de vida da população: *"O pessoal fala assim: 'ah, o sertão é um lugar perigoso, tem muito bandido. Mas é por causa disso às vezes. Quando a natureza é um pouco assim forte com a gente, um pouco mais, quando não é ela, é os políticos. Quando não é o político é a cultura. Aí você veja, você está num lugar que você está trabalhando muito, que não está conseguindo tirar o seu sustento. Os políticos são covardes e corruptos... e traiçoeiros. E a cultura local te discrimina. De alguma forma você passa a ser revoltado, você se revolta".*

O sonho não o deixa desviar o caminho, é resistência e afirmação de valores, evita o desespero, ajuda a manter a condição de membro da comunidade, uma vez que no lugar onde todos se conhecem, entrar na rede do narcotráfico significa afastar-se da comunidade. Manter o sonho é manter a possibilidade de viver na cidade pequena, como é o gosto de Evaldo. Morar na cidade pequena, como ele disse, dá essa possibilidade de passear a noite na cidade, de parar para conversar com todo mundo, e de facilmente se deslocar para o sítio, para cuidar dos animais, pescar, nadar...

O modo de vida sonhado é esse que reúne o melhor do rural e do urbano, que não teme a solidão do sítio nem das noites vazias da cidade pequena, que não exclui a companhia dos bichos, nem a mistura de gente na cidade. É pragmático no que reconhece que o sítio, *"no momento, é o que tá dando"*, reconhecendo a necessidade e a importância da alcançar uma melhor qualidade de vida. É utópico porque não reduz a qualidade de vida à dimensão econômica, nem a agricultura, mantendo o gosto e o desejo como dimensão intrínseca ao sonho, à projeção da vida no futuro. E essa vida que ele sonha, e que ele vive, é a da cidade pequena, que mistura as gentes e os gostos do campo e da cidade.

3.3 – O velho, o novo e o híbrido

A trajetória de Valter, jovem agricultor de 19 anos de idade, é um exemplo interessante de como o envolvimento com o tráfico de drogas e a trajetória escolar inicialmente marcada por reprovações e comportamentos de rejeição à escola pode ser revertida a partir de uma série de circunstâncias e acontecimentos que levaram a pessoa à reflexão e a mudança de comportamento. Assim, quando uma leitura do contexto apontaria para o fracasso escolar e até para a possibilidade de morte de mais um "soldado" do tráfico, contrariando as "expectativas", emerge um jovem dedicado nos estudos e no trabalho, apegado à família e que reage propositivamente em situações em que é colocado à prova, como quando a diretora da escola colocou em dúvida o desempenho e o comportamento que ele teria, como se ele fosse mais um "aluno-problema".

Jorge, agricultor de 27 anos de idade, traz a visão de como agricultura familiar pode ser tomada como um empreendimento como outro qualquer, para ganhar dinheiro, sem envolver um sentido de adesão ao modo de vida rural e aos valores camponeses. Na visão que Jorge expressa sobre a agricultura, ela é uma estratégia para garantir a sua independência financeira para viver em Ibimirim, pois ele não deseja sair de lá. Mas coloca no horizonte a possibilidade de enveredar por uma carreira que o permita continuar a viver lá e deixar a agricultura para um empregado tocar.

A trajetória de Jessica, educadora social de 22 anos de idade, ilustra as dificuldades e os desafios que uma jovem mulher, trabalhadora, esposa e mãe, enfrenta para afirmar-se num meio social fortemente marcado pelo machismo. Primeiro o enfrentamento com o pai e com a pequena comunidade rural onde morou, que juntos exerciam pesada vigilância sobre ela e todas as outras moças. Depois o enfrentamento

com os jovens do projeto em que é coordenadora, que se sentem autorizados a desafiá-la devido ao sentido "masculino" da atividade de marchetaria.

Kelly, jovem de 19 anos moradora do Puiú, traz à tona o entrelaçamento entre a trajetória pessoal e a trajetória do lugar. O abandono da agricultura pela geração dos pais repercute no contexto atual de Puiú, com a morte social do modo de vida associado aos engenhos de rapadura, em ruínas, nem mesmo casamentos são celebrados, há mais de 6 anos, na igreja ali presente desde 1812. As trajetórias escolares refletem a posição dos jovens naquela figuração: vivendo de agricultura de subsistência e da aposentadoria dos idosos, estudar só faz sentido se for para migrar, senão, não importa continuar até o completar o Ensino Médio ou desistir.

Márcio, agricultor de 26 anos de idade, apresenta uma trajetória divergente em um contexto social que, como o Puiú, sofreu anos de esvaziamento da vida social em função do esgotamento do açude Poço da Cruz. Estudou até completar o Ensino Médio, mas não foi para deixar a agricultura, nem com a intenção de migrar. Teve que migrar nesse contexto da seca, indo trabalhar na construção civil. Mas retornou ao Poço do Boi, diversificando a agricultura com a criação de animais, a apicultura, a pesca e arriscou também a piscicultura. Reconhecido por ser empreendedor e por ter estudado, hoje lidera duas associações de reforma agrária.

Julio, jovem de 22 anos, pescador e criador, vive da mesma maneira como as gerações mais velhas, que rodeiam a sua vida. Mesmo casado e com filhos, mora com os pais. Deixou de estudar devido à dificuldade de transporte, que não é maior do que a de Marcio e de outros estudantes que moram tão ou mais longe do que ele. Mas está satisfeito com a vida que leva. Não pensa em sair de Barro Branco, "lugar do fraco" e se tiver que sair deve contar com a rede de apoio de irmãos e parentes que vivem em São Paulo. A vida em Barro Branco, do jeito que ele a vive, o satisfaz.

Iri, jovem índio de 23 anos de idade, apresenta uma trajetória de resistência. Líder religioso entre os jovens, disputa a atenção dos jovens com a influencia do narcotráfico que leva muitos jovens da sua comunidade a assumir os riscos da atividade em busca de prosperidade – sempre relativa ao contexto, por isto, não se confunde com riqueza, mas restringe-se ao acesso a bens de consumo duráveis. Descrente da eficácia e alcance das políticas agrícolas para os agricultores do sequeiro, cético quanto à influencia da escolarização na vida dos jovens agricultores, pois de sua experiência ele deduz que se não for para fazer faculdade, não adianta nada estudar, Iri aposta no processo de reconhecimento da identidade indígena para atrair os jovens, entendendo que este processo pode facilitar o desenvolvimento de atividades artesanais e culturais que possibilitem aos jovens outro meio de subsistência. Para ele, isto poderia evitar a migração compulsória que leva os jovens para as favelas das grandes cidades, onde ele, em apenas 3 meses, experimentou a violência e a discriminação.

Joana, Nilton e Caio Neto, todos os 3 jovens com 27 anos de idade, todos agricultores, além disto, eles também têm em comum trajetórias "típicas" de agricultores do perímetro irrigado de Ibimirim. Foram seus pais ou avós que chegaram a Ibimirim, vindo de regiões mais agrestes, seja ainda na fase da construção do açude ou do perímetro, seja na fase mais recente, para assumir um lote irrigado. Joana e Nilton completaram o Ensino Médio, mas Caio não passou da 5ª série. Joana, mulher e solteira, recebe em dinheiro o pagamento por seu trabalho no lote da família. Nilton e Caio, casados, Nilton com filho, mas Caio não, tem roçado no lote do pai, cultivando banana, milho e feijão. Na agricultura que praticam, não há inovação nas técnicas, nos produtos que escolhem, ou nas estratégias de comercialização. Joana, que estudou técnicas de agroecologia, não pratica porque não tem autonomia sobre a produção que é feita lote, que obedece às decisões do pai e do cunhado. Nilton e Caio, repetem o que

aprenderam com os pais. Quando migraram, a escolarização favoreceu Nilton, que logo conseguiu emprego em uma metalúrgica de Guarulhos, mas na condição de cooperado, ou seja, de explorado sem ter direitos do trabalho assalariado. Caio, em Recife, só conseguiu trabalho como servente de pedreiro. E Joana foi trabalhar como empregada doméstica.

Depois de uma temporada num "sítiozinho" e outra na grande cidade, Caio expressa contentamento por voltar a viver em Ibimirim, seja porque lá estão seus laços familiares e de amizade, seja porque na cidade pequena ele não sente nem o limite de viver no sítio, onde o espaço social é resumido a poucas famílias e lugares, nem o limite de viver na cidade grande, onde o espaço é limitado pelas exigências materiais que a cidade exige para ser desfrutada. Para Joana, a agrovila é o lugar de quem gosta de agricultura, que para ela, como também para Nilton e Caio, é o trabalho que mais dá sensação de liberdade e autonomia, muito diferente da vida de doméstica.

Evaldo, jovem de 21 anos que trabalha como digitador na prefeitura tem esse mesmo apego à cidade de Ibimirim, embora adquirido trilhando caminhos totalmente diferentes desses outros jovens. Veio da cidade grande com 10 anos de idade para morar num sítio e só mais recentemente mudou-se para a sede do município. A cidade pequena é a síntese entre a cidade grande e o sítio. Pode-se perambular pelas ruas, mas com segurança e nunca como um desconhecido no meio da multidão. Vê-se uma mistura de gente de várias partes, mesmo que dos arredores, mas que não deixam de mexer com a rotina "da rua". Perto, pode-se nadar, pescar, caçar, ficar no silêncio do sertão. Assim, para manter-se nessa cidade-síntese, Evaldo vai buscar alternativas que conciliem as necessidades materiais para se auto-sustentar e os desejos de viver perto das plantas e dos animais.

Essas onze trajetórias não esgotam as variações observadas nas trajetórias de vida dos jovens de Ibimirim, mas oferecem um painel de situações que podem comparadas e contrastadas para formar um mosaico de como vivem os jovens que ficaram ou voltaram a Ibimirim.

Algumas trajetórias mostram jovens em busca de um modo de vida que ainda não foi experimentado por seus pais, pelo menos na forma como eles projetam essa vida, através de idéias e comportamentos, na forma de uma vida que conciliasse o melhor do campo, com o melhor da cidade. A aproximação entre a vida no rural e no urbano que esses jovens buscam se efetivaria através do acesso a transporte e comunicação mais eficientes, que encurtariam a distâncias e aumentariam a quantidade e qualidade das trocas materiais e simbólicas. Isto já acontece hoje, porém, falta aos jovens o apoio de políticas públicas que viabilizassem os projetos produtivos que esses jovens elaboram. Assim, as idéias, os comportamentos e disposições dos jovens apontam para um modo de vida que ainda não pode aflorar, bloqueado pelas relações de poder que mantém os jovens das classes trabalhadoras, e suas família, vivendo na insegurança econômica e social.

Outras trajetórias mostram jovens que se acomodam ao modo de vida das gerações mais velhas, para quem a vida não precisa ser diferente do que é.

Tanto um tipo de trajetória, que aponta para mudanças, quanto o outro tipo, que aponta par as permanências, são possíveis numa sociedade em mudança, onde o novo, que aflora convive com o velho, que resiste.

CAPÍTULO 4

AMPLIANDO O CAMPO DE VISÃO

Trajetórias e campos de possibilidades de jovens em um pequeno município

No capitulo anterior, empenhei-me em mostrar os indivíduos como configurações, ou seja, nem de forma atomista de um «eu» livre e que decide por si mesmo, nem de forma determinista de um eu que é colonizado pelo exterior e que vive a vida como a cumprir um destino. Tomar o "eu" como configuração implica afirmar que cada «ser social» se constitui através das formas que tomam as suas relações sociais, e que eles se moldam enquanto formam o que chamamos de sociedade (ELIAS, 1994b, 2005a; LAHIRE, 2004b).

Neste capítulo tomo o sentido inverso, desmontando as narrativas individuais, colocando-as diante de outras, justapondo, misturando, de forma a compor um painel "do social" formado a partir da visão dos jovens, enriquecido e confrontado com dados da pesquisa documental e das observações de campo do próprio pesquisador. A escrita deste capítulo se constitui num esforço de entrelaçar fios que foram tomados das narrativas dos vários indivíduos entrevistados e das narrativas que emergiram de documentos, de fotografias, de anotações do caderno de campo sobre situações observadas, acontecimentos e conversas nos caminhos percorridos na pesquisa.

O sentido de fazer isto está relacionado à busca pelas interdependências entre trajetórias e campos de possibilidades, que se desenham «para» e «com» os jovens. Entender como se formam essas interdependências será útil para compreender o modo de vida e as escolhas atuais e perspectivas de futuro desses jovens que vivem entre o campo e a cidade, elucidando os «porquês» que alguns jovens contornam limites e alargam fronteiras sociais enquanto outros, ao lado destes, ficam mais presos aos

limites sociais impostos para o seu grupo social através das relações de poder e dominação.

Nessa trama de narrativas entrelaçadas, revelam-se instantâneos do modo de vida dos jovens que moram no campo e na cidade pequena, no tempo do cotidiano, nos espaços de socialização, nas representações que eles fazem sobre a juventude e a vida adulta, nas suas práticas sociais e nos projetos e sonhos que imaginam para as suas vidas no lugar onde esperam continuar a viver. O material sociológico recolhido desta observação de situações sociais relativamente singulares submete-se a uma interpretação que procura demonstrar que essas situações não são isoladas e individuais, que o material biográfico de cada jovem individual dialoga com o "outro" – um jovem diferente dele, um adulto, pessoas de outros lugares, outro modo de vida.

O que é importante destacar, para reafirmar a perspectiva analítica aqui assumida, é o fato de focalizar o olhar nas interdependências entre indivíduos e sociedades, de forma a articular a pluralidade de indivíduos e a pluralidade de situações que compõem cada configuração. Como afirmou Elias:

> Dizer que os indivíduos existem em configurações significa que o ponto de partida de toda investigação sociológica é uma pluralidade de indivíduos, os quais, de um modo ou de outro, são interdependentes. Dizer que as configurações são irredutíveis significa que nem se pode explicá-las em termos que impliquem que elas têm algum tipo de existência independente dos indivíduos, nem em termos que impliquem que os indivíduos, de algum modo, existem independentemente delas. (ELIAS: 2000, p.18).

Por isto, a trama aqui apresentada como resultado desse entrelaçamento de trajetórias procura desvendar a pluralidade de situações que estão presentes no mundo rural e nas pequenas cidades, pluralidade constituída nas experiências multifacetadas que caracterizam as relações entre as pessoas, e destas com o universo das coisas naturais, e dos objetos, enquanto permanências de relações sociais passadas ou

presentes (máquinas, ferramentas, arquiteturas, obras...). E também das relações das pessoas com o universo simbólico, que carrega referências do lugar e, simultaneamente, da experiência universal da humanidade.

Dessa variabilidade de situações biográficas e subjetividades forjadas num mundo povoado de pessoas, objetos e significados (LAHIRE, 2004b: 350), deriva a variação do campo de possibilidades. Isto porque um campo de possibilidades não deve ser confundido, e reduzido, às estruturas sócio-econômicas nele presentes. Deve ser considerado como campo de relações possíveis, que têm uma maleabilidade face às varias formas de experiências que geram trajetórias de alteridade no interior de cada configuração, modificando-o. Se não fosse assim, como explicar o fato de que pessoas do mesmo grupo social, compartilhando experiências semelhantes, no mesmo lugar de morada, em condições de vida bastante parecidas, tenham trajetórias bastante diferenciadas em relação à média do seu grupo?

Assim é que os campos de possibilidades devem ser entendidos como espaços-situações em movimento, maleáveis, que abrem e fecham saídas de acordo com essas relações de interdependências incessantes entre as pessoas e o mundo que as cercam, que são influenciadas ao mesmo tempo em que influenciam a configuração do campo.

Esse é o objetivo deste capítulo, mostrar como os espaços de socialização e de sociabilidade dos jovens de Ibimirim são vivenciados de muitas formas diferentes, de acordo com as maneiras com que as pessoas consomem, no sentido proposto por Certeau (2000), o que é instituído pelo social, inventando o cotidiano ao se reapropriarem do espaço social fazendo uso das coisas do social à sua maneira.

4.1 – Algumas características do conjunto de jovens entrevistados

Como na escrita deste capítulo me baseei no universo das narrativas dos 34 jovens entrevistados, convém falar um pouco desse "conjunto". Os jovens que foram entrevistados nesta pesquisa são, na maioria, filhos de agricultores ou pescadores – 29 deles –, o que é de se esperar para um município que vive basicamente das atividades agropecuárias. Entre as famílias desses jovens, há aquelas cuja principal atividade está ligada à pesca, ou à piscicultura, ou à apicultura, embora seja mais comum que essas atividades estejam associadas à atividade agrícola. Um jovem era filho de um apicultor, que não desenvolvia nenhuma atividade agrícola. E apenas 3 dos 34 jovens entrevistados eram filhos de funcionários públicos e 1 era filho de um pedreiro.

Se subdividido em intervalos de idade, seguindo as definições mais usuais que classificam como adolescentes quem tem até 18 anos de idade incompletos, como jovens aqueles cuja idade varia entre 18 e 24 anos, e como jovens-adultos aqueles na faixa etária entre 25 e 29 anos de idade, o grupo de entrevistados apresentaria a seguinte estrutura etária: 4 adolescentes; 23 jovens e 7 jovens-adultos.

Foram entrevistadas 17 mulheres e 17 homens. Apenas 7 jovens eram casados – 4 homens e 3 mulheres –; 8 tinham filhos – 4 homens e 4 mulheres – sendo que desses pais e mães, um jovem e uma jovem eram solteiros e, entre os casados, apenas um casal não tinha filho.

Em relação à situação de trabalho, 22 jovens estavam trabalhando à época em que os entrevistei. Desses, 14 eram agricultores, sendo 11 do sexo masculino. Entre estes, um acumulava o trabalho na agricultura com o de digitador numa escola pública e esta era a sua principal fonte de renda uma vez que o lote era do pai. Outro jovem tinha como atividade principal a piscicultura que ele desenvolvia às margens do açude,

onde o pai tinha terra, ajudando-o também na agricultura. Fora desta contagem, havia ainda uma jovem dedicada exclusivamente à piscicultura, também no açude, próximo ao povoado Poço do Boi, onde ela morava.

Entre os jovens do sexo masculino, além dos 11 agricultores, 2 trabalhavam em funções administrativas, 1 era educador social e professor de informática, 1 era educador ambiental e pedreiro e 2 não trabalhavam.

Entre as 17 mulheres, além das 3 jovens agricultoras e da piscicultora, havia somente outras 3 que trabalhavam: uma professora, uma educadora social e um empregada doméstica. Dez jovens não trabalhavam regularmente. Havia, também, uma jovem que foi trabalhar em São Paulo por 6 meses, como vendedora numa loja; mas, quando a entrevistei, antes e depois da migração temporária, ela estava desempregada. A situação dessas jovens representa a estrutura do mercado de trabalho local para as mulheres, na qual prevalecem a agropecuária, embora seja uma atividade dominada pelos homens trabalhadores, e um setor de comércio e serviços em que predominam os pequenos negócios familiares. Por isso, uma das alternativas das jovens é ingressar no serviço público, especialmente na educação, onde são criadas mais vagas de trabalho devido à expansão da escolarização em todos os níveis. Assim, o que se verifica entre as mulheres desse grupo é o mesmo que se verifica em toda a população jovem do município –, a desocupação é maior entre as mulheres. Mas entre as 10 jovens desempregadas, todas afirmaram fazer alguns trabalhos eventuais, como caixa em supermercado durante as festas de fim-de-ano, ou diarista em alguma fazenda, mas muito esporadicamente e mais como forma de conseguir algum dinheiro do que por escolha de área profissional.

Dos 14 agricultores do grupo, 9 possuíam lote no perímetro irrigado e 5 possuíam terras fora do perímetro, no Sítio Barro Branco e Vila do Poço do Boi – lugares localizados no entorno do açude Poço da Cruz –, no Sítio Lagoa do Puiú e nas vilas de Campos, do Moxotó e do Puiú, lugares próximos aos limites do município de Ibimirim com Buique, Tupanatinga e Inajá. Embora os dois primeiros lugares estejam no entorno do açude, o que pude verificar entre os agricultores do Sítio Barro Branco e dos povoados de Jeritacó e Poço do Boi é que muitos deles, mesmo com terras bem próximas do açude, quando não às suas margens, nem sempre praticam agricultura irrigada por falta de bombas d'água. Essas bombas, movidas a óleo diesel ou eletricidade, representam um alto custo para eles, tanto para aquisição quanto para a manutenção, o que Andrade já havia verificado na década de 1960[40]. Por isso, muitos dos agricultores dessas áreas fazem o que se chama de "agricultura de sequeiro", ou seja, fazem suas culturas observando o instável regime de chuvas do Sertão.

O mesmo acontece no povoado de Moxotó, cortado pelo rio do mesmo nome. Em Campos, outro povoado, é preciso perfurar poços artesianos muito profundos para desenvolver agricultura irrigada, o que também é muito caro[41]. E em Puiú, também localizado sobre o mesmo lençol de águas subterrâneas que está sob Campos, porém, numa parte do território em que elas afloram à superfície formando brejos e lagos, a agricultura não é muito desenvolvida, por vários fatores, principalmente porque Puiú está localizada muito distante das estradas asfaltadas que levam aos centros urbanos da

[40] Manuel Correia de Andrade escreveu o seguinte relato sobre o início da irrigação nas beiras de rios e açudes: "[...] em 1957, empréstimos foram feitos a grandes e pequenos proprietários, a fim de que adquirissem moto-bombas e fundassem culturas irrigadas. Surgiram, então, bananeiras, roçados de algodão, de sorgo e de milho, e pomares, à base da irrigação por moto-bombas. Os velhos cata-ventos que utilizavam a energia eólica, por serem inconstantes e irrigarem menores áreas, foram aos poucos sendo abandonados. A partir de 1960 esse entusiasmo arrefeceu [...]" (ANDRADE, 2005: 51)

[41] Moradores informaram que o custo médio de um poço artesiano com 60 metros de profundidade e bomba fica em torno de 12 mil reais naquela região que é muito pedregosa.

região, o que encarece e torna pouco competitivas as hortaliças ou frutas que poderiam ser cultivadas ali em função das características do solo e da água.

4.2 – Os espaços de socialização e as formas de sociabilidade dos jovens

4.2.1 - As comunidades rurais: lugar de conhecimento e estranhamento do outro

Entre os jovens entrevistados, 20 moravam na zona rural, sendo 8 em povoados, 8 em agrovilas e 4 em sítios. Os outros 14 moravam na zona urbana, incluindo como urbana a Agrovila 1, que se fundiu à sede com o crescimento dos bairros no seu entorno. Os jovens que moram nos povoados de Moxotó, Puiú e Poço do Boi são os que vivem mais longe da sede do município, como também os jovens que moram no Sítio Barro Branco, à margem do açude, muitos quilômetros acima da barragem.

Para chegar a esses locais é preciso enfrentar longos percursos por estradas de terra que no curto período das chuvas podem ficar intransitáveis, devido aos riachos que aparecem nessa época. O povoado de Moxotó fica isolado de Ibimirim durante as cheias, uma vez que não há ponte sobre o rio Moxotó, apenas uma "passagem seca"[42]. Outros riachos fazem com Puiú, Poço do Boi e Jeritacó o mesmo que o rio Moxotó faz com o antigo povoado que já foi sede do município. A diferença é que para Poço do Boi e Jeritacó existe a opção do transporte a barco.

[42] Denominação que se dá a uma estrutura plana que se constrói sobre o leito do rio, que pode ser de toras de madeira ou mesmo de concreto, que não chega a elevar-se do leito a não ser por uma distancia mínima necessária para a água permanecer correndo por baixo dela quando não chove. Quando chove, a passagem seca fica totalmente coberta pelas águas do rio e, dependendo do volume d'água, até mesmo caminhões podem não atravessá-la.

A dificuldade de transporte para Ibimirim acaba por reforçar as relações entre os moradores de Jeritacó e Moxotó com outros municípios vizinhos a esses povoados. No caso do povoado de Moxotó, os municípios de Tupanatinga, Manari e Inajá são referências para as relações comerciais, e o povoado de Jeritacó mantém relações com os municípios de Betânia e Custódia. Digo que reforça porque, para além da dificuldade de transporte, esses povoados que ficam nos limites territoriais de Ibimirim já foram, por sua vez, sedes de distrito – como Jeritacó até o início do séc. XX –, ou do município – como Moxotó até 1953 –, tendo desenvolvido rotas e relações comerciais e de parentesco nesses outros municípios.

As agrovilas desfrutam situações melhores em relação ao acesso à sede do município, tanto pelas distâncias menores, quanto por estarem localizadas relativamente próximas às estradas asfaltadas, quando não às suas margens, como a Agrovila 4, a maior delas, localizada a apenas 10 km da sede pela rodovia estadual que liga Ibimirim a Inajá e Manari.

As distâncias entre os lugares de moradia dos jovens e os locais onde se concentram as escolas são fatores importantes que permitem compreender os numerosos desafios relacionados à sua vida cotidiana, como o esforço envidado para continuar os estudos, uma vez que a oferta de ensino nas séries finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio só está disponível na sede municipal. Ou, ainda, para considerar os embaraços à comercialização de produtos agrícolas, ou de peixe, o que leva os agricultores e pescadores a vender a produção aos intermediários que dispõem de transporte adequado às situações geográficas e características dos produtos. Também influem negativamente na freqüência com que o jovem habitante da zona rural se dirige à cidade, seja para fazer comércio, seja para ter acesso aos serviços essenciais da cidadania, ou, simplesmente, para a sociabilidade, pois a cidade também

é lugar de encontro, de convivência, de acesso a informações, enfim, uma extensão da vida cotidiana dos rurais na sociedade da qual fazem parte.

O lugar de moradia também influi na conformação do campo de possibilidades para os seus moradores. Dependendo do lugar, as oportunidades de trocas materiais e simbólicas aumentam ou diminuem, ampliam ou restringem acessos, embora esse campo de possibilidades não se refira apenas às estruturas sociais "palpáveis" do lugar. Mas há também uma dimensão no morar que liga o indivíduo às representações que são feitas sobre o lugar. Como assinala Novaes (2006), hoje o endereço é mais do que um marcador de estratificação social, de desigualdades de classe, pois, hoje, o endereço carrega o estigma da violência, e cada pessoa que vem do lugar do estigma acaba sendo rotulada por ele, como se cada um fosse portador das características que são ressaltadas pelo estigma, principalmente quando há a presença do tráfico. É o que acontece com os jovens das cidades quando vão procurar emprego e descobrem que "o 'endereço' torna-se mais um critério de seleção (NOVAES, 2006: 106).

Esse tipo de discriminação e preconceito atinge especialmente o jovem, uma vez que, concebido pela sociedade como "ser em formação", ele é considerado mais vulnerável, e essa impressão acaba sendo confirmada pelos "casos" de jovens que efetivamente se envolvem no tráfico. Os "casos" são imagens selecionadas para compor uma mensagem destinada a desqualificar lugares e pessoas, para confirmar os estereótipos que se formam sobre as favelas e os jovens pobres. Os estereótipos usam imagens e palavras selecionadas para rotular, ou seja, fixar sentidos sobre os que são alvos preferenciais: "Sobre os jovens das periferias projetam-se imagens relacionadas com a violência, com a ociosidade (perigosa – para se diferenciar das ociosidades admitidas entre os burgueses e os artistas), enfim, com o que é imoral ou ilegal" (TAVARES e JESUS, 2007: 2). Os estereótipos se definem como mensagens que se

apresentam como verdade pela repetição das mesmas palavras e imagens, “uma voz segura e auto-suficiente que se arroga o direito de dizer o que o outro é em poucas palavras” (ALBUQUERQUE JR., 2001: 20).

Deve-se acrescentar a esta situação de discriminação vivida pelos jovens das periferias das grandes cidades, as situações de parte dos jovens que moram em pequenos municípios e mesmo nas áreas rurais, como pude observar em várias localidades do Sertão e em Ibimirim. O estigma atinge a população que vive nas áreas de “invasão”, nas “bordas” das pequenas cidades onde se instalam bóias-frias e agricultores expulsos de suas terras. Em alguns casos, essas pessoas aderem a movimentos sociais, mas ainda há muitos que não têm nenhum tipo de vinculo social mais forte, a não ser com as igrejas. São esses os habitantes de barracos precários de barro, lona ou madeira, que são temidos, tratados como gente perigosa.

O estigma também é direcionado aos moradores de alguns assentamentos, considerados como lugares de risco. Devido à fragilidade de muitos desses assentamentos, com populações vivendo em situação de pobreza, em algumas deles localizados em áreas de irrigação, a rede criminosa do tráfico de drogas e armas estendeu seu domínio, aliciando, intimidando e dominando territórios que, a exemplo das favelas, passam a ser estigmatizados e rechaçados pelos moradores da região.

Fora dos assentamentos, também há pequenas vilas ou mesmo sítios e fazendas que se tornam enclaves do tráfico. Para aqueles que moram ou que têm a zona rural sertaneja como área de trabalho, como os agentes comunitários de saúde e muitos pesquisadores, entre outros profissionais, é preciso evitar o trânsito nesses lugares ou, quando necessário, entrar acompanhado de pessoas conhecidas da comunidade e, até mesmo, como já tive que fazer mais de uma vez durante uma pesquisa que coordenei em catorze municípios do Sertão pernambucano, às vezes tendo que negociar com o

"chefe" ou um preposto a fim de obter o aval necessário para trabalhar de forma segura.

Em Ibimirim, há alguns lugares estigmatizados: a Agrovila 3, onde, recentemente, a polícia federal destruiu uma plantação de maconha; a estrada que leva à reserva indígena Kapinawá, conhecida como «retão» – na verdade uma rodovia federal não asfaltada que liga Ibimirim a Petrolândia –, e alguns lugares acima do açude, no entorno das estradas que levam a Jeritacó e Poço do Boi. Estes lugares são conhecidos como "zona de assalto", de "desova", territórios do tráfico.

No ciclo de produção da maconha, a participação dos jovens é significativa, seja no plantio, nos cuidados com a plantação e na colheita, seja na "segurança", vigiando as plantações e os acessos ao redor, seja na comercialização onde outros jovens, filhos de agricultores ou não, serão usados com suas motos para a distribuição local e na região de entorno.

Para Iri, jovem kapinawá que mora no povoado de Campos, o engajamento dos jovens no plantio da maconha ocorre pela falta de condições de auferir uma renda estável na agricultura de sequeiro. Disse que a maior oferta de trabalho em sua região vem mesmo do narcotráfico. Os jovens que trabalham para o narcotráfico ganham mais do que aqueles que plantam alimentos ou que criam animais, afirmou ele. Entenda-se esse *ganham mais* dentro do contexto de famílias de agricultores pobres cuja reprodução social é sempre ameaçada quando uma estiagem se prolonga um pouco mais, pois isto pode ser um sinal de que a calamidade da seca está por se instalar[43]. Os sinais materiais podem ser vistos nas casas que são reformadas,

[43] Segundo Gomes (1998), a estiagem é considerada como fenômeno normal do ciclo climático do Sertão, que alterna duas estações, o verão seco e o inverno chuvoso. Já a seca é um acontecimento extraordinário, porém repetitivo e, por isto, está sempre presente no imaginário sertanejo. Para o sertanejo, uma estiagem prolongada pode ser o início de uma longa seca.

mobiliadas e aparelhadas com eletrodomésticos e aparelhos eletrônicos, na moto ou no carro que são comprados ou trocados. Mas, às vezes as "recompensas" representam muito pouco, como uma cesta básica durante o tempo de espera da colheita, segundo informou a diretora de assuntos da juventude do Pólo Sindical, e, qualquer que seja o valor da recompensa, representa pouco quando se sabe que muitos jovens estão presos e muitos outros perderam a vida nesse negócio.

No Cartório de Registro Civil de Ibimirim, consultei o livro de registro de óbitos para verificar em que proporção o assassinato tem contribuído para a *causa mortis* dos jovens. Fiz um levantamento simples, anotando a quantidade de óbitos de jovens registrados na idade entre 15 e 29 anos durante os últimos 10 anos, discriminando por profissão e por *causa mortis*. Os resultados vêm a seguir.

Quadro 2 – *Número de óbitos registrados de jovens de 15 a 29 anos, total e por homicídio, por categoria profissional, no período 1998-2007*

ANO	TOTAL ÓBITOS 15-29 anos	Óbitos Outras causas	Óbitos por Homicídio	Nº Homicídios Agricultores/ Pescadores	Nº Homicídios de outros profissionais
1998	09	04	05	04	01
1999	11	05	06	04	02
2000	02	01	01	0	01
2001	05	03	02	02	0
2002	09	03	06	04	02
2003	12	06	06	06	0
2004	07	04	03	03	0
2005	13	07	06	06	0
2006	11	06	05	04	01
2007	09	06	03	03	03
TOTAL	**88**	**45**	**43**	**33**	**10**

Fonte: Livro de registros de óbitos do Cartório de Registro Civil de Ibimirim. Levantamento do autor.

Convém explicar que os números apresentados não representam a totalidade de casos de homicídio de jovens. Fui informado de que haveria muitas famílias que

reclamavam do desaparecimento de seus filhos. Disseram-me que muitos outros teriam sido mortos e que provavelmente foram enterrados no meio da caatinga, ou foram afundados no açude e, ainda, que alguns corpos haviam sido encontrados carbonizados e foram enterrados como indigentes. Diante dos entraves colocados pela Delegacia de Policia de Ibimirim para consultar seus arquivos, desde a exigência de autorizações de superiores, de ofícios etc. até a precariedade e total desorganização com que eram arquivados os boletins de ocorrência, desisti desse empreendimento.

Partindo dessas informações considerei que não caberia fazer análises estatísticas para comparar a situação da violência contra os jovens em Ibimirim com as situações de outros municípios. Mas é um registro que permite verificar que quase 50% do total de óbitos de jovens nesse período foram provocados por assassinatos e que, a partir de 2004, quando o açude encheu novamente e os trabalhos na agricultura foram retomados, o número de homicídios vem sendo menor do que o número de mortes por outras causas, invertendo a posição do período anterior, em que os homicídios predominavam como causa da morte dos jovens de 15 a 29 anos.

As informações não estatísticas e os depoimentos testemunham sobre a gravidade do problema que faz suas vítimas principalmente entre os jovens. Recentemente, entre os meses de maio e junho de 2008, foram assassinados 16 jovens em Ibimirim[44], inclusive com a ocorrência de quatro homicídios duplos, todos, supostamente, por envolvimento com o tráfico de drogas. Porém, é preciso atentar para o fato de que as informações não distinguem quem é usuários dos que são "colaboradores" do tráfico.

[44] Os acontecimentos de Ibimirim e de outras cidades do interior geralmente não são noticiados pela mídia comercial. Sobre esse episódio dos assassinatos "em série", no ano passado, é possível obter algumas informações através da internet, em *blogs* ou *sites* de pessoas ligadas a Ibimirim. Ver, por exemplo, http://gamalielmarques.blogspot.com e http://www.ibimirimnanet.com.br.

O risco, intrínseco no narco-negócio, é repartido desigualmente entre os envolvidos. Como contou Valter, um dos jovens entrevistados que já esteve envolvido nessa rede de tráfico: os adultos são os gerentes do negócio, até mesmo agricultores adultos estão envolvidos, mas quem toma conta das plantações, quem está mais presente nas áreas de plantio, quem faz o beneficiamento e a distribuição da droga são jovens, principalmente.

Pode-se diferenciar dois sentidos atribuídos ao risco, conforme descritos por La Mendola (2005). Um é positivo, baseado nos "princípios do racionalismo individualista e utilitarista que devem guiar o agente que assume a responsabilidade pelo risco", e está relacionado com a dualidade sucesso/fracasso, presente em qualquer tipo de negócio em que os empreendedores assumem riscos na expectativa de auferir ganhos maiores. O outro é negativo, "sinônimo de perigo ou de situações de perigo. [...] ou, ainda pior, de pessoas em risco para significar situações e pessoas para as quais se prevê, com grande probabilidade, a ocorrência de eventos negativos" (LA MENDOLA, 2005: 59-60).

Em empreendimentos legais, a condição de viver o risco positivamente é conferida pela existência de uma retaguarda de proteção. No entanto, os jovens envolvidos no narcotráfico, ainda possam se apoiar em um discurso que aponta para o sentido positivo do risco, ao "arriscar para ganhar", deparam-se freqüentemente com o sentido negativo, justamente por não contar com essa rede de proteção social, haja vista que as redes de tráfico não demonstram "pesar" pela perda das vidas dos jovens, pelo contrário, parecem assimilar isto como parte do negócio ao promoverem, eles mesmos, assassinatos entre jovens. Mas, até mesmo entre a população, há muitos que não se importam com a morte desses jovens, como afirmou Valter, "*Todo mundo diz, quando a polícia mata um desses, que tão limpando a área".*

O tráfico no Sertão, como em outras partes, é um dos marcadores que delimita fronteiras físicas e simbólicas na vida dos moradores de Ibimirim. Assim, aliada à questão da água, da estrutura fundiária, da questão indígena, da estrutura de transportes e serviços, o narcotráfico também atribui valores aos lugares onde se estabelece.

Desta forma, seja na cidade seja no campo, o "lugar" expressa uma hierarquia de valores (TUAN, 1983). Em Ibimirim, as residências dos mais pobres acompanham as margens do Rio Moxotó, no perímetro urbano, e a rodovia que liga Ibimirim a Floresta, ou seja, na parte *baixa* da cidade moram os que estão por baixo na pirâmide social. As vilas que formam o conjunto do Poço da Cruz – Vila Mecânica, Vila do Comércio e Vila do Hospital –, que na época em que abrigavam os trabalhadores do DNOCS expressavam uma hierarquia de profissões, hoje todas elas têm pouco prestígio por ser lugar de moradia de pescadores os quais, na hierarquia local, são menos prestigiados do que os agricultores, pois os que vivem somente da pesca e não têm plantação, vivem em situação de maior pobreza.

O povoado de Campos, embora tenha a vantagem de estar localizado à margem da rodovia que vai para Arcoverde, é área indígena e sofre com o estereótipo que associa os índios à produção de maconha. O povoado de Puiú, em virtude do seu isolamento, tanto em relação a Ibimirim quanto em relação a outros municípios, não é considerado, pelos jovens entrevistados, como um bom lugar para morar pois *é isolado, distante de tudo*, onde *só ficam os velhos* e *não tem perspectiva*.

Os povoados de Moxotó e Jeritacó têm maior prestígio do que os outros, seja por serem mais populosos, seja porque guardam as memórias de um passado em que a vida social local era mais pujante que a de Ibimirim, quando eram, respectivamente, sede do município e de distrito, enquanto Mirim, como Ibimirim era chamada na época, não passava de uma fazenda.

Entre as agrovilas do Perímetro Irrigado, essa hierarquia também está presente. Como já foi dito, a Agrovila 3, devido ao envolvimento de alguns moradores com o plantio de maconha, é a menos prestigiada. As agrovilas 1 e 4 detém maior prestígio; a 1 por já estar integrada ao perímetro urbano da cidade e a Agrovila 4, por ser a maior de todas, com mais de 300 famílias e também por estar localizada à margem de uma rodovia asfaltada. As agrovilas 5 e 8 estão em ascensão desde que seus moradores demonstraram maior organização e força política, ao ganharem a eleição para a diretoria da Associação dos Irrigantes – atualmente a responsável pela gestão do projeto de recuperação do perímetro irrigado –, derrotando a diretoria anterior constituída, principalmente, por agricultores da Agrovila 4.

Essa hierarquia de lugares é a prova de que no campo também vale o que se constata na cidade: "O endereço faz a diferença: abona ou desabona, amplia ou restringe acessos" (NOVAES, 2006: 106).

Por conta desses marcadores do território, que diferenciam e hierarquizam os lugares e as pessoas, o medo dos adultos de que os jovens se desvirtuem, que "saiam do caminho", reforça os impulsos dos adultos para controlar a vida dos jovens. O controle é uma dimensão importante nas experiências dos jovens em suas comunidades. Nelas, muitas vezes, os jovens se queixam do controle sobre suas vidas, queixa que é mais freqüente entre as mulheres, dada a maior vigilância que as famílias costumam exercer sobre elas.

A jovem Kelly, de 19 anos de idade, se queixa do controle que está presente até entre os jovens da idade dela, que marcam aquelas que são *para casar* e as que são *para ficar*, expressão que também foi encontrada entre jovens do sexo masculino da periferia do Recife, na pesquisa realizada por Scott, Athias e Longhi (2005). Jessica associa a sua saída da casa dos pais, na Vila Comercial do Poço da Cruz, ao machismo

do pai, que a educava e as irmãs *na rédea curta*. Amparo, moradora da Vila Mecânica e filha mais velha de sua família, também faz a mesma queixa. Paulinha, jovem de 19 anos que mora no Sítio Barro Branco, fugiu de casa porque os pais se opunham à sua união com o noivo que era 14 anos mais velho que ela. Paulinha, com 17 anos e mãe de um bebê, expressou-se desta forma sobre o controle da vida íntima pela comunidade:

> Eu não tenho a mesma liberdade de antes. Se a pessoa fosse solteira poderia farrar melhor, sair. Se a pessoa quisesse ir pra toda festa brincar poderia estar. Mas você tendo um filho não, não pode porque as pessoas daqui têm um porém, se ver uma pessoa muito de festa em festa começa logo a falar. Então eu não gosto nem muito de tá saindo, é difícil. *(Paulinha, 17 anos, Sítio Barro Branco*)

O depoimento de Daiane, da Agrovila 4, explicita quais são os "sinais" aparentes que justificam fofoca, incluindo os fatos que "poderiam acontecer":

> O pessoal aqui... critica muitas coisas, tipo... roupa... mulher beber demais, muita coisa. Qualquer coisa que você faz aqui o pessoal sempre comenta. Se você fica com alguém, já é notícia do dia seguinte. [...] O pessoal às vezes inventa, não é tanto que faz... fala muito daquilo que nem acontece [...] inventa muito, comenta. [...] Eu gostava muito de ir em festa, gostava muito mesmo, agora não. O pessoal começa a falar. [...] Porque você deixa de viver um pouco a sua vida do jeito que você quer... *(Daiane, 18 anos, Agrovila 4)*

A fofoca, para ser eficiente no controle, utiliza, também, o mecanismo da especulação, cujo uso não se atribui somente aos preconceitos dos fofoqueiros, pois a fofoca deve ser entendida pelo seu caráter instrumental na comunidade, "na definição dos limites do grupo" – não se faz fofoca sobre estranhos –, e na "educação" das novas gerações, que seriam instruídas ao ouvir as fofocas (FONSECA, 2000: 41-42). Nos depoimentos que ouvi, esta ultima característica é a mais forte, pois a fofoca provoca o autocontrole das jovens, temendo os seus efeitos sobre as suas vidas. Por isto, para exercer eficientemente o controle sobre os jovens, a fofoca não se limita aos fatos, mas avança para interpretações sobre gestos, situações, olhares, buscando criar um enredo

que leve o ouvinte a crer que o desfecho poderia ter sido outro "se não fosse por isto ou aquilo...", o que pode ser entendido como uma ameaça. A possibilidade de destruir a reputação da pessoa é dirigida aos jovens que tiveram um comportamento fora do padrão, seja baseado em fatos ou em especulações. É como um aviso para a pessoa se "enquadrar", para que recue e aceite a moralidade dos adultos.

Foi esse mesmo mecanismo de controle social que Elias (2000) constatou em Winston Parva: o exagero, a generalização de fatos e características que se pode até verificar entre umas poucas pessoas de um grupo mais fraco na hierarquia local, tem a função de manter o *status quo* e as formas de dominação do grupo mais forte.

A fofoca pode atingir qualquer pessoa da comunidade, inclusive os homens trabalhadores quando bebem muito ou quando apresentam um comportamento sexual inadequado. Mas a fofoca atinge mais fortemente as mulheres, especialmente as mais jovens e solteiras. O forte conteúdo moral sobre a sexualidade das jovens visa produzir vergonha, e assegurar que a reprodução sexual ocorra dentro dos paradigmas morais do casamento. Daiane disse ter medo de *engravidar... pra passar essa vergonha*, ou seja, vergonha que é efeito da fofoca, fofoca cuja ameaça paira sobre todas as jovens, para que não se desviem dos padrões morais da comunidade.

A fofoca está na comunidade rural e na cidade, mas a sua força de intimidação pode ser menor na cidade, principalmente em ocasiões de festas para as quais acorre uma grande quantidade de pessoas, tornando mais difícil o controle dos adultos. No depoimento de uma jovem que saiu de uma vila para morar na cidade, ela explica essa diferença entre ser controlada na vila e na cidade:

> Os vizinhos, as pessoas que moram ao seu redor também controlam. Sempre controla... se você da um passo em falso, assim.. beijar seu namorado ou fazer outra coisa assim... os vizinhos já vai contar pro seu pai. Cidade pequena... assim... onde é vila pequena, qualquer coisa as pessoas já interpretam com se fosse que acabou-se o mundo. Então fica fácil por isso. Na cidade não, você é

> mais... tem pessoas que não te conhecem, você anda na rua, dança, vai pra festa dança, faz o que quiser. Agora, se for povoado pequeno, se você for na festa, amanhã já ta comentado que você bebeu, fez isto, fez aquilo... Que você também não é perfeito. Quando o pessoal não tem o que fazer, a gente fala mal da vida do outro. Sítio, vila, só dá isso, que as pessoas não têm mais nada o que fazer. Aqui *[na cidade]* é menor isso. Ter sempre tem, na sua rua né. A cidade, assim, tem ruas que o pessoal olha, fala, a gente sabe, mas... releva. *(Jessica, 21 anos, mora na sede)*.

A dimensão da cidade, mesmo a pequena, já altera o impacto da fofoca sobre a pessoa, como sentia Jessica que deixou a Vila Comercial no Poço da Cruz para morar na sede da cidade. A vila pequena permite que sempre haja um olhar sobre as jovens, e se alguma delas se afastar desse campo de visão dos adultos, e dirigir-se a algum lugar escuro, então se torna alvo de fofoca. Ser alvo de fofoca na vila, pelo sentimento que Jessica expõe, provoca mais infortúnio do que na cidade, onde é possível *relevar*. Na vila, a fofoca fere mais profundamente, provoca mais, pois todos ficam sabendo; na cidade, não.

Pude observar o controle e as estratégias dos jovens para driblar o controle dos adultos, durante a festa da padroeira de Jeritacó, quando lá estive no final de 2007. A festa acontecia naquele grande retângulo formado por duas ruas maiores, com casas de moradores e algumas de comércio, fechado em uma extremidade pela igreja e, na outra, pelo palco da festa, de tal forma que, ficando numa posição intermediária entre esses quatro lados, era possível observar a movimentação das pessoas que circulavam pela festa. Os jovens, quase sempre andando em pares ou pequenos grupos, circulavam de um lado para outro de tal forma que um observador atento poderia reconhecer as pessoas solteiras ou aquelas que não estavam com parceiro(a) na festa. Mais tarde, muitos jovens entraram para o salão, a "boate" onde havia música eletrônica, mas como a entrada era paga, muitos ainda ficaram de fora e permaneciam na porta de entrada para falar com os que iam entrando e saindo, pois os pagantes tinham uma

marca carimbada no pulso, que permitia entrar e sair a qualquer momento. Esta situação foi que possibilitou algumas escapadas de jovens para os seus encontros sexuais, como um dos jovens que me acompanhava na festa. A permanência na boate por um tempo deixava os jovens longe do olhar dos adultos, permitindo as "escapadas" para "ficar" com alguém.

Se o controle sobre as mulheres tem um caráter moral centrado na repressão sexual, alguns jovens do sexo masculino também expressaram esse sentimento de controle, mas devido a razões relacionadas à preocupação dos pais em ensiná-los a ser responsáveis, noção que se mistura com as questões do trabalho. Nilton, morando na Agrovila 1, que era "colada" à cidade antigamente, comentou sobre os atritos ocorridos entre seu pai, ele e seu irmão quando adolescentes:

> Pai queria tratar a gente como criança a gente não era mais. [...] A gente queria ir em baile e pai queria que a gente voltasse cedo. A gente não queria voltar cedo. [...] Tava passando da idade. No outro dia tinha serviço também e ele dizia "vocês não vão pra rua porque vocês têm que trabalhar amanhã bem cedo". Aí foi complicado. *(Nilton, 27 anos, agricultor, Agrovila 1)*

A dimensão do controle dos adultos sobre os filhos passa pelo trabalho. É moral também, pois o trabalho é considerado, entre agricultores, uma aprendizagem das mais importantes para a vida, que é feita pelo pai, corroborando sua autoridade perante a família.

Mas este depoimento também evidencia que o controle sobre os jovens é exercido título de colaboração entre a comunidade e a família. A família é a primeira interessada nesse controle, para fazer de seus filhos homens bons trabalhadores e de suas filhas boas donas-de-casa, o que inclui a dimensão materna e a disposição para cooperar com o trabalho do homem, conforme a tradição camponesa segundo a qual o homem é quem trabalha; e a esposa e filhos "ajudam" (WOORTMAN, 1999).

O controle expressa a dupla dimensão do conflito entre gerações. A dimensão individual, vivida na relação entre pais e filhos, na forma de poder específica dessa relação social. Mas essa relação é alimentada por valores, crenças e práticas coletivas que delimitam os costumes morais, determinam comportamentos adequados a cada fase da vida, para cada sexo, para cada grupo social. Desta forma, o conflito entre gerações apresenta também uma dimensão social. O controle é expressão do atrito entre padrões morais diferenciados que opõem as gerações mais jovens aos mais velhos (ELIAS, 1997a: 255).

No que diz respeito à orientação sexual, por exemplo, percebe-se que uma parte significativa de jovens assume, abertamente, que é homossexual ou transexual, que freqüentam os lugares onde se socializam sem formar guetos, geralmente. Ainda que, por conta da discriminação, e também da afinidade entre eles, eles formem grupinhos, no entanto não se isolam e mesmo se misturam com os demais jovens. Esses comportamentos sexuais que já foram muito reprimidos no seio das comunidades, com forte influência religiosa, bem como entre os agricultores, estão encontrando aceitação entre os jovens de hoje, mais sensíveis à diversidade sexual, embora também tenham preconceitos, mas as considerando no âmbito dos direitos individuais que devem ser respeitados na comunidade. Embora os gays ainda sejam alvos das discriminações e, às vezes, de agressões, a orientação sexual desses jovens, hoje, encontra mais acolhida do que nas gerações mais velhas, porque nestas novas gerações mais influenciadas pelos individualismos da sociedade contemporânea, há mais espaço para a «antiatitude» dos jovens em relação ao padrão moral das gerações mais velhas (ELIAS, 1997a).

Nas relações entre gerações mais velhas e mais novas, em vez de assumir os padrões de comportamentos e sentimentos morais das gerações mais velhas, as novas gerações criam outros. Ainda que as mudanças sejam parciais e lentas, pois o processo

de mudança nos padrões de comportamento e sentimento nunca se completa em uma geração, a mudança desses padrões, em determinados contextos históricos, pode representar uma ruptura maior entre as gerações que convivem no mesmo momento histórico, como foi o caso, por exemplo, da geração dos anos 1960 (ELIAS, 1997a).

Se deste item do capítulo ficar uma impressão negativa da sociabilidade na comunidade, é porque optei por trazer à discussão aspectos da vida dos jovens nas comunidades rurais que revelam situações de tensão e de conflito social entre gerações mais velhas e as mais novas. No entanto, não são aspectos marginais, secundários na vida dos jovens, mas fundamentais para as suas relações sociais na comunidade. Os adultos manifestam preocupação com os jovens no caso do possível envolvimento com drogas, às vezes não distinguindo o usuário do colaborador do tráfico, e se preocupam, também, com o comportamento sexual, especialmente das jovens, às vezes relacionando um comportamento mais liberal com prostituição. Os jovens manifestam sentimentos de incômodo e insatisfação com essas situações de controle, como falta de confiança e até de respeito, pelos adultos, em relação às suas escolhas, idéias e comportamentos.

Essas situações contribuem para explicar como conflitos aparentemente vividos no plano privado, na família, são manifestações de uma dimensão social das relações entre gerações e de como essas relações são atravessadas por tensões e equilíbrios de tensões, muitas vezes, com o recuo dos jovens diante do controle social, ficando insatisfeitos, ou com estratégias para burlar os controles, muitas vezes aumentando o nível das tensões e conflitos entre gerações.

No entanto, é por encontrar satisfação nessas comunidades, por gostar de viver nas comunidades rurais que muitos jovens ficam, e outros que haviam partido retornam, como poderá ser constatado quando for discutida a questão da migração.

Muitos não querem partir. Alice, mesmo queixando-se do controle, da falta de oportunidades de trabalho, afirma sua opção.

> Gosto daqui. De tudo. Tudo que rodeia aqui, o povo, a paz que transmite o lugar, por mais que seja... vamos dizer... que muitos tem preconceito. Porque algumas pessoas tem preconceito, que é ruim, que é caipira. Eu não me importo. Se eu tô me sentindo bem, eles que fiquem lá na cidade pensando que a gente é caipira. De caipira não tem nada, é só uma cultura muito boa. *(Alice, 19 a., Agrovila 4)*.

Ao mesmo tempo em que a dimensão do controle foi sempre comentada negativamente, não faltaram jovens que expressaram seu apreço pelo lugar, como Alice, que considera a vida no campo como "*uma cultura muito boa*". Mas as opiniões dos jovens sobre o modo de vida nesses se dividem, baseados nas experiências de cada um e nas formas como vão significar essas experiências. Outros manifestaram desejo de sair ou já haviam saído de suas comunidades, como é o caso de Jessica, liberando-se das formas de controle consideradas repressivas, e no caso de Daiane, que já havia deixado a vila e migrado para São Paulo e, no retorno, afirmava que por causa do controle social da comunidade "*a pessoa deixar de fazer o que gosta*".

Os exemplos de Alice e Daiane mostram como podem ser diferentes as saídas que os jovens encontram para amenizar as suas insatisfações. Jovens amigas, vizinhas, quase da mesma idade – 19 e 18 anos na época da entrevista, respectivamente –, ambas concluíram o Ensino Médio, reclamavam do tempo ocioso em casa, da falta de trabalho e de dinheiro, do tédio de não fazer nada. Dizendo-se deprimidas com a falta de atividades, que provocava a reclusão em casa por longos períodos, mesmo criticando o controle da comunidade sobre suas vidas, no entanto, a "solução" que cada uma vê para a situação que estão vivendo aponta para lados opostos:

> É difícil sair porque eu me apeguei demais aqui ao pessoal, ao jeito de viver daqui. Até pra gente sair assim pra fora, Deus me livre sair daqui pra outro lugar, pra pensar em um futuro fora. Isso aqui é bom demais. Não penso em sair daqui não. Quero mais que o futuro aqui seja bom. *(Alice, 19 anos, Agrovila 4)*.

> Vou embora porque não dá mais pra ficar aqui. Eu terminei o 2º grau já faz 6 meses e eu não consegui nenhum emprego, nenhuma possibilidade de emprego e eu vou tentar lá fora, porque aqui não dá mais pra ficar. *(Daiane, 18 anos, Agrovila 4)*.

Embora ocupando posições semelhantes naquele contexto, a interpretação que cada uma faz das experiências compartilhadas e as expectativas que projetam para a vida afastam-nas, leva cada uma a tomar uma decisão diferente: Alice preferiu ficar e Daiane sair, o que aconteceu logo depois da entrevista, indo para São Paulo. Depois Daiane retornou, após 8 meses depois, porque o emprego que tinha arrumado em São Paulo era temporário. O motivo da saída, a falta de trabalho, também foi o que gerou o retorno. Como ela, muitos outros jovens retornaram e a evolução demográfica do município é outra evidência desse fato, com o município revertendo uma situação de crescimento de -1,6% ao ano no decênio 1990-2000, para um crescimento positivo de +1,6% ao ano no período 200-2007, segundo mostram os resultados da Contagem Populacional de 2007 feita pelo IBGE.

4.2.2 - Família: lugar onde se aprende a ser gente

Como se viu, a comunidade e a família são parceiras no controle do que fazem os jovens e a dimensão do controle dos jovens evidencia o conflito entre gerações, vivido no plano individual e social. Não há nenhuma excepcionalidade nesse conflito, ele é intrínseco às relações intergeracionais, especialmente entre pais e filhos, e é sempre clivado pelas relações de gênero.

Se, como diz Elias, em todas as relações e configurações, existem tensões e equilíbrio de conflitos, o conflito exige das partes a comunicação e a negociação contínuas. O controle sobre as jovens mulheres é exemplo do funcionamento da

negociação. Nas famílias das jovens entrevistadas, a não ser aquelas em que não havia a presença do pai morando junto, a negociação sobre as saídas para as festas, viagens e passeios seguia o mesmo enredo: primeiro, começava pela mãe, que transferia a decisão para o pai, que podia aprovar logo, mas geralmente demonstrava maior resistência até que a mãe intercedesse pela filha, momento da esperada flexibilização, embora o desfecho fosse sempre improvável, mantendo certa tensão no processo de negociação. O depoimento de Joana é um excelente exemplo dessa negociação:

> Eles não aceitam é festa sempre. Você vai a uma festa, pronto, aquela tá boa, no ano essa festa tá boa [risos]. Você não pode ir em outra [risos]. Mas, assim, tipo... a gente acaba convencendo.
> [*Mauricio:* Como é que você faz essa negociação?]
> Primeiro a gente… eu falo com a minha mãe só que ela joga pro meu pai. Ela diz 'fala com ele'. Daqui a pouco aí a gente vai, fala com ele e às vezes ele até deixa, mas tem hora… Ela fala isso, mas ela não libera muito não. Por ela a gente estaria sempre ali, juntinho, protegido por ela. Mãe é sempre assim. Protetora. Ela tem muito… vamos dizer que ela... eu não sei se é bem ciúme ou é proteção demais. Tem dia que a gente sai à noite e ela fala que não dorme, só dorme quando a gente volta. Mesmo sendo tarde, muito tarde, ela só dorme quando a gente volta. Aí então, eles eu acho que assim... é mais proteção. Eles não querem que a gente saia. Se a gente sai muito com os colegas assim, tem reclamação. Não impedem, mas reclamam. Todo pai e toda mãe quer cuidar do seu filho. *(Joana, 27 anos, agricultora, Agrovila 4)*.

Tensões e equilíbrio de tensões fazem parte da cena retratada. Os interesses de cada uma das partes não são os mesmos, mas uma negociação permite estabelecer as condições para que os dois lados sejam contemplados, abrindo mão de posições rígidas, o que é importante para o equilíbrio da relação. Percebe-se como para Joana essa tensão é "natural" na relação entre os pais e filhos, é normal na juventude e constitui um desafio permanente na busca do jovem pela sua autonomia, enquanto morar na casa dos pais:

> Ser jovem é ser normal. É você dar confiança, porque o jovem tem que dar confiança, pra ele poder ter confiança. Que às vezes ser jovem... se o jovem não dá... vamos dizer, ele tem que ganhar um pouco de sua autoridade também. Ter a confiança das pessoas pra poder mostrar quem realmente ele é. Eu me sinto é… uma pessoa mais livre, mais jovem vamos dizer, quer dizer isso me faz bem. Eu não tenho vamos dizer que eu só faço aquilo que… porque tem pessoas que

> ficam, dependendo porque você mora com seus pais, você fica a ponto de eles quem decide, a toda hora, todo passo que você vai dar. Eu nunca gostei disso. Eu, na minha adolescência, eu era um pouco assim: eu não queria que eles fizessem, eu não queria fazer só o que eles dissessem " – Faça isso". Eu queria, eu ansiava pelos meus 18 anos [risos]. Eu achava que ia mudar tudo depois dos meus 18 só que assim, eles nunca vão deixar você de lado e vai dizer " – Você é uma pessoa livre pra tal e tal", não. Lá em casa não tem disso. Eles deixam até tal ponto, porque se você não procurar *[se afirmar]* eles sempre vão estar ali mandando e desmandando nos seus passos. *(Joana, 27 anos, agricultora, Agrovila 4)*.

Pelo descrito no depoimento, o processo de conquista da autonomia é gradual e permanente, no sentido de se conquistarem posições de reconhecimento de direitos baseados na confiança e no respeito mútuo, mas essa conquista não liberou a jovem das negociações com a família sobre a sua vida. O depoimento revela que, mesmo com a confiança conquistada pela jovem, a relação com o pai e a mãe exigia que se mantivesse um ritual de reconhecimento da posição dos pais, um respeito à autoridade paterna e materna, o que faz entender que a autonomia conquistada é condicionada às trocas intersubjetivas e deve ficar suspensa para ser (re)negociada a cada movimento. Mas, o depoimento permite também entender, pela lógica da *confiança*, que os pais aprendem com os filhos. Isto é uma dimensão que o conceito de socialização oculta, pois induz a se pensar apenas na aquisição de sentimentos e pensamentos característicos das gerações mais velhas, pelas mais novas (ELIAS, 2005a: 243).

A dominação do pai sobre as filhas é duplamente marcada pela hierarquia – a do mais velho sobre a mais jovem – que também envolve os filhos homens –, e a do homem sobre a mulher – que também atinge a esposa. Tanto que a negociação passa pela mãe, reconhecendo sua autoridade hierárquica, mas esta atua como mediadora entre pai e filha. Desta forma, a socialização familiar, em muitas famílias, ainda é marcada pela subalternidade feminina em relação ao pai/marido.

Amparo, jovem de 26 anos que mora no Poço da Cruz, queixa-se de que foi criada de forma diferente de todos os outros, irmãos e irmãs mais novas: *De primeiro*

eu era muito trancada. [...] Pai me trancava mais do que elas, não trancava elas. Como filha mais velha, ela foi responsabilizada pelos serviços domésticos junto com a mãe, ou substituindo-a, quando ela ia *fazer algum serviço*. Jessica, de 21 anos, fez a mesma queixa: *Tem também o controle do pai em casa. O pai de rédea curta bota pra dormir bem cedo. Eu saí de casa mais por causa do pai. Meu pai é linha dura*.

Mas, se Amparo e Jessica compartilham de uma origem semelhante, os caminhos que vão tomar colocam-nas em posições diferentes na sociedade. Amparo, mesmo não havendo mais irmãos "pequenos" na família – todos já eram jovens –, continuava sendo a responsável pelo serviço doméstico, embora tivesse conquistado autonomia para sair, para ir às festas, para ir jogar sua partida de futebol. Mas, presa ainda à família de origem, não conseguia se libertar da função de "mãezinha" substituta da mãe delegada por ela. Não conseguia ver alternativas para se auto-sustentar, mesmo tendo terminado o Ensino Médio. Não sabia como sair de casa. Jessica saiu de casa cedo. Aos 16 anos, foi morar na casa da família do namorado. Foi trabalhar e estudar. Hoje, como coordenadora e educadora social na oficina de marchetaria da Associação Umburanas, ela é a principal responsável pela manutenção de sua família, uma vez que o marido é autônomo e não tem renda fixa.

Devido a essa socialização tão fortemente marcada pela dominação masculina, muitas jovens encontram dificuldade para afirmar-se individualmente sem uma presença masculina como apoio, conforme o depoimento de Anita, falando de si e de suas amigas:

> Algumas das minhas amigas, colegas e também meninas que eu não tenho tanta afinidade aqui na cidade, mas como aqui é pequeno eu conheço todo mundo e todo mundo me conhece, geralmente quando elas tão namorando elas... é como se fosse assim... um seqüestro da subjetividade. "– Minha vida agora é dele, ele que decide, ele que faz", tá entendendo? É tanto que eu nunca consegui namorar ninguém mais de um mês. Que quando eu vi que ele tava querendo que eu vivesse a vida dele, em função daquilo que ele acreditava... que fosse, que era, que podia,

> aí eu deixava. Geralmente, as meninas daqui quando se apaixonam, elas ficam assim... alienadas em relação à pessoa, que "– Não, se não eu não consigo mais ele, que ele é a única pessoa...", você tá entendendo? Essas coisas de jovens que realmente não tem... que vivem só em função daquilo. Eu tenho amigas que fizeram isso e hoje elas estão arrependidas. Mas infelizmente a vida não dá pra voltar ao passado. Mas eu disse a elas " – Dá pra corrigir daqui pra frente, vamos fazer a diferença, a gente é muito jovem, 20 anos, 21 anos, a gente ta começando a viver agora". Acho que elas vão chegar lá também... eu acredito muito nelas. Vânia ela... assim, ela ta mais ou menos nessa que eu te falei, de namorar, não sei o que... a mãe fazendo aquela pressão pra ela casar. Só que ela pensa igual a mim, sabe, ela vê que na verdade, quando a gente chegar lá na frente e for ver que a gente foi fraca de não ter insistido mais naquilo que acreditava. Então ela tá correndo atrás, ela tá buscando, tá tentando passar no vestibular. Só que não é fácil, é muito difícil mesmo. *(Anita, 19 anos, estudante, mora na cidade)*.

Anita é filha de uma professora de Ibimirim que a criou praticamente sozinha, junto com a sua irmã, pois o pai, que ela conhece pouco, está ausente da sua vida desde quando ela tinha 5 anos de idade, quando ele e sua mãe se separaram. Ela está fazendo Licenciatura em Química na Universidade Rural de Pernambuco, no campus de Serra Talhada. Ela é uma crítica dos relacionamentos de suas amigas de Ibimirim, que, segundo ela, são pautados pelos desejos masculinos, aceitos por mulheres que fazem tudo para agradar ao homem. A crítica que ela faz focaliza essa dimensão da subjetividade formada na submissão ao homem, sendo sua descrição das situações das amigas uma demonstração daquilo que Bourdieu chamou de violência simbólica da dominação masculina, que não usa a força, mas se impõe através dos princípios de percepção, da sensibilidade e da maneira de ver e julgar as situações que foram formadas dentro dos parâmetros dessa relação de dominação do homem na sociedade (BOURDIEU, 1999).

O depoimento mostra o transbordamento, para fora do espaço familiar, da dominação masculina nas relações de gênero, mas também aponta para o estreitamento do campo de possibilidades para as mulheres num lugar onde se vive exclusivamente da agricultura, onde o homem é o principal ator envolvido, e, como tal,

tem o controle da maior parte da renda gerada no município. As dificuldades para ter acesso ao ensino superior amplificam as limitações vividas das mulheres no local, obstaculizando-lhes a conquista de posições mais independentes do homem, que encontrando mais facilmente meios para se sustentar, já durante o namoro assume a posição de maior poder na relação.

Na socialização das mulheres, é evidente o maior controle de seu tempo e de sua circulação, em contraste com a socialização voltada para o espaço extra-doméstico na socialização dos homens. É esta situação que permite aos filhos homens circularem mais livremente pela rua, irem a festas em lugares distantes e dormirem fora de casa. Caio Neto, filho de agricultor e morador da Agrovila 1, na cidade, conta que, quando era solteiro, ainda adolescente de 16, 17 anos de idade, podia passar até 3 ou 4 dias fora de casa assistindo à vaquejada. Quando se esquecia de avisar que não voltaria no dia marcado, apesar das brigas e reclamações, seus pais, não o impediam de sair novamente.

Um caso oposto é o de Nilton, cujo pai exercia forte controle sobre ele e o irmão a fim de garantir a disciplina necessária ao trabalho. Esta situação foi constatada com maior freqüência entre os jovens entrevistados, embora com graus variados de controle. Isso porque está diretamente relacionada com a preocupação dos pais em "educar para a vida" e, para os pobres, "a vida é trabalho"[45]. Essa liberdade que Caio Neto conquistara já aos 16 anos nem sempre é comum, mas é importante para ressaltar as diferenças que existem dentro do mesmo grupo social. Segundo Gerstel:

> O próprio conceito – a família –, portanto, não pode captar a extensão e a diversidade de experiência que muitos hoje definem como sua. A família – na realidade, muitas famílias diferentes – veio "para ficar". A família é uma elaboração ideológica e social. Quaisquer tentativas de defini-la como uma

[45] Referência à letra da canção, "Guerreiro Menino", autoria de Gonzaga Jr., interpretada por Fagner no disco *Palavra de Amor*.

> instituição delimitada, com características universais em qualquer local ou tempo, necessariamente fracassarão (GERSTEL, 1996: 299).

As configurações familiares encontradas na pesquisa mostram a heterogeneidade das famílias que habitam no mundo rural e urbano da pequena cidade. O exemplo de Caio mostra uma situação de tolerância num momento considerado como o das descobertas – do corpo, da sexualidade, da vida, com certa irresponsabilidade que é admitida na adolescência e juventude. Também é preciso considerar que não havia pressão para que o jovem trabalhasse numa fase em que a produção agrícola no Perímetro Irrigado era mínima devido ao esgotamento do açude. Quando, aos 18 ou 19 anos, Caio sentiu necessidade de trabalhar para ter seu próprio dinheiro. Quando começou a namorar, ele teve que migrar, pois não havia como trabalhar no lote do pai, devido à falta de condições para desenvolver a agricultura.

Segundo tradição da família camponesa, o trabalho faz parte da honra do pai de família. Para o agricultor, é o trabalho na terra que assegura a sua liberdade e a sua autonomia[46]. Desta forma, o trabalho também expressa um valor moral: a honra do trabalhador, seja no campo, seja na cidade como já foi abordado em muitos estudos sobre as classes trabalhadoras (WOORTMANN, 1990; ALVIM, 1997; BILAC, 1978; DURHAN, 1980).

O trabalho, para o homem, é o meio de torná-lo provedor, meio que ele usa para garantir seu espaço na sociedade. Mas esta sociedade vem se abrindo, lentamente no caso de Ibimirim, à maior participação feminina no mercado de trabalho e também nos assuntos da família, sendo a principal protagonista na diminuição do tamanho das famílias (SCOTT, ATHIAS e LONGHI, 2005). A condição para haver maior equilíbrio nas

[46] Quando as condições de produção não são desfavoráveis para ele, como em certas situações de parceiros, meeiros e "moradores" que têm que pagar em produtos pelo uso da terra, perdendo justamente a parte que não estaria comprometida com sua sobrevivência, situações retratadas em numerosos estudos sobre o campesinato.

relações de gênero entre esses jovens em Ibimirim depende da ampliação das oportunidades de trabalho e mobilidade social para as mulheres. Numa sociedade camponesa, onde o trabalho está ligado à honra, é preciso ter trabalho para conquistar respeito e confiança, como mostrou Joana.

No processo de socialização dos filhos nas famílias de agricultores, o trabalho é um elemento sempre presente, ainda que de formas diferenciadas. Entre os jovens de ambos os sexos entrevistados, há testemunhos sobre uma infância na qual se mesclam a brincadeira e o trabalho, justamente porque o tempo socialmente reservado exclusivamente para as brincadeiras infantis, entre algumas famílias de agricultores, é somente o tempo de passar a primeira infância. Seguindo esta lógica, a partir dos 7 anos, já se pode brincar e trabalhar. É o caso de alguns, como Nilton, da Agrovila 1, e de Márcio, do Poço do Boi. Mas também de mulheres, como as irmãs Rosa e Rita:

> Rita começou com 7 e eu com 9. E faz tempo que a gente entrega leite, ajuda a mãe. E quando não era no leite a gente trabalhou na feira, ajudava mãe. Vendia as coisas nas portas [...]. Aí depois fomos plantar tomate, que eu ainda me lembro de plantar tomate. Nós plantamos tomate bem cedo, dormia no lote pra amanhecer no outro dia plantando, catava tomate. E trabalhava assim, mas também nós se divertia. *(Rosa, 19 anos, agricultora, Agrovila 1/cidade)*

Por diversão, deve-se entender uma série de práticas que, necessariamente, não são exclusivas da infância, e que nem sempre podem ser demarcadas de brinquedos ou objetos infantis. Como aparece nesse depoimento:

> Levava a gente, fica lá né, aí não tinha o que fazer. Aí então dizia " – Vamos fazer alguma coisa, vamos tanger o gado, vamos irrigar com a mangueira" e naquilo nós ia, trabalhando e brincando e trabalhando ao mesmo tempo, sabe? *(Nilton, 27 anos, agricultor, Agrovila 1/cidade).*

Algumas lembranças de infância revelam experiências vividas pela criança que, vez ou outra, invadiam os espaços de trabalho, mas como forma de diversão, como nesse depoimento:

> [...] sítio... tinha a época da manga também lá... ichi... é bom demais. E na época dos engenhos? Ah... a rapadura e o mel... Aí eu era moleque, pronto, eu gosto de caldo de cana-de-açúcar e rapadura, na hora que ela ta saindo ainda meia quentinha... ichi, ai eu gostava... um limãozinho... gostava não, eu gosto ainda, colocava um limãozinho, ela ainda meio mole, legal... amigos e pá, os meninos brincando de tomar banho nuns poços que tem lá, porque lá é lugar de muita água, aí a galera faz poço, aí a gente vai tomar banho lá dentro [...] Aí ia pro poço, começava a chupar manga. Subia nos pés de manga e pá! [...] subia no pé de manga, ia pra galha, aí... *tibum* na água [...] Eu gostava mais de brincar de coisas do sítio, nunca gostei de essa onda de brincar de carrinho, num sei o que. [...]a gente gostava muito de, quando não tinha nada pra fazer, andar de carro de boi, a gente achava isso incrível. (Valter, 19 anos, agricultor, mora em sitio).

As lembranças desse jovem estão carregadas de uma ludicidade que se fundamenta na forma de experimentar as coisas do cotidiano rural e não em objetos infantis. Assim, a safra da manga, a época de moer cana, saber "*encangar os bois"* pra sair andando de carro de boi, os banhos nos poços cavados no leito do Rio Moxotó, todas essas atividades são apropriações dos lugares, objetos e afazeres do mundo do trabalho dos adultos que as crianças tomam e transformam em lúdico. Eventos semelhantes, embora não se possa generalizar, não são incomuns entre os jovens entrevistados.

Em geral, a distribuição das tarefas entre os membros do grupo doméstico é regida por critérios diferenciadores das condições de gênero e de idade de cada membro da família. Também se diferencia de acordo com os contextos específicos de cada grupo familiar ao longo do seu trajeto coletivo, considerando que neste trajeto o desenvolvimento físico, as condições de saúde e a capacidade de auferir a renda do grupo e de cada membro individualmente se alteram, ora configurando situações desfavoráveis, que exigem esforços maiores de todos, ora situações favoráveis, que permitem menor esforço de alguns (BRANDÃO, 1999).

Nilton, da Agrovila 1, que também começou a trabalhar desde muito cedo – "*trabalhar e brincar",* está gravado na memória sobre a sua infância –, percebe a

diferença entre a sua infância e a de seu irmão que é 10 anos mais novo do que ele, qualificando sua educação como uma educação que permite mais liberdade. No entanto, a liberdade, neste caso, recebe um adjetivo que parece ter um sentido ruim:

> Você sabe que esses jovens de hoje ta tudo pela rua, farrando. Você vê molequinho de 8 anos, 9 anos, que nunca trabalhou. Assim, tá certo que não pode trabalhar também. Porque o negócio de hoje em dia tá mais avançado. [...] não tive aquelas amizades, aquela liberdade toda que nem hoje o pessoal tem. Uma liberdade danada que tem aqui mesmo... é diferente... liberdade danada. Meu irmão mesmo ali, quando eu vejo, lá em casa é o mais novo dos homens, quando ele vem chegar em casa é duas da manhã, três horas. Aí pronto, não tem o que fazer né? *(Nilton, 27 anos, agricultor, Agrovila 1).*

Essa atribuição de negatividade à *liberdade danada* vincula-se à ausência do trabalho. Na experiência de Nilton, já abordada antes, o pai controlava os seus horários, chegava a impedi-lo e o irmão mais próximo a ele de saírem, porque ambos tinham que ajudá-lo no trabalho no dia seguinte. Quando ele compara e fala de uma infância atual que nunca trabalhou e depois critica liberdade do irmão mais novo – que tem 17 anos de idade –, que lhe permite voltar para casa de madrugada, é como se estivesse reclamando da falta do trabalho na formação da nova geração, sendo esta falta a responsável pela deturpação da liberdade em *liberdade danada*, ou seja, demasiada, sem o contrapeso da responsabilidade do trabalhador.

Marcio, jovem de 25 anos, é agricultor e criador no povoado do Poço do Boi. Completou o Ensino Médio. É presidente de uma associação local. Já teve uma experiência de migração, trabalhando como pedreiro autônomo em Arcoverde. Compara sua experiência à do pai: *Meu pai é tipo um faz tudo e eu aprendi com ele também essa mesma coisa*. Mesmo tendo trabalhado desde que se *entende por gente*, atribui este fato a seu próprio gosto de aprender, de fazer e de ter seu dinheiro. Para ele, essa forma de educação familiar foi fundamental na sua vida:

> A gente mora numa região pobre fraca de condições e a gente começa cedo, sempre a ajudar o pai. E eu acho que umas das coisas que hoje em dia incentiva

> muito o jovem é iniciar aprender as coisas trabalhando com o pai. Porque hoje eu vejo muito criança não poder trabalhar. Não pode trabalhar no serviço pesado, mas o pai tem que levar pro serviço pra ensinar ele a ser gente. Quando ele ficar homem ele sabe como é que se faz o serviço e se torna um homem que aprenda a trabalhar, tenha a coragem de trabalhar. Que se não ensinar isso ele nunca vai aprender, que depois de velho não aprende. *(Marcio, 25 anos, agricultor, Poço do Boi).*

O trabalho, como forma de *ensinar a ser gente*, é atribuição da família, especialmente do pai. O trabalho e a socialização dos filhos no trabalho é a forma pela qual o pai se reconhece e pode ser reconhecido como o principal agente educador na vida do filho, ensinando-o um saber que não existe na escola, na igreja ou em qualquer outra instituição social. É a forma como se

> [...] inculca saberes de oficio e os do habitus do ethos camponês, que vai desde a sagaz esperteza nos negócios da produção até uma generosa honestidade que deve regrar as relações entre produtores considerados próximos e iguais [...] é tanto o horizonte social para o qual 'se ensina', quanto o valor simbólico e afetivo da vida camponesa (BRANDÃO, 1999: 39).

E, como aprendizado para a vida, o trabalho deve ser ensinado tanto aos filhos homens quanto às filhas mulheres, embora com estratégias e fazeres diferentes. É pelo trabalho que a jovem Joana – já mencionada no começo desta parte –, adquiriu a confiança dos pais e a autonomia para viver mais livremente mesmo sendo solteira. Ela, que também é alguém que *faz tudo*, que foi migrante, trabalhou fora, retornou, sempre trabalhando. A dedicação ao trabalho, seja na roça, seja em casa, seja no serviço a terceiros, é demonstração de responsabilidade, de maturidade. É para trabalhar que as famílias deixam seus filhos e filhas partirem para outros municípios e regiões do país. Foi pelo trabalho que o jovem Valter aprendeu com o avô "*a ter respeito pelas coisas*. [...] *Respeito em todos os sentidos, assim, em qualquer coisa que for fazer"*.

Assim, a idéia de que o trabalho é uma forma de educar os jovens das classes trabalhadoras permanece viva também entre os jovens de hoje. Esses jovens socializados no trabalho expressam, em seus depoimentos, aprovação ao modo pelo qual foram educados, mesmo quando ressaltam as diferenças entre a forma que foram educados com a forma que hoje as crianças são educadas. Mas isto, entenda-se, faz parte da valorização pessoal, de mostrar a experiência vivida como um diferencial positivo, para ratificar a posição atual, dando sentido às experiências passadas.

Entretanto, se essa idéia sobre a formação pelo trabalho ainda está arraigada na cultura, ela também pode ser usada para criticar os pais atribuindo-lhes a responsabilidade pela falta de interesse dos filhos na agricultura, como fez uma jovem ao comentar sobre a relação dos jovens com a agricultura:

> Nossos pais que começaram a se desinteressar [pela agricultura]. Se eles tivessem interesse de ter crescido e ter dado o ensino pra nós continuar, aí isso progredia. Mas como eles começaram a se desinteressar, os jovens que vão vindo vão se desinteressando muito mais. Daqui a uns anos, aqui, nem nós vai ter mais. *(Kelly, 19 anos, moradora do Puiú).*

A interrupção abrupta dessa prática social no Puiú, de ensinar aos jovens o trato com a agricultura, é motivadora da sua fuga do seu torrão natal, apesar da boa qualidade do solo, da disponibilidade de terras e da abundância de água. A dificuldade de transporte, isoladamente, não explica esse fracasso na transmissão da herança cultural em Puiú.

A socialização familiar focalizada no trabalho é, portanto, geradora de consensos e conflitos, produz diferenciações entre homens e mulheres e entre homens e homens e mulheres e mulheres também. Produz tanto novos agricultores quanto não agricultores, visto que o início precoce no trabalho, mediado pelo pai, pode gerar, similarmente, identificações e afinidades, assim como estranhamento e distanciamento.

O filho pode aceitar ou rejeitar aquele tipo de trabalho, a partir dos significados que serão produzidos *na* e *pela* experiência. Não é só o tipo de trabalho que está em jogo, mas também a relação entre o jovem e o trabalho que permeia a relação entre o jovem e o pai.

Outro fator a considerar também é que na organização do trabalho na agricultura familiar, o filho será sempre ajudante até que ocorra a sucessão, o que pode demorar muito tempo e gerar desinteresse. Também a memória familiar na agricultura poderá pesar na visão que o jovem vai construindo sobre a agricultura: se as gerações mais velhas vêm conseguindo conservar e melhorar o padrão de vida familiar, ou se, ao contrário, deixarem-no estagnar, ou decair. Assim, são diferentes as manifestações sobre a agricultura vindas de jovens filhos de agricultores de sequeiro e de jovens filhos de agricultores irrigantes.

É preciso também considerar que o aumento da escolarização transforma muitos jovens de "aprendizes" passivos em "co-participantes" no aprendizado agrícola, podendo gerar situações em que eles interpelem os adultos sobre suas práticas, especialmente aquelas que, hoje, se confrontam com a idéia de uma agricultura mais ecológica. Pode-se perceber isto no depoimento de Ranulfo. Ranulfo é jovem de 18 anos que fez curso de ADL no Serta e depois foi trabalhar como educador ambiental na Associação Umburanas. Ele se defrontou com a resistência dos familiares quando assumiu uma posição pró-ativa, querendo ensinar o que sabia aos mais velhos. Ele narrou desta forma o seu embate com as práticas tradicionais na agricultura familiar:

> Faço troca de conhecimento e quando tô querendo mesmo pego na enxada e vou limpar mato com o meu avô. É uma coisa que me dá prazer. E também tenho um sítio, e eu tô indo lá, a cada dois domingos. Eu tô praticando uma coisa que eu sei que no futuro vai me dar um resultado que se não for bom vai estar na média. [...] Aí cheguei até meu avô. Meu vô já é um senhor de idade e ele tava colocando fogo numa coivara. Aí cheguei pra ele e disse "vô, não faça isso não, que o senhor vai tá prejudicando a terra do senhor". Ele olhou pra mim e falou que em setenta

> anos ele nunca tinha chegado a uma pessoa pra dar um conselho desse e porque era que um cego recém saído de um ovo ia fazer ele mudar de opinião. Aí pronto. Aí eu me senti totalmente constrangido com essas palavras que ele disse, porque eu sabia que ele tava certo, mas ele não tinha tomado conhecimento que aquilo era errado. Aí eu continuei falando com ele. Hoje ele parou de queimar, mas minha tia e meus primos não. *(Ranulfo, 18 anos, mora na cidade).*

Para que haja o reconhecimento ao saber da geração mais nova, num processo de educação pelo trabalho que afirma a autoridade e a identidade do pai, ou de todos os mais velhos, ocorrerá, inevitavelmente, conflito. Em situações onde é difícil para os mais velhos reconhecer que certas práticas, idéias e comportamento que estão arraigados e são repetidos por várias gerações, não são mais aceitos pelas pessoas das gerações mais novas, instala-se uma forma mais grave de conflito.

É que nessa relação – como também pode ocorrer na educação escolar quando envolve uma relação baseada na concepção de educação como "transmissão de conhecimentos" –, a geração mais jovem é concebida pelos antigos numa dimensão única, de aprendiz, que não corresponde ao conceito que têm de si mesmos e ao fato de quererem ser vistos, como "seres que sabem". Na sociedade que valoriza o conhecimento, o jovem reclama para si esse estatuto, com muita pertinência, de ser reconhecido como alguém que tem algo a ensinar. A escolarização crescente, a necessidade de estar conectado às redes virtuais, os cursos extra-escolares que abundam no mercado, tudo isto desafia o jovem, faz dele público preferencial e, simultaneamente, são recursos que o atraem, porque ele os valoriza. Daí, para este jovem, é preciso uma nova relação de aprendizado, quer na escola, quer na família, o que provoca, conseqüentemente, tensões aqui e acolá.

Porque, como destacou Elias (2005b), o próprio conceito de socialização não é apropriado para as relações sociais, porque dá a idéia de um processo de sentido único; os adultos socializam as crianças, os professores socializam os alunos etc., quando na

verdade, nestas relações sociais, há uma troca de influências: os pais também aprendem com os filhos, os velhos com os jovens, os professores com os alunos. A idéia de socialização não considera o potencial de conhecimento e a capacidade das novas gerações de renovarem idéias e práticas sociais. A posição que o jovem vem conquistando na sociedade exige da família e da escola mudanças nas formas e concepções sobre a socialização.

Por todos esses fatores, educar para a vida através do trabalho, como ainda vem sendo feito pelos agricultores, tanto tem formado novos agricultores, quanto deixado, também, um grande número pelo caminho. O que se pode perceber é que a socialização pelo trabalho ainda ocorre, e continua a ser considerada positivamente, inclusive entre jovens, mas não é, certamente, um caminho fácil e certo para assegurar a sua permanência na agricultura, que depende de uma conjugação de muitos outros fatores. Um fator mais importante é a abertura de oportunidades de mobilidade social para os jovens. Sem perspectiva de ter a sua própria terra, sem perspectiva de poder tomar conta do negócio a não ser quando o pai se aposentar definitivamente, não haverá perspectiva de mobilidade, tornando o conflito muito longo, como disse Elias:

> O estreitamento e o alargamento das oportunidades de vida, das oportunidades de significado em geral e das oportunidades de carreira em particular, para as gerações mais jovens de uma sociedade em qualquer época são processos que, sem dúvida, afetam mais fortemente o equilíbrio de poderes entre as gerações. Poder-se-ia dizer que esses processos constituem o núcleo dos conflitos sociais entre as gerações. [...] A tensão latente entre gerações e os conflitos que lhe estão associados intensificam-se quando os canais ficam mais estreitos, mas a forma como esses conflitos se manifestam são extraordinariamente variáveis. (ELIAS, 2005a: 221-222).

4.2.3 - A escola: lugar de encontros e desencontros

Confirmando a tendência do aumento da escolarização dos jovens, em Ibimirim a taxa de escolarização no Ensino Fundamental cresceu de 81% em 1991, para 90%,

segundo dados do Censo Demográfico do IBGE[47]. Há, também, forte crescimento da demanda por educação de nível médio. Em Ibimirim, o número de matrículas no Ensino Médio vem se expandindo a uma taxa maior que o crescimento demográfico, conforme demonstram os números do censo escolar: enquanto a população total teve um crescimento de 12% no período 2000-2007, o total de matriculas no ensino médio cresceu 94% no mesmo período, passando de 610 matriculados no ano 2000 para 1184 matriculados em 2007[48].

No entanto, o maior afluxo de pessoas ao sistema de ensino infelizmente não foi acompanhado por medidas efetivas que melhorassem a qualidade da educação pública. O resultado disto pode ser verificado em vários indicadores como, por exemplo, a idade média de conclusão do Ensino Fundamental: em 1998, era de 15 anos de idade para o Brasil e 16 anos para Ibimirim. Em 2005, a idade média aumentou para 16 anos no Brasil e 18 anos em Ibimirim[49].

Múltiplos fatores concorrem para o atraso na escolarização dos jovens. No entanto, em algumas áreas do país, especialmente no semi-árido, a migração temporária ou definitiva, principalmente dos mais jovens, tem contribuído muito para agravar essa situação. Em Ibimirim, a migração, seja ela temporária ou definitiva foi muito intensa em toda a década de 1990. No período 1991-2000, a população de Ibimirim cresceu negativamente 1,64% ao ano, passando de 28.101 em 1991 para 25.722 em 1995 e 24.340 em 2000. Neste período, que coincide com o colapso do Perímetro Irrigado, a população envelheceu: os menores de 15 anos representavam 44% do total da população em 1991, e apenas 39% no ano 2000; e os idosos a partir de

[47] Dados do Censo Demográfico, disponível em http://www.ibge.gov.br/cidades
[48] Dados do Censo Escolar disponíveis em www.inep.gov.br/basica/censo/Escolar/Sinopse/sinopse.asp e www.edudatabrasil.inep.gov.br
[49] Dados disponíveis em http://www.edudatabrasil.inep.gov.br

65 anos passaram de 4,9% da população em 1991 para 6,4% no ano 2000. A taxa de urbanização cresceu 15% passando de 48% em 1991 para 55% em 2000[50]. Pela Contagem Populacional feita pelo IBGE em 2007, Ibimirim tem atualmente 27.261 habitantes, indicando a reversão do crescimento demográfico – de negativo para positivo –, e do processo de urbanização, com a taxa de urbanização caindo de 55% para 52,5%[51].

A migração, conforme mostram os dados, foi mais forte entre os jovens e os moradores do campo. Todo esse processo de partidas e retornos não pode ser explicado se não forem considerados o esgotamento do açude e a conseqüente "falência" dos agricultores do Perímetro Irrigado do Moxotó, e o retorno quando o açude encheu novamente e o governo federal retomou o projeto de irrigação, em 2004.

Entre 34 jovens entrevistados nesta pesquisa, enquanto 24 jovens tinham completado ou estavam cursando o Ensino Médio, 7 jovens tinham nível de escolaridade equivalente ao Ensino Fundamental, e desses, 4 haviam abandonado os estudos sem completar o Ensino Fundamental: Julio, morador do Sítio Barro Branco, fez somente até a 4ª série; Caio Neto, morador da Agrovila 1, na zona urbana da cidade, fez até a 5ª série; Paulinha e Jacira, moradoras de Barro Branco e Jeritacó, respectivamente, deixaram a escola na 7ª série.

Paulinha, que tem apenas 17 anos, largou a escola quando migrou para São Paulo aos 14 anos de idade, fugindo junto com o noivo. Depois, de volta ao Sítio Barro Branco, antes retomar os estudos, engravidou e resolveu protelar sua volta à escola. Jacira, jovem de 21 anos que mora no povoado Poço do Boi, parou de estudar quando engravidou da primeira filha, depois migrou para Goiás e interior de São Paulo, e

[50] Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano. Disponível em http://www.pnud.org.br/atlas.
[51] Dados disponíveis em http://www.ibge.gov.br/cidades.

quando retornou ao povoado de Jeritacó retomou os estudos, mas abandonou-os novamente quando engravidou pela segunda vez. Ambas estavam planejando voltar a estudar quando desmamassem seus bebês.

Nilton é outro jovem que teve a trajetória escolar interrompida durante o período em que migrou. Com 27 anos, ele tem diploma do Ensino Médio, conquistado quando retornou de Guarulhos (SP), onde foi trabalhar quando não podia mais plantar no lote que ele tem no perímetro irrigado. Marcio, morador do povoado Poço do Boi, também deixou de estudar durante os dois anos em que foi para Arcoverde trabalhar na construção civil, vindo completar o Ensino Médio aos 22 anos de idade.

Voltando aos casos de Júlio e de Caio Neto – que abandonaram os estudos nas 4ª e 5ª séries, respectivamente –, ambos têm trajetória escolar marcada por muitas desistências e repetições de ano, chegando à idade de 18 ou 19 anos de idade sem avançar no estudo. Caio atribui à "preguiça" a razão de ter estudado só até a 5ª série, tomando para si a responsabilidade pelo fracasso escolar. Júlio primeiramente atribuiu a causa da sua desistência ao trabalho. Mas entrou em contradição com a narrativa dos anos em que eles não "botavam roça" por conta da seca. Depois ele conta sobre o transporte, que levava mais de uma hora de pau-de-arara – ou o dobro na época de chuva –, sendo esta a condição que teria que enfrentar para estudar os anos finais do Ensino Fundamental.

O que foi notório nesses depoimentos é que, apesar de suas trajetórias apontarem para dificuldades internas ao processo educativo, as explicações que eles apresentam para o fato de terem parado de estudar referem-se a problemas individuais, ou se reportam a fatores externos à escola, ignorando as dificuldades dentro da escola, que leva à reprovação constante e, conseqüentemente, à desistência, quando todo o

esforço empreendido não foi recompensado pela progressão no sistema escolar, como constatou Madeira (1997).

A questão das distâncias entre as localidades e a sede do município também pode provocar o retardamento da trajetória escolar em razão da falta de transporte para o deslocamento, como aconteceu com Kelly, jovem moradora do Puiú. Puiú conta apenas com escola que só oferece as primeiras séries do Ensino Fundamental. A partir da 5ª série, a alternativa é de estudar na cidade. Kelly ingressou na escola com mais de 8 anos de idade, justamente para evitar que ela fosse estudar na cidade antes de completar 12 anos. Ainda assim, sua mãe considerava-a muito nova para enfrentar diariamente uma hora sobre um pau-de-arara para estudar. Ela contou sobre quando repetiu o ano porque o motorista, dono do caminhão, ficou muito tempo sem receber o pagamento pelo transporte e deixou de levar os alunos à escola dois meses antes de terminar o ano letivo; e a escola, sem abrir mão de seus prazos e ritos, reprovou os alunos "faltosos". Outro ano, para não acontecer o mesmo, os alunos pagavam R$ 3,00 por dia que utilizavam o transporte para poderem ir à escola. Também contou sobre as noites de frio que passavam no inverno na boléia do caminhão, a esperar que as águas dos riachos temporãos baixassem para o caminhão poder passar.

Devido a essas dificuldades, algumas famílias com um pouco mais de recursos mudam-se para a cidade ou para um lugar mais acessível a fim de proporcionar melhores condições para seus filhos estudarem. Este foi o caso das famílias de Joana e de Alice, que deixaram o sítio para morar na Agrovila IV; da família de Nilton, que trocou a casa na Agrovila IV com a casa em que morava o avô, na Agrovila I, junto à cidade, para que ele pudesse freqüentar o Ensino Médio, como também é o caso da família dos irmãos Vando e Evaldo, que deixou o sítio à beira do açude e se mudaram para a cidade quando tiveram que fazer o Ensino Médio.

Márcio também mora muito distante da cidade, no povoado Poço-do-Boi. No entanto, narra orgulhosamente como superou as dificuldades que enfrentou para estudar na cidade, e como se tornou um dos alunos pioneiros no transporte dos estudantes naqueles anos finais da década de 1990:

> Eu comecei praticamente logo no início desse transporte de aluno. Aí começou muito cheio, muito cheio mesmo o carro ia. Saia daqui de 5 horas da tarde pra ter aula 6 horas. A gente começou e começou a passar de ano e já começou as coisas a melhorarem, mas assim mesmo sempre pro lado dos alunos era apertado o lugar no carro. A gente passou da F10 que era 14 alunos e passamos pra uma D20. Aí com a D20 passou pra 28 alunos. Andava 28 alunos em cima de uma D20. Era muito cheio, cheio que era gente que andava pendurado. Mas com o passar dos anos a coisa foi começando a melhorar e começamos com uma F4000, um caminhão. E a turma sempre aumentando todo ano, e todo ano aumentando muito mais aqui. E graças a Deus eu não me arrependo não. Porque me esforcei e graças a Deus consegui. Se eu tivesse desistido no meio do caminho tava pior. Aí eu fui trabalhar em Arcoverde. Passei 2 anos trabalhando fora, aí me atrasei um pouco, mas depois recuperei e consegui terminar. *(Márcio, 25 anos, agricultor, Poço do Boi, Ensino Médio completo)*

No caso de Márcio, é evidente, em sua narrativa, a associação entre o esforço e a recompensa do esforço envidado, com a progressão no sistema escolar. Para Márcio, como também para Nilton, jovens com trajetória escolar bem-sucedida, a migração temporária foi motivo de atraso na escolarização, mas não foi motivo suficientemente forte para que abandonassem os estudos antes de completar o Ensino Médio.

Márcio, assim como Julio, é agricultor, pescador e criador de caprinos e ovinos. Ambos moram muito distante da cidade, mas cada qual teve uma trajetória escolar bem diferente. Márcio e Nilton completaram o Ensino Médio, mas Caio Neto e Julio pararam nas séries iniciais do Ensino Fundamental. À semelhança de Caio Neto, Nilton também é agricultor irrigante. Ambos têm na cultura da banana a principal fonte de renda, além de milho, feijão e outras culturas também voltadas para o autoconsumo. Ambos moram na Agrovila 1, localizada na zona urbana da cidade. Então, apesar de

compartilharem situações sócio-econômicas, culturais e geográficas bem semelhantes, as trajetórias escolares desses quatro jovens apontam para dois sentidos diferentes.

Enfim, esses 4 jovens vivem num contexto sócio-cultural bem semelhante. Até mesmo partilham valores comuns: entre os 4 há o reconhecimento da educação familiar como a que ensina o trabalho, o respeito, a responsabilidade, enfim, valores e comportamentos adequados e dignos segundo uma ética do trabalho de inspiração cristã; há a mesma valorização da família, do trabalho e da terra como valores éticos imprescindíveis à pessoa. O capital cultural familiar, inclusive no tocante à escolarização dos pais, também os aproxima. No entanto Caio Neto e Júlio repetem as trajetórias escolares de seus pais, enquanto Márcio e Nilton não repetem a mesma trajetória escolar, embora continuem na agricultura. Como explicar essas trajetórias escolares tão diferenciadas em contextos tão parecidos?

Caio e Júlio não expressaram a necessidade de buscar novos conhecimentos para trabalhar na agricultura. Tudo o que aprenderam sobre agricultura teve origem primeiramente no conhecimento transmitido pelo pai ou avô e pela experiência de cada um – *apanhando é que se aprende*. Caio e Júlio foram "liberados" pelos pais da obrigação de estudar, cuja escolaridade é baixa, no caso dos pais de Caio, ou nenhuma escolaridade, como os pais de Júlio. Essa liberação veio depois de confirmada a trajetória malsucedida dos filhos na escola, como um reconhecimento de que o filho *não tem cabeça boa para os estudos*, como afirma Caio. E isto não era considerado como um problema pelos jovens, convencidos que estavam de que não precisariam ter mais conhecimentos para serem agricultores, ou para trabalharem na construção civil, como Caio, ou ainda como Júlio, cuja opinião sobre o campo é de que *esse é o lugar do fraco mesmo*. Em suas experiências, o saber escolar é secundário.

Em contraste com esses dois, Nilton e Márcio estudaram até completar o Ensino Médio. Nilton migrou para Guarulhos onde trabalhou em uma metalúrgica. Conseguiu esse trabalho porque tinha completado o Ensino Fundamental, senão não conseguiria. Márcio trabalhou na construção civil em Arcoverde, como carpinteiro e pedreiro, mas como autônomo e não empregado. Por conta dos cursos de associativismo que fez, Márcio foi convidado para integrar a diretoria de duas associações de produtores rurais. Márcio, repetidas vezes, utilizou a palavra conhecimento para falar de coisas que vem fazendo, diversificando as atividades. Nilton, que possui um lote no perímetro, desconfia de que a água poderá acabar novamente, o que poderia precipitá-lo, novamente, na aventura da migração. Embora de forma diferenciada, a escolarização ampliou as possibilidades de trabalho e melhorou as condições de suas vidas, deles, tornando-se significativa em sua existência.

Assim, é possível perceber nesses casos a influência das experiências individuais que cada um teve na vida escolar sobre as suas trajetórias educacionais. As experiências repetidas de reprovação e evasão marcam negativamente a visão de Caio e Júlio sobre a função e a importância da escolaridade na vida cotidiana. Sem desconsiderar as dificuldades enfrentadas para prosseguir nos estudos, quando o lugar de moradia é distante da escola e em contextos socioeconômicos que colocam os jovens em situações-limites em que é preciso lutar para "ganhar a vida", também é necessário levar em conta as dificuldades que se apresentam para permanecer no sistema escolar sem alcançar progressão, o que, muitas vezes, pode transformar a freqüência na escola em um exercício torturante de vergonha e frustração.

Felícia Madeira (1997) assinalou a necessidade de rever criticamente as interpretações que relacionam o fracasso escolar exclusivamente à pobreza, ou ao

contexto socioeconômico ou, ainda, a fatores culturais, desconsiderando aspectos internos ao sistema educacional. Sua crítica revela que estes estudos pecam por não estabelecer um diálogo com a área educacional e por não rever o significado da relação escola/trabalho na ótica das famílias carentes. Pesquisando as trajetórias escolares nas classes populares, essa pesquisadora chamou a atenção para o fato de que os alunos permaneciam em média 8,5 anos no sistema escolar, para avançar somente até a 4ª série, denunciando aqueles que não tratavam o fenômeno da repetência em suas causalidades internas ao sistema escolar (MADEIRA, 1997: 91). Como constatou essa autora, não é pequeno o esforço que as famílias pobres fazem para manter seus filhos estudando, enquanto, no outro lado, o sistema escolar não retribui esse esforço e ainda responsabiliza o próprio aluno ou a família pelo mau resultado do jovem na escola.

Embora haja correlação entre trabalho precoce e escolaridade precária, "um não explica o outro, e também não podem, linearmente, ser tomados um como solução do outro" (FRIGOTTO, 2004: 211). E também porque, por outro lado, entre as famílias das classes trabalhadoras, não são poucos os que alcançam uma boa formação escolar mesmo trabalhando, como foi o caso de Joana:

> Meu pai não queria na época, mas a minha mãe insistia. Ela queria que a gente estudasse. Isso eu me lembro muito bem. Aí a gente estudava nos horários que fosse de manhã a gente trabalhava de manhã e estudava à tarde se a aula fosse à tarde. Revezava os horários. Cansava bastante. Eu cochilava na escola que eu me lembro. Aqui, eu me lembro, daqui que eu cochilava bastante na escola. *(Joana, 27 anos, agricultora, Ensino Médio completo, mora na Agrovila 4)*

Neste depoimento, revela-se uma tensão que opõe gerações com expectativas e visões diferentes sobre a educação, atravessadas por relações de gênero. Uma tensão de gênero que opõe a tradição patriarcal à nova posição da mulher na sociedade e uma tensão na vida cotidiana que exige a conciliação entre a ordem escolar e a ordem

familiar organizada em torno do trabalho, determinado pela necessidade e coordenado pelo pai, que exigia o envolvimento das filhas.

A experiência escolar negativa pode ser manifestada por uma queixa comum entre muitos jovens: a rotina escolar desinteressante. Muitos depoimentos apontam para a vivência do jovem no sistema escolar como rotina, como obrigação mais do que como aquisição de conhecimento, como este, de um jovem de 18 anos que está cursando a 7ª série:

> Gosto *[de estudar]*. Só não gosto muito… porque também tem hora que... vixe Maria, dá vontade de desistir e deixar tudo pra lá e pronto. O estudo é bom, mas tem hora que o cara entra de 6:40 pra sair de 10 horas da noite... vixe Maria... não, aí eu digo... dá não... o cara fica aí esquentando na sala... eu vou pra rua e saio. Tem hora que quando eu me chateio... eu não vou ficar não. *(Everton, 18 anos, agricultor, Sítio Lagoa do Puiú, 7ª série)*.

Para Valter, que no começo dos estudos teve uma carreira escolar marcada por reprovações, desistências e brigas na escola, estudar era uma forma de *matar o tempo*, numa época em que não havida nada o que fazer na cidade. Depois de muitas idas e vindas, depois de ter vivenciado uma experiência educativa não-escolar, freqüentando o curso de Agente de Desenvolvimento Local, Valter redescobre a escola, de forma crítica. A escola, que antes era lugar de encontro, passa a ser reconhecida como lugar de construção do conhecimento, ainda que deficiente em suas práticas pedagógicas descoladas da vida.

> Antes eu tinha vontade de estudar *véio*, assim, estudar que eu quero dizer... tinha vontade de... porque eu via os caras dando aula, fazendo cursos né, fazendo uns cursinhos, lá na universidade mesmo, pelo SEBRAE, pelo SENAC, de piscicultura, criação de galinha, um monte de coisa. [...] Quando partia pra escola bicho, eu não gostava do jeito que a escola dava aula. Desde pequeno que eu tenho isso, não gostava do jeito que a escola dava aula, das matérias, português num sei o que, nunca gostei. Porque nos cursos você trabalha português e trabalha todas as matérias né? Trabalha junto pô, trabalha, sente prazer em estudar. A escola não oferecia isso. Era... uma suposição, tem português, aí você estuda, se fode, aí, quer saber? Não tinha nem incentivo pô, nenhuma coisa, nenhuma

> atração que fizesse você querer estudar. Aí era isso. Hoje é isso também que a galera vê, é por isso que a galera não sente entusiasmo, não sente entusiasmo em estudar. Mas aí quando partia pra fazer curso pô, tinha uma vontade da porra de estudar biologia, gostava muito, gosto agora, muito, de animais. Aí tinha vontade, mas aí, a galera depois dizia, "olha, pra depois você fazer biologia, tem que estudar, numa escola", e aí eu ficava irado com esse negocio de estudar na escola. Não gostava. *(Valter, 19 anos, agricultor, sitiante, aluno da 8ª série)*.

Valter começou a encontrar as articulações entre o conhecimento e o "saber fazer" da agropecuária, começou a participar mais ativamente das aulas. Antes rotulado como "aluno-problema", causador de muitas ocorrências de brigas na escola, notas baixas, reprovações e desistências, Valter contraria as expectativas que muitos professores e gestores constroem a partir desse olhar viciado que lê na ficha escolar e, até mesmo na aparência, o "perfil" do aluno, antes mesmo de ter uma relação mais próxima com ele.

Também para Pedro, a escola tornou-se um campo de batalha pelo conhecimento:

> Os professores... às vezes eu gosto muito de entrar em debate na sala de aula, por causa das experiências que eu já tive no SERTA, naquela formação [...]. Eu sou um pouco critico também. Gosto muito de criticar, principalmente na escola. Professor que não quer ensinar eu pego no pé. [...] Eu nunca vou ficar como antigamente não. Todo dia a gente adquire um conhecimento, todo dia a pessoa aprende alguma coisa e vai se desenvolvendo. *(Pedro, 20 anos, educador social, completou o Ensino Médio, morador da cidade)*

O conhecimento pelo qual eles batalham não é instrumental, não é conhecimento profissional, voltado ao mercado, não se aprende decorando formulas e datas. É um conhecimento para a vida, por isto não está distante da realidade. O que eles demandam é que a química, a biologia, a física e todas as outras áreas do conhecimento expliquem o mundo em que eles vivem e com isto, que ofereçam condições para serem utilizadas por eles, na vida real, fora dos livros, das provas, do vestibular.

Outros jovens entrevistados também buscam conhecimento, mas com outras motivações. Para Kelly, estudar é o caminho para sair do Puiú, "esperando emprego lá na cidade [...] porque aqui, se for ficar aqui, não tem perspectiva de vida". O estudo é só o primeiro passo. É preciso acionar os parentes e conhecidos que moram em outros lugares para conseguir trabalho, ou pelo menos apoio oferecendo-lhes abrigo durante o período de procura de trabalho. Mas, se a escolarização é encarada como passaporte para sair, a falta de possibilidades reais para realizar esse intento pode gerar uma motivação negativa para o estudo, como essa jovem contou sobre amigas que pararam de estudar, e que justificaram a opção citando os casos de jovens que já terminaram e que vivem ali sem trabalhar. É o mesmo que Tito também expressou sobre jovens de Moxotó, onde ele vive:

> muita gente lá fala também que os jovens são mais interessados por cachaça do que por… É mais interessado por cachaça do que pelos estudos. Alguns, porque a maioria dos jovens lá são atrasados na escola, a maioria. [...]já muita gente lá que eu vejo falar assim que o cara que planta melancia, dá pra o cara sobreviver sem precisar estar se preocupando com estudo nem nada não. *(Tito, 17 anos, agricultor, Moxotó, 3ª série Ensino Médio)*

Assim, tomada sob essa ótica instrumental, de meio para conquistar um fim "maior", para sair da agricultura, ou para migrar, a educação escolar passa a ser, para alguns, desinteressante, porque uma vez que não alimentam a perspectiva de retirar-se da agricultura nem reconhecem outro sentido que "justifique" o investimento nela. Essa posição é reforçada, involuntariamente, pelos que investem nessa perspectiva de estudar para migrar.

Mas em meio à dinâmica de um processo de desenvolvimento, a educação pode ser acionada como diferenciador em qualquer local. É assim que a jovem Kelly olha para a "fábrica de água mineral" instalada, não há muito tempo, no povoado de Puiú,

embora esta não faça parte do horizonte que ela imagina para si. Se a educação, entendida numa dimensão restrita de qualificação para o trabalho, pode ser considerada desnecessária para a vida local onde predomina a agricultura, ela pode, mesmo assim, ser considerada necessária para propiciar as oportunidades que uma dinâmica de desenvolvimento mais descentralizado possa gerar no local. Isto se percebe no discurso da jovem Rosa, de 19 anos, que havia retornado de um período de trabalho em São Paulo:

> Quando você trabalha na agricultura nem precisa tanto você ter o estudo completo. Nem por exemplo, se você sair daqui pra Arcoverde, esses lugares assim que não são tão grandes. Mas se é uma empresa, não vai deixar de pegar uma pessoa estudiosa. Ela pode ter a experiência que ela tiver, mas se ela não tiver o estudo, por exemplo, que eu tenho, não vai deixar de pegar eu que tenho estudo pra pegar ela. Por isso que hoje em dia a melhor coisa que um pai dá pra um filho é o estudo. *(Rosa, 19 anos, agricultora, Agrovila 1-cidade, 3ª série Ensino Médio).*

Percebe-se que, nas narrativas das trajetórias escolares entram em cena diferentes situações e visões sobre a educação e sobre a relação entre a escolarização, o cotidiano e perspectivas de futuro dos jovens que vivem no campo e na cidade, e que estudam, em sua maioria, na cidade. Para uns, a educação escolar deve ser instrumental, voltada para o mercado e, conseqüentemente, toma o *status* de passaporte para o mundo. Para outros, a educação escolar é pouco significativa, embora sempre considerada importante, mas, na prática, sua importância fica restrita ao acesso à cultura letrada; enquanto que a educação "de casa", aquela que ensina a viver – trabalhar com dedicação e ajuntar com honestidade –, é o modelo que fornece o conhecimento importante para a vida. E ainda, para outros, a educação escolar é vivenciada como uma das principais vias na construção do conhecimento e na consolidação do reconhecimento de si pela sociedade.

Como uma das principais instituições socializadoras dos indivíduos na sociedade moderna, a escola faz parte do arsenal de possibilidades que essa mesma sociedade oferece para formar os jovens e, simultaneamente, dá-lhes a possibilidade de criarem expectativas de satisfação pessoal. Mas também a escola, ao contribuir para ampliar o conhecimento e as possibilidades de desenvolvimento das capacidades individuais, contribui também para aumentar as possibilidades de frustração das pessoas, quando se confrontam com as situações de trabalho que não aproveitam, nem oferecem possibilidades para que desenvolvam talentos que não forem instrumentais do trabalho (ELIAS, 1994b). A forma através da qual a experiência escolar será vivida terá muitas variantes devido a estruturas objetivas, ou condições subjetivas, conforme os casos, mas certamente influenciará os projetos e possibilidades para o futuro de cada um.

As análises desses depoimentos demonstram a insuficiência das explicações sociológicas que relacionam as trajetórias escolares à posição do grupo social – a localização geográfica; a pobreza; a associação entre trabalho e escola; a tradição familiar letrada ou iletrada; as relações de gênero. À distância e à luz de novos estudos sobre a escolarização, especialmente sobre as razões do fracasso e do sucesso escolar nos meios populares, a exemplo dos estudos de Charlot(2000) e de Lahire (2004), que apontam que as explicações sociais baseadas em termos de diferenças de "capital cultural" e de *habitus* familiares na explicação dos fatores que levam ao fracasso ou ao sucesso escolar são insuficientes para dar conta da diversidade de situações empíricas.

Essas críticas falam das insuficiências das explicações baseadas na teoria de reprodução social, no entanto, não menosprezam as influências das condições de vida e dos universos simbólicos das famílias sobre as experiências escolares de seus filhos, mas apontam que seus limites são transpostos pela ação dos sujeitos criativos.

Para aqueles que moram distante da cidade, por exemplo, o transporte escolar precário é um dos fatores que interferem na experiência escolar. No entanto, as trajetórias escolares desses jovens mostram que, dentro de um mesmo grupo social, e até mesmo no âmbito de uma família específica, as trajetórias são distintas seja em relação às gerações passadas, seja em relação aos indivíduos da mesma geração. Essas trajetórias mostram jovens que apreenderam as regras da instituição escolar, as formas de estudar e progredir, as formas da relação específica do aluno com o universo escolar – os professores, os livros, as avaliações, os colegas. Enfim, elas mostram exemplos de variações individuais em configurações semelhantes, onde alguns aprenderam uma forma de sair-se bem, enquanto outros vão muito mal. É isto também mostra a pesquisa de Lahire (2004) sobre o sucesso escolar em "contextos desfavoráveis".

Os depoimentos dos jovens que resistiram e ainda resistem dentro do sistema escolar também ecoam nos discursos dos que desistiram de estudar: a falta de sentido na aprendizagem de conteúdos que, pela forma como são ensinados, parecem não ter relação com a vida atual; o tédio das longas horas vividas em estruturas sem recursos e avessas à interatividade; o cansaço de quem é obrigado a enfrentar duras condições para poder estudar e não consegue progredir nesse sistema; as frustrações que vêm de constatar que os que estudaram estão por aí "sobrando", quando se espera que o estudo seja uma forma de não "sobrar".

Assim, mesmo nos discursos dos jovens que estão na escola, pode-se perceber o porquê de muitos jovens apresentarem baixa escolaridade, suprindo a falta, nesta pesquisa, de depoimentos mais contundentes desses jovens com baixa escolaridade. Para conhecer o sistema escolar, são os que permanecem na escola que forneceram os elementos para essa análise que fiz.

4.2.4 - Os projetos para jovens: lugar em que os jovens podem socializar o mundo

O «lugar», como foi abordado aqui, é fruto de relações históricas, econômicas, culturais e políticas que se desdobram no seu interior, de entrelaçamentos entre as relações sociais locais e as relações com a sociedade maior. Nos dias atuais, também pesa a presença ou ausência de projetos sociais, tornando-se este um fator de diferenciação e de alteração do campo de possibilidades de cada lugar (NOVAES, 2006: 112).

Ibimirim, como já foi visto no segundo capítulo, tem uma historia marcada pelo afluxo de pessoas e instituições que vieram desenvolver os projetos governamentais da construção do açude e da implantação do Perímetro Irrigado do Moxotó, obras que trouxeram grande movimentação de recursos e pessoas. A história dessa "terra de migrantes", como a definiu um dos moradores que nasceu no Poço da Cruz, filho de um desses trabalhadores que ali chegaram para construir o açude, é marcada pelas intervenções vindas "de fora". Mesmo no apogeu da produção no perímetro irrigado, eram as agroindústrias instaladas nas cidades de Pesqueira, Belo Jardim, Arcoverde e Custódia que determinavam quantidades e preços da produção, gerando tensões e conflitos, mas também contentamentos em muitas pessoas que ainda se referem a essa época como *o tempo da prosperidade*. Depois, com a derrocada do projeto de irrigação, Ibimirim viveu um período de ostracismo, de fechamento, que se refletiu no crescimento negativo da população durante 10 anos.

Com a retomada do projeto de irrigação que se inicia em 2004, Ibimirim voltou a incluir-se na agenda de interesses externos. Neste período de 2004 até 2007, novas organizações sociais entraram em cena no agenciamento das famílias de agricultores e especialmente dos jovens. São organizações não-governamentais que passaram a

realizar serviços de formação para o trabalho, primeiramente com recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador, gerido pelo governo federal.

As primeiras organizações chegaram a Ibimirim com essas tarefas específicas, sem criar relações mais sólidas para se fixar, atuando mesmo como prestadoras de serviço ao governo. Mas, em meados de 2005, chegou uma ONG que viu em Ibimirim uma oportunidade para ampliar um trabalho que vinha desenvolvendo com jovens do campo e da cidade em outros municípios pequenos localizados na Zona da Mata. Essa ONG é conhecida pela sigla SERTA (Serviço de Tecnologia Alternativa) e, desde 1999, fixou-se em Glória do Goitá, financiada por uma parceria entre fundações empresariais, governo do estado e governo federal. Alí, no lugar chamado Campo da Sementeira, essa organização ocupou, recuperou e instalou seu projeto de formação de jovens Agentes de Desenvolvimento Local, em um conjunto de edifícios que fora construído pelo governo federal no início dos anos 1990 para ser uma escola agrícola, mas que fora abandonado com as instalações concluídas, sem nunca ter funcionado. O conjunto de prédios foi depredado ao longo dos anos e a sua recuperação e transformação em um centro de ensino de agroecologia e também de tecnologias de informática e comunicação social – produção de vídeos e rádio comunitária –, possibilitou a vivência das idéias centrais que embasavam o projeto de formação de ADL: o empreendedorismo e o protagonismo juvenil como alavanca do desenvolvimento para gerar projetos econômicos, sociais e culturais que fossem liderados por jovens.

Trago esta história anterior porque foi justamente pela "descoberta" de outro conjunto de prédios abandonados que o SERTA procurou apoios para implantar o seu projeto em Ibimirim, desta vez para ocupar as Oficinas do DNOCS, construídas na década de 1930 e ampliadas na década de 1950 para a construção do açude e que se

encontravam na maior parte abandonadas, exceto pela presença de um núcleo de extensão da Universidade Federal Rural e da Associação de Apicultores.

No curso de ADL, além das idéias centrais de empreendedorismo e protagonismo juvenil, é dado o foco a um tema central que permeia todos os módulos: o desenvolvimento local sustentável, baseado no aproveitamento dos recursos locais, e no desenvolvimento de tecnologias de baixo custo e fácil aquisição para gerar comunidades mais autônomas. Daí, a ênfase na agroecologia como alternativa não poluente e emancipadora para o agricultor, visto que diminui a utilização de insumos industriais na produção agrícola. O curso é modular e o ciclo completo constitui-se de módulos de agroecologia, informática, apicultura, piscicultura, informática, expressões culturais, direitos e cidadania, elaboração de projetos e empreendedorismo.

O SERTA conseguiu do Governo do Estado de Pernambuco, através da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio ambiente, o reconhecimento desse seu projeto em Ibimirim como parte do sistema de formação profissional do estado, ganhando o estatuto de Centro de Formação Técnica da Agricultura Familiar (CTAF). Já foram formadas duas turmas de ADL, com jovens de Ibimirim e de vários municípios do entorno, num sistema chamado de alternância, com períodos concentrados de estudo, quando os jovens ficam em regime de tempo integral no CTAF, e momentos de atividades no próprio município. Mas também há cursos que são oferecidos para toda a comunidade, como o de técnicas de compostagem e o de informática, que atraem muitos jovens.

Entre os jovens entrevistados, 9 fizeram o curso de ADL – Alice, Daiane, Evaldo, Vando, Joana, Pedro, Ranulfo, Kelly, Rita e Valter. O curso todo tem a duração de 18 meses, o que faz com que alguns jovens não consigam manter a freqüência desejada, como foi o caso de Kelly, que mora no Puiú. A escolha dos

jovens foi feita através de um processo de seleção realizado que contou com a participação de representantes de associações locais, sindicatos de trabalhadores rurais da região, mas também foram admitidos jovens indicados, por "líderes locais", que, pelo que entendi, foi uma forma de agradar pessoas importantes para o projeto. A escolaridade mínima que foi exigida inicialmente era estar cursando o Ensino Médio, mas foi baixando até aceitar quem cursava a 7ª série. Foram privilegiados os filhos de agricultores, embora alguns jovens tenham feito o curso mesmo não o sendo.

Mais ou menos nessa mesma época, entre 2005 e 2006, foi formada uma ONG local, a Associação Umburanas do Vale do Moxotó, voltada para as questões da preservação ambiental e da produção e difusão cultural, com ações direcionadas para os jovens, principalmente os moradores da cidade de Ibimirim. A Umburanas desenvolve ações de educação ambiental, reflorestamento de espécies nativas – entre as quais a Umburana, árvore que dá uma madeira mole muito utilizada para fazer santos, atividade que reúne umas dezenas de santeiros na cidade –, arborização da cidade, para as quais mantém uma sementeira onde também é feita a compostagem de lixo orgânico; tem também uma biblioteca, um "cinema" – na verdade, uma sala de projeção de filmes em DVD –, mantém um programa na rádio comunitária e, mais recentemente, montou uma oficina de marchetaria, produzindo objetos de decoração para residências, utensílios de escritório, móveis e tamancos femininos – que são comercializados principalmente em feiras de artesanato –, na qual reutiliza galhos de árvores e arbustos podados e restos de madeiras utilizadas pelos santeiros e marceneiros da cidade.

Na Umburanas, entrevistei Jessica e Malcon. Ela, coordenadora do projeto de marchetaria e educadora; ele, jovem da comunidade. Há outros jovens que participam voluntariamente desenvolvendo ações de educação ambiental, ou como monitores na

biblioteca e no cinema, outros que são encaminhados pelo Conselho Tutelar para cumprir medidas sócio-educativas; e também são jovens os coordenadores, educadores e assistentes que atuam em todos os espaços que a ONG mantém na cidade. Em 2007, a CHESF financiou o projeto de construção do Centro de Educação Ambiental que engloba uma propriedade onde já existe a sementeira e a compostagem, onde estavam construindo salas para abrigar a administração, a biblioteca, o auditório para cinema e a oficina de marchetaria, reunindo num só lugar o que vem sendo desenvolvido em várias partes da cidade.

Seja no SERTA, seja na Umburanas, não são apenas jovens pobres que participam de suas ações, mas são esses os mais numerosos. Para os jovens, participar dessas ações cria um diferencial entre eles e os outros. Novas oportunidades podem ser articuladas a partir desses projetos. Alguns jovens que participam do SERTA são enviados para congressos, encontros e seminários, em âmbito sub-regional, estadual, regional ou nacional. A Umburanas também desenvolve esta prática, embora tenha menos recursos financeiros e capital social para fazê-lo, uma vez que atua localmente, enquanto o SERTA atua no estado e, há algum tempo, extrapola suas fronteiras para levar sua experiência a outros projetos de apoio a jovens e à agroecologia em outras partes do Nordeste e do Norte do país.

Através da participação nessas organizações, alguns jovens marcam presença, ou se tornam membros, de conselhos e fóruns em seus municípios onde, e com isto também participam de reuniões estaduais e nacionais, assumindo posições de representação institucional, ainda que, internamente, isto não implica em ascensão às instâncias deliberativas das organizações representadas por eles.

A forma pela qual os jovens entronizam esses processos formativos pode ser percebida nos discursos deles. Para os jovens ADLs formados pelo Serta,

desenvolvimento é a palavra-chave, e um desenvolvimento fundamentado na revalorização do agricultor e de uma agricultura que representa o "resgate" de um saber mais antigo, anterior à «revolução verde» que, desde os anos 1960 vem poluindo a terra e a água com fertilizantes e defensivos químicos, porém, atualizada, contemporânea ao jovem atual, que se diferencia das gerações mais velhas que praticavam queimadas antes de plantar. Esse saber novo vem revestido da juventude que o toma como bandeira e que é estimulada a convencer os pais a abandonarem uma tradição mais recente, essa da «revolução verde», para aderir à agroecologia, o que, geralmente transforma-se em mais um ingrediente no caldo de tensão entre pais e filhos quando os primeiros não aceitam a introdução de novidades na forma como administram o negócio.

Na Umburanas, que se volta especialmente, mas não exclusivamente, para os jovens que ali residem, o que mobiliza os jovens é o discurso ecológico que, no ambiente rural, focaliza a destruição da caatinga pelos carvoeiros ou fazendeiros que cortam as espécies nativas, e a disseminação de espécies exóticas, como a algaroba, que se prolifera à revelia da ação humana direta, tornando-se dominante em vários lugares a ponto de inibir o desenvolvimento de espécies nativas. Na cidade, a crítica é dirigida aos santeiros que desenvolvem esse artesanato tradicional em Ibimirim, por utilizarem madeira sem jamais plantar uma árvore, sendo responsabilizados pela quase extinção da umburana na região – a madeira, outrora abundante no Vale do Moxotó, só é encontrada em outros sertões mais distantes. Também criticam o paisagismo urbano feito com espécies exóticas e a falta de áreas verdes destinadas ao lazer na cidade.

Para os jovens que participaram das ações das ONGs, a importância dessas oportunidades está na ampliação dos conhecimentos, tanto os conhecimentos práticos,

como resultado do aprendizado de técnicas específicas, quanto o conhecimento mais geral, de formas de pensar e ver o mundo.

> [...]diziam assim pra gente: "seja responsável por si próprio, nunca tenha medo de fazer". Aí eu fui aprendendo. Aí eu comecei a administrar, porque quem administrava mais era mãe. [Mãe] Comprava o leite, a gente vendia, e ela fazia todos os contatos. Aí depois eu comecei a pensar em ser responsável por si próprio, de nunca ter medo de fazer e fui trabalhando. Agora eu sou administradora. Ela [a mãe] de vez em quando dá um conselho, avisa e tal, ajuda, orienta, mas eu administro. Depois do Serta a minha cabeça mudou muito. Porque eu aprendi a ter responsabilidade (Rita, 19 anos, agricultora, Agrovila 1-cidade)

> Às vezes as pessoas falam: "o Serta fez sua cabeça pra você gostar dessas coisas". Isso o povo fala aí né, mas não é não. Eu também penso às vezes e paro: será que foi isso mesmo? Será que eu estou sendo... o pessoal tá mudando as minhas idéias. Mas não, eles em momento nenhum falaram vá faça isso, faça aquilo, isso não. Eles ensinaram a gente a ter mais… eles ensinaram a gente a olhar mais pra nosso interior. Saber o que se passa na nossa cabeça, assim, raciocinar mais, refletir mais. Eu passei a refletir. (Evaldo, 20 anos, digitador, mora na cidade.

No depoimento de Rita, jovem que beneficia e vende leite e derivados, o conhecimento trabalhado nos projetos das ONGs se manifesta em dois níveis: como conhecimento técnico, e como conhecimento de si. Este último também aparece no depoimento de Evaldo. Os processos formativos e outras ações desenvolvidas para os jovens, filhos ou não de agricultores, tem se pautado pelo objetivo de oferecer oportunidades para a ampliação do universo cultural, sendo, por isto, valorizados pelos jovens, que não se furtam a participar.

Esses projetos para os jovens do campo e da cidade do interior provocam efeitos similares nos projetos com jovens da periferia das grandes cidades: produz mediadores e situações mediadoras que serão protagonizadas por jovens. Também trazem efeitos para os processos políticos partidários. Pelo menos três jovens foram candidatos a vereador nas ultimas eleições. Isto pode ocorrer sempre, porque os partidos, em busca de votos, procuram jovens que aceitem ser candidatos, mesmo que seja para constar, mas um desses jovens era apoiado por grupos de jovens de 3

agrovilas, e a sua candidatura mobilizava os jovens em torno da discussão de um projeto político, ainda que pela via tradicional do partido, caminho que não é muito aceito entre os jovens.

Esta dimensão da valorização da juventude na vida política tem levado questionamentos também ao movimento sindical. Durante a pesquisa, entrevistei Cintia, a jovem Diretora para Assuntos da Mulher e da Juventude do Pólo Sindical dos Trabalhadores Rurais do Submédio São Francisco. Ela narrou que faz pouco tempo que o movimento sindical abriu oportunidades para os jovens, promovendo ações culturais e esportivas, tratando de ecologia, de agroecologia, de turismo rural e ecoturismo. Isto mostra uma mudança na agenda sindical local, tradicionalmente voltada para discutir duas questões centrais: a questão dos assentamentos dos agricultores desterrados na construção das barragens e hidroelétricas, e a questão dos aposentados. Mas isto é um processo que ainda está longe de ser consolidado. Como ela disse:

> A gente quer mudar a metodologia de intervenção. Queremos trabalhar com os lideres dos sindicatos para abordar novas questões. Deixar de trabalhar com assentamentos, para trabalhar as questões da agroecologia, da mulher, do jovem, da cultura. Hoje o sindicato só pensa a previdência social e a questão dos assentamentos. É claro que tem muitas coisas a fazer nos assentamentos, a luta ainda não acabou. Mas se ficar só nisso, como é que o jovem vai se interessar pelo sindicato? [...] Os sindicatos indicam os jovens para participar dos cursos, das oficinas, das gincanas, do Festival de Cultura e da Olimpíada que o Pólo organiza. Nossa forma de atuar é junto com os sindicatos. Aí reunimos muitos jovens, muitos mesmo. Mas quando acaba a ação, cada qual vai para o seu canto, eles não ficam nos sindicatos. *(Cintia, 25 anos, diretora do Pólo Sindical).*

O depoimento mostra a dificuldade de manter os jovens nos sindicatos, mas situa essa dificuldade na relação entre o sindicato – que limita sua atuação aos temas citados – e o jovem – que desaparece assim que termina a ação. Isto já é um avanço em relação a um discurso também presente no movimento sindical, sobre o jovem como

alguém desinteressado e não participativo. Essa participação seletiva do jovem tem a ver com o tipo de ações para as quais é convocado.

O jovem participa quando as ações estabelecem um diálogo menos sectarizado no que diz respeito às questões do assentamento, que conecta a agricultura e a vida do agricultor jovem às questões mais amplas da sociedade, tais como às de gênero, sexualidade, drogas, desenvolvimento. Ele participa das ações culturais e esportivas, de festivais e competições e de cursos de formação em agroecologia. Consultei vários boletins e outros materiais impressos editados pelo Pólo Sindical –, com o apoio de organizações não-governamentais ligadas às igrejas, como Koinonia (RJ), Cese (BA) e Diaconia (PE) – que documentam com fotos, textos jornalísticos e produções dos próprios jovens que ilustram as formas como os jovens participam dessas ações e as valorizam.

A questão da participação "seletiva" dos jovens deve ser pensada, então, como rejeição ao conjunto de regras que as gerações mais velhas estabeleceram como adequadas ao fazer político (ELIAS, 2005a: 243). Isto novamente permite compreender a dimensão social do conflito de gerações, uma vez que as estruturas criadas ainda resistem à inovação que seja estrutural, criando atividades para os jovens que eles, os adultos, consideram como culturais, de lazer, mas não como políticas, e mantenedoras das velhas estruturas que confinam a política às formas e às temáticas já desgastadas. Desta forma, não conseguem compreender que o distanciamento, a ação explosiva que depois se retrai, fazem parte da dinâmica da juventude contemporânea, que possibilita criar identidades e identificações imediatas, momentâneas, que podem ser alteradas, reconfiguradas. De uma época em que a comunidade pode ser inventada sem uma territorialidade, que os laços comunitários perdem força diante da competição com os laços identitários (BAUMANN, 2003).

As organizações não governamentais têm a vantagem da flexibilidade. Seus projetos vão se alterando para atender às necessidades, sejam as internas às organizações sociais, geradas por ocasião das tensões políticas que acomodam disputas entre grupos que divergem quanto aos objetivos e estratégias institucionais; sejam externas, para atender a pautas definidas por financiadores, ou para atender demandas que vêm dos grupos sociais mais próximos.

Essas organizações contribuem para colocar o jovem em cena. Nas cidades onde atuam, trazem os "jovens da periferia" para o cenário das políticas publicas e, no campo, fazem isto com os "jovens rurais". No meio rural, buscam construir uma identidade sobre um conjunto de "evidências empíricas" que extrapolam, sem excluir, a questão fundiária e agrícola, seja porque entre esses "rurais" há uma parcela que mora nas cidades pequenas – filhos de agricultores ou não –, seja porque as suas demandas, os seus desejos e sonhos também incluem coisas do urbano, que fazem parte do universo do "jovem rural", que quer estar conectado no mundo.

Ao contribuir para ampliar o universo cultural dos jovens e do conhecimento de tecnologias alternativas de produção, essas organizações ajudam a valorizar o papel que os jovens desempenham em suas comunidades, ou que podem desempenhar quando são dadas oportunidades. Elas são novas agências de socialização que atuam articuladas às agencias tradicionais, principalmente a escola e a família, mas que trazem inovações pedagógicas, políticas e culturais para os jovens desses lugares, ampliando as oportunidades de aprendizado e de sociabilidade.

Apesar de também serem marcadas por hegemonias e conflitos internos, ainda assim oferecem um espaço de manobra para o jovem atuar. Na disciplina interna, por exemplo, é comum que as normas sejam constituídas no debate com os jovens, resultando num "contrato de convivência" feito através de repetidas discussões

coletivas, o que coloca o jovem na condição de co-autor das normas criadas. Nessas organizações, os jovens podem melhor vivenciar o papel de socializadores, sentir que eles próprios também estão modificando aqueles que os estão ensinando. Esta é a dimensão sobre a qual Elias (1994b, 1997a) afirmou estar ausente quando se fala em socialização, que induz sempre a pensar nas forças que indivíduos adultos exercem sobre os mais novos e a ignorar a força que exercem sobre os adultos.

Também são espaços que criam novas redes de interlocutores, conectam jovens de várias partes, se não pessoalmente, através de intercâmbios e participações em eventos, virtualmente, através da internet, com jovens que compartilham ideais e interesses semelhantes. Assim, promovem oportunidades de encontros – presenciais e virtuais – entre jovens das periferias das cidades, dos diferentes mundos rurais e mundos urbanos do país, momentos em que eles se encontram, se reconhecem, percebem identificações, mas também fatores de diferenciação entre si. Esses encontros são possibilidades de conhecimento do outro e de si mesmo. Talvez esses encontros contribuam para o reconhecimento dos jovens como «juventude», ajudando a identificar o que há de comum entre eles. Mas também podem aprofundar as percepções das distâncias sociais vindas da impossibilidade de a «juventude» superar ou ignorar as diferenças e desigualdades de classe, de ideologia, de etnia etc.

Entretanto, as identificações podem surgir do compartilhar emoções, sentimentos, medos ou alegrias que fazem parte da época, por isso atravessam as fronteiras dos grupos sociais, tal como o "medo de morrer" dos jovens acuados pela violência na cidade e também no campo, como foi relatado aqui; ou o "medo de sobrar", de não conseguir um trabalho que lhes aponte as possibilidades de participar da sociedade de consumo, como afirmou Novaes (2007).

4.2.5 - A cidade pequena: lugar da síntese entre o mundo urbano e o mundo rural

"A rua" é a forma utilizada pelas pessoas que vivem na zona rural para se referirem à cidade. "A rua", para os jovens desta geração, é o "outro" lugar que ele vai freqüentar cotidianamente, depois que terminar a 4ª série e, devido à freqüência contínua, torna-se espaço estendido da sociabilidade do sítio e da vila. Na rua, os vizinhos mais distantes podem ser encontrados, os amigos e parentes que moram em pólos opostos do município. "A rua" é lugar de encontro, de namoro, de novas amizades, de fazer as pazes, e também de disputas, às vezes performáticas, envolvendo motos e carros e, namorados ou namoradas, exibidas como distinções. É lugar dos acidentes de moto que vitimam jovens alcoolizados. É lugar de ir quando não se tem nada o que fazer.

> Eu faço várias coisas: quando não estou estudando tô em casa lendo. Quando eu não tô lendo em casa vou dar uma volta na rua. Quando eu não tô dando uma volta na rua, tem uma festinha, vou pra festa, me divirto, não bebo, não fumo, sou uma pessoa totalmente na paz como dizem as pessoas. [...] Vou pra festa, brinco, danço a noite todinha, namoro e volto pra casa sossegado. *(Ranulfo, 18 anos, pedreiro, morador da cidade).*

Ranulfo mora na rua, como é o caso de 14 jovens entrevistados. Nem todos nasceram na cidade. É o caso de Evaldo, jovem de 20 anos de idade, que atualmente mora na cidade. Antes, residiu durante 7 anos na zona rural, boa parte deles em um sítio à beira do açude e sem luz elétrica. Até os 10 anos de idade, residiu em Maceió. Com uma memória formada de lembranças de lugares, sensações e experiências bem diferentes, da praia à caatinga, da cidade grande ao sítio isolado, a cidade pequena pode ser tomada como uma síntese de mundos diferenciados:

> [Em Maceió] Eu também gostava muito de ficar naquele meio, da gente brincar com os meninos lá da rua, conversar, estudava na escola, essas coisas não mudaram né? Só mudou as pessoas, mas o estilo não mudou. E eu gostava disso na cidade, de ir pra praia, de ir pro shopping, pro parque, andar na cidade com

> meus pais. E aqui gosto de… Eu mudei pra cá e agora, no momento é diferente né? [No sítio] Eu gostava de ficar com meus primos, pescar, nadar também no açude mudou o sabor da água, era salgada agora é doce. Mudou um pouco a agitação também mudou. Mas que eu gosto muito aqui é de nadar, pescar e aqui é melhor. Eu achei que aqui, na soma eu achei melhor. Lá tem essas qualidades, lá a gente se divertia no cinema, esse tipo de coisa, e aqui não tem. Mas lá também tem aquela correria aquela… você não tem aquela… aqui eu conheço todo mundo. [...] [Em Ibimirim, na cidade] Aqui eu ando na rua e falo com todo mundo. [...] eu falo mesmo porque eu gosto de conhecer as pessoas, gosto de ser amigo das pessoas. E aqui tem mais isso. Olhe, na rua, em todo canto eu conheço gente. Tem essa tranqüilidade, tem essa paz. E os meninos aqui, a gente somos mais irmãos do que lá. Lá eles são amigos somente, lá em Maceió a gente era assim, aqui não, aqui participa dos planos dos outros. Os meninos vêm aqui em casa e a gente planeja, se tem alguma dificuldade a gente combina " – Vamos fazer isto, fazer aquilo, vamos… ah, as coisas estão chatas não?", a gente muda alguma coisa, inventa alguma coisa, vai pra algum canto, vai, combina de ir pro sítio, faz um mutirão, de ir pro açude nadar um dia de domingo *(Evaldo, 20 anos, digitador, morador da cidade).*

As práticas de Evaldo em cada "cenário" são diferentes: em Maceió tinha a praia, o *shopping*, as idas ao cinema, os passeios urbanos de uma capital litorânea. No sitio, nadar, pescar, caçar. Na cidade de Ibimirim, ele pode passear com tranqüilidade, na paz, conhecendo muita gente – elementos ausentes das lembranças de Maceió –, mas também pode ir ao açude e ao sítio, que estão muito próximos de lá. As opções que Ibimirim oferece, embora não se assemelhem às práticas em Maceió, mantêm a mesma estrutura – os passeios, enquanto experiência de (re)conhecimento da cidade e seus moradores – e incluem, também as práticas do sítio.

Evaldo também discorreu sobre a "mistura" que acontece todas as noites em Ibimirim, à noite, quando dezenas de caminhonetes e caminhões chegam de várias partes do município trazendo os jovens para estudar. Essa mistura, na sua interpretação, é a diluição entre jovens rurais e jovens urbanos: só o conhecimento interpessoal é capaz de distinguir uns e outros, não há diferenças de estilos, disse ele. Morar no sítio, como ele morou, ou na agrovila, é diferente devido ao ambiente, pela tranqüilidade, pela maior proximidade da natureza, mas isso não torna o jovem

diferente. A dimensão da sociabilidade da cidade, com maiores oportunidades de encontro, planejados ou fortuitos, é ampliada a partir do maior afluxo de estudantes que vêm fazer as ultimas séries do Ensino Fundamental e o Ensino Médio na cidade, mas, no depoimento de Evaldo, pode-se entender que o jovem rural participa ativamente da sociabilidade urbana, ou melhor, ele também a pratica.

Mas o rural não está só na presença física dos jovens advindos da zona rural, está também nos jovens que, morando no urbano, tem no rural o seu espaço de trabalho.

> Porque o meu negócio e só ir e voltar, não morar. Eu não quero nada com agricultura em termos de morar. Porque não tenho paixão pra chegar a morar em zona rural não. É… vizinhos que não tem, o ambiente que eu não me acostumo. Fico onde tem pessoas, aqui na rua tem muitas pessoas. Lá não tem. Eu não gosto. Eu gosto de trabalhar na roça ganhar o dinheiro e voltar [...] Eu não quero moradia onde não tem nada. *(Jorge, 27 anos, agricultor, morador da cidade).*

> No sitio é cada um no seu... não tem assim... chegou de noite é cada um no seu.... [...] Eles são muito fechados [as pessoas do sítio].[...] Por que na rua é mais fácil. Faz um bico aqui, um bico lá, ajuda numa casa, ajuda noutra. *(Rita, 20 anos, agricultora, mora na Agrovila 1-cidade).*

Jorge é agricultor e apicultor. Na agricultura irrigada, ele expressa seu lado empresarial e pragmático: gosta da agricultura irrigada; com a banana, ganha dinheiro, mas quer fazer um concurso público, porque, segundo ele, Ibimirim só dá pra viver se for através da agricultura irrigada, ou como professor e funcionário público. Ele pensou em ser professor, como a mãe dele, mas trancou o curso de História e foi para a agricultura.

Rita foi criada na Agrovila 1, junto à cidade, e vai para a zona rural onde a família cria cabras e vacas. Ela e Rosa são responsáveis por beneficiar o leite e vender os produtos, andando pela cidade. Para as duas irmãs, o espaço de trabalho começa no sítio e continua na cidade. Para Jorge, o espaço de trabalho é somente o sítio; a cidade

é para a vida social. Rita gosta de ser agricultora e Jorge também, e os dois não querem morar na zona rural.

Mesmo jovens que não são agricultores também tem laços com o campo, por terem morado ali durante algum período de suas vidas, por terem parentes ou namorado(a) no campo. Esses reconhecem o campo como o principal lugar de trabalho, mas a cidade como lugar dos encontros com pessoas, conhecimentos e recursos, conforme os depoimentos:

> [o campo] atrai, mas eu não posso deixar a cidade para ir morar no campo nesse momento, porque estou estudando e também minha qualidade de vida não permite que eu deixe a cidade hoje pra morar no campo. Porque a gente precisa de recursos para trabalhar e eu tô trabalhando para captar recursos pra gente poder tá desenvolvendo, tá vivendo no meio da sociedade. [...] Sem querer contradizer uma coisa à outra, mas a vida no campo pra mim é muito melhor do que a cidade, é mais sossegado, o ar é mais puro, poluição é praticante quase nenhuma. *(Ranulfo, 18 anos, pedreiro, morador da cidade)*

> Eu moro na cidade agora... que já passei um tempo fora da cidade. É porque é difícil da pessoa acostumar. É um pouco assim, sabe... é meio… A pessoa andar de bicicleta e ver os amigos da cidade e conversar. E tá no sítio, assim, é muito difícil a pessoa sair à noite. Então é uma forma da pessoa se acostumar mesmo. [...] É trabalho, conversar, brincar, andar de bicicleta, jogar bola. [...] Cidade é espaço de conhecimento, de aprender com o contato, atrito com outras pessoas, coisas que falta no rural. Mas hoje os jovens rurais vem muito pra cidade, hoje é diferente *(Pedro, 20 anos, educador social, morador da cidade)*.

Ranulfo é um jovem integrante de família de agricultores, embora siga o pai que há muito tempo se dedica à construção civil. Mas ele tem a posse de uma terra, herança do avô, e mantém os laços com a agricultura. Sua aproximação com a terra foi reforçada depois que ele fez o curso de ADL, aprendendo várias técnicas que ele desconhecia, como consta no depoimento reproduzido anteriormente. Pedro também fez o curso de ADL, que despertou seu interesse para as questões do campo, através do exercício de pensar o desenvolvimento local. Essa forma de ver o campo como lugar de desenvolvimento, embora com outras fontes teóricas e com matizes diferentes,

encontra-se também no discurso de Jorge que relaciona a agricultura à noção de investimento.

Jorge espera pela transposição do São Francisco que, para ele, trará a segurança necessária para investir na agricultura, visualizando Ibimirim com um futuro parecido ao de Petrolina – até mesmo na produção de uva –, trazendo desenvolvimento à cidade que, na sua opinião, deixou de ser uma "cidade rural": *"Ibimirim era uma cidade rural. No passado era pequeno, era considerada pequena. Hoje ela é considerada uma cidade mediana que está em desenvolvimento"*.

Mas essa percepção da cidade como lugar de encontro, não é o principal aspecto, nem torna a cidade mais interessante para morar do que o campo, segundo alguns jovens. Márcio, jovem agricultor do Poço do Boi, disse que não se acostuma "em rua", mesmo tendo morado em Arcoverde, no tempo da última grande seca que castigou a região entre o final da década passada e o início desta. Esse Márcio é o mesmo que percebia a vida social do Poço do Boi como de "uma cidadezinha", antes do colapso do açude.

Há uma hierarquia de lugares embutida nessa forma de apreciar a vila e a cidade, que passa pelo tamanho e por sua relação com outros lugares de entorno. Poço do Boi era quase "como uma cidadezinha", por causa da feira bastante variada na época e por causa do comércio de peixe. Hoje, sem vida comercial e dependente de Ibimirim para o atendimento às necessidades da população, precisa recuperar "a vida" que tinha antes.

Essa hierarquia também está presente na experiência dos que migraram para as grandes cidades e retornaram. É o caso de Rosa, jovem de 19 anos que mora na Agrovila 1 e vende leite e derivados na cidade. Também é o caso de Caio Neto, jovem de 27 anos que também mora na Agrovila 1, faz parte da cidade e foi trabalhar na

construção civil no Recife, tendo, antes disso, passado uma temporada morando em um sítio. É o caso também de Nilton, 27 anos, também morador da Agrovila 1, que trabalhou em Guarulhos, no estado de São Paulo. É preciso observar a hierarquia entre os lugares. Caio é o único a proferir um discurso que atribui valor a cada lugar onde ele morou – o sítio, a cidade grande e a cidade pequena –, mas outras falas são mais sutis, às vezes mencionando um lugar, mas embutindo uma referência oculta a outro lugar que serviria de contraponto ao lugar que é citado.

> Eu só tive em São Paulo foi castigo de Deus. Ibimirim, o povo reclama, reclama, eu digo "minha gente, bota a mão na cabeça e agradeça a Deus, como é que vocês estão reclamando de uma cidade que não tem violência? Não tem do bom e do melhor, mas dá pra comer e dá pra viver. Vão pra cidade grande pra vocês ver. Não dorme não. Chega e vai pro trabalho de 4 horas da manhã, chega 3 da tarde e tem que ir pras horas extras, chega faz de noite meia-noite". Eu digo "isso é vida de gente hómi?" Ôxe, vou mais nada pra São Paulo, nem passear eu não vou. *(Rosa, 19 anos, agricultora, Agrovila 1-cidade).*

> Porque é um lugarzinho pequeno, o sítio é um ovo. Porque você anda dentro de um sítio é um ovinho, quando chega na esquina já acabou a rua. E eu parado, sem serviço. Assim, eu ajudava meu sogro a fazer uma cerca, dava palma pros bichos, mas não era todo dia. Aí foi onde eu ficava doido pra vir pra cá. Aqui eu tinha amizade aqui eu vou nos cantos, né?. Mas lá eu ficava doidinho. "Aqui eu não vou morar muito tempo não" eu falava, e a mulher dizia "calma". Aí foi quando nós viemos pra Recife se arrumar. [...] [A firma] Foi, botou de férias de novo. Passei o mês todinho que Deus deu dentro de Recife, lá dentro de casa. Aí peguei as minhas férias e comprei umas coisas que eu tava precisando pra dentro de casa mesmo. Aí peguei, fiquei sem dinheiro e até pra ir no shopping não tinha dinheiro. Aí foi onde eu peguei dinheiro emprestado com meu tio e disse "vamos no shopping pra nós se distrair um pouco". Mas, se vê que eu tava ficando em depressão. Da varanda pro quarto, do quarto pra cozinha, da cozinha pro outro quarto, do quarto pra sala e eu digo "meu Deus do céu que dia comprido". A noite comprida, eu digo "minha Nossa Senhora será que esses 30 dias do mês não passa não é?" *(Caio Neto, 27 anos, agricultor, Agrovila 1-cidade)*

> Não dá certo pra nós viver aqui por causa que, qual o recurso que nós tem aqui pra criar os nossos filhos? Não tem como isso. Em Ibimirim, pelo menos ali ainda tem o recurso de trabalhar em mercado, trabalha em lanchonete essas coisas. Pelo menos ganha o quê? 380 que é o salário, mas aqui vai ganhar o quê? Nada. Não tem o que ganhar nada. *(Paulinha, 17 anos, Sítio Barro Branco)*

> Eu não gostaria de sair para um grande centro não, onde eu possa perder a minha liberdade por conta da violência. E eu também não gostaria de sair de lá [agrovila]

> ao mesmo tempo. Eu não gostaria de sair de lá porque é onde eu tenho as minhas raízes, tenho os meus amigos. *(Nara, 22 anos, professora, Agrovila 4)*

> [...] não tive liberdade nenhuma por trabalhar lá. [...] Sentia falta da roça mesmo. [...]Rapaz o bom de trabalhar na roça é o seguinte, é a liberdade que você tem. Você trabalha na roça você trabalha pra pessoa mesmo... pra você mesmo né. Aí por isso que eu achei melhor trabalhar na roça. Porque você vai trabalhar hoje, se tiver doente, você não vai amanhã né? E lá não, lá em São Paulo se você perdesse um dia você tava arriscado de perder o emprego *(Nilton, 27 anos, agricultor, Agrovila 1-cidade).*

As hierarquias se fundamentam principalmente nas experiências vividas pelos próprios jovens, mas também na relação com o futuro, na forma de afirmações ou indícios sobre o lugar onde se deseja viver. As grandes cidades são rejeitadas porque a elas se associa a perda da liberdade, seja pela ameaça da violência, segundo a visão de Nara, seja pelo excesso de horas de trabalho, conforme a opinião de Nilton, seja pela falta de dinheiro para poder usufruir o lazer da cidade, como disse Caio.

Por outro lado, os depoimentos mostram que o sítio também pode ser vivido como limitador, seja pela falta de trabalho, seja também pela falta de espaço, que esbarra no limite do "fim da rua", que é pequena, segundo as palavras de Caio, mas que aponta para os limites do espaço social. O sentido de ser um lugar limitado também se associa à questão da liberdade.

Ibimirim é o lugar onde Caio "vai nos cantos", o plural, neste caso, indicando uma abertura maior de espaços de sociabilidade, uma variação de possibilidades. A cidade pequena, nessa perspectiva, é o espaço que concilia, na dose certa, a liberdade e a possibilidade, que faz a síntese entre a grande cidade e o sitio pequeno. A grande cidade, que tem uma oferta de possibilidades grande, pode ser considerada como ameaçadora da liberdade, seja pela violência, seja pela impossibilidade de aproveitar as oportunidades quando falta dinheiro e/ou tempo – no caso das classes trabalhadoras. O

sítio, embora seu espaço físico seja amplo, oferece poucas possibilidades de uma vida mais dinâmica do ponto de vista do trabalho e da sociabilidade.

O que é paradoxal é que a liberdade ou o sentimento de falta de liberdade podem emergir tanto das experiências na cidade grande, quanto das experiências no sítio, no espaço mais rural do mundo rural. Uma noção primária de liberdade está associada à mobilidade espacial. Estar livre é exercer o poder de transcender a condição presente, e uma das formas mais simples de transcendência é a locomoção (TUAN, 1983). Para algumas pessoas, a cidade grande pode ser vivenciada com um sentimento de medo, que tolhe, aprisiona, tira a liberdade. Para outros, é o sítio que aprisiona, que controla a vida através dos mexericos e fofocas, que não oferece oportunidades de transcendência para os moradores saírem do cotidiano. Por isso, uns jovens vão buscar no campo o seu espaço de liberdade, outros vão buscar na cidade. Não é o tamanho, a dimensão ou a densidade demográfica que produz a sensação de liberdade, e sim a experiência no lugar: quanto mais movimento o espaço permite, maior a sensação de liberdade. "O lugar existe em escalas diferentes" (TUAN, 1983: 165).

Para Alice, que mora na Agrovila 4, a cidade não oferece atrativos, ainda que ela não tenha intenção de trabalhar na agricultura. A cidade de Ibimirim, para ela, é só para ir a festas, fazer compras e voltar. E interessante, para ela, a cidade é entediante. O trecho do depoimento dela reproduzido a seguir mostra o quanto a percepção altera o olhar e, conseqüentemente, influi nas experiências:

> Hoje eu saí aqui assim, tava atordoada, eu abri o olho e olhei, assim, "eu to achando isso aqui mais bonito". Só que assim, não tinha nada de diferente. É porque eu não tava parando pra prestar atenção e quando eu parei eu vi que tava bonito. Aí na verdade tava do mesmo jeito. Eu que não tinha prestado atenção. Gosto daqui… de tudo. Tudo que rodeia aqui, o povo… a paz que transmite o lugar... *(Alice, 19 anos, Agrovila 4)*.

Isto mostra o quanto pode variar a percepção dos jovens – e das pessoas em geral –, sobre o lugar onde vivem e, a partir daí, nele projetarem, ou não, o futuro de suas vidas. Certamente que percepção, desejo, projeção não são, isoladamente, decisivos nas trajetórias pessoais, mas atuam na alma dos indivíduos, podendo, com isto, provocar disposições favoráveis na busca por soluções que cooperem para a conquista dos desejos.

É o caso de Evaldo. A experiência de morar em Maceió, depois no sítio – onde a família investiu todos os recursos que havia acumulado ao longo dos anos, tendo perdido tudo em função da seca prolongada – e depois ainda no centro de Ibimirim, apesar dos muitos contratempos que a família viveu desde que ali chegou, Evaldo ainda não descarta a possibilidade de sair de lá para estudar em São Paulo, onde tem família e apresentar um projeto ao PRONAF-Jovem e declara sua paixão pelo lugar onde mora:

> Gosto muito daqui. Eu gosto de juntar, tomar cajuína, mesmo coca-cola, tomar cajuína, comer carne de bode, sentar lá na Barraca de seu Zé Luiz finado que morreu agora, mas tem o filho dele. A gente comer aquela tilápia lá com ele, tomar um banho no açude, pescar, caçar, eu aprecio muito. Gosto disso, de ficar na rua, andar sozinho às vezes, na rua, tarde assim e não ver perigo. Conversar com todo mundo, conhecer todo mundo, eu gosto muito disso… [...] Quero sim o sítio também. [...] se não vai ter o retorno tão alto, assim, que me torne rico, pelo menos vai ter o retorno muito alto que me torne uma pessoa feliz, contente com o que eu faço. Estar lá na natureza, lá no sítio, cuidar dos bichos, ver um cabrito correndo, pulando me causa muita alegria. Eu gosto muito de ver e cuidar e tratar bem das coisas, das plantas, preservar lá a caatinga me deixa muito contente. Eu sou uma pessoa de desejo simples assim. Eu gosto muito disso. Eu me alegro muito com coisa simples, de pescar, de… *(Evaldo, 20 anos, digitador, morador da cidade).*

O desejo simples aponta para o estilo de vida que valoriza o campo, que busca o campo mesmo sem estar morando nele, mesmo sem viver da agricultura. Se o projeto que ele apresentou ao PRONAF-Jovem for aprovado, ele diz que poderá até deixar o seu emprego na cidade para implantar o projeto. Mas, como ainda pretende voltar à

faculdade – ele deseja cursar Agronomia, ao invés de voltar a fazer Licenciatura em Biologia, que ele trancou –, por isso ele não pretende morar no sítio, mas na cidade. No entanto, essa opção não é por rejeição ao sítio, mas se deve à facilidade de morar na cidade para ir estudar. A experiência de morar na capital de um estado, depois no sítio – sem energia elétrica –, e depois na cidade pequena, deu condições a Evaldo para decidir com segurança não optar pela migração com o objetivo de estudar na grande cidade. Viver na cidade grande não interessa mais a quem deseja andar pela rua com segurança, conhecer e ser conhecido, comer um peixe na beira do açude, ter um sítio para poder passear ou, melhor, trabalhar. Isto não é fácil de fazer morando na cidade grande, até mesmo porque exige muito mais dinheiro. Gostar da cidade e gostar do campo não é uma contradição para ele.

Valter, que já morou em vários lugares em situações diferenciadas – no povoado de Moxotó, em sítio isolado, na Vila Mecânica do Poço da Cruz, na cidade de Ibimirim – e que já viajou para São Paulo, Recife e Brasília, tem uma posição bastante interessante sobre essa relação do jovem com o campo e com a cidade:

> Escureceu, fica ali conversando, faz uma fogueirinha... vai deitar, fica lá conversando à luz do candeeiro e já era. Dorme e acorda mais cedo. Você fica tranqüilo, mais tranqüilo. A noite é mais... Na cidade o ar é mais abafado, poluição, muita coisa, o ar fica mais pesado. [...] é tão bom trabalhar e deitar numa rede. [...], tem dia que vou pro açude tomar um banho, brincar na prainha [...] Outro dia é ir na praça ficar com os amigos, ver passar umas meninas, "ah vem cá...", conhecia, ficava ali conversando... *(Valter, 19 anos, agricultor, mora em sítio).*

Seu depoimento revela prazer e as palavras formam imagens para quem as ouve. No sítio o prazer vem na tranqüilidade da noite, depois de um dia de trabalho, poder repousar na rede, conversar à luz do fogo do candeeiro ou da fogueira, vem do banho no açude, que fica perto do sítio em que ele mora. A cidade tem o prazer da companhia dos amigos, da paquera, dos encontros não planejados. Valter mora em um

sítio que fica perto do açude, próximo às vilas do Poço da Cruz e também perto da cidade, cerca de 5 quilômetros que ele vence com sua bicicleta. Quer uma moto para poder fazer o percurso com mais freqüência. Essa situação para ele, hoje, representa o seu ideal. Ele, que não tem terra própria, quer arrumar uma propriedade assim, com essa característica. Se não encontrar, prefere morar na cidade e trabalhar no campo. Na verdade, ele expressa uma posição que outros também expressaram, podendo viver no campo ou na cidade, dependendo da qualidade da moradia, que tem a ver com transporte, distância, etc.

Se for possível afirmar que os jovens rurais desejam viver o melhor dos dois mundos, conforme propôs Maria José Carneiro, alguns problemas precisam ser equacionados. Primeiramente, a partir de que elementos o jovem rural se distingue do jovem urbano no município pequeno? Seria simplesmente pelo local de moradia? Mas, além de morar, a vida do jovem também consiste em trabalhar, estudar, comprar, namorar, passear, se conectar, se divertir. Se, por um lado, o jovem que vive na zona rural tem a cidade como lugar de extensão da vida cotidiana, através da escola, do comércio, dos serviços, do lazer noturno etc., que faz com que ele esteja continuamente, senão cotidianamente na cidade, e, se por outro lado, o jovem que vive na cidade tem no campo o seu lugar de trabalho, de investimento, de projeto e de prazer também, de transcendência do cotidiano, então, quem é o «jovem rural» e o «jovem urbano»?

Seriam todos rurais, admitindo a hipótese de que essas cidades pequenas seriam cidades rurais? Admitida tal hipótese, não haveria mais considerações a fazer sobre estilos, modos de viver, culturas, tradições, enfim, tudo o que fosse subjetivo ficaria em um plano secundário diante do indicador geográfico imperativo? Não é a posição assumida nesta tese.

Baseado no conceito de interdependência, tento destacar, na analise desses depoimentos citados neste trabalho, a variabilidade das configurações de rural e urbano, dos modos de percepção e de viver no mundo rural e urbano do pequeno município. Morar no campo e trabalhar na cidade, ou morar na cidade e trabalhar no campo, por si só, não tem ajudado a encontrar uma definição mais clara, porque não definem o pertencimento da pessoa a um ou outro mundo, senão o seu trânsito entre dois mundos dos quais ela pode gostar.

Mas os depoimentos também não diluem as identificações que os jovens assumem para si; cada qual assumindo os seus gostos, ora tomando o partido de um lado, ora considerando os dois lados como bons. E embora não diluam, mostram um reconhecimento intersubjetivo entre os jovens a partir de suas experiências, do gosto, do estilo, do visual, de que forma jovens "rurais" e "urbanos" se misturam através das identificações que compartilham (PAIS, 2006: 36).

Assim, a partir do itinerário que percorrem e os aproximam, a noção de «jovens rurais» pode agrupar aqueles que vão construindo projetos de vida em que o campo esteja presente e seja um dos elementos centrais da vida. A centralidade pode se materializar pela moradia no campo, mas também pode ser numa cidade que tenha o meio rural presente no cotidiano, e a cidade pequena tem essa presença marcante do mundo rural em seu território. Ou essa centralidade no campo pode se expressar pelo trabalho, quando este proporciona a mediação entre o sujeito e a natureza, produzindo, também, uma ética e uma estética de vida (estilo) que valorize a harmonia entre o homem e o meio-ambiente. Essa diferença no trabalho pode ser percebida no depoimento Renildo – um jovem de 25 anos que saiu de Campinas, onde chegou a trabalhar em escritório de contabilidade, e veio com a família morar na Agrovila 5 para

trabalhar na agricultura, antes de assumir novamente um trabalho de escritório – , que fez a seguinte comparação entre as duas experiências radicalmente opostas na sua vida:

> No escritório o trabalho é estressante, você fica fechado o dia todo, tem que ter muita concentração e ainda tem de agüentar um patrão chato pegando no seu pé. Na agricultura não, você tem seu ritmo, pode organizar o tempo do seu jeito, tem paz interior... trabalha ao ar livre... tem amizades diferentes... *(Renildo, 25 anos, assistente administrativo, Agrovila 5).*

De forma semelhante, a noção de «jovem urbano» pode reunir aqueles que vão construir projetos em que a cidade, a urbe, seja o epicentro dos desejos dos sujeitos. Para ser urbano, não é preciso morar na cidade. Uma parte da classe média procura, hoje, morar no campo, se não permanentemente, ao menos parte do tempo da semana. Tampouco é necessário trabalhar na cidade, haja vista os inúmeros profissionais liberais que atuam no campo. A centralidade da cidade se expressa no estilo de vida, no gosto, nas práticas sociais que estão fundamentadas na urbanidade da cidade moderna, no sentir-se satisfeito ao viver as emoções mais comuns por estar na cidade.

Criar um sentimento sobre um lugar é um processo que surge e se desenvolve no cotidiano da vida, nas experiências de cada individuo. Leva tempo para amadurecer sentimentos, formas de percepção e visão de mundo. É efeito também de repetições, de ações e roteiros cumpridos no dia-a-dia, mas também de prazer, de sensações e de novas descobertas através da mudança do olhar, da forma de ver as coisas. Por isso, ser «jovem urbano» ou «jovem rural» tem tudo a ver com as identificações construídas nas práticas, idéias e comportamentos sociais.

4.3 – Do campo de possibilidades

4.3.1 - As possibilidades "lá fora" e "aqui dentro" na ótica dos que voltaram e dos que não foram

Everton (18 anos), filho de agricultores "de sequeiro" morador da Lagoa do Puiú; Elza (18 anos) jovem esposa de um trabalhador rural diarista, moradora do Sítio Barro Branco; Paulinha (17 anos), filha de agricultor "de sequeiro", moradora do Barro Branco; Malcon (19 anos), morador da cidade e filho de pai apicultor e mãe funcionária pública; Jacira (21 anos), piscicultora, moradora do povoado Poço do Boi; Lucileide (21 anos) moradora da cidade; Kelly (19 anos) moradora do povoado de Puiú, Daiane (18 anos) moradora da Agrovila 4, o que há de comum entres todos esses, além de representarem os jovens mais novos do grupo, é que eles expressam o desejo de partir, de migrar, convictos de que não há oportunidades para eles nos lugares onde moram. Esse grupo apresenta as características que Wanderley (2006) encontrou na pesquisa que fez em Ibimirim e mais dois municípios, quando constatou que o desejo da migração era maior entre os jovens solteiros e entre os mais novos.

Com exceção de Malcom e Lucileide que moram na cidade, e de Daiane que mora na Agrovila 4, todos os outros vivem em áreas secas onde suas famílias fazem agricultura de sequeiro. A falta de oportunidades de trabalho é um dos argumentos mais corriqueiros utilizados pelos jovens, isso porque não consideram a possibilidade de continuar na agricultura. O desinteresse pode brotar por vários motivos, pode ser, por exemplo, por influência de uma geração mais velha que foi abandonando as atividades agrícolas, como no Puiú e em Moxotó, onde a maioria dos engenhos está

desativada, levando os jovens a concluírem que a agricultura é inviável, como aparece no depoimento de Kelly,

> Nossos pais que começaram a se desinteressar [pela agricultura]. Se eles tivessem interesse de ter crescido e ter dado o ensino pra nós continuar, aí isso progredia. Mas como eles começaram a se desinteressar, os jovens que vão vindo vão se desinteressando muito mais. Daqui a uns anos, aqui, nem nós vai ter mais. *(Kelly, 19 anos, Puiú).*

Ao não vislumbrar condições viáveis para se tornar agricultor em área de sequeiro, é compreensível que o jovem não deseje continuar a viver naquele lugar, como Everton, que assim falou:

> Mas não é minha praia mesmo a agricultura. Eu gosto, mas, não vejo o meu futuro na lei da agricultura e tudo mais... não dá não. Inclusive, quando eu for pra longe, se Deus quiser eu tô indo embora caçar algum canto pra ir fazer outra coisa. Eu mesmo não dá pra ficar assim de roça não. *(Everton, 18 anos, agricultor, Sitio Lagoa do Puiu)*.

O futuro não é na "lei da agricultura", essa lei "imperativa" no sequeiro: não havendo condições para irrigação, a agricultura, para Everton, não oferece possibilidade de pensar um futuro melhor. Mais adiante ele considera que a agricultura tem um "lado bom", o de trabalhar para si mesmo. Logo, a agricultura que não é boa é a de sequeiro, onde se trabalha para si mesmo, mas em condições muito difíceis que não permitem mobilidade social ascendente, que podem ser constatadas pelas condições materiais de moradia da família que vive há várias gerações naquela terra. A trajetória da família na agricultura é um dos fatores levados em consideração. Por isto, conclui Everton:

> [...] Eu gosto daqui, mas eu quero outro lugar melhor. Lá fora tem mais oportunidade pra trabalhar do que aqui. Eu também não posso passar o resto da vida dentro de casa. *(Everton, 18 anos, agricultor, Lagoa do Puiú)*.

Essa busca por oportunidades está ligada às condições materiais de vida, embora não possa ser explicado unicamente por este fator. O mesmo jovem Everton,

apesar de morar numa casa de taipa simples, com pouco mobiliário e poucos aparelhos, expôs uma condição "cômoda" no que diz respeito a ter assegurado as condições de sobrevivência, mesmo na "agricultura de sequeiro", dizendo assim:

> Graças a Deus não me falta nada. Seu eu trabalhar tem, se eu não trabalhar graças a Deus não falta nada pra mim. O que eu prefiro mesmo é ganhar, viver ganhando do meu trabalho do que ficar encostado dentro de casa dependendo dos velhos. Eu não. *(Everton, 18 anos, agricultor, Sítio Lagoa do Puiú).*

É preciso considerar que, mesmo na agricultura de sequeiro, ou entre pescadores, quando a seca não se prolonga além da sua periodicidade anual, ou seja, quando não há uma "grande seca", as famílias conseguem garantir as condições mínimas para a sua reprodução social. Claro que isto varia muito de uma família para outra, dependendo da configuração familiar, principalmente do numero de filhos e filhas ociosos e produtivos, das condições de produção e do ingresso de contribuições previdenciárias ou assistenciais.

Mas o prolongamento da seca, como em vários anos da década de 90 e no início deste novo século, provocou a migração forçada de muitos jovens. Nessa época, as agrovilas esvaziaram e a população de Ibimirim decresceu.

> A maioria foi embora. O perímetro foi secando acabando a renda e foi-s'imbora. E os filhos foram crescendo e foram embora a maioria. Tudo embora. Só ficaram nós as mais novas. E depois voltaram tudo. (Rita, 20 anos).

A migração dos jovens das famílias de agricultores do Sertão se baseia em argumentos sobre a falta de trabalho que não seja na agricultura, para os que moram nas áreas de irrigação, ou da inviabilidade da agricultura, para os que moram nas áreas de sequeiro. Como fenômeno secular que atinge as populações do Sertão nordestino, a migração é uma experiência que pertence à memória coletiva desse grupo social (HALBWACHS, 2004). Mesmo sem migrar, os jovens fazem uma avaliação das

condições de vida nos lugares em que poderiam morar, baseados nas informações que são passadas por seus parentes e amigos. A migração não é uma viagem solitária do jovem para um destino que seja totalmente desconhecido, não é uma bala perdida. Embora sempre haja riscos, principalmente o de não "conseguir nada", de "não encontrar trabalho", a migração é lançar-se na rede de apoio dos que já saíram de Ibimirim e vivem em outro lugar.

Se entre os jovens mais novos há muitos que querem migrar, entre os jovens mais velhos há aqueles que já experimentaram a migração. Pude ouvir depoimentos de alguns jovens que migraram e voltaram para Ibimirim. Como Iri, jovem indígena de 23 anos que saiu do povoado de Campos e foi para o Recife, mas sem conseguir trabalho, morando numa favela e passando por situações constrangedoras com policiais e bandidos, preferiu passar fome na própria terra do que num lugar estranho. Caio Neto, de 27 anos, morador da Agrovila l, trabalhou na construção civil no Recife, mas "conheceu" a cidade a partir de sua condição de classe, sem ter dinheiro para sair, só trabalhando e ficando dentro de casa. Nilton, 27 anos, morador da Agrovila 1 que foi para Guarulhos trabalhar como terceirizado numa industria metalúrgica, cumprindo jornadas de trabalho extenuantes, o que também restringia suas possibilidades de lazer. Joana, 27 anos, jovem da Agrovila 4, foi trabalhar como empregada doméstica em Garanhuns e Arcoverde, experiência que ela considera "a mais dolorosa" em sua vida. Rosa, jovem de 19 anos moradora da Agrovila 1 que também foi para São Paulo fazer uma tentativa de trabalhar como doméstica. Jacira, de 21 anos, moradora do Poço do Boi, que tentou viver em Goiás e no interior paulista, mas não conseguiu trabalho nesses lugares. Márcio, 25 anos, morador do Poço-do-Boi, trabalhou como pedreiro em Arcoverde e também retornou assim que o açude encheu.

Todos esses 7 jovens migraram quando o açude secou, ao sentirem que as possibilidades de trabalhar e sobreviver do próprio trabalho se esgotaram em Ibimirim. Com exceção de Jacira, que estava na iminência de migrar novamente em função do novo emprego do marido em Campina Grande, nenhum deles pensa em migrar novamente. Todos retornaram, mesmo os que estavam trabalhando, e manifestaram a convicção nas vantagens de ser agricultor e de morar onde moram: trabalhar para si próprio e não estar submisso, conhecer todas as pessoas do lugar, ter tranqüilidade, poder "ir aos cantos" com conhecimento do território.

> [...] assim... as pessoas que saíram daqui sempre voltam, eles nunca fica eternamente fora. Eles vêm, eles sempre voltam pra cá. Aí eu procuro entender o que é que atrai tanto as pessoas de volta pra cá. Acho porque gosta do lugar que é calmo, a agricultura. Eu creio que seja mais ou menos por isso que as pessoas voltam. Por gostar e porque aqui mesmo ele estando, sendo agricultor, eles vão, eles vão trabalhar pra eles aqui. Você estando fora, você vai em busca ainda. Aí então você vai trabalhar pra outras pessoas. Você estando no seu lote, no seu terreno você vai trabalhar pra você. (Joana, 27 anos, agricultora, Agrovila 4)

Esse depoimento de Joana se apóia em várias evidências, algumas ditas, outras não ditas. Mesmo que não esteja dito aqui nesta parte do depoimento, a experiência pessoal de migração de Joana é uma segunda voz silenciosa que está por trás quando ela fala de retomar o trabalho para si mesmo, no seu lote, no seu terreno. A migração de Joana ocorreu para fora da área rural e para fora da agricultura – ela foi trabalhar como empregada doméstica em cidades do interior –, e ela se refere a essa experiência como a mais dolorosa de sua vida. Regressar é retomar a liberdade que ela perdera trabalhando como doméstica com uma folga a cada 15 dias. Gostar do lugar, de morar na Agrovila é gostar da agricultura, para ela, não para todos, como se pode ver em outros depoimentos. Mas são evidencias que ela vê também nos outros que retornaram: estão todos em seus lotes, trabalhando para si próprios.

Nilton também fala do retorno da migração para reassumir a autonomia do agricultor, e se diz vitorioso no retorno à agricultura:

> [...] como eu falei né, como eu trabalhava antes, eu trabalhava e nunca arrumava nada. Que nem eu trabalhava aqui no caminhão, não arrumei nada e fui pra São Paulo. Pronto. Hoje eu me sinto vitorioso, hoje né! Porque eu não tinha nada. Hoje já, graças a Deus eu tenho e tudo veio da agricultura mesmo. (Nilton, 27 anos, Agrovila 1-cidade).

A vitória é uma referência do presente comparativamente ao passado, anuncia uma nova situação, uma virada na vida, mas não assegura a estabilidade da trajetória no futuro: "Rapaz, segurança não tem. Porque ele vai ter que colocar a verba do bolso dele. Aí se não der, ele que ficou no prejuízo". A voz em terceira pessoa afasta a identificação entre quem enuncia e o enunciado, no caso, a possibilidade do fracasso com a quebra da safra na agricultura. Esse distanciamento faz sentido para quem já tentou trabalhar fora da agricultura, mas no mesmo município, como caminhoneiro, que depois migrou e trabalhou na indústria paulista, mas como terceirizado, portanto, na precariedade de relações de trabalho espúrias e que somente conseguiu ter alguma coisa quando pôde dedicar-se novamente à agricultura.

O açude é o termômetro que mede o nível de atividade em Ibimirim:

> Antigamente, na minha infância, assim, quando eu comecei a entender as coisas com 8, 9 anos, 10 anos, eu ainda alcancei aqui praticamente uma cidade que tinha muito movimento na feira**.** A feira daqui era praticamente a feira de Ibimirim, todo mundo que vendia em Ibimirim vinha fazer feira aqui também. [...]Aí correu muito dinheiro aqui nessa região, aqui era tipo uma cidadezinha mesmo. Tinha de tudo aqui, tudo que quisesse tinha, de um canto a outro aqui era tudo barraca de roupa, de lanche de… o que precisasse tinha aqui de feira. Não precisava de jeito nenhum ira a Ibimirim. Aí foi quando o açude secou e aí passamos uma época de necessidade na região. Muita gente daqui migrou pra São Paulo, pra Rio de Janeiro, Brasília e pra Bahia pra trabalhar nos sisais da Bahia, outros foram trabalhar na construção civil e aqui diminuiu. Foi diminuindo, a feira foi diminuindo, as coisas... Praticamente acabou-se. Hoje em dia tem só os mercadinhos. Mas graças a Deus o açude encheu de novo. Já tá começando a retornar a nossa vida de antes. *(Marcio, 25 anos, Poço do Boi).*

O depoimento de Marcio é emblemático e contextualiza a trajetória de Poço do Boi em sua própria trajetória de vida, portanto, uma história percebida, primeiro pelas lentes de uma criança, mas uma criança com olhar para os negócios, olhar adquirido pela socialização no trabalho e pelo gosto de ter o seu próprio dinheiro, como contou em seu depoimento; e narrado pelas lembranças de um jovem de 25 anos. Da dinâmica comercial percebida por uma criança como uma dinâmica "de cidade" onde se encontrava de tudo e "correu muito dinheiro" —, passando pelo enfraquecimento das relações comerciais – e embutido nisto vem o crescimento da dependência em relação a Ibimirim – e pelo esvaziamento do lugar – de que ele próprio participou – até "retornar a vida de antes" – a vida pujante daquele lugar que parecia uma "cidade" –, o sujeito oculto por trás de todo esse processo é o açude. Com o açude cheio, voltaram as oportunidades, com ele seco, fecham-se os horizontes, num movimento cíclico que só aparentemente seria determinado exclusivamente pelas forças da natureza.

Mas, para esses jovens que querem migrar atualmente, esses que entrevistei, mesmo com o açude cheio e a retomada da produção, ainda permanece o sentimento da falta de oportunidades. Neste sentimento, está embutido muito mais do que considerações sobre a oferta de emprego e as estruturas sociais, embora estas tenham um peso muito grande. Entram em cena também as perspectivas de futuro – que também são formadas pelo conhecimento das experiências do passado familiar, que muitas vezes é evocado para se desconfiar da agricultura – os sonhos, a necessidade de auto-afirmação, de conquista de autonomia e de reconhecimento, a vontade de conhecer o "mundo lá fora", enfim, o desejo de partir também envolve questões subjetivas. Há o desejo de ganhar o próprio dinheiro, de conquistar autonomia em relação à família. Mas há também o sentimento sobre o lugar formado pelas experiências dos jovens, que vão conformando sua visão de mundo.

A questão do controle sobre os jovens, como já foi visto, serve para disciplinar o processo de conquista de autonomia dos jovens. A decisão de sair e migrar tanto quanto a decisão de ficar passam pelo mesmo crivo: "ganhar a rua" é uma etapa perigosa na vida dos jovens e ambas as alternativas somente são aceitas pelas famílias quando subordinadas a um processo de disciplinarização que assegure o bom encaminhamento moral dos filhos, e isto é atribuído ao trabalho, principalmente para os homens (NEVES, 1999: 80 ss.). Para as mulheres, haveria ainda uma alternativa substitutiva ao trabalho: o casamento.

Na questão sobre ficar ou sair/migrar, ocorre uma coisa semelhante à negociação das saídas e passeios, como foi abordada antes: o que se espera e se cobra dos jovens é o compromisso com o trabalho, a responsabilidade. A partida de jovens filhos de agricultores é comum, não há nada de estranho nisso. A partida dos filhos é comum em qualquer família. Na historia da agricultura familiar no Brasil, são raras as situações em que há terra e trabalho suficiente para todos os filhos e filhas no mesmo lugar onde moram com seus pais. Como não é possível garantir trabalho e renda para todos os filhos e filhas, e para os que partem nem sempre existirão condições ideais para a partida, ou seja, um emprego já garantido e um lugar certo de moradia, do que as famílias não abrem mão é garantir que a disposição do jovem ou da jovem seja aprovável socialmente, e o trabalho tem esse caráter de uma boa disposição. Quando as condições locais são desfavoráveis para o jovem, quando não há terra para plantar e falta trabalho em outras áreas fora da agricultura, os próprios pais se encarregam de estimular e apoiar a migração dos filhos.

Mas a retomada da agricultura e o desenvolvimento que a cidade vem experimentando nesses 3 ou 4 anos recentes alenta as esperanças daqueles que não querem partir, como Jorge: "Sim, dá pra viver de agricultura em Ibimirim. Não dá pra

enricar, mas dá pra sustentar uma família. Dá pra viver, dá pra comprar uma motinha, um carro, dá pra viver normalmente".

4.3.2 - "O caminho se faz caminhando": a falácia dos "projetos de futuro" e os sonhos como possibilidades para a vida adulta

O trânsito entre mundos rurais e mundos urbanos é uma experiência que atravessa várias gerações de sertanejos, e não é diferente em Ibimirim. A instabilidade, historicamente vivenciada pela produção agropecuária, deixa suas marcas no imaginário do sertanejo, cujas expectativas oscilam entre a esperança de dias melhores e o temor da derrocada que vem com a seca (GOMES, 1998).

A escolarização contribui para essa circulação entre o rural e o urbano e alimenta expectativas de um futuro melhor para uns, enquanto outros não vêem nela um diferencial importante para quem vai viver na agricultura. Alguns jovens ainda pensam, assim como Everton, "estudar e arrumar algum emprego que não tenha que se esforçar tanto", mas não formulam claramente o que querem fazer, nem em termos de estudo nem de trabalho. Everton tem mais certeza do que não quer: *não vejo meu futuro na lei da agricultura não*. Malcon também quer *fazer uma faculdade que possa ganhar dinheiro no futuro*. Kelly sabe que não quer ficar morando no Puiú e também está entre os jovens que pensam no estudo como forma de sair do campo.

> eu quero estar com um bom diploma, trabalhando e na minha própria vida lá fora porque se for pra mim estudar, fazer uma faculdade pra vir morar aqui não vai adiantar de nada meu estudo, não vai adiantar nada pra vir pra cá. *(Kelly, 19 anos).*

Alguns jovens entrevistados, por estarem cursando ou terem concluído o Ensino Médio, pensam em fazer faculdade. Diariamente, dois ônibus saem de Ibimirim

levando estudantes para as faculdades que existem em Arcoverde. Existem outras cidades na região, porém não tão próximas de Ibimirim, que têm alguma faculdade, mas é mais raro que os jovens de Ibimirim se desloquem para essas outras. Floresta, que a partir de 2008, conta com um campus avançado do CEFET de Petrolina, com cursos na área de computação e também técnico agrícola, começa a despertar interesse entre os jovens de Ibimirim, mas há o receio da violência, pois esse trecho da rodovia que leva a Floresta é famoso pelo número de assaltos que ocorrem. Por isto, Arcoverde ainda é a cidade de referência para quem quer fazer faculdade sem deixar de morar em Ibimirim. Foi lá que Evaldo iniciou seu curso de Licenciatura em Biologia, e onde Jorge também fazia o curso de Licenciatura em História. Os dois trancaram matrícula, Jorge, porque descobriu que não queria mais ser professor, dedicou-se integralmente à agricultura. Evaldo, por falta de condições financeiras para fazer o curso. Apenas Anita estava cursando faculdade, no primeiro período da Licenciatura em Quimica, na UFRPE em Serra Talhada.

A Evaldo, Jorge, e Anita ainda se juntam outros jovens que querem fazer faculdade mas para continuar morando em Ibimirim, como Pedro, que está em dúvida entre fazer um curso na área de informática ou agronomia; Ranulfo, que quer estudar agronomia; Nara, professora no ensino de jovens e adultos que quer trocar a área de educação pela agricultura, fazendo agronomia; área que também atrai Everton, Valter e Renildo. Uma grande dificuldade para fazer agronomia é que se trata de um curso diurno, o que exigiria um esforço muito grande das famílias desses jovens para sustentá-los, esforço contínuo durante quatro anos, o que nem sempre é possível.

As incertezas quanto à viabilidade de seus planos levam os jovens a pensar em alternativas diferentes, caso não consigam concretizar essas que seriam a primeira opção, como mostram alguns depoimentos.

> Porque eu acho assim... depende, por exemplo, se eu fizer uma faculdade de medicina... *[...]* depende do futuro, o mundo dá muitas voltas *[...]* Se sair o PRONAF eu fico pra trabalhar na agricultura. Mas sempre eu vou pensar em fazer a faculdade. *[...]* E ai vai começando devagarzinho, as oportunidades que for tendo a pessoa vai fazendo, vai fazendo... *(Rosa, 19 anos, agricultora)*

> Estou cursando o 2º ano e quero terminar. Se as condições forem favoráveis, fazer uma faculdade de agronomia ou então a faculdade de biologia. Eu acho que seria bem lucrativo se eu pudesse fazer a faculdade. E me dedicar no ramo da agricultura. Trabalharei um pouco mais com minha família dentro dessa propriedade e vou tentar me sustentar com minhas próprias pernas, e não ficar nas costas do meu pai e da minha mãe. *(Ranulfo, 18 anos, pedreiro).*

Os depoimentos desses dois jovens mostram a dificuldade de se pensar em "projetos de futuro" numa época de incertezas, em que é preciso pensar no imediato, no que fazer para garantir a vida cotidiana. Assim, a realização do projeto *depende*, se *as condições forem favoráveis, o mundo dá muitas voltas*. Como falar de futuro quando o presente é muito instável e enterrou de vez a idéia de uma transição para uma vida adulta mais ou menos estável? A transição para a vida adulta, outrora definida pelo término da escolarização, pela conquista do trabalho e com este, pela formação de um núcleo familiar autônomo já não reflete as circunstâncias reais das vidas dos jovens nos dias atuais. Não é que os jovens não tenham projetos, é que esses projetos estão "em suspensão" em uma época de incertezas, de desemprego, de crises.

> Eu não gosto de pensar nessa linha. Pra mim é até estranho agora né? Eu não penso dessa forma não, mas o plano daqui pra frente é o seguinte: trabalhar na prefeitura por enquanto, se sair esse projeto eu não sei se continuava lá um tempo. Eu acho que não, eu sairia e ia pro sitio. Ia trabalhar no sítio... [...] Mas quando tivesse mais fácil, quando tivesse já bem encaminhado, a gente começasse já a pagar o projeto, tivesse tendo o nosso lucro, aí eu penso em fazer uma faculdade aqui em Serra Talhada, que é próximo. *(Evaldo, 20 anos, digitador).*

Assim, é melhor ter planos voltados para a situação presente, como esses jovens estão fazendo. Os projetos que os jovens elaboram são para o presente, assim é que eles apresentam projetos para o PRONAF, como Rosa, Rita, Valter, Evaldo, Vando, Ranulfo; constroem casas como Márcio e Caio fizeram; investem em

piscicultura, como Jessica e Evaldo; participam de associações de reforma agrária, como Márcio e Nilton; todos esses projetos estão voltados para construir soluções para o imediato. Caso se concretizem, outros projetos podem ser engendrados a partir da nova situação provocada pelo projeto inicial realizado.

> Quando tiver um projeto realizado, vamos pensar em outro e vamos juntar, vamos se unir sempre, como agora, pra tirar esse projeto. Quando tirar vamos se unir pra vender o nosso produto. *[...]* E sempre sem parar, nunca parar mais, sempre projetando, sempre movimentando. *(Evaldo, 20 anos, digitador).*

Caso não sejam, é preciso ter a alternativa "B", como foi colocado explicitamente no discurso de Rosa. Por isso, o jovem resiste às indagações como a que eu fiz, sobre pensar em projetos de futuro. O mesmo ser que projeta, sabe também que o projeto pode não se viabilizar.

> A gente falava, sempre tinha um projeto diferente. Falava " – Vamos plantar capim, vamos criar gado aqui". Tentava, não dava. Aí " – Vamos plantar alguma coisa, que se plantar vai dar certo". Aí plantava não dava certo. [...]A gente fez um projeto pra fazer uma granja comunitária lá no sitio. A dificuldade vem de todos os lados, quando não é um problema na coisa é um problema político. *(Evaldo, 20 anos).*

A idéia de projeto, por estar relacionada ao presente, também reflete a mesma insegurança que faz parte do tempo presente. O projeto, no discurso dos jovens, é sempre falível, incerto, inseguro, mas necessário, porque é uma dimensão do tempo presente: "*Projeto ta difícil. A gente tem que sonhar. Um cara sem sonho, sem plano, é um morto-vivo. Vai vivendo um dia depois do outro, comendo, feito os homens das cavernas",* disse Evaldo. Não é assim com o sonho. O sonho aponta para o futuro, mas está acima dos condicionamentos do presente. Não é ilusão, é desejo e esperança, é alimento para o ser. Não é extraordinário, nem difícil de conquistar, mesmo não estando ao alcance imediato do jovem. Mas também não está, necessariamente, em oposição ao devaneio, pode comportar um pouco da loucura, junto com a simplicidade, como mostram alguns depoimentos.

> Eu tenho um sonho alto, de ajudar a população toda, de acabar com a corrupção, de acabar com problemas desse tipo, mas ao mesmo tempo um sonho simples, um simples. Eu gosto muito, aprecio muito estar com meus amigos, meus irmãos, de estar junto... *(Evaldo, 20 anos)*

> Eu penso em ter uma... no futuro ter uma propriedadezinha estruturada. Aquela não, que aquela é emprestada. Mas depois que conseguir dinheiro, tenho vontade de comprar uma propriedadezinha, um sítio, bem estruturadazinha, com uma casinha, tendo uma casinha com varanda pra depois quando eu tiver véio balançar na rede. Ter um transportezinho pra mim poder vir pra cidade, nem que seja uma moto, mas, que tenha. Pronto, é isso, criar umas ovelhinhas, uns porquinhos, uma galinha, dessa forma. *(Valter, 19 anos)*

> Assim eu não tenho um maior sonho. Eu gosto de ver as pessoas bem, eu me sinto bem vendo as pessoas bem e com isso aos poucos eu vou tendo alguma coisa pra mim, vou bem também... com todo mundo. *(Alice, 29 anos)*.

Segundo Bachelard (1996), a humanidade relega o devaneio. O descrédito ao devaneio é maior na psicologia e nas análises psicologizantes, argumenta Bachelard, pois essas se baseiam na idéia de que o devaneio levaria à diminuição do estado de consciência e, uma consciência que se perde no devaneio já não é consciência. Neste sentido, o devaneio seria uma inclinação pouco nobre que acometeria principalmente os loucos e as pessoas imaturas, como as crianças e os jovens. Contrariando essa perspectiva, Bachelard articula o devaneio com a capacidade criativa e a tentativa de construir um futuro:

> A princípio é um fator de imprudência que nos afasta das pesadas estabilidades. Veremos que certos devaneios poéticos são hipóteses de vidas que alargam a nossa vida... Um mundo se forma no nosso devaneio, um mundo que é nosso mundo. E esse mundo sonhado ensina-nos possibilidades de engrandecimento de nosso ser nesse universo que é nosso. Existe um futurismo em todo universo sonhado (BACHELARD, 1996: 8).

O sonho tem a propriedade de libertar os jovens das pesadas amarras do presente incerto e colocar à sua frente, como imagens projetadas, o futuro desejado. Dessa forma, o sonho abre as portas de um mundo possível, ainda que incerto. O sonho produz um querer. "A imaginação deve, portanto, servir à vontade, despertar a vontade para todas as novas perspectivas. E é assim que um sonhador de devaneios não pode

satisfazer-se com os devaneios costumeiros" (BACHELARD, 1996: 205). Os devaneios que saem do costumeiro, do rotineiro, são esses que os jovens tecem a respeito de um mundo mais justo, mais humano, menos desigual. Não é inconsciência, nem racionalidade pura, é a propriedade de *"reflexividade"* do devaneio, que projeta o ser no futuro como ele quer ser, e esse querer revela as suas convicções e escolhas atuais, que é contrário à corrupção, à discriminação, ao preconceito e à violência. Para Bachelard, a reflexividade do devaneio é *"efeito da duplicação do ser, como uma sombra que projeta a nossa silhueta na parede".*

> E é assim, que o ente projetado pelo devaneio é duplo como nós mesmos; é, como nós, animus e anima. Ei-nos no âmago de todos os nossos paradoxos: o "duplo" é o duplo de um ente duplo. [...] E o ente idealizado põe-se a falar com o ente que idealiza. Fala em função de sua própria dualidade. Um concerto a quatro vozes tem início no devaneio... (BACHELARD, 1996: 77).

Essa dualidade citada por Bachelard, do ser que sonha e que sonhando o futuro melhora a si mesmo, no momento em que sonha, ou seja, no tempo presente, foi manifestada por vários jovens que emprestaram suas vozes a esta tese. Falando de si mesmos e do lugar que em vivem, falavam também de um país, de uma época, dos jovens que vivem essa época. Falando de coisas do sertão, falavam também de coisas de jovens de muitas partes. Falando dos jovens rurais, também falavam dos jovens urbanos. Falavam do presente que também é um retrato do futuro sonhado:

> Gosto muito daqui. Eu gosto de juntar, tomar cajuína mesmo, não coca-cola, tomar cajuína e comer carne de bode, sentado lá na barraca de Seu Zé Luiz, finado, mas que continua com o filho dele. A gente comer aquela tilápia lá com ele, tomar um banho de açude, pescar, caçar. Eu aprecio muito, gosto disso. De ficar na rua, andar sozinho as vezes na rua, tarde assim, e não ver perigo. Conversar com todo mundo, conhecer todo mundo. Eu gosto muito disso.
> [*Mauricio*: E o sítio?]
> Quero o sitio também. Porque no momento é o que tá dando. Tem futuro. Se não vai ter o retorno tão alto assim que me torne rico, pelo menos vai ter o retorno muito alto que me torne uma pessoa feliz, contente com o que eu faço. Estar lá na natureza, lá no sitio, cuidar dos bichos, ver um cabrito correndo, pulando, me causa muita alegria. Eu gosto muito de ver, de cuidar, tratar bem das coisas, das plantas. Preservar lá a caatinga me deixa muito contente. Eu sou uma pessoa de

> desejo simples assim. Eu gosto muito disso, eu me alegro muito com coisas simples. (Evaldo, 20 anos)

O mundo sonhado pelos jovens que vivem em lugares onde o mundo rural e o urbano se misturam, tem um pouco do campo e da cidade misturados. O jovem que sonha assim não teme nem a solidão do sítio, nem o perambular nas noites vazias da cidade. Ele não exclui nem a companhia dos bichos, nem o ajuntamento das pessoas na cidade. É essa vida que ele sonha, e que ele vive, é a vida da cidade pequena, que mistura as gentes e os gostos do campo e da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi como um mergulho nas brenhas do Sertão, transitando entre cidades, sítios, vilas que remontam à época colonial e agrovilas construídas pelo Estado "modernizador".

A investigação sobre a forma como se configuraram os lugares em que vivem os jovens que foram entrevistados, a partir de análises sobre os processos históricos, revelou o emaranhamento de fatores que levaram à modificação das relações do local com a sociedade nacional, muito antes das intervenções "modernizadoras" promovidas pelo Estado a partir da década de 1950.

Não há dúvida da forte influência dos interesses econômicos sobre a determinação dos rumos que tomaram os processos de transformação social no Sertão, desde o ciclo da pecuária, ao ciclo do algodão, que tomaram toda a dimensão do espaço regional, até ciclos menores, como o da cana-de-açúcar para a fabricação da rapadura, restrita às várzeas úmidas, como as do vale do rio Moxotó. Mas outros interesses se entrelaçavam aos econômicos de modo a também exercerem fortes influências sobre os rumos desses processos: na conquista do colonizador, as intenções civilizadoras motivavam religiosos que exerceram um papel importante no amansamento dos povos indígenas; e, na fase desenvolvimentista do século passado, intelectuais como Josué de Castro e Celso Furtado mobilizaram redes sociais que, aderindo às suas proposições, foram decisivas para o reconhecimento da seca como uma questão social. A tese eliasiana das interdependências entre fatores de diversas ordens como motor das mudanças sociais foi, desse jeito, comprovada pela pesquisa.

As transformações decorrentes do aumento das intervenções estatais nessa região do Sertão de Moxotó – que fica na zona de influência do Submédio São

Francisco, principal alvo das políticas desenvolvimentistas para a região do semi-árido nordestino desde meados do século passado até os dias atuais –, tiveram esse mesmo sentido. Ou seja, as intervenções realizadas obedeceram a razões econômicas, mas os processos de transformações locais também se produziram através das mudanças nas dimensões simbólicas, que incluem tanto as formas de conhecimento, como as formas de conduta e de percepção do mundo. É nesta dimensão que as questões geracionais podem emergir como conflito social e também influenciar sobre os rumos dos processos de mudanças sociais.

As primeiras experiências que os colonos instalados no recém-concluído Perímetro Irrigado do Moxotó, no início dos anos 1980, tiveram uma influência marcante em suas vidas, pois a agricultura irrigada mostrou-se, inicialmente, um meio mais seguro do que a agricultura tradicional para produzir e acumular, possibilitando às famílias de colonos experimentarem trajetórias de ascensão social. É que estes, predominantemente, eram agricultores de áreas de sequeiro, onde a instabilidade climática e a falta de tecnologias adequadas geravam, de tempos em tempos, momentos de dificuldades e miserabilidade durante o ciclo de reprodução familiar. A irrigação trouxe as condições técnicas necessárias para garantir uma produção contínua e a acumulação de renda. Depois veio o período da derrocada do perímetro, quando as águas do açude baixaram, provocando a interrupção da irrigação e as famílias novamente se viram diante do risco da miséria, levando à evasão de famílias inteiras, ou dos seus jovens. Estes jovens, que na época eram crianças ou adolescentes, viveram essa experiência da agricultura irrigada que fracassou, traindo todos que haviam acreditado no novo Eldorado, ou melhor, na nova Petrolina que estava surgindo ali mesmo, em Ibimirim, no Moxotó. As associações entre um município e outro geraram expectativas grandes e frustrações maiores ainda.

Os jovens elaboraram suas próprias visões sobre a agricultura e suas próprias expectativas sobre o desenvolvimento de Ibimirim, de forma diferenciada da visão dos pais. Estes acreditavam num futuro melhor, falavam em prosperidade. Os jovens se mostraram mais céticos em relação à capacidade de melhorar a qualidade de vida através da agricultura, mesmo os que gostam e querem viver como agricultores.

A "vingança" das vilas que antes desses processos de "modernização" haviam experimentado uma vida social mais pujante, parece que foi cumprida nessa década de 1990 e início do 2000, quando Ibimirim "encolheu". No entanto, esses povoados continuam, até hoje, vivendo na estagnação, encolhendo, enquanto Ibimirim retomou a dianteira no processo de desenvolvimento a partir de 2004, quando o governo federal inicia o projeto de recuperação do PIMOX. Muitos jovens e mesmo famílias inteiras que haviam migrado retornaram desde aquele ano.

Além dessas visões sobre a produção irrigada no perímetro, que marcam diferenças entre gerações, circulam também entre os jovens outras visões sobre a agricultura, baseadas em experiências de agricultura "de sequeiro", de caprinocultura e ovinocultura, e de outras formas de produção familiar, como a pesca, a piscicultura e a apicultura.

Todas estas cartografias registradas sobre os modos de produção e as mudanças nas relações de produção; sobre os lugares e as mudanças nas hierarquias entre os lugares; sobre universos simbólicos e as mudanças nas formas de percepção e de subjetivação da vida, emergiram com força no trabalho de interpretação das interdependências entre as trajetórias individuais e os campos de possibilidades em que os jovens movimentam no esforço para conquistar sua autonomia. Esse esforço interpretativo possibilitou compor um mosaico de situações que aponta para os limites

e possibilidades da vida social dos jovens de um pequeno município, sem homogeneizar nem diluir as diferenças existentes entre eles.

Para compreender as trajetórias de jovens de um pequeno município é preciso reconhecer quais as visões que eles têm sobre a agricultura, em função do "peso" desta na oferta de trabalho e de oportunidades de empreendimentos locais e, paralelamente, reconhecer quais as expectativas dos jovens em relação ao futuro, seu e do lugar onde vive. Investigar quais as estratégias que os jovens pensam para permanecer ou entrar na profissão de agricultor, ou para sair da agricultura vivendo em um município predominantemente agrícola, revelou como os jovens fazem suas escolhas, ou melhor, como eles se movimentam no campo de possibilidades, que é o campo das escolhas. E as escolhas são modos de estar ligado a alguém, e de se distanciar de outro alguém, de eleger pessoas e lugares que a gente deseja ficar ao lado, de buscar as opções preferenciais antes de partir para as secundárias, de buscar as coisas significativas para a vida.

A «necessidade de significação da vida» está presente na dimensão dos sonhos dos jovens, seja para si próprio, seja para o município. Esteve presente nas falas de jovens que se identificaram como Agentes de Desenvolvimento Local, ou educadores ambientais. Eram os jovens que participaram das atividades sócio-educativas do SERTA ou da Associação Umburanas, que falaram da degradação ambiental da Caatinga e da poluição provocada por uma agricultura praticada com agrotóxicos no Perímetro Irrigado. Falaram da gestão da água do açude e da necessidade de conversão tecnológica da irrigação, deixando de irrigar por inundação, devido ao desperdício d'água e à salinização dos solos, para irrigar por gotejamento. Expressam preocupação com o projeto de transposição das águas do São Francisco, embora a desejem,

justamente acreditando que essa obra vai assegurar o abastecimento de água no perímetro, visto que ela interliga o São Francisco ao açude Poço da Cruz.

Os jovens sonham. Os sonhos transformam em imagens mentais as idéias que os jovens construíram sobre a vida no planeta, sobre o trabalho na agricultura, e revelam também como eles se diferenciam das gerações mais velhas. Os sonhos alimentam as esperanças, orientam as estratégias, que podem se transformar em projetos produtivos. Mas os sonhos se diferem dos projetos, eles empurram o homem para o futuro. Já os projetos colocam os jovens com os pés no chão, no sentido de que falar em projetos remete aos projetos produtivos, aos financiamentos solicitados ao banco, ao PRONAF, ao PRORURAL e aos projetos frustrados, nunca realizados, ou fracassados.

Muitos dos sonhos e projetos passam pelas atividades tradicionalmente desenvolvidas no município: agricultura, pecuária, artesanato. Alguns jovens de Ibimirim estão se dedicando à agricultura familiar com postura de empreendedores modernos, mostrando uma relação com o rural fundada na racionalidade do negócio capitalista. Estes privilegiam o plantio voltado para o abastecimento das agroindústrias, principalmente o cultivo da banana que é uma cultura permanente e com pouca variabilidade de preço. Outros jovens buscam alinhar os dois tipos de influência, fazendo investimentos modernos, como na apicultura e na piscicultura, aliado à policultura, que é uma característica da tradição camponesa. E há ainda um terceiro caminho de jovens agricultores que permanecem presos às formas de produção tradicionais, principalmente na agricultura "de sequeiro", mas não exclusivamente.

Outra vertente nas trajetórias de jovens de Ibimirim é daqueles que não tem interesse na agricultura, sejam eles filhos ou filhas de agricultores, ou não. O maior problema enfrentado por esses jovens é a escassez das oportunidades de trabalho fora

da agricultura. Para aqueles que não têm condições de fazer um negócio próprio, e ficam à procura de trabalho assalariado a situação é crítica, mas, ainda assim, alguns desses jovens conseguem se infiltrar no serviço público, no comércio, em serviços administrativos das associações e nos serviços sócio-educativos das ONGs. Mas há também aqueles que conseguem desenvolver iniciativas como autônomos, oferecendo serviços de manutenção de computador, cursos de computação a domicílio, aulas de reforço escolar para alunos das séries iniciais do ensino fundamental, como mecânico de motocicletas e, falando em quantidade, são muitos os que vão trabalhar como mototaxi, e, ainda alguns jovens vêm enfrentando essa situação de desenvolvimento por iniciativas próprias a partir de conhecimentos que foram apropriados por eles. É o caso, por exemplo, da área de informática, que traz possibilidades diferentes de negócio, seja para quem não tem nenhum recurso a investir, e pode dar aulas de informática; seja para aquele que tem conhecimentos e instrumental para fazer manutenção de computadores; seja para aquele que consegue um pequeno capital e monta uma *lan house* ou uma loja de diversões eletrônicas.

Apesar das dificuldades que ainda são grandes, comparativamente à situação dos seus pais, os jovens rurais de hoje estão mais livres das amarras que faziam da vida de seus antepassados, no Sertão, bastante insegura e previsível no que se refere às opções de trabalho para os jovens: ou era a agricultura, ou... a agricultura. Se não quisesse, teria que migrar. Essa seria a situação de alguns jovens da vila de Puiú, ainda hoje, se não fosse pela presença dos aposentados e das crianças, que garantem o sustento da família através dos benefícios que recebem da seguridade social, permitindo aos jovens que permaneçam mais tempo na casa dos pais. Devido a essa diminuição da pressão cotidiana de ter que trabalhar para satisfazer as necessidades mais elementares da vida humana, alguns jovens se livraram da migração compulsória.

A migração apareceu como opção de jovens solteiros, do sexo feminino e que moram na zona rural. Alguns se referiram a migração como situação temporária, para estudar e outros porque não desejam mais morar lá. Mas, muitos jovens já haviam retornado para lá, o que parece estar em acordo com os dados sobre a reversão nos fluxos migratórios, registrados pelos demógrafos nos últimos anos Estes jovens que retornaram a Ibimirim, juntamente com os que não desejam sair de lá, são maioria neste estudo.

A questão da conquista da autonomia pelo jovem é um fator que baliza a relação de poder entre pais e filhos, mesmo nas famílias de agricultores, como parte dessa relação que experimenta a maioria dos seres humanos. A questão de trabalhar ou não está imbricada à conquista da autonomia por duas razões: primeiro pela questão financeira, sem dinheiro o jovem permanece na dependência dos pais, e em segundo lugar, pela ausência de uma identidade de trabalhador, credencial que permite o reconhecimento social do indivíduo diante da sociedade.

Mas, a dimensão do trabalho foi apenas uma das faces que revelaram mudanças nas práticas sociais e visões de mundo dos jovens rurais. Outras dimensões passam por afazeres da vida social, como os estudos, o lazer e o comércio. A vida social desses jovens de Ibimirim se passa entre o campo e a cidade. A freqüência dos jovens rurais à cidade, para as gerações mais velhas, acontecia quase que invariavelmente pela mediação da família ou da igreja, e se reduzia a poucas ocasiões no mês. Portanto, ir para a cidade era raro e era feita sob rígido controle dos pais, auxiliados pela igreja.

Para os jovens rurais de hoje, a freqüência à cidade é cotidiana e é mediada pela escola. No entanto, para ser mais preciso a escola não atua como mediadora para os alunos, no que diz respeito a apresentá-los à vida citadina. Ela deixa os alunos descobrirem sozinhos, já que mal consegue fazer o controle disciplinar dos alunos no

espaço intra-muros. Como é relativamente comum haver aulas vagas, seja pela ausência de professor em determinadas áreas seja pela falta de freqüência de alguns professores, os jovens saem às ruas da cidade todas as noites dos dias úteis. Principalmente no horário do intervalo, os jovens dessas salas em que houve vacância de aulas se juntam aos outros que não querem assistir aula por outros motivos, inclusive para poder ficar conversando, saem para a rua e ainda encontram aqueles amigos que não estudam mais.

A cidade é o ambiente onde os jovens são menos controlados pelas instituições sociais. Por conta disto, algumas famílias da zona rural reclamam a ampliação do atendimento educativo em suas comunidades, onde podem manter vigília sobre os seus filhos. Por isto, muitas vezes quando moradores mais velhos da cidade criticam os jovens, os costumes estranhos, a falta de educação, ou de bons modos, eles estão, muitas vezes, se referindo ao comportamento dos estudantes à noite pela cidade. Não é raro encontrar moradores da cidade responsabilizando os jovens dos sítios pelos acontecimentos considerados ruins, ou por comportamentos que consideram desagradáveis. Gestores e educadores com quem conversei confirmam esta visão presente entre moradores da cidade, às vezes, criticando essa visão, às vezes apoiando.

Para quem não quer ficar em casa vendo novela, a cidade é o lugar onde há o que fazer de noite, ainda que esse isto possa se resumir em perambular pelas ruas, para conversar com uma pessoa aqui e outra ali, e ir para a *lan house*. Muitos jovens do campo aproveitam o transporte escolar para ir à cidade passear. Assim, a cidade, de dia é lugar de comercio, de banco, de serviços públicos, e, de noite, lugar de estudo, de lazer, de encontros, de namoro, de conectividade.

Já o campo é lugar de trabalho, mais do que na pequena cidade que não tem nenhuma indústria, só comercio e serviços. Por mais que cresça o comércio e a

construção civil, essas áreas não dão conta de absorver os jovens que vão chegando ao mercado de trabalho. O campo, hoje, abriga as tecnologias, exigindo mais conhecimentos dos agricultores e atraindo mais investimentos em novas técnicas e modos de produção, que alteram a relação do homem com o seu trabalho e com a natureza, portanto, que alteram as relações sociais. O campo é lugar de ecologia e de preservação. O campo pode ser lugar apenas para trabalhar, se a sua localização for próxima à cidade e quando o que se quer dele é mesmo a produção, ou seja, quando ele é apenas meio de produção, e não modo de vida.

Para os jovens de Ibimirim, do campo e da cidade, o sábado de noite é na cidade, principalmente se tiver festa no salão, ou se tiver show. Mas domingo é dia de *prainha* no açude.

O açude trouxe uma nova forma de relação com a natureza e de relações sociais com finalidade de prazer. Para o açude vão moradores do campo e da cidade, visitantes e turistas. Encontram-se todos na *prainha*, ou espalham-se pelo açude utilizando canoas e barcos motorizados ao longo do lago. Os banhistas verão e serão vistos por moradores da beira do lago. A freqüência ao açude é mais democrática até que a freqüência ao rio. Embora o rio tenha também seus lugares de banho e de encontro da comunidade, para o açude convergem muitas pessoas, fazendo que a convivência com as diferenças aconteça efetivamente em um mesmo espaço. A *prainha* é como a festa, mas é ainda melhor, sem data marcada: ali realmente se encontram uma variedade de pessoas religiosas, prostitutas, trabalhadoras, bêbadas, que se vestem "na moda", que não vestem moda nenhuma, que ouvem forro pé-de-serra, ou forró-estilizado, ou brega, ou rock, ou MPB.

Com este inventário de práticas sociais, de comportamentos e de pensamentos que mostram como vivem os jovens de Ibimirim, creio que a pesquisa contribuiu para

revelar novos ângulos de observação das relações entre o rural e o urbano, no Sertão nordestino e da posição assumida para apreender essa relação a partir da visão dos jovens de um pequeno município.

Contribuiu para mostrar que a juventude não é uma passagem, e a vida adulta não é um porto seguro, ouvindo os próprios jovens dizer que são um pouco adultos, pelos desafios que estão enfrentando para se estabelecer em um mundo em transformação, tendo que assumir riscos, construir conhecimentos e relações que lhes abra possibilidades para se estabelecer autonomamente neste mundo em crise. Entendem-se um pouco adolescentes ou crianças, sabendo que ainda podem fazer certas irresponsabilidades e transgressões por causa do *status* do jovem enquanto ser em formação, mas, por terem já acumulados experiências, sabem que as escolhas implicam em determinadas conseqüências que não se pode evitar.

Pode-se pensar em tantos outros jovens que poderiam figurar nessa tese para alargar a heterogeneidade das trajetórias de vida das novas gerações que ascendem à vida em sociedade. Mesmo através deste universo específico dos jovens de Ibimirim, ou, melhor dizendo, de lugares diferentes que são identificados pelo nome de um município, as questões aqui colocadas falam das relações entre indivíduo e sociedade, entre jovens e adultos, entre as trajetórias e os campos de possibilidades. Porém, elas falam também, ainda que parcialmente, de outros jovens e situações de uma sociedade bastante heterogênea, através das referências ao outro ausente e distante de quem fala, mas presente em seu discurso, como afirmação da identidade de quem fala.

A heterogeneidade é o que marca as trajetórias individuais aqui reveladas. Elas servem para questionar os modelos mentais construídos na sociedade, inclusive com o auxilio de certas teorias, que avaliam e atribuem lugares "destinados" às pessoas que são desta ou daquela "classe social", que moram em "tal" lugar, que estudam em "tal"

escola, ou seja, que pensam que o indivíduo é aprisionado pelas condições do contexto. O que foi feito aqui, não foi desprezar o contexto, ou relativizar tudo. O que foi demonstrado nesta pesquisa, é que quando se diz "contexto", esta se falando de relações sociais, das pessoas entre si, com as instituições sociais – que como disse Elias, também são frutos de relações sociais que tomaram formas específicas de funcionamento. Relações de pessoas com os lugares – esses mesmos, frutos de relações que criam configurações específicas –, e de pessoas com os objetos, que são construtos de relações entre o homem e os meios materiais. E se são relações, logo, os sujeitos participam delas e simbolizam diferentemente essas relações.

Assim, é possível mesmo falar em "jovem rural" e "jovem urbano", que podem ter modos de vida diferentes e podem ter visões de mundo diferentes, mas essas diferenças não são dadas pelo lugar, mas pelas relações sociais que se estabelecem entre as pessoas, os lugares e os objetos que povoam o mundo.

Bibliografia

ABREU, João Capistrano de. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975.

ALBUQUERQUE, Ulysses Lins de. *Moxotó Brabo*. Aspectos históricos-sociológicos de uma região sertaneja. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1979.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. 2ª ed. Recife: Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

ALVIM, Rosilene. *A sedução da cidade*: os operários-camponeses e a fábrica dos Lundgren. Rio de Janeiro: Graphia, 1997.

ANDRADE, Manuel Correia de. *Tradição e Mudança*: a organização do espaço rural e urbano na área de irrigação do sub-médio São Francisco. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

____. *Cidade e campo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1974.

____. *A terra e o homem no Nordeste*: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

____. *Poder político e produção do espaço*. Recife: Massagana, 1984.

APARICI, Roberto e GARCÍA-MATILLA, Augustín. *Lectura de imágenes*. Madrid: Ediciones de la Torre, 1989.

ARAUJO, Emanuel. "Tão Vasto, Tão Ermo, Tão Longe: o Sertão e o Sertanejo nos tempos coloniais". *In*: DEL PRIORE, Mary (org.). *Revisão do Paraíso*. Rio de Janeiro: Campus, 2000, pp. 45-92.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. "Retomada de um legado: Marialice Foracchi e a sociologia da juventude". *Tempo social*, nov. 2005, vol.17, n.2, p.11-33.

AZEVEDO, Fernando. *A cidade e o campo na civilização industrial e outros estudos*. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996**.**

BARBALHO, Nelson. *Cronologia pernambucana. Subsídio para a história do agreste e do sertão*. Vol. 6 (1698-1782). (Série Cronologia Pernambucana, vol. 6). Recife: Centro de Estudos de História Municipal/FIAM, 1982.

BATISTA NETO, José. *Algumas considerações teóricas e metodológicas sobre a abordagem biográfica, instrumento da pesquisa educacional e da formação: contribuições da Escola de Chicago e do interacionismo simbólico*. (Texto para discussão, n. 199/2007). Recife: Diretoria de Pesquisas Sociais/FUNDAJ, 2007**.**

BAUER, Martin W.; GASKEL, George. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som.* Um manual prático. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BAUMANN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BECKER, Howard S. *Outsiders*. Études de sociologie de la déviance. Paris: A.M. Métaile, 1985.

BERTAUX, Daniel. *Les récits de vie*. Paris: Ed. Nathan, 1997.

BILAC, Elisabete Dória. *Família de Trabalhadores: estratégias de sobrevivência*. São Paulo: Símbolo, 1978.

BLANCHET, A. e GOTMAN, A. *L'enquête et ses méthodes*: l'entretien. Paris: Ed. Nathan, 1982.

BOHNSACK, Ralph. "A interpretação de imagens e o Método Documentário". *Sociologias*, ano 9, n. 18, Porto Alegre, jun./dez. 2007, p. 286-311

BORN, Claudia. "Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos". *Sociologias*, n.5, Porto Alegre, jan./jun. 2001.

BOSI, Alfredo. *A Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *A Miséria do Mundo.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2003a.

____. *Algerien: Zeugnisse der Entwurzelung*. Graz: Camera Austria, 2003b.

____. *O desencantamento do Mundo:* estruturas econômicas e estruturas temporais. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1979.

____. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação.* Campinas, SP: Papirus, 2001

____. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

____. *Questões de Sociologia.* Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

____. "De quoi parle-t-on quand on parle du 'problème de la jeunesse'?". *In*: PROUST, François (Org.). *Les jeunes et les autres : contribuitions des sciences de l'homme à la question des jeunes*. Vaucresson: CRIV, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A partilha da vida*. São Paulo, GEIC/Cabral, 1995.

____. "Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil". *Revista Ruris*, vol.1, n. 1, out. 2006, p. 37-64.

____. "Parentes e parceiros: relações de produção e relações de parentesco entre camponeses de Goiás". *In*: ARANTES, A. *et al.*, *Colcha de retalhos*; *estudos sobre a família no Brasil*. 2.ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1993.

____. *O afeto da terra*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1999.

____. *O trabalho de saber*: cultura camponesa e escola rural. Porto Alegre: Sulina, 1999.

BRUMER, Anita. "A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade". *In:* CARNEIRO, M.J. e CASTRO, E.G. de, *Juventude Rural em Perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 35-54.

CALMON, Pedro. *História da Casa da Torre.* 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

CAMARANO, Ana Amélia (*et. al.*). *Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros*. (Texto para Discussão, 1038). Rio de Janeiro, IPEA: 2004

CAMARGO, Aspasia. "Historia Oral: técnica e fonte histórica". *Programa de História Oral. Catálogo de Depoimentos.* Rio de Janeiro: FGV/INDIPO/CPDOC, 1981, p. 19-24.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. 4ª ed. São Paulo: EdUSP, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

____. *Literatura e Sociedade*. 7ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARNEIRO, Maria José. "Ruralidade: novas identidades em construção". *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro (11): 53-75, out. 1998.

____. "O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais". TEIXEIRA DA SILVA, F. C.; SANTOS, R.; COSTA, L.F. C. (orgs.). *Mundo Rural e Política*. Rio de Janeiro: Ed. Campus/PRONEX, 1998.

____. "Juventude rural: projetos e valores". *In*: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira*: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, pp. 243-261.

____. "Juventude e novas mentalidades no cenário rural". *In*: CARNEIRO, M.J. e CASTRO, E.G.de (orgs.). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (orgs.). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CASAL, Joaquim *et al*. *Encuesta als joves de Catalunya*. Barcelona: Universidade Autonoma de Barcelona/GRET; Observatório Catalão da Juventude, 2002.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001.

CASTRO, Elisa Guaraná de. *Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. (Tese de Doutorado), 2005a.

____. *Juventude rural:* "apenas uma palavra" ou "mais que uma palavra". Trabalho apresentado no 29º Encontro Anual da ANPOCS. (GT Ruralidade na Sociedade Contemporânea: desafios e perspectivas), Caxambu, MG, 2005b.

CAVALCANTI, Clovis de Vasconcelos; PESSOA, Dirceu Murilo. *Vale do Moxotó: análise sócio-econômica de uma bacia de açude público*. Recife: IJNPS/DNOCS, 1970.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano.* Artes de fazer. 5ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

CHAMBOREDON, Jean-Claude. "Adolescence et Post-adolescence: la «juvénisation»". *In*: ALLÉON, Anne Marie et al. (Dir), *Adolescence terminée, adolescence interminable*. Paris: PUF, 1985.

CHAPOULIE, Jean-Marie E. "Hughes et la tradition de Chicago". *Le regard sociologique*. Essais choisis. Paris: Editions de l'École dês Hautes Études em Sciences Sociales, 1996, p. 13-57.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber:* elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHARTIER, Roger. "Formação social e economia psíquica: a sociedade de corte no processo civilizador". *In:* ELIAS, N. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 7-25.

COÊLHO SILVA, Jacionira. *Arqueologia no médio São Francisco. Indígenas, vaqueiros e missionários*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / Programa de Pós-Graduação em História. (Tese de Doutorado), 2003.

COSTA, Jurandir Freire. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. *In*: NOVAES, R.; VANUCCHI, P. (orgs.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação.* São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004, pp. 75-88.

COULON, Alain. *A Escola de Chicago*. Campinas: Papirus Ed., 1995.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões.* Rio de Janeiro: Record, 2002.

DE GAULEJAC, Vincent. "L'histoire de vie ou le temps recomposé". *Sociétés*, Revue de Sciences Humaines et Sociales, n. 18, mai 1988, p. 5-7.

DE KETELE, Jean-Marie. "Itinéraire et Itinérance". *In*: HASSENFORDER, Jean. *Chercheurs en Éducation*. Paris: INRP/L'Harmatan, 1999, p. 151-158.

DEPELTEAU, François. "Hacia uma teoria crítica y relacional: de la emancipación egocêntrica a la relacional". *In:* KAPLAN, C. V. (coord.). *La civilización em cuestión.* Buenos Aires: Miño y Dávila, 2008, pp. 187-235.

DIÉGUES JR., Manuel. "Populações rurais brasileiras". *In*: SZMRECSÁNYI, T. e QUEDA, O. *Vida Rural e Mudança Social.* São Paulo: Ed. Nacional, 1979, pp. 121-131.

DURÁN, Francisco Entrena. "Viejas y nuevas imágenes sociales de ruralidad". *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro (11): 76-98, out. 1998.

DURHAN, Eunice Ribeiro. A família operaria: consciência e ideologia. *Dados*, n. 23, v. 2. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

DURSTON, John. *Juventud rural em Brasil y México***:** reduciendo la invisibilidad. Santiago do Chile: CEPAL, 1998b. Disponível em: «www.cinterfor.org.uy». Acesso em: 18/02/2006.

____. *Juventud y desarollo rural*: marco conceptual y contextual. Santiago do Chile: CEPAL, 1998a. (Políticas Sociales, 28). Disponível em: «www.cinterfor.org.uy». Acesso em: 18/02/2006.

ELDER, Glen. *Life course dinamics – trajectories and transitions, 1968-1980*. Nova York: Cornell University Press, 1985.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Rio de janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

____. *O processo civilizador*. Vol. II. Formação do estado e civilização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

____. *O processo civilizador*. Vol I. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1994a.

____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994b.

____. *Mozart, sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

____. *Os alemães*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997a.

____. *Envolvimento e distanciamento:* estudos sobre sociologia do conhecimento. Lisboa: Dom Quixote, 1997b.

____. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

____. *Nobert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

____. *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2005a.

____. *A peregrinação de Watteau à Ilha do Amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005b.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FERNANDES, Florestan. "Anotações sobre o capitalismo agrário e a mudança social no Brasil". *In*: SZMRECSÁNYI, T. e QUEDA, O. *Vida Rural e Mudança Social.* São Paulo: Ed. Nacional, 1979, pp. 105-117.

FONSECA, Claudia. *Família, fofoca e honra*: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre, RS: Ed. Universidade UFRGS, 2000.

FONSECA, Homero. *Pernambucânia. O que há nos nomes das nossas cidades.* Recife: Cia. Ed. de Pernambuco, 2006.

FORACCHI, Marialice M. *A Juventude na Sociedade Moderna.* São Paulo: Pioneira, 1972.

FRAGA, Paulo César Pontes. "Da Favela ao Sertão: Juventude, Narcotráfico e Institucionalidade". *In*: FRAGA, P.C.P; IULIANELLI, J.A. (org.). *Jovens em Tempo Real*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

____. "Juventude, narcotráfico e violência no Brasil: para além do rural e do urbano". *In*: IULIANELLI, J. A. e MOTTA RIBEIRO, A. M. *Narcotráfico e Violência no Campo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala:* Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 1995.

____. *Sobrados e Mocambos:* Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano. São Paulo: Record, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil. *In*: NOVAES, R., VANNUCHI, P. *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 34ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALLAND, Olivier. *Sociologie de la jeunesse*. Paris: Armand-Colin, 1997.

____ e LAMBERT, Yves. *Les jeunes ruraux.* Paris : INRA; L'Harmattan, 1993.

GARCIA JR., Afrânio Raul. *Sul: o caminho do roçado* – estratégias de reprodução camponesa e transformação social. Rio de Janeiro: Marco Zero; Brasília: CNPq, 1989.

GEBARA, Ademir. "Civilização e descivilização na América Latina: o caso brasileiro". *Anais do XI Simpósio Processo Civilizador*. Buenos Aires: Universidade de Buenos Aires, 2008a. CD-rom.

____. "Portugueses, jesuítas y la educación de los índios bravos y bárbaros". *In*: KAPLAN, C. V. (coord.). *La civilización en cuestión.* Buenos Aires: Miño y Dávila Ed., 2008b, pp. 51-80.

____. "A educação dos índios bravos e bárbaros". *Anais do X Simpósio Processo Civilizador*. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

____. *Conversas sobre Norbert Elias*. Depoimentos para uma história do pensamento sociológico. Piracicaba, SP: Biscalchin Ed., 2005.

____ et alli. *História regional: uma discussão*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1987.

GERSTEL, Naomi R. "Família". *In*: OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, T. (edits.), *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

GIRÃO, Raimundo. *Pequena história do Ceará*. (Estudos Cearenses; n. 1). Fortaleza: Ed. UFC, 1984.

GOMES, Alfredo Macedo. *Imaginário social da seca*: suas implicações para a mudança social. Recife: Ed. Massangana / FUNDAJ, 1998.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da mineração: memória e práticas culturais.* Mato Grosso na primeira metade do Século XX. Cuiabá (MT): Carlini & Caniato; EdUFMT, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* São Paulo: Centauro, 2004.

HAREVEN, T. K. (Ed.). *Transitions: The family and the life course transitions*. Londres: Tavistock, 1978.

HEILBORN, Maria Luiza. 1984. *Conversa de portão*: juventude e sociabilidade em um subúrbio carioca. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro / Museu Nacional / Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. (Dissertação de Mestrado), 1984.

HOBSBAWN, Eric. *A Era dos Extremos*. O breve século XX – 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

HUGHES, Everett. "Carrières, cycles et tournants de l'existence". *Le regard sociologique*. Essais choisis. Paris: Editions de l'École dês Hautes Études em Sciences Sociales, 1996a.

____."Carrières". *Le regard sociologique*. Essais choisis. Paris: Editions de l'École dês Hautes Études em Sciences Sociales, 1996b.

IULIANELLI. Jorge Atílio. "O gosto bom do bode: juventude, sindicalismo, reassentamento e narcotráfico no Submédio". *In*: RIBEIRO, A. M. M. e IULIANELLI, J. A. e. *Narcotráfico e Violência no Campo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

JOAS, Hans. “Interacionismo Simbólico”. *In*: GIDDENS, A. e TURNER, J. (orgs.), *Teoria Social Hoje*. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

JOSSO, Marie-Christine. “Prefácio”. *In*: CLEMENTINO DE SOUZA, Elizeu e Maria Helena Menna Barreto Abrahão (orgs.), *Tempos, narrativas e ficções*: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS / EDUNEB, 2006, p. 7-14.

____. “Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si”. *In*: CLEMENTINO DE SOUZA, Elizeu e Maria Helena Menna Barreto Abrahão (orgs.), *Tempos, narrativas e ficções*: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS / EDUNEB, 2006, p.21-40.

KECSKEMETI, Paul. “Introduction”. *In*: MANNHEIM, Karl. *Essays on the sociology of knowledge*. London: Routledge e Kegan Paul LTD, 1964.

KORTE, Hermann. “Algumas observações sobre a gênese de *A peregrinação de Watteau à Ilha do Amor*, de Norbert Elias”. *In*: ELIAS, N. *A peregrinação de Watteau à Ilha do Amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

KUSCHNIR, Karina. Trajetória, projeto e mediação na política. *In*: VELHO, G. e KUSCHNIR, K. (org.). *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

LAMARCHE, Hugues (Coord.). *A agricultura familiar: comparação internacional*, vol. 1: Uma realidade multiforme. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

___. *A agricultura familiar: comparação internacional*, vol. 2: Do mito à realidade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998

LAHIRE, Bernard. *Retratos Sociológicos*: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

____. “Trajetória acadêmica e pensamento sociológico: entrevista com Bernard Lahire”. *Educação e Pesquisa,* São Paulo, vol. 30, n. 2, p. 315-321, mai/ago 2004b.

LA MENDOLA, Salvatore. “O sentido do risco”. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP. São Paulo, v. 17, n. 2, pp. 59-91, novembro, 2005.

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1970.

LEONARDI, Victor. *Entre árvores e esquecimento: história social nos sertões do Brasil*. Brasília: Ed. UNB/Paralelo 15, 1996.

LIMA, Eli Napoleão. (2005), “Novas ruralidades, novas identidades. Onde?”. In MOREIRA, Roberto José (org.), *Identidades Sociais. Ruralidades no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro, DP&A.

MACIEL, José de Almeida. “Questões de toponímia municipal pernambucana”. *Obras Completas.* vol. 2. Recife: Centro de Estudos de História Municipal /FIAM, 1984. (Tempo Municipal, 3).

MADEIRA, Felícia Reicher. “Recado dos Jovens: mais qualificação”. *Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*. Brasília: CNPD, 1998.

_____. “A trajetória das meninas dos setores populares: escola, trabalho ou... reclusão”. *In*: MADEIRA, F.R.(org.). *Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil.* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, pp. 45-134.

MAGALHÃES, Basílio de. *Expansão geográfica do Brasil colonial*. 2ª ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1935.

MALERBA, Jurandir. “Sobre Norbert Elias”. *In*: MALERBA, J. (org.). *A velha história: teoria, método e historiografia*. Campinas (SP): Papirus, 1996.

MANNHEIM, Karl. “O problema sociológico das gerações”. *In*: FORACCHI, M. (org.). *Mannheim*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1982a.

___. *Structures of thinking*. Collected Works Volume Ten. London: Routledge/ Kegan Paul, 1982b.

___. “O problema da juventude na sociedade moderna”. *In:* BRITTO, S. (org.), *Sociologia da Juventude, I – da Europa de Marx à América Latina de Hoje.* Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia.* Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

MARGULIUS, Mario e URRESTI, Marcelo. “La juventud es más que una palabra”. *In*: MARGULIUS, M. (org.), *La juventud es más que una palabra*: ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MARTÍNEZ, Amalia Barbosa. “Sobre El método de la interpretación documental y el uso de las imágenes en la sociología: Karl Mannheim, Aby Warburg y Pierre Bourdieu”. *Sociedade e Estado*, v. 21, n.2, Brasília, p. 391-414, 2006.

MARTINS, José de Souza. *Capitalismo e tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1975.

____. *Sociologia da Fotografia e da Imagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

MEDEIROS, Ricardo Pinto. *O Descobrimento dos Outros: Povos Indígenas do Sertão Nordestino no Período Colonial.* Recife: Universidade Federal de Pernambuco / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / Programa de Pós-Graduação em História. (Tese de Doutorado), 2000.

MELLO, Evaldo Cabral de. *Olinda Restaurada. Guerra e Açúcar No Nordeste 1630/1654.* Rio de Janeiro: Ed. Topbooks, 1998.

MELLO, J. A. Gonsalves de. *Três roteiros de penetração do território pernambucano* (1738 e 1802). Recife: Imp. Universitária, ICH, 1966.

MENESES, Djacir. *O outro Nordeste*: formação social do Nordeste. 2ª ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1970.

MILLS, Wright C**.** *A imaginação sociológica.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MINAYO, Maria Cecília de S. (*et al.*). *Fala Galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Ideologias geográficas.* 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996

MOREIRA, Roberto José. “Ruralidades e globalizações: ensaiando uma interpretação”. *In*: MOREIRA, R. J. *Identidades sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MOURA, Abdias. *O sumidouro do São Francisco:* origens dos conflitos no Brasil. 3ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

MOURA, Margarida. *Os herdeiros da terra: parentesco e herança numa área rural.* São Paulo: Hucitec, 1978.

MULLER, Elaine. *"A transição é a vida inteira": uma etnografia sobre os sentidos e a assunção da adultez*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco/Centro de Filosofia e Ciências Humanas/Programa de Pós-Graduação em Antropologia. (Tese de Doutorado), 2008.

NEVES, Delma Pessanha; SILVA, Maria Aparecida de M. (orgs.). *Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil*. vol. 1: Formas tuteladas de condição camponesa. São Paulo: Ed. UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2008.

NEVES, Delma Pessanha. *A perversão do trabalho infantil*: lógicas sociais e alternativas de prevenção. Niterói, RJ: Intertexto, 1999.

NOVAES, Regina. “Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política”. *In*: ABRAMO, H. W.; FREITAS, M. V. de; SPOSITO, M. P., *Juventude em debate*. 2ª ed. São Paulo: Cortez/Ação Educativa, 2002.

____. “Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias”. *In*: ALMEIDA, M. I. M.; EUGENIO, F. (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

____. “Políticas públicas, direito e participação”. *In*: CARNEIRO, M.J. e CASTRO, E.G.de (orgs.). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

____ e VANNUCHI, Paulo (orgs.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação.* São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004

OLIVEIRA. Francisco de. *Elegia para uma Re(li)gião.* 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

____. “Acumulação monopolista, Estado e urbanização: a nova qualidade do conflito de classes”. *In*: *Contradições urbanas e movimentos sociais*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra/CEDEC, 1978.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Terra à Vista - Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo.* São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1990.

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imp.Nacional/Casa da Moeda, 1996.

____. *Vida Cotidiana*: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

____. *Ganchos, tachos e biscates. Jovens, trabalho e futuro*. Porto: Ambar, 2001.

____. “Growing up on the EU periphery: Portugal”. *In*: CHISHOLM *et alii* (eds.) *Growing up in Europe — contemporary horizons in chidhood and youth studies*. Berlim: Gruyter, 1995.

____. “Routes to adulthood in a changing society: the Portuguese experience”. *Education Policy*, v. 8, n. 1, p. 9-15, 1993.

____. “Bandas de garagem e identidades juvenis”. *In*: COSTA, M. R. da; SILVA, E. M. da (orgs.). *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. São Paulo: Educ, 2006.

____. “Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. *In*: ALMEIDA, M. I. M. de; EUGENIO, F. (orgs.). Culturas jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006b.

PANDOLFI, Maria Lia. *Na margem do lago: um estudo sobre o sindicalismo rural*. Recife: Universidade de Pernambuco / Programa Integrado de Mestrado em Economia e Sociologia. (Dissertação de Mestrado), 1986.

PAULILO, Maria Ignez S. “Movimento de mulheres agricultoras: terra e matrimônio”. *Cadernos de Pesquisa*. Florianópolis: UFSC, n. 21, jun. 2000, p. 1-17.

PENEFF, Jean. *La méthode biographique.* Paris: Armand Colin, 1990.

PEREIRA DA COSTA, F. A. *Anais Pernambucanos – vol. 4, 5, 6, 7*. 2ª ed. Recife: FUNDARPE, 1983.

PEREIRA, Jorge Luiz de Goes. “Entre campo e cidade: amizade e ruralidade segundo jovens de Nova Friburgo”. *Estudos Sociedade e Agricultura*, vol. 12, n. 2, outubro 2004.

PIERSON, Donald. *O homem no Vale do São Francisco*. [3 vols.]. Rio de Janeiro: SUVALE, 1972.

PIMENTA, Melissa de Mattos. *“Ser jovem” e “Ser adulto”: identidades, representações e trajetórias.* São Paulo: Universidade de São Paulo / Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas / Programa de Pós-Graduação em Sociologia. (Tese de Doutorado), 2007.

PÓLO SINDICAL, Trabalhadores Rurais do Submédio São Francisco – PE/BA. *Terra por Terra na Margem do Lago*. Boletim Informativo, n. 7, jan. a jun./1981.

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. Aldeias indígenas e povoamento do Nordeste no final do século XVIII: aspectos demográficos da “cultura de contato”. *Ciências Sociais Hoje***.** São Paulo: Hucitec, ANPOCS, p. 193-218,1993.

PRADO JUNIOR. Caio. *História Econômica do Brasil*. 18ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Bairros Rurais Paulistas*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.

____. “Do rural e do urbano no Brasil”. *In*: SZMRECSÁNYI, T. e QUEDA, O. *Vida Rural e Mudança Social.* São Paulo: Ed. Nacional, 1979, pp. 160-176.

____. *História do Cangaço*. 3ª ed. São Paulo: Global, 1986.

____. *Cultura, Sociedade Rural, Sociedade Urbana no Brasil*. Rio de Janeiro: LTC; São Paulo: EDUSP, 1978.

____. *O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1976.

____. “Relatos Orais: do “indizível” ao “dizível””. *In*: VON SIMSON, O. M., *Experimentos com histórias de vida* (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice/Ed. Revista dos Tribunais, 1988.

RAMBAUD, Placide. “Les agriculteurs polonais à la conquete de leur identité”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, n. 41, Ed. Minuit, 1982: 47-59.

RIBEIRO, Ana Maria Motta. “Sindicalismo, barragens e narcotráfico”. *In*: MOREIRA, Roberto José; COSTA, Luiz Flávio de Carvalho. *Mundo rural e cultura.* Rio de Janeiro: MAUAD, 2002. p.205-220.

RIBEIRO, Ana Maria Motta; JULIANELLI, Jorge Atílio (Org.). *Narcotráfico e violência no campo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 286 p.

RICARDO, Cassiano. *Marcha para o oeste*: a influência da bandeira na formação social e política do Brasil. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

RUDIO, Franz Victor. “A Observação”. *In*: *Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica.* Petrópolis (RJ): Vozes, 1985.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. 6ª edição. São Paulo: EdUsp, 2008.

SANTOS, Maria Cristina dos. “Jesuítas e índios na sociedade missioneira: uma análise crítica da historiografia”. *Estudos Ibero-americanos.* Porto Alegre: PUCRS, vol. XIII, 1: 71 -108, jul. 1987.

SARTI, Cynthia Andersen. “O jovem na família: o outro necessário. *In*: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (orgs.) *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, Parry; FRANCH, Mónica. “Jovens, moradia e reprodução social: processos domésticos e espaciais na aquisição de habilidades e conhecimentos”. *Estudos de Sociologia*. Recife: UFPE, v. 7, n 1-2, p.95-125, jan.-dez. 2001.

SCOTT, Parry; ATHIAS, Renato M.; LONGHI, Márcia R. “Como nossos pais? Homens e gerações em três contextos diferentes em Pernambuco”. *In*: ADORNO, R.C.F.; ALVARENGA, A.T.; VASCONCELOS, M.P.C. (orgs.). *Jovens, trajetórias, masculinidades e direitos*. São Paulo: FAPESP / Edusp - Editora da Universidade de São Paulo, 2005, v. 1, p. 121-145

SCHÜTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1979.

____. *Estúdios sobre teoria social*. Buenos Aires: Amorrortu Ed., 1974.

SEYFERTH, G. Herança e estrutura familiar camponesa. *Boletim do Museu Nacional*. Nova Série, n. 52, maior, 1985.

SHIRLEY, Robert W. *O fim de uma tradição*: cultura e desenvolvimento no município de Cunha. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1977.

SILVA, Kalina Vanderlei Paiva da. ‘Nas solidões vastas e assustadoras’: os pobres do açúcar e a conquista do sertão de Pernambuco nos séculos XVII e XVIII. Recife: Universidade Federal de Pernambuco / Centro de Filosofia e Ciências Humasn / Programa de Pós-Graduação em História. (Tese de Doutorado), 2003.

SILVA, Vanda. *Sertão de Jovens*: antropologia e educação. São Paulo: Cortez, 2004

SILVESTRO, Milton Luiz *et alii*. *Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar*. Florianópolis: Epagri; Brasília: Nead / MDA, 2001.

SORJ, Bernardo. *Estado e classes sociais na agricultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

SOTO, William Héctor Gomes. *A produção do conhecimento sobre o mundo rural no Brasil.As contribuições de José de Souza Martins e José Graziano da Silva.* Santa Cruz do Sul (SC): EdUnisc, 2002.

SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. Comentários de Adolfo Varnhagen. Recife: Ed. Massangana, 2000.

SPIX e MARTIUS, Carlos Frederico. *Viagem ao Brasil – 1817-1820*. [2 vols.]. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981.

SPOSITO, Marília Pontes. "Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação". *In*: SPOSITO, M. P. (Coord.). *Juventude e escolarização — estado do conhecimento*. São Paulo: Ação Educativa, p. 6-34, 2000. Acesso em: <http://www.acaoeducativa.org>.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. *O mundo rural no horizonte dos jovens*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina / Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. (Tese de Doutorado), 2002.

TAVARES, Maria da Conceição; ANDRADE, Manuel Correia de; PEREIRA, Raimundo. *Seca e poder: entrevista com Celso Furtado*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1998.

TAVARES, Mauricio Antunes. *Onde está Kelly? O trabalho oculto de crianças e adolescentes exploradas nos serviços domésticos na cidade do Recife*. Recife: Cendhec, 2002a.

____. "O trabalho infantil e as múltiplas faces da violência contra crianças e adolescentes". *In*: SILVA, L. M. P. (org.), *Violência Doméstica Contra Crianças e Adolescentes.* Recife: Editora da UPE, 2002b.

____. *Diferenças e desigualdades sociais naturalizadas no trabalho de adolescentes empregadas domésticas na cidade do Recife*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / Programa de Pós-Graduação em Sociologia. (Dissertação de Mestrado), 2005.

____ e JESUS, Alexandro Silva de. *Entre luz e sombras: as produções de imagens e identidades nas lutas por reconhecimento em comunidades e grupos populares*. GT Emancipação, Cidadania e Reconhecimento, XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, Recife, 2007.

THOMAS, W. e ZNANIECKI, F. *The polish peasant in Europe and America*. Boston, Badger, 1918.

TRIGO, Maria Helena B.; BRIOSCHI, Lucila Reis. "Relatos de vida em Ciências Sociais: considerações metodológicas". *Ciência e Cultura*, n. 39, pp. 631-637. São Paulo, jul. 1987.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar*: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

URBAN, Greg. "História da cultura brasileira segundo as línguas nativas". *In*: CARNEIRO DA CUNHA, M. (coord.). *História dos índios no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, FAPESP, 1998, p.87 – 102.

VANSINAS, Jan. *La tradición oral*. 2ª ed. Barcelona: Ed. Labor, 1968.

VASCONCELOS, Sobrinho. *As regiões naturais de Pernambuco, o meio e a civilização*. Recife: CONDEPE, 1971.

VELHO, Gilberto. "Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea". *In*: ALMEIDA, M. I. M. de, EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

____. *Projeto e Metamorfose*. Antropologia das sociedades complexas. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

VIANNA, Hermano (org.) *Galeras Cariocas.* Rio de Janeiro: Contra Capa; Gestão Comunitária; Instituto de Investigação e Ação Social, 1997.

VICENTINI, Albertina. "Regionalismo literário e sentidos do sertão". *Sociedade e Cultura*. Goiânia (GO), vol. 10, n. 2, 2007, p. 187-196.

WAIZBORT, Leopoldo. "A vida humana e a maturidade no processo de civilização". *Anuário de Educação*: 1997/1998. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998, p. 59-75.

WANDERLEY, Maria de Nazareth B. "Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro". *In*: TEDESCO, João Carlos (org). *Agricultura familiar: realidade e perspectivas*. Passo Fundo, RS: UPF, 1999.

____. "A valorização da agricultura familiar e a reivindicação da ruralidade no Brasil". *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, Curitiba, UFPR (2):29-37, 2000a.

____. "A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas; o "rural" como espaço singular e ator coletivo". *Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 15, p. 87-145, Rio de Janeiro, Out. 2000b.

____. "Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade". *Estudos, Sociedade e Agricultura*, n. 21, p. 42-61, Rio de Janeiro, 2004.

____. *Juventude rural:* vida no campo e projetos para o futuro. Relatório final de pesquisa (CNPq). Recife: UFPE, 2006.

____. "Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro". *In*: CARNEIRO, M.J. e CASTRO, E.G.de (orgs.). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007

WEBER, Max. *Economia e sociedade*. Brasília: Ed.da UnB, 1998.

WEISHEIMER, Nilson. *Juventudes rurais: mapa dos estudos recentes*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005 (Estudos NEAD, 7)

WELLER, Wivian. "A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos". *Sociologias*, n. 13, p. 260-300, jan/jun 2005.

WILLENS, Emilio. *Cunha: Tradição e transição em uma cultura rural do Brasil.* São Paulo: Secretaria da Agricultura do Estado, 1947.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WOORTMANN, Klaas. "'Com parente não se neguceia': o campesinato como ordem moral". *Anuário Antropológico* 87. Brasília: Ed. UnB; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990a.

____. "Migração, família e campesinato". *Revista Brasileira de Estudos de População*, vol. 7, n. 1, pp. 35-53, jan./jun., 1990b.

WOORTMANN, Ellen F. *Herdeiros, parentes e compadres*. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Ed.UnB, 1995.

XAVIER DE BRITO, Ângela. *Constructrion de l'espace de formation brésilien et études à l'étranger*. Stratégies et 'carrière morale' des étudiants brésilien dans l'université française: 1960-1986. Paris: Universidade Paris V – René Descartes/UER de Ciências da Educação, (Tese de Doutorado), 1991.

Arquivos Consultados

Arquivo do Pólo Sindical dos Trabalhadores Rurais do Submédio São Francisco – PE/BA. Petrolândia, PE.

Arquivo do DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas – Escritório de Ibimirim, PE.

Arquivo da UNIVALE – Cooperativa dos Irrigantes do Perímetro do Moxotó – Ibimirim, PE.

Matérias de Jornais

"Cooperativa prejudica 170 famílias de colonos". Diário da Noite, Recife, 16 de fevereiro de 1981.

"Cai produção no Sertão do Moxotó". Diário de Pernambuco, Recife, 18 de março de 1981.

"Programa de Irrigação do Nordeste dá início a processo de mudanças". Diário de Pernambuco, Recife, 29 de janeiro de 1986.

"Ministro da Irrigação participa de reunião amanhã em Ibimirim". Diário de Pernambuco, Recife, 27 de maio de 1986.

"Irrigação no Moxotó transforma o Sertão". Diário de Pernambuco, Recife, 29 de janeiro de 1987.

"DNOCS instala hidrelétrica no Projeto Irrigado Moxotó". Diário de Pernambuco, Recife, 29 de abril de 1988.

"Projeto Moxotó de irrigação fica pronto em 93". Diário de Pernambuco, Recife, 1 de dezembro de 1991.

"Suspensa privatização de perímetro irrigado". Diário de Pernambuco, Recife, 11 de dezembro de 1991.

"Vale do Moxotó. Energia rural é inaugurada". Diário de Pernambuco, 27 de dezembro de 1991.